

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. III – TOMO 4

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUMES JA EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO BRASILEIRO
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERARIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO,
III VOL. — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. II
- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. I — TOMO 4

- N.º 19 — *Octacilio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira* (leitura paleográfica de Heitor
Martins)
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICCIONARIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELAMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. III — TOMO 1
- N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. III — TOMO 2
- N.º 27 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22 — VOL. III — TOMO 3

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação na fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

C345m
v.1- Castello, José Aderaldo, 1921-
O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1969-
v. em (Textos e documentos, n. 10, 14-15, 18, 20, 25,
28, 29)
Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971;
v.3, t.1, 1974, t.2-3, 1975, t.4, 1976, t.5, 1976.

Bibliografia.

1. Literatura brasileira — Coletâneas; 2. Literatura
brasileira — Sociedades etc. I. Título. II. Série: Conselho
Estadual de Cultura (São Paulo) Textos e documentos.

CDD-869-906

-869-908

76-1093

Índice para catálogo sistemático:

1. Academias: Literatura brasileira 869.906
2. Brasil: Academias literárias 869.906
3. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL

1641-1820/22

VOL. III — TOMO 4



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**

FESTEJOS PÚBLICOS
COMEMORATIVOS - 1641 - 1821
(CONTINUAÇÃO)

14. **RELAÇÃO DAS FAUSTÍSSIMAS FESTAS QUE CELEBROU A CÂMARA DA VILA DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO, E SANTO AMARO DA COMARCA DA BAHIA PELOS [...] DESPOSÓRIOS DA [...] SENHORA DONA MARIA [...] COM [...] DOM PEDRO, Por Francisco Calmon, 1762. (Ed. 1762).**

RELAÇÃO
das
FAUSTÍSSIMAS FESTAS

que celebrou a Câmara da Vila de Nossa Senhora
da Purificação, e Santo Amaro da Comarca
da Bahia pelos augustíssimos desposórios
da

SERENÍSSIMA SENHORA

DONA MARIA

PRINCESA DO BRASIL

Com o

SERENÍSSIMO SENHOR

DOM PEDRO

INFANTE DE PORTUGAL,

Dedicada ao Senhor

SEBASTIÃO BORGES DE BARROS,

Cavaleiro professo na Ordem de Cristo,

Capitão Mor das Ordenanças da mesma

Vila, Familiar do Santo Ofício,

Deputado atual da Mesa da Inspeção,

e Acadêmico da Academia Brasília

dos Renascidos

por

FRANCISCO CALMON,

Fidalgo da Casa de Sua Majestade, e Acadêmico

da mesma Academia

LISBOA,

Na Oficina de **MIGUEL MANESCAL DA COSTA,**

Impressor do Santo Ofício, Ano 1762.

Com todas as licenças necessárias.

AO SENHOR
SEBASTIÃO BORGES
DE BARROS

Muitos são os títulos, que assistem a esta breve Relação para buscar nas mãos de V.M. a sua proteção. Duas qualidades procuram comumente os Autores nos seus Mecenas, uma a do conhecimento para o juízo da obra, outra a da grandeza para o seu amparo. Ambas se acham em V.M. tanto à satisfação, que não haverá quem lhas possa disputar. O seu claro, e perspicaz entendimento possui aquelas luzes, que o fazem digno de julgar não só desta, senão ainda de outras mais sublimes, e profundas matérias, como todos reconhecem. E que direi da sua grandeza? Sendo esta geralmente respeitada, melhor se dá a conhecer à vista dos pequenos, a quem ampara, pois não há quem por mais humilde não ache nas suas palavras suavidade, na sua presença agrado, e na sua benevolência consolação, e socorro.

A estes títulos de conhecimento, e grandeza, que em outros Mecenas podem ser comuns, acresce em V.M. o particular do direito, que tem para amparar esta sua Relação. Chamo-lhe sua, porque V.M. lhe deu o ser, se não com a pena, com o império, significando-me o particular gosto, que teria de que se fizessem públicas pela imprensa aquelas demonstrações de júbilo, com que esta Vila celebrou os Augustíssimos Desposórios da Senhora Princeza, e do Senhor Infante. Sua é pois esta obra pelo império, com que a produziu; sua pela grande parte, que nela tem; e sua seja também pelo patrocínio. Esta é a felicidade, que ela deseja, e eu a de ser.

De V. M.

Fiel amigo, e criado

FRANCISCO CALMON.

Ao Senhor Francisco Calmon

SONETO

Quem, se não és, Calmon, pode louvar-te
Nos que o engenho teu partos anima?
Pois são de tal valor, de tanta estima,
Que a ti só poderás elogiar-te.

Testemunho darão em toda a parte
Neste encômio, que aos Orbes se sublima,
Com eloqüente frase, aguda lima,
Luzes, que o teu engenho hoje reparte.

Desse Aplauso Real, de que a memória
Nas lâminas do Evo se regista,
A ti se reproduz feliz a glória:

Pois quando as vozes teu engenho alista
Para do Aplauso descrever a história,
És de ti o melhor Panegirista.

De João Borges de Barros
Tesoureiro Mor da Sé da Bahia

Ao nobilíssimo, e eruditíssimo Autor desta Relação

SONETO

Para a pompa, Calmon, que aqui se explica,
Glorioso Himeneu a tocha acende,
Fina essa Vila os júbilos dispende,
Vós douto abris do engenho a mina rica.

Cada um candidato se publica
Do eterno louro, que alcançar pertende;
Mas a Fama, que a vós melhor atende,
Quantos fôlegos tem, a vós dedica.

Justiça faz, pois julga com lisura,
Que a fausto tal, por vida transitória,
Vida indelével dais, que o Evo apura.

Sendo a tinta, que aqui vos dá tal glória,
Não borrões, que laçastes à ventura,
Sim padrões, que erigistes à memória.

Do Padre Domingos da Silva Teles.

Al medesimo assunto

SONETO

Chi lodare potrà di Calmon faggio
Costui Rapporto con encomio degno,
Adunque al mondo già il suo chiaro ingegno
De gli Scrittori à onorato oltraggio?

Il giubilo há descritto con vantaggio
Del popol suo: in si nobil disegno
Ogn' atto de discorso al Evo è un pegno,
Ciascun tratto di penna è al Sole un raggio.

Mà se in picciol charta, del Autore
Attento al lauro alcun, resta stupito,
Sappia è dovuta alui Lode maggiore.

Poiche se essere qui non può scolpito
Si grand' huomo, sece Egli col suo ardore,
Se non capì il Gigante, capa il dito.

Il Padre Domenico Silva Teles.

Al mismo asunto

SONETO

En breve fuma erudicion no breve
A tu ingenio oy, Calmon, tanto entroniza,
Que en fé de celsitudes, que diviza,
Luzes del Luso Sol aguila beve.

A tanta esfera conducir se atreve
El fausto, que tu Villa soleniza,
Quando en doctos renglones eterniza
La yá Regia oblacion, fama oy no leve.

Mas cessa aora de eruditas luchas,
Pues la Fama, a quien inclyto provocas,
Yâ te exalta harmoniosa, si las escuchas.

Bien que unque en esto emplee sus cien bocas,
Seran para tus glorias nunca muchas,
Seran para tus prendas siempre pocas.

El Padre Domingo de Silva Teles.

Ao mesmo Autor

SONETO

Louvar-se o vosso engenho fora empresa
De outro igual no discreto, e no elevado;
Porém se igual não há, como louvado
Pode ser com discreta sutileza?

Ficará sem louvor: e esta certeza
Tanto não é desdouro, que exaltado
Fica mais vosso engenho, e exagerado,
Por não ter semelhante na grandeza.

Do vosso engenho a idéia esclarecida
Altezas foram, porque desde o berço
Foi qualquer ação vossa enobrecida.

Não cabe no louvor, pois no universo
Se não tem vosso engenho igual medida,
Mal caberá na medição do verso.

Do Licenciado Manuel Ferreira Neves.

RELAÇÃO

Apenas o Chanceler Governador Tomás Robi de Barros **Barreto** por carta sua, que em sete do mês de outubro do ano de mil **setecentos** e sessenta se leu em Mesa de Vereação, fez presente ao **Senado** da Câmara desta Vila a faustíssima notícia dos Augustíssimos **Desposórios** da Sereníssima Senhora Princesa do Brasil com o **Sereníssimo** Senhor Infante D. Pedro, logo ela produziu nos ânimos de todos os Camaristas aquela amorosa revolução, que se esperava da fidelidade, com que todos amam os seus Príncipes. Considerando no presente Matrimônio bem fundadas as suas esperanças, e vendo principiado o gosto, que cedo esperam ver completo no futuro nascimento de um Príncipe nacional, não puderam conter no âmbito de seus alegres corações notícia tão plausível, e logo assim a fizeram logo participar a Nobreza, e Povo da Vila, com efeito sendo a felicidade desta notícia geral, foi também recebida com universal contentamento. Uniformemente todos se ofereceram logo a fazer patente com públicas demonstrações aquele alvoroço, que cada um dentro de si mesmo experimentava. Resolveu pois o Senado da Câmara de comum acordo, com os homens bons da sua governança, que com um **Te Deum laudamus** se dessem a Deus as graças, como a Autor de toda a felicidade, rogando-lhe juntamente quisesse prosperar com o desejado fruto tão importantes **Desposórios** para consolação nossa, e estabelecimento de uma Monarquia, que ele mesmo chamou sua: que esta ação fosse acompanhada de outras indicativas do geral aplauso, iluminando para esse fim todos os moradores por seis noites as janelas das suas casas: que os homens de negócio dessem uma Comédia: que os Oficiais de Justiça, Letrados, e Requerentes, uma Ópera: que pelos ofícios mecânicos se repartissem as danças: e que finalmente por três dias se fizessem cavalarias à custa da Câmara, e Nobreza, coroando tudo a festa da Igreja, a Procissão solene pelas ruas públicas da mesma Vila.

Delineados por este modo os Reais aplausos, sobreveio ao mesmo tempo uma grave enfermidade ao Juiz ordinário o Doutor Francisco Gomes de Sá de Araújo e Azevedo, que poderia perturbar em grande parte a execução deste projeto, se a sua generosa atividade não subministrasse os meios de levar adiante tudo quanto tinha antes premeditado. A moléstia lhe impediu assistir com a pessoa, mas não com a despesa, a esta geral festividade, pois apenas se viu afastado da en-

fermidade, logo mandou entregar ao Tesoureiro da Câmara uma quantiosa porção, para aliviar por este modo a despesa, que necessariamente se havia de fazer em tão solene demonstração. Concorreu especialmente para se conseguir o fim de tanta alegria a incomparável diligência do Juiz companheiro Lourenço de Carvalho e Araújo, o qual omitindo logo o governo da sua casa, e preferindo o gosto do público a sua própria comodidade, veio sem demora para a Vila a dar alma, e vigor às disposições, que o seu Colega havia ideado, contribuindo generosamente não só com a sua presença, e grande atividade, mas também com outro donativo não menos importante para as precisas expensas. Na verdade a sua assistência unida com a sua expedição, e prudência fez, digamos assim, ressuscitar aqueles ânimos, que se achavam quase desfalecidos. Ele foi quem presidiu a Câmara, quem dispôs o expediente, e quem ordenou se fizesse público pelo Porteiro da Câmara o dia, em que haviam de ter princípio os Reais aplausos.

No primeiro de dezembro do referido ano se deu princípio ao pregão público das Festas pelas ruas principais da Vila. Executou esta comissão o Porteiro da Câmara, a quem acompanhavam todos os Escrivãos, e Meirinhos da Vila, vestidos todos à cortesã, uns com as capas bandadas de seda branca de matizes, outros de veludo azul, e carmesim, montados em cavalos bem ajaezados, ao som de atabales, trompas, e trombetas, cuja harmonia fazia esta ação sumamente festiva, e agradável.

Seguiram-se imediatamente os seis dias sucessivos de luminárias, os quais passados, celebrou a Câmara no dia oito do mesmo mês a festa anual, que costuma fazer na Igreja Paroquial à Santíssima Virgem, que com o imaculado título da Conceição se venera como Padroeira da Vila, e Protetora da Justiça.

No dia nova saiu a primeira dança dos oficiais da Cutelaria, e Carpintaria asseadamente vestidos com farsas Mouriscas, dançando déstramente pelas ruas depois de o fazerem diante dos Paços do Conselho.

No dia dez se distinguiram muito os Alfaiates, pois ricamente vestidos fizeram três contradanças pelas ruas ao som de acordes instrumentos depois de observarem atenciosamente a mesma política, que com os Paços do Conselho haviam praticado os Carpinteiros.

No dia onze fizeram os Sapateiros, e Corrieiros a sua demonstração em uma dança de ricas, e vistosas farsas, que em nada cedia à dos Alfaiates, e percorreram pelas ruas ao som de várias rebecas destramente tocadas. Todas estas se repetiram nos dias sucessivos, para se reproduzisse no povo o mesmo gosto, e satisfação.

O dia quatorze foi singularmente plausível pela dança dos Congos, que apresentaram os Ourives em forma de embaixada, para sair o Reinado no dia dezesseis. Vinha adiante um estado de dezesseis

cavalos ricamente ajaezados, cobertas as selas de preciosos pelizes, trazidos por fiadores pelas mãos de dezesseis pajens. Seguiam-se vinte criados custosamente vestidos, e montados em soberbos cavalos: depois destes marchava o Embaixador do Rei de Congo magnificamente ornado de seda azul, com uma bordadura formada de cordões de ouro, e peças de luzidos diamantes, e na cabeça levava um chapéu da mesma fábrica com cocar de plumas brancas matizadas de encarnado: descia-lhe pelos ombros uma capa de veludo carmesim agaloada de ouro. O cavalo, em que vinha montado, correspondia ao demais ornato, e preciosidade, e se fazia admirar pelo ajustado da marcha, com que ao som de muitos instrumentos acompanhava as mãos, e os festejos. Chegando o Embaixador aos Paços do Conselho, anunciou ao Senado, que a vinda do Rei estava destinada para o dia dezesseis em aplauso dos Augustíssimos Desposórios da Sreníssima Princesa nossa Senhora. Em resposta obteve do Senado um plausível, e gratulatório cortejo, além dos repetidos vivas do povo, que profusamente concorreu alegre, e admirado de tanta grandeza.

No dia quinze amanheceu a Igreja Matriz de N. Senhora da Purificação ornada com todo o primor, e dispêndio. O corpo da Igreja se via coberto de preciosas, e agradáveis sedas: pelas tribunas, e portas caíam ricas colchas, e cortinas de damasco, aumentando toda esta grandeza o esplendor das galas, de que trajava toda a Nobreza da Vila, que enchia o Templo para render a Deus as graças por tão grande felicidade. Exposto o Diviníssimo Sacramento, deu princípio ao *Te Deum laudamus* o coro dos Músicos o som de muitos, e acordes instrumentos, cantando depois a solene Missa com assistência da Câmara o Reverendo Coadjutor Manuel Dias Seabra. Subiu ao púlpito o Reverendo Vigário encomendando da Matriz, e Vara da mesma Vila o Doutor Francisco Xavier da Palma Matos e Abreu, que na Oração gratulatória, que recitou, desempenhou a expectação, que o Senado teve do seu conhecido talento, quando o escolheu para Orador daquella solenidade por todos os títulos tão recomendável.

Na tarde do mesmo dia se fez a Procissão com a ordem seguinte. Ornava-se o princípio com todas as danças, que tinham feito plausíveis os dias antecedentes: seguiam-se os Pendões, Cruzes, e Andores com todas as Irmandades da Matriz: depois o Clero com sobrepelizes, aumentando este número alguns Religiosos de várias Ordens, e a todos se deu vela de arrátel. Presidia ao Clero o Reverendo Vigário o Doutor Francisco Xavier da Palma Matos e Abreu, e depois deste a Irmandade do Santíssimo Sacramento acompanhava com tochas acesas ao mesmo Senhor, que debaixo do pálio levava o Reverendo Coadjutor Manuel Dias Seabra. Cobria todo este luminoso, e sagrado corpo o Senado da Câmara, cujo Presidente, Vercadores, e Procurador vestiam de veludo negro com capas do mesmo bandadas de rica seda branca,

levando nos chapéus vistosas, e elevadas plumas com preciosos broches de diamantes. Achavam-se todas as janelas das casas, assim da Praça, como das outras ruas da Vila, ornadas de agradáveis sedas, que faziam uma vistosa perspectiva; porém entre todas se distinguia o jardim dos Paços do Conselho pelo soberbo pavilhão, que no meio se formou com as Armas Reais, guarnecido todo de colchas, e cortinas de damasco carmesim com fastões de ouro.

O Capitão Mor Sebastião Borges de Barros, tendo antes mandado aprontar todas as Ordenanças da Vila (cujos Officiais, até Sargentos, e tambores, espontaneamente se fardaram à sua custa com vestidos de pano azul com cabos encarnados, e chapéus com plumas, e galão de ouro) saiu da sua casa, que tem dentro da Vila, com a mesma farda, montado em um soberbo cavalo ruço argentado ricamente ajazeado, levando um grande número de escravos, uns a pé acompanhando os tambores com trompas, e flautas, outros a cavalo, dando novo lustre à cavalaria com os atabales, e trombetas, que tocavam, todos com o mesmo fardamento, gravadas nos ombros em padrões de prata as suas armas. Os seus lacaios se distinguiram pelas librés da sua casa de pano alvadio com cabos azuis, e plumas nos chapéus. Chegando à rua de dentro, onde o esperava o seu Regimento, desmontou do cavalo, que logo um dos seus lacaios cobriu com um rico teliz de veludo carmesim. Formando depois o Regimento, que se compunha de seiscentos homens, dividiu a Cavalaria em dois troços, com os quais guarneceu a vanguarda, e retaguarda da Infantaria, que no centro trazia as bandeiras; e puxando por todo este corpo com destreza, e forma militar, levou a marcha pela rua de fora, buscando a Praça da Vila. Nela fez alto defronte da Igreja Matriz, e com toda a disciplina esperou a Procissão, que saia da Igreja, e fez com todo este corpo as devidas reverências ao Senhor dos Exércitos, dobrando os joelhos, e abatendo as bandeiras. O mesmo observou ao recolher da Procissão, coroando tudo com três descargas de mosquetaria.

Na tarde do dia dezesseis saiu o Reinado dos Congos, que se compunha de mais de oitenta máscaras, com farsas ao seu modo de trajar, riquíssimas pelo muito ouro, e diamantes, de que se ornavam, sobressaindo a todos o Rei, e a Rainha. Buscando todo este estado os Paços do Conselho, foi recebido pelo Capitão Mor, Juiz, e mais Camaristas, que se achavam em assentos competentes aos seus officios, e pessoas. Para o Rei, e a Rainha se havia destinado lugar sobre um estrado de três degraus, cobertos de preciosos panos, com duas cadeiras de veludo carmesim franjadas de ouro debaixo de um ló verde com florões de ouro, e franja do mesmo. Vinha o Rei preciosissimamente vestido de uma rica bordadura de cordões de ouro matizada de luzidas peças de diamantes. Trazia pendente do cinto um formoso lagarto formado dos mesmos cordões, com tal artificio,

que parecia natural: na cabeça coroa e ouro na mão direita cetro, e na esquerda o chapéu guarnecido de plumas, e dobrões, que o faziam ao mesmo tempo rico, e vistoso: nos braços, e pernas manilhas de ouro batido, nos sapatos bordaduras de cordões, e matizes de luzidos diamantes. A capa, que lhe descia pelos ombros, era de veludo carmesim agaloada de ouro, e forrada de tela branca com agradáveis florões. Pelo ornato do Rei se pode medir o da Rainha, que em nada era inferior. Depois de tomarem ambos o assento destinado, lhe fizeram sala os Sobas, e mais máscaras da sua guarda, saindo depois a dançar as Talheiras, e Quicumbis ao som dos instrumentos próprios do seu uso, e rito. Seguiu-se a dança dos meninos Índios com arco, e frecha. Não foi de menor recreação para os circunstantes um ataque, que por último fizeram os da guarda do Rei com seus alfanges contra um troço de Índios, que saíram de emboscada, vestidos de penas, e armados de arco, e frecha, com tal ardor de ambas as nações, que com muita naturalidade representaram ao seu modo uma viva imagem da guerra.

Na noite precedente se tinha formado na Praça uma luzida encamisada de vinte parelhas, vestidos os Cavaleiros à Mourisca em ligeiros cavalos, fazendo uma escaramuça de duas alas em quatro círculos perfeitos, e sendo feita de noite às luzes dos archotes, que sobressaíam às trevas, sem dúvida a fizeram luzidíssima.

No dia dezesete se deu princípio a uma magnífica Cavalaria de oito parelhas sumamente ajustadas, assim na perícia dos Cavaleiros, como no rico de seus vestidos todos encarnados, e no adorno dos cavalos custosamente ajaezados. Traziam diante uma estrondosa consoância de tambores, atabales, trombetas, boazes, pífanos, e flautas, a que seguiam os cavalos de estado, e os pajens da lança vestidos das librés de seus senhores. Com todo este estrépito, e aparato romperam a Praça oito parelhas dos Cavaleiros, buscando pelo meio do terreno a frente do adro da Matriz, onde se achava o nobre Senado da Câmara, toda a Nobreza, e inumerável povo. Dividindo-se depois em duas alas, fizeram as cortesias ao Senado, e depois aos mais circunstantes, passeando todo o terreno em círculo. Passadas as parelhas, tiraram lanças, preferindo no obséquio das argolas ao Senado, e Capitão Mor. Jogaram depois as canas, fechando o festejo desta tarde com uma bem ordenada e vistosíssima escaramuça.

No dia dezoito saiu segunda vez o Reinado dos Congos com todo o seu estado, percorrendo pelas ruas da Vila, e não foi para os moradores pouco plausível este divertimento, por verem a grandeza, aparato, e tratamento dos Sobas, que o acompanhavam, alguns dos quais levavam as roupas semeadas de dobrões. Precediam as danças das Talheiras, Quicumbis, meninos Índios, e o ataque da gente da sua guarda com os Índios da emboscada; e não obstante ser já

repetição da primeira vista, contudo sempre pelo seu asseio, e galantaria não deixou de causar aos expectadores grande gosto, e recreação.

Na noite do mesmo dia se representou a Comédia intitulada *Porfiar amando à custa dos homens de negócio*. Encarregou-se a sua direção ao cuidado, e diligência de Gregório de Sousa e Gouveia, bem conhecido pela sua perícia assim na música, como na Poesia. Ele foi o Autor da *Loa*, a que deu assunto o Augusto Matrimônio da Sereníssima Senhora Princesa com o Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro, elogiado por quatro figuras, geroglíficos dos quatro elementos, além da composição de dois bailes, e um sainete, com que ornou a mesma Comédia. Nela quis também ter parte a generosidade do Juiz ordinário o Doutor Francisco Gomes de Sá de Araújo e Azevedo, concorrendo para a construção do tablado, que se achou primorosamente ornado de excelentes bastidores. Representou-se a Comédia pelos Músicos do dito Gregório de Sousa e Gouveia, vestidos custosamente à trágica, e nas Árias, que cantavam ao som de acordes instrumentos, elevavam os sentidos do numeroso concurso, competindo ao mesmo tempo nêles a naturalidade das ações com o escolhido das palavras.

Nas tardes dos dias dezenove, e vinte se repetiu a Cavalaria na forma praticada na do primeiro dia. Só na última tarde houve de mais o espetáculo dos carneiros, que os mesmos Cavaleiros destramente cortaram, concluindo tudo com uma vistosa, e especial escaramuça. No dia vinte e um saiu terceira vez a público o Reinado dos Congos, excitando sempre nos que o viam a ânsia insaciável de gozar muitas vezes da sua alegre vista.

Na noite do dia vinte e dois se representou a Ópera da fábula de *Anfitrião*, que à sua custa expuseram os Officiais da Justiça, Letrados, e Requerentes. Foi executado ao vivo pelos mais destros, e hábeis estudantes da classe do Reverendo Padre Mestre João Pimheiro de Lemos, morador na mesma Vila. Nesta Ópera tiveram os olhos muito que ver no precioso dos vestidos, e na excelente perspectiva dos bastidores, e os ouvidos muito com que se recrear na propriedade das vozes, na harmonia das Árias, e consonância dos instrumentos. Ela foi finalmente a que coroou a solenidade de Festas tão Augustas pelo seu objeto, e tão alegres pela íntima satisfação de todos os moradores da Vila, que sempre aspiraram a distinguir-se no amor, e fidelidade aos seus Soberanos.

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Joaquim de Santa Ana, Religioso de S. Paulo primeiro Eremita, Doutor na Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, etc.

ILUSTRÍSSIMOS SENHORES

A Relação das Festas, que celebrou a Câmara da Vila de N. Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia, composta por Francisco Calmon, e a quer fazer imprimir, não contém coisa alguma contra a Fé, ou bons costumes: podem Vossas Ilustríssimas conceder-lhe a licença para a impressão, sendo assim servidos. Lisboa no Convento do Santíssimo Sacramento dos Religiosos de S. Paulo, 14 de fevereiro de 1762.

Frei Joaquim de Santa Ana.

Vista a informação, pode-se imprimir a Relação, que se apresenta, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 16 de fevereiro de 1762.

Trigoso. Lima.

DO ORDINARIO

Aprovação do Doutor Francisco Xavier dos Santos da Fonseca, do Desembargo de Sua Majestade, e Promotor Fiscal da Mesa da Consciência

EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR

Sendo os Antigos tão fecundos em modelos para se escrever a História, não nos deixaram mais que um pequeno número de tratados para se escrever com perfeição: excede a todos Cícero no segundo livro do seu Orador, a quem imitou o Autor com tanta fortuna, que sei se as festas, de que dá conta, merecem tanta estimação pela

grandeza, e bom gosto, com que foram feitas, como pela elegância, e boa ordem, com que se acham escritas nesta Relação, porque me parece muito digna de se fazer pública. V. Excelência porém mandará o que fôr servido. Lisboa 2 de março de 1762.

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca

Vista a informação, pode-se imprimir o papel, de que se trata, e depois de impresso tornará conferido para se dar licença para correr. Lisboa 5 de março de 1762.

D.^o Frei Arcebispo

DO PAÇO

Aprovação de João de Alpoim e Brito Coelho, Acadêmico da Academia Real da História Portuguesa etc.

SENHOR

O Papel incluso, que se pretende dar ao prelo, nada contém contra as Leis, ou serviço de V. Majestade, antes por ser uma Relação das festas, com que uma das mais nobres Vilas da América Portuguesa aplaudiu um sucesso tão fausto para estes Reinos, e seus Domínios, como na verdade o foi o Desposório da Sereníssima Princesa do Brasil, me parece muito digno de que se divulgue por benefício da estampa, para que se saiba por mais uma experiência, que os vassallos de V. Majestade em toda a parte do mundo conservam o caráter de Portugueses, isto é, o de leais, amantes, e extremosos para com os seus Príncipes. Este é o meu parecer, V. Majestade mandará o que fôr servido. Lisboa 7 de março de 1762.

João de Alpoim e Brito Coelho

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar e dar licença para que corra, e sem ela não correrá. Lisboa 8 de março de 1762.

Carvalho. Doutor Velho. Castelo.

Siqueira. Pacheco.

15. **EPANÁFORA FESTIVA, OU RELAÇÃO SUMÁRIA DAS FESTAS, COM QUE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO [...] SE CELEBROU O FELIZ NASCIMENTO DO SERENÍSSIMO PRÍNCIPE DA BEIRA NOSSO SENHOR. [S.l.A.]. 1763. (Ed. 1763).**

EPANÁFORA
FESTIVA,
OU
RELAÇÃO SUMÁRIA
DAS FESTAS,
COM QUE
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
CAPITAL DO BRASIL
SE CELEBROU
O FELIZ NASCIMENTO
DO SERENÍSSIMO
PRÍNCIPE
DA BEIRA
NOSSO SENHOR.

LISBOA,
Na Oficina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Eminentíssimo Cardeal Patriarca.

MDCCLXIII.

Com as licenças necessárias.

EPANÁFORA FESTIVA

Gemia o povo Lusitano debaixo da consideração funesta, com que olhava para a sucessão Real. Os Príncipes do sangue não serviam a pacificar de todo o ânimo dos vassallos; porque na determinação de um secessor onde há muitos concorrentes, nunca a contestação dos Direitos releva os incômodos da nação: e até muitos com supersticioso zelo receavam que alguns sucessos infelizes do Reino fossem certos prelúdios de uma ruína eminente.

Porém El-Rei (cujo amor ao povo, que Deus lhe confiou, sendo a sua virtude dominante, é, e há de ser também o caráter que melhor distinga o seu felicíssimo Reinado) El-Rei, digo, determinou livrar os seus vassallos de todo o susto, com aquela mesma bondade que empregou sempre, já para diminuir-lhe vários impostos, já para procurar-lhe a utilidade de novos estabelecimentos. Fez celebrar os desposórios entre a Sereníssima Senhora Princesa do Brasil, e o Sereníssimo Infante Dom Pedro; lance político, que a favor das leis fundamentais fez mais vigoroso o natural direito de sua filha ao Trono.

Mostrou logo o Céu que lhe fora grata esta união; pois, não muitos meses depois dos nove, a abençoou com o desejado fruto na Pessoa Sereníssima do Senhor Príncipe da Beira. Chamou-se como seu avô José, talvez **porque onde falhasse a inclinação, sobejasse a lembrança de nome tal para incentivo de Reais virtudes.**

Esta fausta notícia participada à Cidade do Rio em 24 de janeiro de 1762, fez com que os seus moradores dessem ilustre prova do amor que consagram aos seus Soberanos. Concorriam todos impacientes a ouvi-la; e uns e outros se congratulavam dela, como se em cada particular se contivesse toda a felicidade do Estado. Neste regozijo público, vendo-se as ruas cobertas, e as praias bordadas de imenso povo, se feria o ar de aclamações alegres, posto que em alguns de maior ternura fizessem as lágrimas o gostoso ofício das vozes. Destas se formaram logo festivos ecos nas torres pelos repiques, nas Fortalezas pelas salvas. Desatinava a alegria, e pasmavam as línguas; estas por se verem perfeitamente imitadas no som dos metais; aquela retratada tanto ao vivo nos horrores do bronze.

Mas querendo Sua Excelência Reverendíssima que à demonstração pública se comunicasse do modo possível a extensão de todo o seu afeto à Casa Real, ordenou se continuassem por três dias os

repiques em todas as Igrejas. E parccendo-lhe ainda para ostentação do seu gosto breves as horas do dia, fez que o Clero todo a seu exemplo o prolongasse em luminárias por grande parte das noites.

Cessou este primeiro movimento para ficar a idéia com mais desembaraço, delineando, se não demonstração mais alegre, festejo ao menos mais regular. Todo o tempo que correu até sete de maio se consumiu em preparativos, pelo artifício agradáveis, suntuosos pela preciosidade; concorrendo a realçá-los igualmente os primores da arte, que os benefícios da natureza.

Este dia pois determinado pelo Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Bispo e Senhor Dom Frei Antônio do Desterro, para ser o primeiro do Tríduo, que à Majestade Divina consagrava em ação de graças pelo nascimento da humana Majestade, se indicou na véspera com multidão de repiques. Amanheceu chuvoso; mas como se o Céu quisesse contribuir também aos luzimentos de tal dia, em poucas horas se mostrou claro, e sereno. Entrou a concorrer o povo para a Igreja dos Beneditinos, lugar escolhido para esta função, todos tão custosamente trajados, que os nobres se distinguiam dos da plebe pelos rostos, pelos nomes, não pelas galas.

Foi dos primeiros o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Conde de Bobadela, conduzido num rico paquebote a seis, mostrando nesta prontidão que a lealdade, e sincero amor que professava ao seu Rei, o trazia ali mais a servir, que a autorizar. Não tardou muito o Excelentíssimo Prelado. E postos ambos os Príncipes numa tribuna primorosamente forrada, a alegria, que neles se via, estava sendo a norma do júbilo popular.

As mais tribunas da mesma parte (que era a esquerda) decoravam os Reverendos Cônegos, os Ministros togados, e os Militares de maior patente: e nas da parte fronteira ficaram os Prelados, e Padres graves das Religiões. No plano da Igreja ocupava lugar distinto o Senado; e o resto dele cobriam os moradores de melhor porte.

Estava o Templo soberbamente adornado; porque sobre ser todo o seu corpo incrustado de belíssima, e dourada talha, tinha o arco maior, e o das capelas laterais cobertos de fitiais de veludo carmesim, e rematava-se cada um em pavilhão do mesmo, avivados de melancias de prata, e orlado tudo com galões, e franjas de ouro. Por cima da porta principal e quase emparelhado com o coro religioso se elevou a orquestra da Música, rica pela armação, pela figura recomendável. Na capela-mor se viam de um, e outro lado arquibancos altos para os paramentados, que tinham de servir ao fausto dos Pontificais, os quais se cobriam de boas alcatifas, e sustentavam asseadas cadeiras com almofadas de damasco encarnado; seda, que entorchada de galões de ouro vistosamente ocultava o claro das paredes. Sobre o Altar se

erguia o Trono em que havia de residir o mesmo Deus Sacramentado; cuja estrutura e adereço, se não correspondia à grandeza de Nume, desempenhava ao menos os esforços da piedade humana. Escondia esta máquina aos olhos o seu material por meio dos velinhos de prata, e passamanes de ouro que a cobriam; e depois de fazer o precioso alarde de cento e vinte castiçais de brunida, e bem lavrada prata, se rematava num docel de brocado de ouro, ao qual assombrava posto na boca da tribuna um riquíssimo, e colorido pavilhão. Nas partes adjacentes era o ornato de veludos, e várias sedas de custo, para que onde o ouro, e prata serviam à Majestade, contribuíssem as cores ao deleite; vendo-se aqui, e em qualquer lugar tão profusa a elegância, e em tantos desperdícios a riqueza, que igualmente tinham os olhos com que divertir-se, e a ponderação em que deter-se. A grandeza não podia chegar a mais: o gosto não se contentava com menos.

Soaram as nove; e rompeu logo pela porta principal o Dom Abade do Mosteiro o Muito Reverendo Padre Mestre Frei Miguel da Conceição, conduzido pelos seus Religiosos em forma processional. Fez uma breve oração, e tomou o assento do primeiro docel, que ficava no corpo da Igreja. Aí se foi revestindo nas vestes Pontificais, enquanto na Capela-mor se cantava a hora Canônica com toda a solenidade. Finda esta primeira cerimônia (que foi a mesma nos Pontificais que se seguiram) se deu princípio à Missa votiva pelo Rei, e pelo Reino. A riqueza dos paramentos, a perícia dos Ministros, e a melodia dos cantos, se disputavam de sorte as atenções, que parecia se tinha Roma ficado só com a soberania do sólio, trasladando-se ao Rio de Janeiro todos os mimos do Vaticano.

No Ofertório se descobriu ao povo num dilúvio de luzes a Soberana Divindade do Céu, e terra. Era de ouro, e delicadamente lavrado o relicário em que estava o Sacramento, prenda com que a piedade de El-Rei Dom João V enriqueceu a Sé desta Cidade. Mas os olhos nada se detinham nos luzimentos do metal; antes fitos nas adoráveis Espécies, enternecidos ofereciam os corações como vítimas pacíficas em rendimento de graças ao Autor do nosso bem. Ficou o Senhor exposto até às seis horas da tarde, depois que, acabado o Pontifical, se recolheu o Prelado Officiante pela mesma ordem com que viera.

De tarde concorreu logo à Igreja muito povo, uns que trazia a devoção, outros que convidava a grandeza do Orador. Com a assistência pois da Excelência Eclesiástica, Senado da Câmara, e mais nobreza, subiu ao Púlpito o Doutor Frei Gaspar da Madre de Deus. Os créditos deste grande homem subornaram a sua eleição; e ele abonou tanto a escolha, que, ouvida sua Oração, aprenderam todos a medir exatamente a grandeza do benefício Celeste no presente

nascimento. Tanto pode uma retórica bem deduzida! A tanto chegam as forças de um argumento bem tratado!

O primeiro dia de manhã foi em tudo o exemplar do segundo, oficiando a Missa de Pontifical o Reverendíssimo Dom Abade **in partibus** Frei Antônio de Santa Catarina. E de tarde com a Música ordinária do Tredece, que foi a três coros, se cantou aquele Hino, com que a Igreja protestando a sua fé, e testemunhando a sua esperança, rende a Deus as graças dos maiores benefícios. Cerimônia augusta! Que pelo primor das cadências, e suavidade das vozes, gostosamente se logrou na duração de três horas.

No dia terceiro houve as mesmas funções que no primeiro, e segundo de manhã, se bem foi mais avultado o concurso; porque à notícia de que celebrava o Pontifical Sua Excelência Reverendíssima veio o povo mais convidado do amor, que persuadido da curiosidade. O seu Prelado tão amado, e tão amável, foi o incentivo maior do seu gosto para esta função. Entrou pois a officiar: e se notou naquele Senhor uma agilidade, e desembaraço em cerimônia tão extensa, que parece se entrevira animar-se aquele corpo de algum novo espírito. E quem duvida fosse este espírito o distinto afeto, com que respeita este Príncipe a Sacra Majestade de El-Rei Dom José? Em nada reputaria o largo dispêndio, com que preparou este obséquio sagrado, se nele não interessasse as próprias fadigas: estas as resultadas do amor: estes os primores da felicidade.

Na tarde deste último dia se fez a procissão de ação de graças; ato soberano, onde todos com devota emulação esgotando o artifício fizeram servir a natureza. Principiou-se por muitas, e curiosas danças, que com modulação grata entoavam os louvores da Casa Real, deleitando os ouvidos na harmonia, o juízo na letra. Seguiam-se as Confrarias, a Ordem Terceira de São Francisco, os Meninos Órfãos, e as três Comunidades Religiosas. Todos estes corpos, e também os Párocos das quatro Freguesias em porfiada competência ornaram charolas, nas quais como em triunfo levavam os Santos titulares, a cujo culto se tinham dedicado; tão ricas elas no fausto de que se cobriam, tão preciosos eles nas jóias de que se adornavam, que quase se via já o ouro com desprezo, já para os diamantes se olhava com indiferença. O Andor em que a ombros de Eclesiásticos se conduzia São Sebastião Patrono principal desta Cidade, foi singular desempenho de Ilustríssimo Cabido. Não se deve dizer mais de ação, onde se interessa a bizarrria de corpo tão respeitável; porque nunca as obras logram os melhores realces da estimação, que quando se dão a conhecer com o nome de um Autor excelente. Os Padres Carmelitas fizeram correr por conta de ouro, e pedraria o luzimento, e a pompa com que por essas ruas o povo adorou alegre essa Imaculada Mãe da mesma graça, essa Arca Soberana do Novo testa-

mento. Os Religiosos de São Francisco obrigaram a que esta vez se trajasse a pobreza nos hábitos da opulência; e com novidade rara trocaram no seu Patriarca o tosco do burel pela preciosidade das telas, o desalinho da penitência pelos adornos da vaidade. Despertava em nós este espetáculo todo o amor da virtude; pois víamos os filhos revestidos na pobreza que estimara o pai, e coberto o pai da opulência que desestimam os filhos. Os moços do coro da Sé transformaram de sorte o seu Santo Antônio, que ali se ignorava o Santo Franciscano pelo vestido, totalmente se desconhecia pela riqueza. Os Meninos Órfãos traziam o seu Jesus de modo precioso, que pareceu milagroso o empenho com que se fiara tanto ouro de pobres, tanta pedra de meninos. O Reverendo Cura da Sé Antônio José Malheiros ostentou no seu Andor todo o primor da nobilíssima Casa a que deve o ser. Era de Santa Ana o simulacro, que se adorava em meio daquela grandeza, cujo resplendor parece trazia embebidos do Sol os raios. Ali se moviam os olhos à força dos reflexos; ali se comoviam as entranhas a empenhos da devoção. As mais charolas, assim dos Párocos, como das Irmandades do Terço da Sé, De São José, da Senhora Mãe dos Homens, e a de São Brás dos Pardos eram todas no modelo agradáveis, e estupendas na preciosidade. Não atinara o juízo em assinar preferências, se este ato se fizera sem aparecer nele o Andor de Santa Rita titular de uma das Paróquias; mas, visto ele, facilmente obteve da estimação o primeiro lugar. Parece se não formara mais que para exemplar do bom gosto, ou para ostentação da opulência. Americano o desenho, e o gasto como foram produções do Reverendo João Pereira de Araújo e Azevedo, Vigário, (e grande Vigário) desta Freguesia, já se sabe o que seria. O certo é que neste respeitável homem tudo é plausível, sublime tudo. A Comunidade Beneditina se fez notável; porque além do Andor em que se adorava o seu Santo Patriarca, cuja mitra, e peito era um amassado de riquezas, iam revestidos nos ornamentos Pontifícios, e com a pompa da sua Hierarquia os dois Abades que oficiaram nos dois primeiros dias do Tríduo. Assim o desejou Sua Excelência Reverendíssima, e foram os Mitrados em satisfazer este gosto tão escrupulosos, que se não altercaram os privilégios, só se pleiteou a obediência. Seguiu-se o Clero em cotas asseadíssimas, e os Reverendíssimos Capitulares com preciosos pluviais. O Sacramento Santíssimo se adorava debaixo de um majestoso Pálio, e sustentado por mãos estimáveis as do Cônego Chantre o Doutor Manuel de Andrada Wernek. A ruas estavam bordadas pelos corpos Militares decentes pelo uniforme, pela disciplina grave. Soavam a marcha os instrumentos bélicos de atabales, flautas, e trompas, entre si tão concertados, que, enganada a alma pela delícia, chegava a amar os horrores da guerra. As janelas primosa, e ricamente armadas iludiam o pensamento de sorte que ignorava se eram

tais ostentações efeitos da vaidade, se da devoção. Via-se o porto coberto de embarcações de maior, e de ligeiro porte, todas curiosamente embandeiradas, onde com as flâmulas, galhardetes, e pavese davam aos olhos o insólito espetáculo de trêmulo jardim, Cidade errática. Ao passar a procissão, entraram a disparar tão vaidosos os navios, que o que era salva Real parecia um real conflito. Como contraposta lhe respondeu a artilharia das Fortalezas, assim horrorosa, que os sentidos não conheciam a diferença entre o susto das batalhas, e alegria dos triunfos.

Finalizou-se com ação tão pia o obséquio do Excelentíssimo Prelado. Mas não se finalizando com o dia as expressões do gosto, entrou a noite a significar o prazer dos corações. Iluminou-se toda a Cidade: e como se a terra fosse abreviado mapa para descrição de tantas luzes, o mar que se via oprimido de embarcações, e subjugado de Fortalezas, se viu também coalhado de chamas. Se pendera então o arbítrio só dos olhos, julgar-se-ia que em bela metamorfose a ser elemento do fogo, tinha passado um, e outro elemento. Mas esse todo que confundia a vista, tomado em partes despertam mil atenções.

As luminárias que decoravam o paço Episcopal eram de um modelo esquisito. Lavrou-se na fachada daquele edifício um peristilo de chamas; e para que não se truncassem as peças houve a prevenção de se embeberem as torcidas numa substância, que as fazia indenes aos esforços do vento. Em cada vão dos nove arcos se divisava umas letras pelo mesmo elemento formadas, que juntas compunham estas palavras: **Viva El-Rei**. Os fustes, capitéis, e tímpanos se representavam tanto ao natural, que pasmava a consideração em ver que, desprezados os mármore, e cedros, ministrasse o fogo matéria para a arquitetura. Então se conheceu que, se se dava para gosto dos ouvidos harmonia de vozes, havia delícia dos olhos para concerto de luzes. Subordinou esta iluminação pela singeleza os agrados, que outros não conseguiram pelo artifício. O desenho foi todo de Sua Excelência Reverendíssima; porém muito longe de se submeterem os juizes à dignidade da pessoa sentenciaram somente pela sublimidade da idéia.

Nas luminárias do Excelentíssimo Senhor Conde Governador se desempenhou o gosto às expensas da grandeza. Encostado à face primeira do seu Palácio se formou um bellissimo pórtico executado com tanto artifício, que a estratagemas do pincel muitas vezes se enganaram os olhos. Nem foi ordinário o modo, porque se iluminou esta fachada; pois, prendendo-se o fogo num fio, e deste comunicando-se por outros aos vasos, em breve instante se mostrou semeada de quatro mil estrelas: lá sobem da balaustrada superior em fogo de artifício tantas luminárias volantes; e cá se despegam dos pedestais inferiores andantes luminárias, que bipartidas em carros de triunfos,

precedidos estes do General a cavalo com numerosa comitiva, ilustravam as ruas por enobrecer os moradores. Mas não eram só as línguas do sutil elemento as únicas, que ocupavam o âmbito destas máquinas; outras humanas em vozes acordes, e em cadências bem notadas ao som de instrumentos vários rompiam a diafaneidade dos ares. E porque foi de três dias a duração das luminárias, em escaleres se estendeu ao mar o divertimento deste passeio. A plausibilidade dele inteiramente foi obséquio à custa dos Músicos que enunciando davam muitos atados elogios do Rei, requebros ao Real Menino, com não pequeno argumento do seu amor, generosamente guapos, sacrificaram à liberalidade os exercícios do interesse.

Outras iluminações houve não vulgares pelo gosto, pelo custo respeitáveis. O Desembargador Chanceler João Alberto de Castelo Branco, o Desembargador Agravista Agostinho Félix dos Santos Capelo, e o Corregedor da Comarca Alexandre Nunes Leal, parece que a empenhos da profusão se disputavam a glória. Entre as suas luminárias intercortado o discurso a cada passo por uma admiração em todas, pelas pinturas, pelo asseio, e pela disposição, sentia bem a magnificência, não sabia a qual delas adjudicasse as vantagens. Eu lhe tecera o louvor com descrever-lhe a estrutura; porém, sendo o o detalhe prolongado, servirá a fazer esta relação prolixa. As do Corregedor contudo alguma superioridade, mas no que não era iluminação; porque a favor de um concerto músico, que percorria a extensão da noite, e de vários Emblemas, e Poesias alusivas ao festejo, teve a satisfação de ver que o povo ocupava ali dois sentidos, e uma faculdade.

O Senado da Câmara, o Desembargador Manuel da Fonseca Brandão, o Doutor Juiz de fora José Maurício da Gama e Freitas, o Juiz da Alfândega Antônio Martins Brito, e o Tenente Coronel da Cavalaria Joaquim José Ribeiro da Costa, deixando aos de cima a glória do modelo, se levantaram com parte da grandeza. Entre os Conventos, Igrejas, e moradores também se contestava o merecimento; mas desdenhando os efeitos da arte só procuravam a vitória pelo número das luzes.

Começaram depois os espetáculos: e teve primeiro lugar o dos touros, esse bárbaro resto dos anfiteatros Romanos, que as nações de Espanha religiosamente conservam para desempenho nas suas maiores festas. A simetria do curro, a disposição e atavio dos palanques, e o aparato da ação tudo era soberbo. Doce melodia de cantilenas, e o acordado efeito de tanto instrumento músico, formaram e alegre prelúdio de uma cena trágica: porém, indo-se a manobra principal, como por criação do país, são mansos os bois, apesar da arte dos cavaleiros, e da perseguição dos capinhas, em função de touros, não se verão touros; continuar-se-ão contudo por mais dias

interpoladamente; e certo que a majestosa pompa, de que se serviam, bastava a encher com gosto o divertimento de muitas tardes.

As em que ferriam os touros se passavam com jogo da argolinha. Os cavaleiros, que entravam nelas, se elegeram não menos pelo lustre das pessoas, que pela fama do exercício. Eram vinte em número, e se dividiram em duas facções. Uma se trajou de encarnado com vestes, e canhões azuis, e outra vestiu de azul com vestes, e canhões encarnados.

OS DE ENCARNADO ERAM OS SEGUINTE

O Sargento-mor Alexandre Alves.

Inácio de Andrada Soto Maior de Azevedo Xondon.

O Tenente Coronel da Cavalaria Joaquim José Ribeiro da Costa.
Joaquim Ricardo Silva.

O Capitão de cavalos André Alves Pereira Viana.

O Tenente de Infantaria Vicente José de Velasco Molina.

José Pereira Lima de Velasco.

Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho.

Caetano Mendes.

ERAM OS DE AZUL

O Sargento-mor da Nobreza Miguel Antunes Ferreira.

Cláudio José Pereira da Cunha.

Luís da Rocha Machado.

Manuel Rodrigues Silva.

O Capitão Francisco Caetano de Oliveira.

O Alferes Miguel de Frias de Vasconcelos.

José Pinto de Miranda.

Antônio Pedro da Silva Cunha.

Salvador Antônio Xavier Velasco.

Desempenharam a expectação; porque os ricos vestidos, de que se trajavam, e discrição das divisas, a louçania dos brutos que montavam, e a preciosidade dos arreios, a certeza nas escaramuças, a fortuna nas argolas, a viveza nas alcancias, a destreza nas canas, e desembaraço nas cabeças, e a uniformidade nas parelhas, os fizera serenados, se a glória do nome se conseguira por ações pouco importantes.

Em todos estes dias, antes que principiassem os jogos, se ocupava o terreno de muitas invenções festivas. A favor do seu mérito as vou numerando. Entrava o neto; e feitas as cortesias se lhe davam as ordens. Limpava-se o terreno com uma Companhia de gente paga, e se enchia de multidão de danças, e farsas, gratas pelo alinho, pelo conceito discretas. Foi a que primeiro se viu a dança das ciganas, constava de dezesseis moças ricamente enfeitadas, que formando uma contradança o fizeram com primor, e o povo se transportou a tantos vivas, que fez demorar-se o entendimento no equívoco, se aquele aplauso procederia mais do agrado do baile, que da estimação do sexo. Outra contradança houve intitulada dos cajadinhos, que ao som de uma gaita de foles, a olhos corteses fizeram delicioso pasto de meneios recoticos, cantos pastoris. Os cavaleiros Teutônicos se viram bem representados na dança dos alfaiates, ricos pelo adorno, moveram cá no Rio de Janeiro os pés com o mesmo desembaraço para a compra do louvor, com que já lá em Alemanha moveram os braços para a conquista da Prússia. Os ourives com um carro triunfal com as quatro partes do mundo, e outras figuras que eram imagens de vários deuses da Gentilidade, formaram uma bellissima cena, onde com canto, e representação se admirou uma obra foragmática alusiva ao feliz nascimento, que celebramos; e o ornato, e riqueza de que se cobriam, bem se presume de homens que trazem nas mãos os metais, que mais estima o mundo. Em outro carro tirado por pavões vinha a farsa dos carpinteiros, pedreiros, e marceneiros. Fingia-se um conflito entre Mouros e Cristãos; mas eram ali modulações os gemidos, os ataques contratempos. Os sapateiros deram outro carro, em que se figurava um monte. Por ele se viam alguns Índios à caça de feras do país, pelo aspecto bem fingidas: mas descendo-se uns, e outros do monte, e concertando um brincado baile, compensou a consideração o engano dos olhos; pois mal se compadecia tanta ordem no brutal, tanta gala no ferino. Para todas estas ações concorreu a suave violência, com que o Doutor Juiz de fora José Maurício da Gama e Freitas forçando com súplica, e estimulando com persuasões moveu os Misteres desta Cidade. Julgara-se que neste ministro se circunscrevia todo o gosto destes obséquios consagrados ao Monarca. Ah se os Príncipes, como logram o domínio, tivessem do amor de alguns vassallos uma inteira notícia!

Saíram também num destes dias, com uma farsa à imitação do estado, de que em cerimônia se serve o Rei dos Congos, esses homens mistos (natural resulta de duas cores opostas) a quem com impropriedade, mas por convivência chamada **Pardos**. Os gestos, a música, os instrumentos, a dança, e o traje tudo muito no uso daqueles Africanos, descontentando ao bom senso, não deixavam de divertir o ânimo por estranhos. Ali se refletia que o gosto das coisas também

se continha nos limites da opinião. Entre aqueles Bárbaros antípodas da Europa, não pelo sítio, senão pelos costumes, uma Florinda não faria a perda de um homem: um Egisseli, em vez de estimações conseguiria desprezos. É outra lá a formosura; muito diverso o bom canto. Só a virtude se conforma ao palato de todas as nações. Fizeram-no pois os nossos Pardos com toda a propriedade, e agenciaram com ela o aplauso, que pode franquear-se a uma imitação.

Sobre um teatro, que se construiu na praça contígua ao Palácio de residência dos Governadores, se deram ao povo três Óperas à custa dos homens de negócio, que para este obséquio concorreram com mão larga. Com dizer que havia ali uma decoração soberba, que as vistas eram naturalíssimas, que a orquestra era numerosíssima, e as personagens excelentes na Música, e peritos na arte de representar, digo todo o mérito desta ação. Gostoso emprego do tempo, onde entrando de revolta o útil com o agradável igualmente se instruem os homens, e se divertem!

No dia seis de junho dia natalício da felicidade Portuguesa, deu o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Conde Bobadela um banquete opíparo a todos os Magistrados, Officiais de Guerra, e pessoas de distinção. E na noite deste dia se coroou todo o festejo Real com fogos de artifício.

Elevou-se no campo, a que chamam de São Domingos, uma máquina de madeira, que se revestia com a imagem de um castelo. Quem se admirou de lhe ver a construção, teve o prazer de o ver reduzir a cinzas. Deu-se princípio a esta travessura com a aparência de uma embarcação fingida, que trazia o vento nas rodas sobre que se sustentava. Esta emparelhando com o castelo em forma de peleja disparou algumas bombardas, e se ocupou toda em várias invenções de fogo. A este ataque correspondeu o castelo com relâmpagos, e trovões repetidos: neste era o horror agradável, naqueles o divertimento, posto que arrebatado, alegre. E durando esta cena quatro horas, breves instantes para o gosto, tempo largo para o dispêndio, povoou-se o ar de luzes, a terra ferveu com fogo.

Estes obséquios, com que o Excelentíssimo Prelado, Governador, e povo do Rio de Janeiro celebrou na Pessoa do Sereníssimo Príncipe nascido a perpetuidade do seu amabilíssimo Monarca, **se os herdeiros do sangue, também o são das virtudes.** Para isto não houve trabalho que detivesse, dispêndio não houve que desanimasse: porque o zelo rendia suaves as fadigas; os gastos fazia o amor necessários. Nem seria menos dos ânimos o aplauso, se os corações se vissem, pois seriam demonstrações voluntárias de afetos mui naturais.

16. **CATÁGRAFO EPIPOMPTÊUTICO DOS APLAUSOS SOLENÍSSIMOS, QUE NA VILA [...] DE SÃO FRANCISCO DE SERGIPE DO CONDE [...] EM OBSÉQUIO DOS [...] DESPOSÓRIOS DA SERENÍSSIMA PRINCESA DOS BRASIS [...] COM O SERENÍSSIMO INFANTE DOM PEDRO [...] Por Frei Bento da Apresentação, 1760. (Ed. 1764).**

CATÁGRAFO EPIPOMPTÊUTICO

dos aplausos soleníssimos,

que na Vila

sempre Leal de São Francisco de Sergipe do Conde fez celebrar
o Nobilíssimo Senado da Câmara, ao 19 do mês de
Dezembro de 1760.

Em obséquio dos sempre Augustos, e Felicíssimos
Desposórios

DA SERENÍSSIMA PRINCESA

DOS BRASIS

NOSSA SENHORA

COM O SERENÍSSIMO

INFANTE DOM PEDRO

Dedicado ao Senhor Juiz Ordinário

BERNARDO DE SIQUEIRA

LIMA E MENESES,

E Oferecido

POR FREI BENTO DA APRESENTAÇÃO,

O mais indigno dos seus Servos, e filho da Província de
Santo Antônio do Brasil, *Strictoris observantiae*,
Acadêmico supranumerário, da Academia Brasileira
dos Renascidos.

LISBOA,

Na Oficina de Antônio Vicente da Silva.

Ano MDCC.LXIV.

Com todas as licenças necessárias.

SENHOR JUIZ ORDINÁRIO BERNARDO DE SIQUEIRA LIMA E MENESES

Há tempos que desejava encontrar ocasião, em que o coração pudesse respirar, exprimindo as demonstrações internas, nos externos acentos da famigerada pena: veio-me esta à mão, não tão relevante como a esperava, mas sobrada para os lineamentos dos gigantes mol-des do desejo.

Senhor: dentro na Alma se infundem as inclinações; no berço da Simpatia se embalam; com a comunicação aprendem os primicerios rudimentos na escola da Perspiciência. Com esta vou à presença agradável de Vossa Magnificência com este parvo, ou pequeno Opúsculo, tão falto de espírito, como curto do corpo sem o lépido paludamento da erudição, nem o progimnásima da facúndia: só a fim de que avulte por Grande, o que a lances da ocasião nasceu Pigmeu. Máxima é esta, alheia da admiração; porque ainda os rios, que por sua natureza são limitados regatos, costumam ser mares empolados nos golfos da Anfitrite.

É verdade que há perto de um ano, que este pequeno Opúsculo se achava no horroroso ergastulo de uma rigorosa prisão; com sentença de um degredo cível, se lho não remisse; sem mais culpa, que aquela, que lhe pode cavar a rústica vilania mal afeta, Illiterada, que só vive da ambição, que a domina; e não do honorífico, que a procura. Já houve quem com juízo, se bem com parênia, afirmasse, que para os rústicos, e idiotas, de tanto préstimo lhes era um livro, como a um cego um espelho; a um calvo um pente; a um Piloto, um arado; a um surdo uma trombeta: porém eu cuido, e cuido bem com Horácio, que tudo isto provém de não gerarem as ferozes Águias cobardes pombas: **Nec imbellem progenerant Aquilae columbam.** Ser illustre com obras de Plebeu! Não pode ser; porque, como diz Avancino: Não pode nascer da Grandeza o humilde, nem da baixeza a Soberania: **Nihil a Maiestade humile, et a Caesare nihil Plebeum nascitur.**

Suplico a Vossa Magnificência receba este tão perseguido do contraste da fortuna: não como o fatal aborto da minha ignorância; mas como obséquio da minha curtidade religiosa. E se a mais relevante oferta não puderam chegar os cabedais do meu desejo, ao menos me contentarei, com que esta minha Carta de Dedicatória não

seja mais que uma confissão, e expressivo memorial de que venero muito à prestantíssima Pessoa de Sua Mercê, inda sem a precedência de correspondência política.

Consta o Opúsculo, ou Catálogo dos soleníssimos aplausos, e festejos, que nesta Vila de S. Francisco, de que é Vossa Mercê meritíssimo Juiz Ordinário, se celebraram aos dezanove do mês de dezembro de mil setecentos e sessenta, em obséquio dos felicíssimos Desposórios dos sempre Augustos, sempre Grandes, e Sereníssimos Príncipes Senhores nossos. E se por mim não forem bem exarados nesta breve, e limitada Pandeta: em Vossa Mercê tenho a melhor Lima para os polir, e limar, sem que seja necessário, alheio Artífice, para que no esmalte, que lhe pusera a Lima, aplique o realce.

Não me detenho em indagar as relevantes prendas, de que o enriqueceu a Vossa Mercê a Natureza, por tão singulares, e exóticas; e nem procuro tão remontados assuntos; porque além de ser coisa contra o meu genial estilo, estes são tão relevantes em Vossa Mercê quais se inculcam os generosos procedimentos de sua heróica Personagem; pois em Vossa Mercê sempre se souberam inculcar para os respeitos: e sei estranha Vossa Mercê muito tudo o que lhe cheira a lisonja, por sua muita religiosa modéstia. E com razão; porque, diz Valério Máximo: Com a narração se ofende a virtude: **Virtus publica non sine offensione laudatur**. E deixando de dizer o mais, que calo, sem discorrer genealogias, deslindar prosápias, amontoar brasões; direi uma só coisa, que bastará por muitas: Que teve Vossa Mercê na sua prosápia por Gerarca (sic) o Senhor Antônio Telles de Meneses, primeiro Conde de Vila pouca; e assim por esta, como por outras prerrogativas se fez Vossa Mercê sempre estimado no geral aplauso de todos: e como tenho no meu Catálogo tão grande frontispício, conseguirei o que intento. Deus guarda a Pessoa de Vossa Mercê por prósperos, e felizes anos de vida.

Seu servo, e reverente Capelão

Frei Bento da Apresentação.

PREFÁCIO

A preciosidade, e estimação, que tem o diamante, se deve pela maior parte à cobiça, que o busca; à engenhosidade, que o conhece; aos golpes do buril, que o pole, e aperfeiçoa. Se a cobiça o não desentranhara da terra, em que se cria, e nasce, para o descobrir: se o lapidário se não empenhasse pelo conhecer: se o artífice não quebrara os buris em o lavrar: ficaria ignorado o seu fulgor, e no ergastulo, em que encerra a sua brilhante, e luminosa formosura, ficaria esta ignorada, apesar de seus luzimentos, sepultado um tesouro de resplandores, e vulgarizado na pluralidade das pedras comuns, e de menos estimação; e não dera a prodigiosa natureza para o magistério de suas obras regras de luz aos homens com tão certa, como importante erudição, se estas ficassem inúteis sem o cultivo da humana indústria, sendo esta tão necessária para o governo da vida humana.

Semelhante contraste experimentariam os sempre memoráveis, e luzidíssimos aplausos, que nesta Vila de S. Francisco, sempre leal, se consagraram aos gloriosíssimos, e felicíssimos Depósitos da sempre Grande, sempre Ilustre, e Sereníssima Princesa Dona Maria com o Senhor Infante D. Pedro; ficando totalmente sepultados no Templo do Olvido para a notícia da posteridade, e vulgarizados na pluralidade dos mais comuns, e medíocres aplausos.

Pelo que, ainda que para os exarar não tenha o progimnasma de Ciclopédia, me resolvi temerário a sair à luz com este Catálogo, ou coleção do que for mais digno de notar. Se bem conheço que há assuntos, onde tem o discurso liberdade para o invento; este vai tão atado ao material exercício de referir, que não tem a pena licença para se remontar, senão tão somente ao verossímil. Os outros assuntos cumprem com a sua obrigação; porque podem suprir os alinhos da eloquência, e o discurso tudo aquilo, ou tudo o que aos mesmos assuntos faltar de ameno; porém a uma narração não se lhe permite mais que aquelas vozes precisas à pureza da narração dos sucessos, e facções; porque só então se dizem melhor quando se exprimem e declaram como foram. O que posto, será o debuxo deste meu Catálogo conforme a curtidade do meu engenho, e idéia, que sempre scrá com a decência que pede a brevidade deste papel, e a medida do meu gênio, e estilo próprio; e se for pouco, para o muito que se deseja, não corre por conta da matéria, mas do defeito do Cronista.

CATÁGRAFO

Os júbilos, e alabanças, com que os vassallos aplaudem as felicidades de seus Príncipes, não só foram sempre o mais puro crisol, em que o ardente fogo dos seus afetos examina o mais fino ouro de sua muita lealdade, senão também ditoso presságio de suas grandezas, e panegírico elegante de suas excelências.

Com augustas demonstrações do júbilo do seu cordial afeto aplaudiu o Nobilíssimo Senado da sempre leal, e famosa Vila de S. Francisco, anexa à Capital da Bahia de Todos os Santos, e Cidade do Salvador, os Felicíssimos, e Augustíssimos Desposórios da Princesa dos Brasis a Senhora Dona Maria tão Ilustre, e Preclara não só pelo esplendor das qualidades, e atributos, com que se singulariza Princesa entre todas as Princesas da Europa; mas também pelas excellentíssimas virtudes, que pratica entre as mais Heroínas do universo, dourada rubrica para os seus merecimentos, e airoso desempenho da Nação Portuguesa; se bem nas perfeições da Natureza emulação valente das Monarquias. A este superior assunto se elevam as nunca bem ponderadas prendas, e virtudes, tão estrangeiras como peregrinas, da relevante Personagem do Senhor Infante Dom Pedro seu estimadíssimo Esposo, tão conhecido pelo Sangue, que lhe pulsa nas veais, como também venerado em todas as partes do mundo pela excelência de suas virtudes, e ajustados procederes, prendas gigantes de que o adornou a natureza, se bem pródiga nos dispêndios com ele das riquezas dos seus tesouros.

Logo que o Juiz Ordinário Bartolomeu de Argolo, pessoa que se faz célebre não só pela nobreza do sangue, mas também por suas muitas virtudes morais, recebeu a carta circular do Governador do Estado, e Chanceler; fez logo convocar os Officiaes da Câmara, e juntos em corpo, perante todos a mandou ler pelo Escrivão da dita Câmara: e me afirmaram que, tanto que nela ouviram a desejada notícia, fora tão grande o júbilo, e contentamento, que cada um dos do Senado queria ser o primeiro móvel do aplauso, que na dita circulatória tanto se lhes recomendava; respirando-lhes ao mesmo tempo os corações com os impulsos dos afetos, para as públicas demonstrações, que esperavam haviam de ser para a posteridade o maior estímulo.

Logo no mesmo dia, que foi aos vinte do mês de Outubro de mil setecentos e sessenta, o mesmo Juiz Ordinário mandou lavrar

éditos, para que se fizessem públicos, e manifestos pelos lugares mais frequentados da Vila, e para que com mais facilidade, e sem demora pudessem chegar aos vassallos de Sua Majestade Fidelíssima as notícias de um prazer tão desejado, e apetecido: com o expediente de algumas cópias circulares, que mandaram distribuir pelas pessoas mais nobres, e qualificadas da nobreza para o concurso do aplauso.

Tudo dispunha o nobilíssimo Senado com seu Juiz Ordinário com a boa eumeria de suas antecipadas providências; e como árbitros do aplauso delineavam a sua pompa com o pincel do cuidado, a que applicava vivas cores o desejo. Ordenando que assim os moradores da Vila, como também os de fora dela, por prelúdio de tão magníficos aplausos iluminassem as casas, e domicílios com festivas luminárias em seis noites antecedentes, ou anteactas ao dia, que inda não tinham determinado para a pompa do aplauso. O que com effeito se executou, sem que procedessem cominatórios, e preceptivos estímulos para a execução; porque aqueles mais pobres vassallos de Sua Majestade Fidelíssima, que nesta vivem à lei de uma total indigência, sobreexcedia neles a vontade à mendiguez.

Foram pois as ditas noites tão luzidas, e brilhantes, que parecia pleitear com elas a luminosa máquina da Estrelada esfera. Se bem cada noite era, como disse um discreto:

**Emula da máquina Estrelada,
Que aun eclipsa sus lumbres.**

Acrescia, para fazerem mais divertidas as noites, as harmoniosas consonâncias dos sonoros bronzes, assim dos da Paroquial Matriz, como dos do Convento de meu grande Patriarca S. Francisco, sito na mesma Vila, alegrando-se os corações de seus moradores, não só com a harmonia, e consonância destes; mas também com os epitalâmicos descantes, e as divertidas, e variegadas sinfonias, que pelas ruas da Vila se entovavam.

Depois de concluídos os sempre memoráveis aplausos, que na Capital se tinham celebrado com toda a magnificência, e pomposa majestade, quanto pode idear o ardente zelo dos seus Cidadãos, que julgo que para os descrever cabalmente não há buril, nem penas, que os possa exarar; mas sim só applicar-lhe aquele elogio, que lá applicou já outro a semelhante impossível:

**Fatiguen-se pinceles, y buriles,
Yen bronce, piedra, y lino pinten, graven
Y colores alienten, y perfíles,
Que por mas que le pinten, y alaben,
Y los Cysnes del Tago en sus concentos;**

**(Daquellos digo, que cantar los saben)
Que à la posteridad en sus pensamientos
Daran mas nombres en vivos caracteres,
Que pinceles, buriles, y que accentos.**

Consignaram o dia, em que no Templo Paroquial se haviam de fazer públicas, e manifestas as demonstrações de seu ardente desejo, que foi o dia dezenove do mês de dezembro do mesmo ano, mandando-se primeiramente armar o dito Templo de ricas armações das mais vivas, e valentes pinturas, que pode idear o primor da arte, e a valentia do pincel; e tanto ao natural vivas, que o que nelas pulsar os alantos de Apeles, e Protogenes, quando ao mesmo tempo admiravam ofendida, e afrontada a natureza pelos esmeros da arte.

Postas, e dispostas assim as coisas a ponto, se deu princípio ao aplauso no mencionado dia dezenove do mês de dezembro de mil setecentos e sessenta. Oficiou a Missa com toda a magnificência, e aparato o Muito Reverendo Padre Valentim dos Santos Neres, digníssimo Pároco da Freguesia, e Vigário da Vara do distrito, estando manifesto o Santíssimo Sacramento em todo o dia. Orou o Reverendo Doutor Antônio Pereira Soares com tanta erudição, e elegância, que parecia ter esgotada toda a facúndia dos mais célebres Oradores do nosso século, havendo-se nas especulações do relevante objeto tão profundo, quanto no estilo subido se mostrou mais engenhoso. Cada palavras sua era um conceito, cada conceito um período: enfim me vi obrigado a dizer do Orador, o que de outro semelhante disse não sei quem neste quarteto, e romance:

**A vosso grande engenho era devido
Deste assunto tratar tão sublimado,
Se no estilo sutil, e remontado
O deixais cabalmente engrandecido.
A sonoros accentos da trombeta
Chame a fama seus doutos atributos,
Que a vossa pena em clarins de prata
Em vosso obséquio soa aplausos justos.**

Fazia mais pomposo, e luzido o Ato, depois da assistência da Sacra, Divina, e Humana Majestade, a presença do Nobilíssimo Senado, não só pela nobreza de que se compunha; senão também pelo rico, e precioso alinho das galas, de que se adornava; com capas de veludo, e sedas, forradas de outras de não menos preço, com plumas variegadas nos chapéus.

Não menos o faziam vistoso as Comunidades Religiosas, assim do Convento desta Vila, que assistiu a todo o aplauso, com o seu

Muito Reverendo Padre Mestre Guardião Frei Jacinto de Santa Brígida, Lente de Prima, que foi de sua Religião; como também os Religiosos da sempre Ilustre família do grande Príncipe dos Patriarcas com o seu Muito Reverendo Padre Mestre D. Abade.

Na mesma tarde do dia dezenove se ordenou pelas ruas públicas da Vila uma tão grave como solene Procissão com o aparato da maior magnificência, a que precediam as Bandeiras, e Cruzes de todas as Congrarias, e Irmandades com vários Andores ricamente ornados, e orlados de sedas, veludos, e galões de ouro, e prata, diante das quais iam em boa ordem várias quironomias, e enchendo os ânimos do popular concurso de prazer, e alegria. Podendo-se com razão dizer da galharda cena o que lá disse Virgílio.

**Pars pedibus plaudunt choreas, et carmina dicunt,
Et ducunt posito duras cratera choreas. (1)**

As ruas vistosamente alcatifadas com variedade de flores para receber o Rei tremendo da Glória:

Pictaque dissimili flore nitebat Humus. (2)

Exalando tão suaves aromas, que parecia que Flora, como empenhada nos aplausos, tinha abertos os tesouros da beleza, e as oficinas da suavidade. Logo depois do Pálio, em que se adorava o Senhor dos Senhores sobre as mãos do Reverendo Pároco como em Trono, se seguia o Senado com toda a Nobreza, e Popular, indo diante do Pálio o Clero, e o Regular em sua ordem.

Não cessavam os repiques dos sinos, que alternados com os Cisnes músicos, que na Procissão cantavam, se bem faziam a melhor pausa na consonância, muito melhor compasso faziam nos corações dos que viam, e admiravam tão alegre espetáculo.

Em campo se via a Marcial Belona com o flamífero Vuocano, este desfazendo-se em montantes, ou línguas de fogo para responder aos vivas, que o povo repetidas vezes dava aos Felizes Desposórios dos Sereníssimos Príncipes Senhores nossos. Aquela disfarçava os horrores de Marte, nos paludamentos da clemência de Minerva, formando um vistoso Esquadrão de soldados da Ordenança, a quem serviam de esmalte os Cabos, que cobriam as alas em tão boa ordem, como disposição militar, com o armamento de ricas, e vistosas galas, e fardas de costume; com plumas nos chapéus, que pareciam mais tremular pelo Favônio de um obsequioso rendimento, que pelo Eolo da vaidade. Capitaneava este bem formado Esquadrão o seu Sargento Maior Antônio Moniz, a quem acompanhava um Oficial

(1) Virg., 6. Aenead.

(2) Ovid., 3. Fast.

Tenente, ambos montados em dois bem ajaezados ginetes; e dois pajens com fardas de custo, e plumagens, seguindo em tudo, e por tudo as ordens do seu Capitão Maior Inácio de Siqueira, uma das pessoas mais qualificadas desta terra por seus Generachas, se bem que por seus inconsideráveis méritos não necessita de alheios procedimentos, porque: **Supereminet omnes.**

Na mesma tarde do dia dezenove às três horas, antes de se formar a Procissão, se entouu em ação de graças, pelo grande benefício que recebemos de Deus, o **Te Deum laudamus**, Ato que se oficiou com tão novo culto, e ostentação, qual no lugar jamais se viu: mandando-se antes distribuir cera pelas pessoas circunspectas, que se achavam a Ato de tanta expetição; enfim tudo eram alegrias, tudo aplausos:

Laetitiae, ludusque uiac, plausuque fremebant:

..... **Incendunt longo ordine gentes.**

Quam uariae linguis, tam uestis, et annis. (3)

Não tenho feito individual menção das galas; porque:

Tot fuerant illic quot habet natura colores.

Só direi que se fizeram estas pelos moldes do prazer, que tanto se germanava com o seu desejo, e pelo mesmo moldavam os encômios, e períodos, com que uma, e muitas vezes elogiavam a nossa Sereníssima Princesa:

El Cetro de tu Imperio florcciente

Te de tu Padre, y en tu inviejecida

Edad, vieja gobiernes felizmente.

E ao seu muito estimado, e Sereníssimo Esposo diziam em alto metro:

Termino sean pues, y firmamento

De vuestro Imperio, y de mi fé constante

Tributo humilde, sino ofrecimento

Camino, y fin passar más adelante,

Que al monton de Mercurio al caminãte

Continuavam os aplausos com mais vigor nos seus progressos, sem que a insaciável secura do seu desejo se satisfizesse. Porque nos dias subseqüentes, como foram os vinte, vinte e um, e vinte e dois do mesmo mês, se formaram umas lustrosas Cavalhadas ou ludo equestre, com muito excesso as mais, que em outras Vilas, e Lugares

(3) *Aenead.*, 20.

se tinham celebrado ao mesmo intento; constava esta de doze pares de Cavaleiros, e Cavalheiros os mais assinalados, e previstos na arte de Cavalaria: mui conspícuos na nobreza, que deles se podia dizer em hipérbole:

**No brillan Astros materiales tantos
 En este Polo quantos
 Abrasados se ostentan corações,
 De Nobles, Altos, Inclitos Varones.**

Era deste ludo equestre Mantenedor o Capitão Matias Vieira; que já no que se tinha feito na Capital tinha exercitado o mesmo posto, correndo igualmente com todos na esfera da Nobreza. Competiam todos nos luzimentos das galas mui correspondentes às suas Personalidades, e na libré dos pajens não excederam as despesas às suas posses, talvez por não darem entrada à ocasião de se dizer com Parêntese, e Sarcasmo aquilo, que em semelhante ocasião se tinha dito a outros, em que se tinham visto exceder as despesas às posses de cada um:

**Los Señores hisieron lo que devian,
 Pero deven lo que hisieron.**

Os ginetes, em que montaram, não só iam lustrosamente ajazados de ricos armamentos com cascavéis, e outros adereços de prata, mas também na velocidade com que despediam na carreira tão soberbos, que a cada um se lhe podia aplicar aquilo de Lucano:

**..... Clangore tubarum
 Saxa quatit pulsu rigidos uexantia froenos
 Ora tenes, separgitque iugas, et subrigit aures,
 Incertoque pedum pugnat non stare tumultu,
 Fessa iacet ceruix, sumant sudoribus artus,
 Oraque projecta squalent arentia lingua.**

Retumbavam os sonoros ecos dos bélicos instrumentos, se é que com estes não soavam os da Fama, que na ocasião andava com tanto cuidado, como perspicência, notando os progressos de tão magnífico Aplauso, para os publicar com tantas línguas, quantas as penas, e plumas, de que compõem as asas,

**Tot uigiles oculi subter (mirabile dictu)
 Tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit artus,
 Nocte uolat Coeli medio, terraeque per umbram,
 Stridens, nec dulci declinat lumina somno:
 Tam facti, prauisque tenax, quam Nuntia ueri.**

Tanto como isto se empenhava a Fama oferecendo-se para nuncia, e peregreira de tão grande, como majestoso Aplauso, convidando os ânimos, não para que fossem vulgares nos desempenhos de seu afeto, mas para que os fizessem eternos na maior satisfação de empenhados:

Ergo.... Ergo agite....

Fundite docta Cohors Festum modulamen

..... **Ovanti**

Recotres Populorum aeterna oracula

..... **Vulgare non poscunt decus.**

Nas noites dos mesmos dias vinte e um, vinte e dois, e vinte e três se representaram umas famosíssimas Comédias, tão engenhosas como discretas, tão próprias como genuínas para o intento como se a arte Cômica só para esta ação as debuxasse, ou ideasse.

Estes, e outros semelhantes festejos, e demonstrações de prazer se celebraram nesta Vila sempre leal de S. Francisco, em reverente obséquio dos Augustíssimos, e Felicíssimos Desposórios com aquela pompa, a que podia chegar a magnificência e ardentíssimo zelo dos fiéis Vassallos de Sua Majestade Fidelíssima. Não faço menção de outras muitas particularidades, por não ofender o relevante Objeto a que se terminam, porque quero antes deixar a notícia duvidosa, que cansada. Concluo com dizer o que simbolicamente disse Henrique II em semelhante ocasião: **Nequit nimis**: e agradecer a Deus o grande favor, e mercê, que nos fez, com dizer o que disse Horácio a Otaviano Augusto:

Quod nihil maius meliusue terris

Facta donauere, Bonique Diui

Nec dabunt; quamvis redeant in aurum

..... **Tempore Priscum.**

E não me detenho mais com hipóboles, porque duvido que os possa sofrer uma simples relação.

Esta é, Senhor, a galharda Cópia, que pude copiar de Original tão peregrino, e de Objeto tão gigante: e se não saiu nas perfeições avultada, foi porque a mais se não puderam remontar os vãos da minha pena para o desafogo de quem tanto neste assunto se desejava desafogar empenhado. Porém não se admire Vossa Mercê da cópia, que tudo o que tem de curta é de ser por mim debuxada; pois conheço que para Gigantes Assuntos não servem moldes pigmues. Porém como considero, que as Relações, ou Catágrafos servem para fiéis secretárias do tempo, e para mestras das experiências, me animei a tomar o emprego de copiar aquelas, de que aqui faço menção neste

breve Catálogo, inda que incompostas, e inordenadas, (sic) sempre serviram para avivar a lembrança à posteridade.

Enfim dou a Vossa Mercê os parabéns, e por Vossa Mercê os dou também ao Senhor Infante D. Pedro por se ver na posse de uma Esposa tão Peregrina, e Real, donde terá, e achará a prosperidade na riqueza de tantos dotes, quantos se encerram na nossa Sereníssima, e Augusta Princesa. Dotes tão relevantes a todo o encarecimento que por ela, e só por ela daria o maior Monarca do mundo tudo o que tivesse.

Por uma pérola preciosa que achou um homem, refere S. Mateus que tudo quanto tinha por ela dera, e que a preço de tudo a comprara: **Vendidit omnia, quae habuit, et emit eam.** Mas não me admiro que este homem desse quanto tinha por esta pérola. Era Cristo o Homem e a pérola as nossas almas, esposas, que são muito suas. E um Esposo, que acha uma Pérola tão fina no peso, como Real na esfera, porque tudo isto, diz Plínio, se acha na preciosidade da Pérola: **Omnis Dos. . . In magnitudine, in pondere:** Quando a Esposa é uma tal Pérola, para o seu Esposo não só preciosa, mas única por Primiceria entre as Pérolas Princesas da Europa: Todos os tesouros dá; porque nela leva todos os dotes, ou a riqueza de todos os tesouros: **Vendidit omnia etc.**

Vossa Alteza, Senhor, foi aquele Homem, ou aquele Felicíssimo Esposo, que procurando no Tesouro Real Pérolas, veio a achar uma, que, por mais preciosa que todas, não há outra. **Una pretiosa:** Por ela deu Vossa Alteza quanto tinha: **Omnia, quae habuit.** A si mesmo se deu, porque nem o Real, e Majestoso dessa Pérola valia menos, nem o que por ela deu Vossa Alteza podia ser mais.

Preclaríssimo Senhor, sempre Grande, sempre Inclito, e Esclarecido Príncipe, lograi por anos eternos, e esmeros da vossa Grandeza, e a pundonores da vossa Soberania, essa Pérola de relevante preço.

Enquanto conservar o curso vário

O Netuno Império, enquanto Eolo

For de Vulcano amigo, ou for contrário.

E pelos Felicíssimos Desposórios dessa preciosíssima Pérola, nos conceda Deus aqueles frutos da mais próspera Sucessão, para aquele bem público, de que tanto necessitamos.

D I X I.

17. **RELAÇÃO DAS FESTAS PÚBLICAS,
QUE NA CIDADE DE SÃO PAULO
FÊZ [...] DOM LUIS ANTÔNIO DE
SOUSA EM LOUVOR DA SENHORA
SANTA ANA [...], [S.l.A.], 1770.
(Ed. 1770).**

RELAÇÃO DAS FESTAS PÚBLICAS, QUE NA
CIDADE DE SÃO PAULO FEZ
O ILUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR GOVERNADOR,
E CAPITÃO GENERAL DOM LUÍS
ANTÔNIO DE SOUZA EM
LOUVOR DA SENHORA SANTA ANA
COM A OCASIÃO DE COLOCAR,
A SUA IMAGEM EM O ALTAR NOVO
DA IGREJA DO COLÉGIO.
ANO DITO.

RELAÇÃO

das Festas Públicas que na cidade de São Paulo fez o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão Governador, e Capitão General da dita Capitania com a ocasião de colocar a Imagem da Senhora Santa Ana em a Capela nova, que mandou fazer na Igreja do Colégio desta cidade, em que reside: cuja celebridade se fez no dia domingo 19 de agosto de 1770, que é juntamente dia de São Joaquim, e São Luís Bispo, prolongando-se a mesma festividade com o motivo de fazer anos no dia terça-feira 21 do mesmo mês o Sreníssimo Senhor Dom José Príncipe da Beira, e no sábado seguinte ser dia de São Luís, Rei de França, Santo de que tem o nome o mesmo Excelentíssimo Senhor General, e ter felizes notícias dos grandes descobrimentos, e Conquistas do Tibaji.

Principiaram as Festas no dia quinta-feira 16 de agosto de 1770 pela noite, aparecendo pelas ruas um cartel, que se compunha da Fábula de Tirésias, conduzindo em um carro de Triunfo com muitas Luzes, a que precederam outros muitos Carros igualmente iluminados com muitos máscaras, bailes, e instrumentos. Músicos de toda a qualidade, e o dito Tirésias, depois de um grande preâmbulo, prognosticava as Festas futuras, relatando, como presságio, tudo o que havia succeder nos dias, e noites seguintes, e convidava com galantaria a todos para virem ver.

Na sexta-feira 17 houve folias de pretos pelas ruas, representadas pelos Estudantes dos Cursos de Filosofia, e Teologia, que Sua Excelência procurou estabelecer nesta cidade.

No sábado 18 houve pela noite grande iluminação por todo o frontispício da Igreja deste Colégio e por todas as janelas das galerias dele, como também por todo o terreiro em roda com muitas decorações de papéis pintados que faziam admirável vista, e houve cuidado de se distribuirem pessoas destinadas para conservarem estas Luzes sempre acesas. Seguiu-se o fogo de artifício a que se deu princípio com repetidas salvas de morteiros: durou este divertimento três horas completas até principiar a descair, e se acabou muito depois da meia-noite.

No domingo 19 estava a Igreja deste Colégio adornada por dentro de varandas revestidas de muitas sedas, que se mandaram fabricar sobre colunas de madeira, pelas quais se repartiu a Música da Sé, e da Ópera, e todos os Músicos, que se acharam mais especiais nas Terras da Capitania, e das vizinhas de Minas Gerais; esteve o Santíssimo exposto por todo o dia com muita profusão de cera, e oficiou a Missa o Reverendo Vigário Capitular, com assistência de todo o Cabido; pregou com muita elegância o Reverendo Padre Mestre Frei José Manuel de S. Paio Religioso do Carmo, e Comissário dos terceiros, assistiu Sua Excelência com os Ministros, Câmara, e grande número de pessoas distintas de um, e outro sexo, que concorreram a esta festividade. Por muitas vezes foi a harmonia da música interrompida com as repetidas salvas de morteiros, e os dois Regimentos de Dragões, e Infantaria Ligeira, que estavam formados no Largo do Terreiro, e luzidamente fardados, deram sinal de se ter acabado este solene ato com três sucessivas descargas de todas as suas armas. De tarde ameaçou um pouco a chuva, mas, tornando-se o ar sereno continuou a solenidade, pregando com igual elegância o Reverendo Padre Mestre Doutor de Teologia Frei Salvador Machado também Religioso do Carmo. Bordaram as ruas todos os soldados dos regimentos de Cavalaria, e Infantaria da cidade sobre as armas, e principiou a Procissão pelos guilhões de todas as Irmandades, com os seus Irmãos, todos os Religiosos dos três Conventos, a saber: de São Francisco, de São Bento, e do Carmo desta cidade por sua ordem, todos os clérigos, e finalmente o Cabido com a cruz levantada, e a todos universalmente se distribuíram velas, como também aos Ministros, e pessoas mais distintas que ali se acharam. Foram conduzidas, em Andores ricamente adornados, as Imagens de São José, e São Joaquim, e a todos excedia o Andor da Senhora Santa Ana, com tanta pompa, que se não podia distinguir entre a riqueza, e a arte qual era a que levava maior vantagem. Todos estes Andores iam acompanhados de figuras, de querubins ricamente vestidos, e adornados de jóias, fechava toda a Procissão o Santíssimo Sacramento, que levava nas mãos o Reverendo Vigário Capitular debaixo de um riquíssimo Pálio, e logo imediatamente acompanhava Sua Excelência, e a Câmara, as companhias de Infantaria, grande número de pessoas distintas, e infinito Povo: nesta forma girando por todas as ruas principais desta cidade, se recolheu já de noite fazendo admirável vista, a multidão de luzes, e acabando-se tudo ao som dos repiques de sinos de toda a cidade, e ao estrondo das salvas dos morteiros, descarga que fizeram as tropas de todas as suas armas.

Na segunda 20 haviam-na mandado fazer por toda a larga circunferência do terreiro deste Colégio muitos palanques de madeiras que adornaram de sedas as pessoas particulares. Na frente deste Colégio mandou Sua Excelência armar o seu que excedia a todos

no espaço, e no adorno, e para ele convidou o Cabido, a Câmara, e os Officiaes de maiores Patentes, e pessoas mais distintas, e tudo se preparou para ver a vistosa cavallhada, que haviam de fazer os cavalleiros desta cidade, os quaes às horas competentes entraram na Praça armados de lanças com grande acompanhamento de trombetas, e Trompas, e muitos cavalos de reserva conduzidos por índios, e todos custosamente vestidos, e emplumados: a destreza, que mostraram correspondeu ao asseio com que entraram, deixando a todos os Expectadores deste numeroso concurso igualmente admirados, e divertidos pela galantaria, e boa ordem com que fizeram a escaramuça: jogaram canas, passaram carreiras, tiraram argolinhas, e correram patos, pombos, cabeças, e outras muitas esquipações, que penduraram na corda; faltou o dia mais cedo do que se desejava, porque não chegou o tempo para ver tudo o que haviam preparado: houve também cavallhada de farrancho, bailes sérios, e burlescos, e máscaras bastantemente divertidos, que se distinguiram uns pelas esquipações das farsas, outros pela harmonia dos instrumentos que levaram as atenções: uns vieram em figura de pássaros a cavallo, e apeando-se se descobria o bem fingido da farsa, especialmente ao fazer um baile, e o acabavam, espantando-se com o tiro que lhe vinha dar um caçador.

Na terça-feira 21 logo de manhã pareceu esta cidade uma Lusida Corte, concorrendo todas as pessoas distintas vestidas de gala a dar o parabém a Sua Excelência deste faustoso dia, em que fazia anos o Sereníssimo Senhor D. José Príncipe da Beira; do mesmo modo acharam a Sua Excelência para os receber, porque estava vestido com o seu uniforme grande, e toda a sua família com o melhor asseio; e tanto que foram horas competentes foram convidados para o jantar, e conduzidos a uma grande sala, em que havia uma mesa com cento, e doze lugares, e sentados todos foram servidos magnificamente com três cobertas distintas de todas as variedades que pode caber na arte da cozinha: as saúdes foram festejadas, e as primeiras que foram feitas às Pessoas Reais e foram com salvas de morteiros: concluída esta mesa, passaram a outra grande sala, em que estava disposta a deserta, com igual grandeza, e profusão de doces, e frutas de toda a casta; e em toda a parte brilhou igualmente a delicadeza, e bom gosto dos comeres, e bebidas, e artifício, e adorno das mesas, e a prontidão, e magnificência da Copa, com que foram servidos. Concluída esta função já de noite, e com luzes, que estavam dispostas por todas as partes, passaram com algum intervalo para o Teatro das Óperas, que estava distintamente iluminado, e se deu princípio ao festejo com uma Loa, em que competia Marte, e Minerva sobre quem havia de louvar primeiro as heróicas ações de Sua Excelência; e por fim vencia a Deusa do amor em nome desta cidade em dar os Louvores; representou-se ao depois a comédia intitulada: Mais vale amor que um Reino, aparecendo todas as figuras que eram pessoas parti-

culares, ricamente vestidas, e representando com a maior propriedade, e eficácia que se podia desejar: houve bailes, e estremezes, e se acabou a festa pelas duas para as três horas depois da meia-noite, sendo em todo este tempo servidas as pessoas particulares pelos Camarotes com todo o gênero de doces, bebidas, e refrescos.

Na quarta-feira 22 repetiram de tarde os cavaleiros da cidade a sua escaramuça, carreiras, e jogo de canas, e argolinhas, variando as Sortes com diferentes equipações, e muitos tiros, com que fizeram a tarde não menos divertida, que agradável, sem que faltasse a variedade dos máscaras, e farrancho, que alternavam o sério com o jocoso, concorrendo aos mesmos palanques, que se tornaram a vestir de sedas, o mesmo numeroso concurso de pessoas particulares, e à Praça a mesma multidão de Povo, e achando-se presente Sua Excelência com as mesmas pessoas, que o tinham acompanhado no primeiro dia.

Na quinta-feira 23, de tarde houve somente máscaras pelas ruas, e à noite se abriu o Teatro, entrando todas as pessoas capazes, a que se tinham distribuído bilhetes, e aparecendo Sua Excelência no seu camarote, rompeu a Orquestra a costumada sinfonia a que se seguiu a Loa, em que Orfeu, e Apolo competiam, e principiou a comédia intitulada: Vencer traições com enganos, e disfarçar no querer. Cá representaram outras figuras também particulares com o mesmo asseio, e igual elegância, que já se tinha feito na noite da terça-feira. Houve também bailes, e entremezes, e entre eles um de preto com notável propriedade, tanto na figura como nas ações, e na fala.

Na sexta-feira 24, os cavaleiros da Parnaíba, que em competência da cidade se tinham preparado, pediram licença para principiar muito cedo, e sendo-lhe concedida entraram na Praça com grandíssimo aparato de armas, instrumentos bélicos, e cavalos, e tendo suspensos os ânimos de todos para os verem lustrar como em desafio, desempenharam perfeitamente o conceito, que se tinha formado da sua destreza, porque, sem que vencessem aos da cidade, deixaram estabelecida uma grande opinião de serem perfeitos, e destros nesta nobre arte, e correndo as mesmas escaramuças, lanças, cabeças, sortilhas, panelas, pombos, e tudo quanto se podia escogitar, encheram a tarde, e concluíram a festa com geral satisfação e muitos vivas dos mesmos competidos, que não puderam deixar de fazer esta pública demonstração ao seu merecimento.

No sábado 25, dia de São Luís Rei de França Santo de que Sua Excelência tem o nome, estava armada em uma das principais salas deste Colégio uma grandiosa mesa com outra variedade de adorno, e coberta de toda sorte de doçarias, frutas, bebidas, e muitas flores em que se recreavam os sentidos, porque a vista, o gosto, e o olfato encontraram juntamente a maior delícia, e a mesma graça, e a esta foram convidadas todas as pessoas que já o tinham sido terça-

-feira, e depois satisfeitos sendo já noite foram ouvir a Academia; esta se dispôs na Igreja deste Colégio para o que se deixou ficar armada acrescentando-se-lhe um grande tablado em que se fez lugar para o Presidente, e acadêmicos com espaldar, bofete, e cadeiras tudo adornado de damascos, e com a maior decência: O altar de Santa Ana, a que se dedicavam os assuntos estava coberto de luzes, que do mesmo modo se distribuíram por toda a Igreja; nas varandas se fez lugar para Sua Excelência, e para o Reverendo Capitular, por todas elas se sentaram os Cônegos, Prelados, Officiais maiores, e pessoas de maior graduação, e para os que não couberam havia lugares na Igreja, e o resto dela para todo o mais povo, que concorreu numeroso por ser este ato nunca até o presente visto nesta cidade, foi Presidente o Doutor Juiz de Fora da Vara de Santos José Gomes Pinto de Moraes, Secretário um Religioso de São Bento, Problemáticos um Religioso de São Francisco, e outro do Carmo, Acadêmicos muitos Religiosos, e Pessoas de maior Literatura: o dito Presidente em uma elegante oração explicou a devoção de Sua Excelência a Santa Ana, e as virtudes, e principais ações do dito Senhor assim antes como por todo tempo do seu Governo, e todos se empenharam nas suas obras a eleição que se tinha feito das suas pessoas para semelhante ato, acabando-se tudo com universal satisfação pelas duas horas depois da meia-noite.

No domingo 26; repetiram nesta tarde os cavaleiros da Paranaíba o seu festejo, entrando na Praça com a mesma pompa, e acompanhamento, e dividindo-se em duas quadrilhas, uma de encarnado, e outra de azul mostraram até donde pode chegar a perfeição da arte da cavalaria, e variando quanto foi possível a galantaria das suas carreiras obrando tudo o que a destreza, e valor pode fazer mais agradável; concluíram a festa deixando os espectadores desejosos de poderem ver mais, porque ainda que repetido este festejo não servia de fastio antes desafiava a curiosidade, e admiração fazendo parecer pouco o tempo que se tinha passado neste gostoso divertimento:

À noite houve Ópera pública que representaram os operários com excelente música tendo-se escolhido por melhor a de Coriolano em Roma, às vistas competiram com o bom gosto da solfa, e foram servidos os Camarotes com os mesmos refrescos concluindo-se as festas com público aplauso, e universal aceitação de todo este Povo que igualmente respeita na Pessoa de Sua Excelência um General que sabe governá-lo, e diverti-lo.

● Cartel de que se faz menção no dia 16 de agosto, que foi o 1.º destas festas, se compunha da Fábula de Tirésias, o qual ia em um carro, a que precediam outros, e parando em diferentes partes das ruas, dizia o seguinte

Ó ditosos felizes moradores
desta nobre Cidade, os meus clamores
com prazer contemplai, ouvi atentos
novidades que dão contentamentos.
Deixei Reinos, Províncias, e Cidades,
subi montes, venci dificuldades,
para agora dizer o que pretendo
a vós todos que estais aqui me vendo.
Admirados talvez vos considero,
julgando que sou eu rústico, e fero,
por me veres aqui desconhecido
na figura, na voz, e no vestido.
Tirésias sou, aquele portentoso
Agoureiro, no mundo mais famoso,
pois dos Céus por favor sei eu dizer
com certeza o que há de succeder.
Investigo dos Céus altos Decretos,
e do Fado os arcanos mais secretos,
da Fortuna os sucessos sei prever,
quando intenta algum bem, ou mal fazer.
Adivinho, e por isso vos auguro
sucessos que vereis para o futuro.
Não cuideis que vos venho anunciar
coisas dignas de pranto, ou de pesar,
antes quero augurar-vos neste dia
novidades de gosto, e de alegria:
se saber desejais, com atenção
ouvi minha pressaga narração.
O Herói, que da Lusa Majestade
foi mandado a reger esta Cidade,
como Pio, devoto, e em tudo egrégio,
a Santa Ana pretende no Colégio
celebrar uma festa tão luzida,

que melhor não vereis na vossa vida:
quanto nela se for executando
há de ser, como vou prognosticando.
No sábado 18 do corrente
Este Pátio vereis resplandecente,
pois mais Luzes ali distinguireis,
do que raios no Sol, contar podeis,
essa noite, vencida a obscuridade,
dia parecerá na claridade.
Também fogos vereis tão elevados,
que aos montes passarão mais levantados,
sublimando-se ao ar tão furiosos,
que os Deuses ficarão no Céu medrosos,
no mundo receando haver Gigantes,
que outra vez os combatam petulantes.
Na manhã do Domingo assinalada
no Colégio haverá Missa cantada,
onde ouvireis tão doce melodia,
tão suave, que julgo pasmaria
o celebrado Orfeu se ali estivera,
por haver quem lhe exceda nesta era.
Ouvireis o Sermão de um Orador,
que por douto há de ter grande Louvor;
e de tarde com muita prontidão
concorrei para a Santa Procissão.
Aos vinte que hão de ser segunda-feira
vereis todos dos brutos a carreira,
estes cá vencerão, asas não tendo,
pelos ares ao Pégaso correndo:
não percais tal função, que a cavallhada,
como boa, há de ser por vós louvada.
Terça-feira há de haver grande banquete,
assistindo a Nobreza, a quem compete
fazer corte Lustrosa, em tal maneira,
que Louvor seja ao Príncipe da Beira,
o qual há de contar os nove anos,
por Divinos favores Soberanos:
será a mesa melhor, que aqui pôs Dido
a Enéias Troiano seu querido.
A noite serão todos convidados
os que forem de amor apaixonados;
porque se faz a comédia celebrada:
Mais vale Amor que um Reino: intitulada.
Na quarta vinte, e dois que são do mês
se farão cavallhadas outra vez.

Quinta-feira sem festas passará,
de noite outra comédia se fará.
Na Sexta outra vez vereis montados
Lustrosos cavaleiros bem armados.
No Sábado ouvireis doutos Poetas,
cujas Musas serão as mais seletas,
porque sei que há de haver lá nesse dia
erudita, e discreta Academia.
No Domingo u'a Ópera haverá
que de toda esta festa sincera.
Por ventura não é do vosso agrado
tudo quanto vos hei prognosticado?
Pois sabeí que ainda quero consolar-vos
com u'a nova feliz que venho dar-vos.
Guerras, fomes, e nem necessidades
sentireis, haverão prosperidades.
Muito arroz haverá, muito feijão:
tudo, quanto plantarem, colherão;
minha grande ciência prognostica,
muito milho haverá para cangica,
e com ele serão mui bem sevados
perus, patos, galinhas, e capados;
e por isso também vos adivinho,
que haverá muito Lombo, e mais toucinho.
As Laranjas, as Limas, e os Limões
hão de haver com fartura, e mais pinhões
para o jogo, e brinquedo pueril:
haverá muito vinho do Brasil.
Muito peixe virá prá serra arriba,
muita carne também da Curitiba.
Muito bagre haverá, e Siguirus,
piabas, lambaris, taiubucus:
haverão piracemas repetidos,
em que todos se ocupem divertidos,
e tantas taubaranas haverão,
que na rua em cambadas andarão.
Parabéns, ó ditosos pescadores:
alvícaras vos peço, meus Senhores,
vós, a quem das riquezas a cobiça
fortemente combate, e mais atíça:
pois é certo e feliz o meu agouro,
que desse Tibaji tirareis ouro.
Hão de ter as Farofas que Lustrar,
patinhos acharão que depenar:
o ponto é que façam por barato

o gostoso castigo do seu chato.
A fortuna lhe há de favorável
ser; pois como elas é mudável:
mas se quiserem sem perigo
com sossego viver, falem comigo,
que eu lhes hei de fiel prognosticar
os sucessos que hão de experimentar.
Aquele que for firme, e for constante
há de à corda trazer o seu amante,
mas alguma que andar com farofadas
há de murros levar, e chicotadas,
e se todas quiserem lucros ter
venham sécias as festas aqui ver,
pois nelas causarão mais tentações
a aqueles de bom gosto maganões:
a aquela, que faltar, bela menina,
eu lhe auguro infeliz triste ruína;
pois dos homens será destituída,
e do Fado cruel mui perseguida.
Também falo com todas em geral,
por ter eu compaixão do vosso mal.
Gostar de Cambui não queirais ir,
para que certo tercis logo parir,
pois no ventre esta fruta, sem varão,
a substância converte em geração;
mas se delas encherdes vossas panças,
prognostico, haverão muitas crianças.
Venha a gente de toda a Freguesia
ver tão grande função, que é de alegria
venham todas as gentes das marinhas,
e deixem por enquanto essas tainhas;
pois é bem que em aplauso tão festivo
assistir venha todo o bicho vivo.
Venham todos sem falta, que senão
lhes auguro desgraças sem perdão.
Tudo, quanto vos disse, será certo,
pois vereis a seu tempo, que está perto.
Bem mereço por tanto adivinhar,
que algum doce queirais vós me mandar.
Disse tudo; somente agora resta,
vivas dar ao Herói que faz a festa.

[S.I.A.]

O sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Frei José Manuel de Sam Paio, na manhã do domingo 19 de agosto, que foi o quarto dia destas Festas, de que já se fez menção, é o seguinte

Liber generationis IESU Christi Fili David, Fili Abraham. S. Matr. Cap. 1.º.

O Evangelho só se ocupa, respeitável Auditório, em persuadir-vos a genealogia Sagrada, Mãe temporal de IESU Cristo. Com seus ilustríssimos ascendentes espera insinuar-vos a nobreza grande de seu solar; a manifesta desde El-Rei Davi até Maria Soberana, de quem ele nasceu, como desejado das gentes, e Messias suspirado. Este o empenho todo do Evangelho, outro é o da piedosa devoção daquele Herói, cujas ações são prognósticos certos da sua nobreza, cuja vida é sinal indefectível da sua religiosidade, cujas virtudes o distinguem no conceito dos seus superiores, no respeito dos seus subalternos: em uma palavra: o Senhor D. Luís Antônio, nosso Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, tem empenho mui diferente do Evangelho, pois a sua devoção religiosa se se ocupa hoje em representar-vos os pré-excelsos encômios, que lhe merece a mais ilustre Matrona de Belém. Adorável objeto destes devotos cultos, e reverentes incensos, eu já tardava em proferir alegre e gracioso nome que vos adorna, porém os mais profundos sentimentos da estimação, e do respeito me impediram as expressões, me prenderam a língua, como a Moisés, quando viu no Monte Santo aquela Sarça que ardia, sem se consumir: Santa Ana, digo, aquela, cujo pequeno corpo desde as mantilhas do berço se foi criando como epítome, mais peregrino das perfeições; ela pois é o objeto, a quem o Ilustríssimo Senhor dirige seus cultos, consagra seu sacrifício; ele a faz colocar neste Santuário para os respeitos dos Fiéis; se lhe não dedica em testemunho de seu filial amor um Templo magnifico, qual outro Salomão ao nosso Deus, se menos lhe consagra o Altar mais rico, e muito mais honroso, do que aquele, que levantara Moisés em honra do Senhor de Israel.

Ah! Estou em dizer, que é tal a devoção, que o nosso Ilustríssimo General tributa à gloriosíssima Santa Ana, que por isso a faz colocar nesta Igreja, ou para que seja mais universal a sua veneração, os porque lhe dissonava não merecer cultos a nossa Santa em um Templo consagrado com especialidade à honra do seu Neto. Ambos

os motivos são eficazes para obrigar a sua piedade a dar provas de seu amor; mas a eleição do dia, que escolheu, não parece sua, representa como coisa, que lhe foi inspirada pela sábia Providência. Pois fazer venerar a Ana a tempo, que a Igreja nos celebra a geração temporal do Unigênito de Deus, que quer dizer, senão persuadir-nos que nesta genealogia também se numera a Santa, que seu amor soleniza? Assim o creio, ainda que o Evangelho explicitamente me não declare. Eu venero a gloriosíssima Santa Ana por Ave de IESU Cristo segundo a carne; e por isso a respeito com aquela nobreza, e qualidade, que no seu Neto Santíssimo nos persuade o Evangelho: porém Oh! Esta nobreza não é aquela, de que se gloria a nossa Santa; a honra, de que ela faz timbre, lhe provém das virtudes, que com assombro de todos praticou. Veja-se alguns desses mais ilustres do mundo adornado do Espírito do Senhor, e confesse, se lhe vem à memória para estimá-la com a nobreza, que conferiu-lhe o sangue, de que nasceu? A verdadeira nobreza, diz o meu Expositor Silveira, nos vem, não do sangue, sim das virtudes: *vera nobilitas non ex sanguine, sed ex uirtutibus*. A nobreza pois, de que Ana se gloriava, lhe conferiram as mais excelentes, e peregrinas virtudes, que adornaram desde o berço a sua Alma imaculada. Os seus jejuns, os seus cilícios, os seus trabalhos, as suas contemplações, as suas disciplinas, e penitência rigorosa, sem atender, nem aos gritos da carne, nem aos clamores do sangue, foram que lhe deram o ser ilustre na face do Rei Eterno. Não houve virtude, por agra que fosse, que Ana não praticasse em grau mui superior; em cada uma delas se fazia tão especial, que, exceptuando-se sua Filha Santíssima a fez o Senhor Superiora a todos os Justos. Este o plano, em que há de rodar o meu discurso, e se me permitis benévolos as atenções, eu já vou pôr em vossas presenças a idéia que tenho concebido. Senhor, Vós, que nessa Sagrada Fonte, de onde manaram os Sacramentos, assistis aos nossos olhos oculto, e só para a nossa veneração exposto, consagrai o perfume de louvor em minha boca, dai uma unção da vossa graça às minhas palavras, para que fique a Matrona Sagrada, o que se aplaude, completamente louvada, e o vosso Povo santamente instruído.

Somente Deus pode exaltar dignamente, e premiar a seus Santos, porque como ele lhes comunicou a Santidade, é que pode julgar a grandeza dos seus merecimentos. Os homens não sabem dignamente premiar, e louvar; eles põem em um mesmo predicamento as coisas grandes, e as coisas humildes: a sua justiça está cheia de imperfeições, pela maior parte conferem o prêmio a quem merece o castigo; mas Deus, cuja justiça é infinitamente reta não procede deste modo; ele conhece os merecimentos dos seus Santos, e a medida deles lhes confere o prêmio merecido. Ana é a melhor prova desta verdade; os seus merecimentos foram tão avultados, que Santo nenhum na Supe-

rioridade a pode igualar. Todos esses Corifeus da Santidade, que adornam os Santuários, tiveram exemplares a quem seguir. Pedro morto em uma cruz a um André: Inácio penitente nas covas de Manreza a um Paulo nas covas de Calábria: Paulo austero nos desertos das Tebáidas a um Ilário nos desertos mais solitários: Alexandre Romano morto às mãos dos Tiranos pela fé Católica a um Evâncio. Ana porém, Senhores, não se assemelha àqueles Espíritos felizes, e tanto excede na justiça, e Santidade, que apenas entra no mundo, quando logo principia Deus a mostrar esta excelência, e prerrogativa.

Nasce Ana de Estolano, Emereciana (eu não sei, se a língua sendo humana terá esforço para publicar as excelências de uma criatura tão adornada, e enriquecida da mão poderosa). Nasce, digo, na humilde cidade de Belém. Sigila Deus em seu tenro peito com Letras de ouro o nome de Ana. Já neste prodígio mostra Deus a superioridade, com que adorna esta Alma inocente. O nome é um sinal, pelo qual nos distinguimos, entre os mais. Este imposto pelos homens apenas distingue o exterior dos sujeitos, imposto por Deus, diz Santo Ambrósio, patenteia, e mostra as excelências das pessoas. Mas se Deus impondo os nomes dá a conhecer as prerrogativas das criaturas; muito mais mostra a sua especialidade na singularidade da imposição. Os nomes que Deus impôs a outros Santos somente os declarou a voz do mesmo Deus. Diga-o Adão, a quem Deus lhe deu o nome. Confesse-o Abraão, a quem Deus lhe deu o nome de Abraão. Manifeste-o Jacó, a quem Deus lhe deu o nome de Israel. Publique-o um Simão, a quem Deus lhe deu o nome de Pedro. Porém a esta Matrona nobre não se lhe expressa por palavras o nome, sigila-se em seu peito. Ao grande precursor Batista também Deus lhe impôs o nome de João; mas com grande diferença, manifestou-o Zacarias seu Pai: a Ana porém se lhe imprimiu em seu corpo por mão de um Anjo. O nome de João foi escrito, por não poder pronunciar seu Pai: o de Ana foi impresso voluntariamente só para dizer-se é tão superior em seus merecimentos, que excede a todos os Justos; sim, meus ouvintes, a vida de Ana nos irá mostrando a verdade desta proposição. Eu dos seus primeiros anos não digo nada, e assim como as nossas vistas se não costumam deter por muito tempo no frontispício, e perspectiva de um Palácio, quando lhes é preciso correrem poucos momentos as belas Imagens, e diferentes formosuras, que dentro de si encerram; tendo eu tantas maravilhas que vos fazer ver, e admirar na vida de Ana, deixo os tempos da sua infância.

Diz São João Damasceno, que esta incomparável Matrona soube de tal modo conseguir virtudes, e adquirir merecimentos para com Deus, que aparece na sua face, e na dos homens irrepreensível. Grande excelência de Ana? Aparecer na vista de Deus sem culpa é possível: aparecer entre os homens sem causa para reprobações com dificuldade se consegue. A mente Divina conhece as coisas como

são em si, e da mesma sorte as manifesta. O entendimento dos homens contenta-se em olhar para o exterior das criaturas; não cuida em penetrar o fundo dos corações; este o motivo para que sempre vivem enganados. A vontade Suprema elege o bom, e reprovava o mau. Os homens padecem contrários sentimentos; Deus louva o que é digno de aplaudir-se: os homens vituperam o que deve ser louvado; êles chamam mau ao que é virtuoso; covarde ao que é prudente; temerário ao que é valoroso; vil ao que é humilde; perverso ao que é santo. Ana bem o experimentou; era prudente, valorosa, humilde e virtuosa, enfim era Santa: mas que aplausos conseguiu dos homens? Uns a insultavam, outros a ultrajavam, e todos a vituperavam: só nos olhos de Deus estava inocente; no conhecimento dos homens a reputavam culpada. Esta esclarecida Matrona, antes de ser Mãe de Maria Soberana, já tinha deixado pendentes os troféus, com que conseguiu a Superioridade entre a dilatada série dos justos. Já a sua fé era mais constante no crédito, que dava aos Divinos Mistérios, que a de um Abraão. Já a sua caridade em beneficiar aos pobres era mais ardente que a de Sara. Já a sua obediência era mais perfeita em sujeitar-se aos preceitos do Sacerdote do Templo, que a de um Isaú. Já a sua misericórdia na distribuição que fazia dos seus bens, excedia a de Davi. Já últimamente a sua paciência era mais distinta em suportar as desatenções de uma criada sua, que a de Jó. Aqui podeis ver com mais evidência o excesso, com que Ana preferia aos demais Santos.

Suportar as calúnias de um subalterno com tal constância de ânimo, é uma das maiores virtudes. Sara, mulher de Abraão, impacientou-se tanto, de que Agar, sua criada, a desprezasse por estéril, que não satisfeita com improperá-la de palavras, e queixar-se a seu marido, a obrigou a fugir de fora de casa. Sara filha (sic) Raquel, porque uma criada sua lhe lançou em rosto a pouca fidelidade, que tributara a seus maridos, de tal sorte perdeu a paciência, que quase tirou a vida a si própria. O mesmo Jó aplaudido nas Sagradas Letras por paciente lá se queixou, que seus criados o haviam desprezado. Porém Ana só se lembra das injúrias para as sofrer com valor incrível, e nunca para procurar nas queixas a sua consolação. Ó, e quão agradável não chegaria até o Trono da Divindade o cheiro de um tão precioso holocausto! Sim: ela só levanta os olhos a essa Terra de vivos, e diz: Vós, Senhor, tendes a vossa glória em castigar aos culpados, que abusam dos vossos benefícios, e é justo, que todos os interesses das vossas criaturas cedam aos vossos, e que elas vos sejam sacrificadas para reparar as ofensas, que contra vós cometeram: Eu adoro os vossos Juízos, eu me submeto às vossas disposições, e acompanho a essas Hierarquias Angélicas no gosto que têm da Glória, que se vos segue de dares às criaturas o justo castigo das suas culpas. Mostra enfim ter um coração maior, que o de Davi; este pode sofrer

as detrações de seus inimigos, mas as blasfêmias, que contra ele proferiam seus amigos, não pode suportar aquele Régio Coração, de sorte, que insofrido pede ao Deus de Israel, que o vingue dos improperios. Sim: Ana antes que Deus executasse o decreto de Progenitora de Maria Santíssima, já praticava as virtudes com o excesso, que vos tenho ponderado, porém os homens lhe negavam o louvor merecido. Experimentou o mesmo que aconteceu ao Filho de Deus: dava vista a cegos, fala a mudos, ouvidos a surdos, ressuscitava mortos, perdoava pecados: ainda assim lhe negavam os homens o louvor devido. Uns diziam que era o Batista, outros que era Elias, e Jeremias, ou algum dos Profetas. Isto também, me parece experimentaria Ana.

Aparecia na presença dos homens formosa, e talvez diriam, isso tem Sara: aparecia benigna, e diriam isso tem Rebeca: aparecia gentil, e diriam, isso tem Raquel: aparecia com esforço, e diriam isso tem Jale: aparecia valorosa, e diriam, isso tem Débora: aparecia prudente, e diriam, isso tem Abgail: aparecia engraçada, e diriam, isso tem Ester: aparecia no Templo orando, e diriam, isso faz Ana Mãe de Samuel: enfim aparecia devota, e penitente, e diriam isso pratica Ana Profetiza, e deste modo lhe escureciam os seus merecimentos: desta sorte discorriam os homens nos louvores da Ana. Porém Deus a quer fazer também aplaudida pelos homens: ele a faz fecunda, a elege para Mãe de Maria Soberana. Já os homens não têm que dizer contra ela: já as suas virtudes são conhecidas: já confessam é mais inocente que Abel; é mais pura, que José: é mais obediente, que Isac: é mais forte que Davi: é mais sábia que Salomão; que a sua mansidão é maior, que a de Moisés: já finalmente publicam que Ana é superior a todos os Justos.

Sim nesta dádiva do Altíssimo se pode ver os merecimentos de Ana. O prêmio, que Deus confere a seus Santos é o melhor modo para mostrar-nos a grandeza das suas virtudes: ele mesmo o insinua. Quis mostrar-nos o quanto nos agradavam as obras de Enoc, levou-o para o Paraíso ainda vivo: quis dar-nos a conhecer a perfeição, e Santidade de Noé, livrou-o do dilúvio universal: quis mostrar-nos a fidelidade de Abraão, e a pureza com que observava as leis Divinas multiplicou-lhe a descendência, que como as estrelas no Céu é inumerável na Terra; e fê-lo Senhor de toda a vastidão do universo. Porém a Ana dá-lhe por prêmio aquela inestimável jóia do peito do Padre; uma filha, digo que tanto lhe sublima, e realça os merecimentos. Todos cuidam ter em sua casa esta felicidade: todos queriam ver em sua família esta Donzela; porém somente a Ana se concede; somente a Ana encontra Deus com merecimentos para tão alta dignidade; para Mãe, digo de uma filha, da qual havia nascer o Divino Verbo Encarnado: ela foi a que teve esta prerrogativa: os mais apenas alcançaram deste mistério um escuro conhe-

cimento. Revela Deus a Ana que aquela Virgem havia ser a Mãe do Messias suspirado: os mais esperam, e não alcançaram; Ana conseguiu o que desejava: os mais pretenderam dar esta alegria ao mundo, e não a executaram: Ana pretendeu, e a praticou: os mais procuraram que em sua casa estivesse quem havia libertar aqueles Justos, que esperavam a sua redenção, morreram sem o alcançarem: Ana procurou, e teve a felicidade que de sua casa saísse este Restaurador.

No mesmo instante, em que deu Luz a Maria lhe anunciou o Arcanjo, que já lhe começava amanhecer o dia da sua felicidade eterna, e reparação do gênero humano; porque já era nascida a que havia ser Mãe do Divino Verbo: cheios de inefável júbilo com esta esperança todos aqueles Justos rendiam as graças a Deus por este benefício: sim; rendia a Deus as graças Adão vendo nascida a Árvore da vida, cujo fruto havia ser o destrutivo do veneno de outro fruto, que a ele, e a sua infeliz posteridade causava a morte. Fazia o mesmo Eva de saber que era nascida aquela tão desejada Virgem, que havia de mudar em felicidades as misérias que ela havia deixado por herança a seus filhos. Dava graças Noé de ver fabricada a melhor Arca, em que todo o gênero humano poderia salvar-se do dilúvio das culpas, e aparecer já no mundo a mais agradável Iris, que segurava perpétua paz entre Deus, e os homens.

Praticava o mesmo Abraão de ver que já tinha por descendente a estrela que resplandece de noite mais, do que a Aurora que ilumina o dia, e lhe assegura nascer de sua geração o verdadeiro sol de Justiça. Jacó também se gloriava de ver levantada sobre a redondeza da Terra a escada, por onde os homens sobem seguros a essa Luzida Esfera. Rendia Moisés as graças a Deus de ver nascida aquela Sarça não consumida, ainda que abrasada, em que Deus havia falar com os homens, e em que os mesmos haviam chegar com confiança na presença do Pai Supremo. A este seguia — seu Irmão Aarão por ver nascida aquela prodigiosa Vara, da qual havia nascer a melhor Flor de Jesse. Davi se gloriava por ver já tecida a funda, da qual a mão poderosa havia despedir a pedra que derubou a soberba de infernal Gigante, e destituiu aos Fariseus incrédulos inimigos da sua própria conservação. Ultimamente todos os Patriarcas, e Profetas viram já cheias as suas esperanças, cumpridas as suas profecias, próxima a sua liberdade, e o fim último do seu desterro. Todas estas felicidades conseguiu a Senhora Santa Ana em prêmio dos seus pré-excelsos merecimentos, e agigantadas virtudes. Entre tantas Matronas, e varões eminentes na Santidade somente a esta encontra Deus com merecimentos para a premiar com tão alta dignidade, e distinção. Sei eu que nos desertos de Sinai querendo Deus fazer Capitães e Regentes que governassem a seu Povo com paz, e quietação descobriu em cada Tribo um chefe

capaz deste ministério. Sim: na tribo de Rubem achou a um Eliseu Na tribo de Simeon um Samaliel. Na tribo de Judá um Naasson filho de Abinadab. Em todas um finalmente descobriu digno de caráter de Príncipe das Tribos: porém entre tantas Matronas, que floresceram no tempo de Ana somente a ela descobriu com merecimentos para a condecorar com o título de Mãe de Maria Santíssima.

Para a confirmação de muitas dádivas, e mercês se encontram muitos dignos. Diga-o São João no seu Apocalipse, quando presenciou a muitos servos do Senhor assinalados com o caráter de seus escolhidos. Confesse-o o Povo Hebreu, quando viu em suas portas o sinal de sangue que os livrava da ira de Deus vingador. Leia-se finalmente toda a Escritura Sagrada, e nela se descobrirão muitos exemplos destes. Sim todos nunca em seus merecimentos foram tão relevantes, que não encontrassem com outros iguais, porém Ana na dádiva que teve de Onipotente Deus mostra que foram as suas excelências tão superiores, e os seus merecimentos tão distintos, e avultados que a constituem uma Matrona com vantagem a todos os Justos.

Não está satisfeita a vossa esperança vendo a Santa Ana nos progressos da Santidade sem semelhante entre os Criadores? Acompanhai-me com o pensamento a esse Majestoso Trono de Luzes, e nele descobrireis tantos excessos para abono do nosso linimento (Deus Onipotente, agora mais que nunca necessito dos influxos da vossa graça, iluminai com um raio das vossas luzes as escuridades do meu entendimento, confortai sua fraqueza para que me faça dizer de um modo bem a grandeza a que fizestes subir a Senhora Santa Ana a vossa Corte). Sim: ali a vereis excedida só de uma filha Imaculada, e com preeminência a todos os Bem-aventurados. O Senhor a coloca no seu mesmo sólio dando-lhe aquele assento que a mulher de Zebedeu indiscreta pedira para seus dois filhos: ela queria que o Senhor os fizesse assentar no seu mesmo Trono; um da parte direita outro da parte esquerda; mas Cristo que para sua Santíssima Ave havia ab eterno reservado esse lugar, respondeu que não estava na sua mão despachar favorável a petição, como se lhe dissera, que esse lugar era o que os méritos de Ana lhe haviam grangeado. Sim ali vereis que todos os espíritos Senadores vêm tributar-lhe venerações; eles não deixam de conhecer o quanto difere da sua natureza de Ana, não ignora que Deus os criara com outra Superioridade; e que o ser humano não pode competir igualdade com o de Anjo; mas ainda assim se humilham todos aos pés de Ana, se abatem pequenos na sua Presença como reconhecendo-a Superior a todos os Cortesões, Celestes. Retirai, preclaríssimo Congresso retirai a consideração deste abismo de confusões, e prostrados por terra adoremos, reverenciemos, e com incessantes cânticos de louvores tributemos a nossa Santa os mais devotos cultos que pela superioridade,

que tem em toda série dos Justos atendera benévola as nossas súplicas.

Sim: Heroína Sagrada; nem de outra sorte devia portar-se a vosso respeito a onipotência: vós lhe representastes méritos, que por tão avultados excedem a compreensão humana, não cabem na esfera da língua; enfim são incompreensíveis à nossa inteligência; pois sendo invariável a sua justiça, qual não havia ser o prêmio que satisfizesse merecimentos tão altos? Distingui-vos com imprimir-vos no tenro peito com Letras de ouro e gracioso nome que vos adorna: fez-vos seminário de virtudes tão sublimes que chegastes àquele grau de perfeição a que não chegaram (porque Deus não quis) os outros Justos: enriqueceu-vos com dar-vos uma filha, que havia ser a cor-redentora dos homens: produção esta, que todas as Tribos principais de Belém esperavam em sua casa para distinção, e respeito de sua família; e por fim só vós fostes premiada com esta jóia: enfim para que ainda depois de morta não ficassem os vossos méritos sem igual satisfação colocou-vos o bom Deus no seu mesmo sólio, querendo que todos os Justos conhecessem pelo prêmio os vossos merecimentos. Assim é, nobre Matrona que se satisfazem os serviços de quem trabalha por merecer. Não injuriu a vossa equidade a respeito dos vossos devotos com propor-vos a retidão, que vosso Neto Santíssimo se houve convosco; sim lembro aos que me escutam, e como se deles depender o prêmio se hão de portar com os que trabalham por alcançá-lo; para eles é que deixo esta lição, não para vós que nessa parte imitais ao Bom Deus: interpondo-lhe todos os vossos serviços, e merecimentos para que ele se mova a olhar benigno para os que recorrem a vosso amparo. Pois a Gloriosa Santa, se o prêmio deve sempre para conservar-se a equidade da justiça corresponder aos serviços, o nosso Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General, que vos aplaude tem a vosso respeito serviços relevantes: ele querendo patentear a grande devoção que vos tributa não descansou enquanto vos não viu receber incensos, e adorações nesse Altar, que para vossa Imagem Sagrada fez adornar com particularidade. Não é a primeira vez, que vosso Neto Santíssimo mostra em sonhos a seus servos o como hão de obrar para seu maior agrado. Diga-o João Patrício, quando por inspiração Divina edificou em Roma o magnífico Templo de Santa Maria Maior. Confesse-o Jacó quando indo para Aarã lhe inspirou Deus levantasse um Santuário para maior honra, e glória do seu Santíssimo Nome. A imitação daquelas teve em sonhos o nosso preclaríssimo Herói uma visão edificasse em honra vossa um Altar, e por fim fez colocar nele vossa Imagem Imaculada, que há tantos anos vivia oculta sem adorações. Este serviço, prodigiosa Matrona, é sinal evidente da sua devoção religiosa, e certamente, que assim o confessamos todos. Eu do seu interior, passo em silêncio, porque se para si ou para quem ele quer

reservou o Pai das Luzes; mas se é certo, que logo mostra a exterior o que as entranhas ocultam, se é verdade na melhor filosofia, que pelos efeitos se vêem no conhecimento de causa, pelo que vejo obrar o Ilustríssimo General a vosso respeito infiro a sua inexplicável devoção: ele vos ama com um amor Santo, sincero, e sem limite obrigando-vos com ele a que tenhais no número dos vossos favorecidos. Eu me recordo segundo dizem as Sagradas Letras que a um Salomão se por haver edificado altares, levantado suntuosas colunas, nas quais o Senhor como Deus de Israel fosse adorado lhe conferiu a Liberal mão do Altíssimo tanta preciosidade, e abundância, que logrou tudo quanto apeteram seus olhos, tendo só entre concubinas, e Rainhas quantas bastavam para a povoação de uma cidade: nas riquezas que possuiu de maneira, que a prata se pisava em Jerusalém como pedras: no mundo, que gozou dilatado, e pacífico desde as vertentes do rio dos Filisteus até os termos do Nilo: na glória, e celebridade de entendido sendo dos homens o mais sábio. Se a um Davi pelo excelso com que fabricou o magnífico Templo de Deus, que não só ofereceu todo ouro, e prata que possuía mas também procurou que todos os Príncipes, e Soberanos ofertassem suas grandezas, e riquezas para aquele Soberano edifício a especializou tanto o Senhor, que nas escrituras serve de objeto as mais justas admirações; por que não usareis da mesma liberalidade com este vosso fiel devoto? Ele como se desconfiasse dos seus merecimentos vos interpõe os daquele que é Filho de tantos Reis, Augustíssimo Monarca, e honra de toda França São Luís, digo, cuja Imagem Santíssima nesse Altar faz receber de hoje em diante públicas adorações: São Luís, de cujo nome se honra apelidar o nosso Herói, ele é quem o Ilustríssimo General escolheu para vos orar a seu respeito: ouvi as súplicas devotas deste seu Patrono e unidos os vossos merecimentos, com os daquele Santo Rei todas ponde por mais vizinhas ao Trono, na Presença de Vossa Filha Imaculada a favor de quem vos ama com excesso, para que ela como Madrinha, que desde a Pia Batismal o recebeu debaixo da sua proteção, o faça tão favorecido da mão poderosa, que nesta vida goze felicidades sem número, na outra ventura de Bem-aventurado. Amém.

O Sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Doutor em Teologia Frei Salvador Machado na tarde do domingo, quarto dia destas festas, é o seguinte

Não foram só os Romanos, os que conseguiram a glória de ter atualmente presentes os fatos assinalados dos seus Heróis com o uso das Estátuas (Senhor). Também a Igreja, nossa Mãe, faz com que nós tenhamos a inexplicável glória de nos recrearmos com as ações mais ajustadas dos Corifeus da Santidade, patenteando aos homens suas Imagens, em as quais, como em Mapas, lemos as virtudes mais

relevantes, que estes exercitaram quando viadores: e se os Romanos colocavam as Estátuas dos seus Heróis em as Praças públicas, não só para perpétua memória, mas também para animar aos homens a imitá-los; a Igreja nossa Mãe manda, que nos Templos em que buscamos a Deus verdadeiro para a adoração nesse mesmo se coloquem as Estátuas de seus seguidores, não só para perpétua lembrança de suas ações ajustadas aos preceitos Divinos, mas também para animar aos Católicos a seguir os seus passos. Neste Templo vemos hoje reproduzida esta ação, famigerada entre os Romanos, e pia entre os que professam obediência ao grande Deus das Nações, a impulsos de um coração nobre, que dando Leis em o Governo Temporal, que lhe compete, no Espiritual exemplifica de tal sorte, que causando admiração universal, a uns serve de modelo, a outros de confusão. Este é o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor D. Luís, Morgado de Mateus, e Capitão General desta Capitania de São Paulo. Ele arrebatado de um zelo católico, de um desejo insaciável, e de uma devoção fervorosa à sempre ínclita Matrona, e nunca assaz louvada Heroína a Senhora Santa Ana, lhe dedica uma Capela, consagra um Altar, e edifica um Trono, em o qual coloca a sua Sagrada Imagem, sendo movido de um sonho, em que se prognosticavam felicidades por meio desta colocação. Muitas idéias podia eu levantar agora, nobre Auditório, com as quais pudesse entreter-vos: porém, seguindo o método mais próprio para este ato, e respeitando a obrigação indispensável, que me acompanha, de conduzir, e arrebatat os vossos corações pelo caminho da verdade para o êxito feliz de nossa expectação, permitindo-me, que pondo de parte todos aqueles termos, com que podia somente deleitar-vos, vos proponha as felicidades, que podeis facilmente alcançar por meio da colocação daquela Sagrada Estátua, que presente tendes; não me apartando um só ponto do moral Santo do Evangelho de IESU Cristo. E vós Pai misericordioso, centro de toda a felicidade, dirigi a minha língua para proferir somente palavras proveitosas ao respeitável Auditório, que me atende, por intercessão de Maria Santíssima — Ave Maria —

Sendo a felicidade um cômodo conducente para a conservação da própria natureza, e um complemento fiel de qualquer ação do homem, não há criatura alguma que a não apeteça; e assim trabalham todos incessantemente por adquirir este precioso tesouro. A felicidade de um Monarca está em conservar os seus vassallos em uma paz permanente, e livre de qualquer acontecimento, que lhe possa ocasionar uma cruel guerra, dirigindo o seu Povo com Leis proporcionadas à segurança desta tranquilidade: para este fim pediu Salomão a Deus, que, deixando de repartir com ele as riquezas, conquistas, e outros cômodos pessoais, somente lhe desse uma prudência, sabedoria, e docilidade com que pudesse reger o seu Povo de tal sorte, que não

discrepasse daqueles pontos, que tinha prescrito a Sabedoria Divina; e nisto achou aquele Sábio Rei a sua maior felicidade.

Discorrendo assim pelos estados pessoais de todos os homens, cada um em sua esfera trabalha incessantemente por alcançar o fim proporcionado a seu emprego com a felicidade, que naturalmente apetece, inda sem merecê-la, como sucedeu à Mãe dos Filhos de Zebedeu, quando imprudentemente pediu a Cristo, que fizesse sentar seus filhos a destra, e a sinistra do Trono de Deus. Esta máxima comumente compete àqueles, que parando nos cômodos deste mundo, não adiantam o pensamento a considerar o fim, para que os produziu a onipotência. Estas, e outras semelhantes, que só dizem respeito à parte material de nossa organização, não são o último fim, em que deve descansar a nossa diligência, como diz Santo Agostinho; porque como é esta matéria informa uma alma racional, imortal, se superior esfera, e criada por Deus para gozar a companhia do mesmo Senhor na posse de sua glória, devemos empregar todo o cuidado em atingir este fim, do qual pende a maior felicidade do homem. O espírito do Evangelho nos encaminha a esta doutrina tão sólida, como deduzida das Leis, que Deus tem prescrito desde a criação do primeiro homem até a época presente: isto mesmo nos ensinam os Santos Padres, e nós com obrigação impreterível devemos executar, seguindo os ditames Santos, que nos prescreveu o Altíssimo.

Para alcançar pois estas felicidades nos está inspirando o Pai das Luzes os meios mais proporcionados: entre estes não tem menor Lugar a intercessão, e rogativa dos seus Santos, pois agradecidos aos obséquios, com que os veneramos neste mundo, se fazem no Céu, (sic) Patronos de nossas causas. Não se nos patenteia cada dia no mundo esta verdade figurada? Atendei aos Príncipes da Terra, e vereis, que melhor, e com mais facilidade se alcançam deles os benefícios pelos rogos de seus validos: Pois o mesmo sucede para com Deus, porque, posto que ele nos ensine no Evangelho, que basta pedirmos para alcançarmos, contudo o achamos mais propício, quando interpomos os merecimentos de algum daqueles, que souberam grangear pelas virtudes sua vontade. Ah! E quem não dirá na ação presente, que temos seguras todas as felicidades, colocando-se a Senhora Santa Ana neste Templo para intercessora do nosso bem, e medianeira dos nossos votos. Todos o devemos confessar, vendo colocada a sua Imagem; pois se esta expectação nos acompanha para com os demais Santos, qual não há de ser, a que devemos ter, e nos deve acompanhar para com a Senhora Santa Ana? Ela é, a que entre os validos do Senhor, pode melhor oferecer-lhe as nossas súplicas, e alcançar para as nossas petições os melhores despachos: com ela podemos aprender o exercício das mais perfeitas virtudes, que nos asseguram um fim ditoso: Ela, qual outra Ester, é a que pode mitigar a ira Divina, fazendo com que escapemos das Setas do Oni-

potente. Não, não vos assustem mais as calamidades do mundo; porque, se Deus mandou a Davi, que fabricasse um Templo para que colocada nele a Arca do Testamento, tivessem a quem recorrer os ex-Israelitas nas suas necessidades, achando nele as felicidades, que pretendiam; neste Templo manda colocar o nosso Capitão General a Senhora Santa Ana, qual outra Misteriosa Arca, para nela conseguirmos aquelas felicidades, que até agora jamais pudemos alcançar.

Ó se assim como se nos patenteia hoje a sua Sagrada Estátua para ser adorada, imitássemos suas virtudes! Nela acharíamos um perfeito modelo na liberalidade, quando repartindo os seus bens em três partes, distribuía a sua fazenda, como manda distribuir o Senhor de todas as riquezas; da paciência, quando lançada no Templo pelo Sacerdote dele, ficou inflexível a tanto abatimento; da resignação, quando, por estéril a apartavam da companhia dos que oravam a Deus, dando graças ao mesmo Senhor, por padecer tantos opróbrios, quando tudo pendia de sua Santa vontade, e nela se haviam de manifestar ao mundo tantos prodígios: e percorrendo assim por todas as virtudes, em que se exercitou fielmente (como diz Vernulco) imitando-a, teríamos, não só as felicidades do corpo, que são precisas para a conservação da parte material, que nos compõe, mas também a principal felicidade, que é a da parte espiritual que nos informa, gozando o sumo Bem para que nos deputed a Onipotência Divina. Não paremos aqui, amados Irmãos, adiantemos o pensamento. Quem não vê os incensos, adorações, e cultos, que na face destes Altares tributa hoje a Deus em honra, e louvor da Senhora Santa Ana aquele famoso Herói, que presente tendes? Ele com seu exemplo faz com que todo este Povo convocado, e unido implore do Deus das misericórdias os bens, que aspira, pondo em sua presença dos medianeiros os relevantes merecimentos da nossa Santa. Ele revestido das virtudes morais, que o adornam, qual outro Davi, é o primeiro, que em contínuos júbilos festeja a colocação daquela verdadeira Arca. Segui, segui os seus passos na ocasião presente, que eu vos prometo as melhores felicidades, que podeis desejar: Vós as experimentareis, se, pondo os olhos em Santa Ana colocada, imitardes suas virtudes, e se, seguindo os passos de Sua Excelência, vos mostrardes fervorosos em implorar o patrocínio daquela Soberana Matrona. Muito podem para exemplificar os Povos as ações dos Príncipes, e muito servem estas para a felicidade do homem, se se regulam pelas linhas lançadas por Deus nesta grande fábrica do Universo. Trazei à memória o capítulo 13 de São João, e aí vereis, que se humilhou Cristo no Lavatório de seus Discípulos, só por deixar o exemplo, do qual se não afastassem os Apóstolos, e o comunicassem aos seus vindouros. Jamais os de Ninive fariam penitência, quando lhes pregou Jonas, se não vissem ao seu Rei, primeiro que todos, coberto de cinza, e silício. Com o

exemplo de Aminadab, e Sacerdotes entraram os Israelitas pelo mar Vermelho, não obstante verem de uma, e outra parte as águas ameaçando ruínas. Mas que infelicidades não acontecem, quando o coração dos Grandes se transporta para a malícia! O Povo Hebreu sempre se conservou temente a Deus, enquanto foi governado por Josué, e outros, que não declinavam da retidão; mas logo serviu a Baalim, quando começaram a enfermar as cabeças, que o regiam. Apenas Herodes zombou de Cristo, quando logo fizeram o mesmo os seus Capitães, e Soldados. Absalão foi traidor a seu Pai Davi, e tais se mostraram seus criados. Destes, e outros muitos fatos, de que a Sagrada Escritura é Mestra, se colige, o quanto movem os exemplos dos Superiores.

Ó e quantas ações todas dignas de recomendável memória se encerram hoje nesta colocação! Eu deixo de as referir, porque todas as tendes presentes, e cada uma delas mudamente vos está arguindo o interior para a imitação: deixo em silêncio as magnificências, que da liberalidade de Sua Excelência se têm comunicado às nossas vistas: não me canso em mostrar-vos a fé viva do mesmo Senhor, por meio da qual espera para a sua Pessoa, e a esta Capitania as maiores felicidades, não, não é só este o meu desígnio: eu também quero, que conhecendo vós, a Glória Eterna é a maior felicidade que podemos aspirar; que as ações virtuosas são as estradas, por onde caminhamos seguros para a mesma Glória, imiteis às da nossa Heroína colocada, sigais os passos do nosso Herói nas ações presentes, que continuando desta sorte os passos nesta vida, outros tantos dais seguramente para o gozo da maior felicidade por meio desta colocação. Disse.

A Loa que se representou no Teatro das Óperas na
terça-feira 21 de agosto, 6.º dia destas festas, é a
seguinte

Interlocutores

Vênus, Orfeu, Marte, e Palas.

Canta 'a Música.

Hoje ao som de alegres vozes,
e sonoros instrumentos
Louve o mundo a D. Luís
famoso Herói destes tempos.
Marte, e Palas empenhados
concorram como primeiros,
Marte a louvar seu esforço,
Palas, seu douto engenho.

Da Deusa do Amor
Obrigue o império
A todos que hoje
lhe rendam obséquios.

Sai Vênus, e Orfeu, e diz

Orfeu — Segundo entendo essas vozes
eu devo ser o primeiro.

Vênus — Neste aplauso a primazia
cede ao meu merecimento.

Orfeu — Fatal encontro! E por quê?
Dize-me, que privilégio
te concede o Sumo Jove
superior ao que tenho?
Acaso ignoras que eu sou...

Vênus — Não prossigas: bem conheço
que és aquele humano, a quem
o Divino Luzimento
falta para conhecer
do meu mérito o excesso.

Orfeu — Pois é alguma Deidade,
a quem como humano cedo?

Vênus — Os mesmos Deuses não podem
ultrajar o meu respeito,
porque todos solicitam
conciliar meus afetos;
Logo como tu recusas
tributar-me rendimento?

Orfeu — Bem te inculcas por Divina
nesse peregrino aspecto,
porém quem sejas ignoro.

Vênus — Pois eu te digo, ouve atento.
Eu sou a Deusa do amor,
tão poderosa que sendo
Mãe do mesmo Amor invicto,
mais que amor poderes tenho.
Ambos conseguimos Lauros
no igual triunfo que temos,
mas vai tanta diferença
do seu ao meu vencimento,
quanta vai do ser segundo
na vitória ao ser primeiro.
É primeira a formosura
em render a qualquer peito,
onde então amor impera,
quando já rendido o tenho.
Diga Jove, e outros, quando
sentiram de amor incêndios,
senão depois que se viram
à formosura sujeitos.
Logo se dos meus vencidos
ele alcança os meus troféus,
que são mais os meus poderes
fica a todos manifesto.
Discorre por essas partes,
que compreende o universo,
verás públicos no mundo
do meu poder os exemplos.
E se quando o mesmo amor,
meu império conhecendo,
me cede, como tu queres,
preferir-me aqui primeiro?
Tu não sabes...

- Orfeu — Não prossigas,
Deidade Sacra, eu me rendo,
pois contrariar não posso,
quando o teu poder contemplo.
O pretender primazia
foi impulso de um desejo,
não excesso de um arrojo,
- Vênus — Não és tu quem nos desertos
de Trácia procuras triste
ser das Feras companheiro?
- Orfeu — Sim, Orfeu sou, que esses bosques
habito, pois aborreço
aplausos, desde que o Fado
às minhas ditas pôs termo;
mas ouvindo as doces vozes
desse sonoro concento,
deponho toda a tristeza,
nova alegria concebo,
deixo os bosques, deixo as feras,
busco este alegre terreno,
onde ao som harmonioso
deste sonoro instrumento
hoje empenhado formar
canções alegres pretendo.
- Vênus — Eu só quisera empenhar-me
em dar um louvor completo
a um Herói, por quem se esforça
hoje amor em seu obséquio.
Porém como concorreste
a tão oportuno tempo,
é bem que os que eu só lhe dera,
ambos juntamente demos.
- Orfeu — Como eu desejo louvá-lo,
pode saber que ao que quero
É mui conforme o que mandas.
- Vênus — Pois já que de amor a empenhos...
- Orfeu — Pois já que a impulsos do gosto...
- Vênus — Para o louvor me ofereço...
- Orfeu — Me apronto para os aplausos...
- Vênus — Com presteza...

Orfeu — Com desvelo...

Ambos — Entre a harmonia das Musas
Repita o coro dizendo...

Música — Hoje ao som de alegres vozes,
e sonoros instrumentos
Louve o mundo a D. Luís como no princípio (?)

Aqui aparecem Marte,
e Palas em um levantado Trono
ao som de Tambores, e Trombetas;
aquele tendo aos pés, bélicas
insígnias, e esta tendo junto a si
uma mesa com livros, a cuja vista
Vênus, e Orfeu admirados dizem

Vênus — Que assombro!

Orfeu — Que novidade!

Ambos — Quem sois vós,
que assim vindes ousados, e soberbos
perturbar com estrondo a suavidade,
confundir o prazer com o funesto?

Marte — Eu Sou o armipotente horrível Marte,
que nas largas campanhas, sempre fero,
Capitães instruindo, e Generais
lhes infundo valor, nobre talento
contra a força inimiga que os ataca.
Eu sou quem com rápido ardimento
desafio os Monarcas à campanha;
a uns me mostro rígido, e severo,
a outros vencedores constituo,
dando igual ao valor devido prêmio,
por que cresça o ardor nos mais combates.
Assírios, e Romanos, Persas, Gregos,
os Césares, Pompeus, os Alexandres,
os Aníbais, Darios, e os violentos
Sertórios, Veriatos, e os Lisandros,
nos meus arraiais foram intrépidos
soldados, e por isso em todo o mundo
a fama os autoriza sempre eternos.
Os estragos prá mim são gosto sumo.
Ao soldado, que vejo em armas destro
intrépido, feroz, valente, ousado,
já no ataque, ou partida, ou já batendo
co fremido da forte artilharia,

Numa Praça, que nega o rendimento,
lhe concedo o meu nome o meu esforço,
a bengala, e as honras do Loureiro.
Enfim sou quem melhor conheceríeis,
se estivésseis no meu alojamento,
onde as bocas do bronze ignipotente
com línguas mil de fogo em meu empenho,
vos diria o mais que agora calo.

Palas — Eu sou Palas, a Deusa das Ciências,
venerada dos sábios, e discretos,
da cabeça de Júpiter nascida,
Nume que é dos mais Deuses o Supremo,
origem verdadeira das ciências,
que no mundo se adquirem com desvelo.
Eu sou a que nas Aulas literárias,
como Mestra presido em alto assento,
dando a borla ao que douto, ao que é perito,
galardão merecido ao seu talento.
Nas Campanhas, nas Praças, e Palestras
instruir sei aos ânimos guerreiros,
para o fim conseguir de seus Triunfos:
ao meu mando, e querer, ao meu império
se sujeitam os Reis. Que Tribunais,
que Tronos haverão nesse Universo,
onde Palas não reja? Pois sem ela
tudo são desvarios, nada acertos.
As Púrpuras, as Togas, os Bastões
eu só dou aos que são meus beneméritos.
Eu enfim sou prudente, e poderosa,
pois Cidades, Repúblicas, e Reinos,
enobreço, dou Leis, impero, e mando

Vênus — E qual é, Marte, agora o teu intento?

Orfeu — E tu também, ó Palas, que pretendes?

Marte, e Pal. — Se ignorais a razão do nosso empenho,
por nó responda o Coro harmonioso.

Música — Marte, e Palas, empenhados...

Descem Marte, e Palas
do Trono, e buscam a Vênus, e
Orfeu, e diz

Marte — D. Luís que é preclaro ilustre objeto deste aplauso, que aqui se lhe dedica, é aquele, que sendo nestes tempos pelas armas Herói famigerado, É a glória de Marte em seus empregos. Ele assombro das Tropas inimigas sempre foi, pois seu ânimo guerreiro deu a todos sinais de ser invicto, já na tranquila paz de seu Governo, já no bélico ardor dos meus combates. Logo se ele é de Marte desempenho, quem o há de louvar se não for Marte?

Palas — Ele, além de mostrar-se em armas destro, é de Palas o crédito nas letras, de que são testemunha os seus acertos, com que agrada prudente ao seu Monarca, com que sábio acredita o seu governo, conseguindo, qual outro invicto César, de um, e outro Laurel grande respeito, para aumento da Lusa Monarquia. Logo, se ele é de Palas desempenho, quem o há de louvar se não for Palas?

Vên., e Orf. — Nós.

Marte, e Pal. — Por quê?

Vênus — Eu, porque estes obséquios São de Amor Sacríficos, não de Marte.

Orfeu — Eu, porque a este Músico instrumento seu Louvor, não aos bélicos, pertence.

Marte — Pois atentos ouvi, que eu vos convenço. Na lísia Corte, ou mundo abreviado, militando exerceu honroso emprego, instruindo prudente aos seus Soldados com exato cuidado, e ardente zelo. Por seu alto valor prudência ingênua, Por seu áureo saber, discreto engenho, mereceu, que esse Jove Lusitano estes Povos fiasse ao seu império: com ditames os rege sabiamente, benigno a uns, a outros mui severo; conseguindo em louvável equilíbrio, sem ultraje, ou desdouro do respeito, fazer co favor, e gravidade mui amado, e temido ao mesmo tempo.

A justiça, a brandura, a piedade,
reverência, e temor ao Deus Supremo,
o exaltam no Orbe sem segundo.
Ide todos, entrai naquele Templo,
onde a impulsos de afeto, e devoção
um Altar adornou, em que nós vemos
a arte do Engenhoso Praxiteles,
e de Zeuxis os rasgos mais perfeitos;

vereis nele a Santa Ana, a quem Tributa
sacrifício de Amor, gratos incensos:
confiando permita a mesma Santa
dar um fim venturoso aos seus projetos,
com que intenta aumentar o Luso Estado
com riquezas maiores, que as de Cresso.
Parece-vos que tanta Heroicidade
eu devera ocultar, dar ao silêncio?
mais pudera dizer-vos, porém basta,
saibais, que é D. Luís no seu governo
viva cópia de Marte, e mais de Palas.

Palas — Está da nossa parte o vencimento,
pois quanto Marte diz, publica a fama.

Orfeu — Eu com essas razões já me convenço,
não podendo impugnar essa verdade.

Marte — E tu Vênus que dizes?

Vênus — Eu não cedo;
Que é desdouro ficar de vós vencida,
Quem de todos alcança altos troféus:
mas por que vos convença com justiça,
me dissei a Comédia, que em obséquio
deste Herói se celebra agora, como
se intitula?

Todos — Mais vale Amor que um Reino.

Vênus — E vós contra o amor tendes poder?

Todos — Contra as armas de amor poder não temos.

Vênus — Pois se amor, com todos bem sabeis,
tem tão grande poder, e valimento,
que nem Reinos, nem armas, nem ciências,
deixam de sujeitar-se ao seu Império,
como vós imprudentes pretendeis
nesta ação presidir, como primeiros?
Não sabeis que de Amor sempre a vitória...

- Todos — Basta Vênus, já todos nos rendemos
- Marte — Não é novo que a Vênus ceda Marte.
- Palas — Do Amor sempre foi o vencimento.
- Orfeu — Tudo vence o amor quando porfia.
- Vênus — Pois já eu tive a glória de vencer-vos,
juntamente comigo a tanto Herói
dai Louvores ao som desse concerto
- Música — É justo que se decantem,
deste Herói as excelências,
para que publique a fama
de seu primor as grandezas
- Vênus — Santa Ana sempre permita
vivaís com sumo sossego,
dando ao vosso ilustre emprego
tudo quanto o acredita.
E porque na vossa dita
não se encontre adversidade,
dos Céus a suma Bondade,
a empenhos da mesma Santa,
vos dê, por grandeza tanta,
perpétua tranquilidade.
- Orfeu — Vivei, Luís Soberano,
de Santa Ana protegido,
pois lhe haveis oferecido
um culto mais de que humano.
Vencereis do Tempo o dano,
por tão nobre heróica ação;
pois na mesma ocasião,
em que Altar lhe dedicais,
nele também levantaiis
ao vosso Nome um Padrão.
- Palas — Vivei logrando a prudência
dessa, a quem dais o louvor,
para que vosso valor
se esmalte com a ciência.
Mas seja Vossa Excelência
no mundo sábio se aclama,
ceda Apolo a verde rama,
e entre músicos concertos,
diga, são vossos acertos
eterno assunto da Fama

Marte — Esse da graça Portento,
a quem tanto Louvor dais,
permita sempre tenhais
um invencível talento.
O seu alto valimento
vos proteja em qualquer parte,
onde seguindo o Estandarte
do Rei nas minhas Campanhas,
sejais por muitas façanhas
o mesmo assombro de Marte.

Música — É justo que se decantem
deste Herói as excelências,
para que publique a fama
do seu primor as grandezas.

Vênus — Mostrai Senhor com prudência... Clemência
ostentando sem rigor... Amor
para que seja segura... Brandura
deste Povo foi ventura
ver-se de vós governado;
porque em Vós já tem achado
Clemência, Amor, e Brandura

Orfeu — Neste mundo haveis de ter... Prazer
com muito contentamento... Aumento
para que logreis segura... Ventura
A fortuna vos augura
perpétua felicidade,
pois tereis em toda idade
Prazer, Aumento, e Ventura.

Palas — Dêem-vos glórias não pequenas... Penas
e entre doudas expressões... Razões
vos aplaudam com perfeitos... Conceitos
De vós sejam sempre aceitos
os Louvores que sei dar-vos
pois tenho para louvar-vos
Penas, Razões, e Conceitos

Marte — O Céu vos dêem sem desgraça... Graça
porque em vós nunca se mude... Virtude
e logreis sempre perfeito... Respeito
seja o vosso ilustre peito
nos seus dotes sem segundo,
Logrando sempre no mundo
Graça, virtude, e respeito

Vênus — Viveis, Senhor, não temendo
do tempo adverso as injúrias,
pois deixais o vosso Nome
Eterno em áureas colunas.

Música — Viva viva etc.

Orfeu — Vivei, Senhor, neste mundo
logrando tantas venturas,
que chegueis nunca a temer
a mais adversa fortuna

Música — Viva etc.

Palas — Vivei, Senhor, aumentando
a glória da Croa Augusta,
sendo qual Marte na guerra,
e na paz qual outro Numa.

Música — Viva etc.

Marte — Vivei a Deus ofertando
sacrifícios com fé pura,
e diga a fama, que sois
da virtude o **non plus ultra**

Música — Viva etc.

Todos — Essa que aos Heróis aclama... Fama
por dar-vos superiores... Louvores
vos cante em vozes altivas... Vivas
Entre aclamações festivas
vivereis em toda a idade,
logrando nesta Cidade
Fama, louvores e vivas

A Introdução, que serviu de Loa para a Comédia, que se representou no Teatro das Óperas na quinta-feira 23 de agosto, 8.º dia destas Festas, é a seguinte

Interlocutores
Apolo, e Orfeu
Canta a Música

Triunfantes se hão de ver
dois amantes Soberanos
vencer traições com enganos,
e disfarçar no querer.

Sai Apolo, e diz
Doce canto harmonioso,
cujas vozes entoadas
em delícia te' trocadas
as brenhas do monte umbroso.
Cessa para que não seja
um Paraíso essa espessura;
pois não convém que a doçura
das vozes no bosque esteja.
Fique o meu contentamento
consistindo em haver sido
tão feliz, que tenha ouvido
desse Coro o doce assento.
Mas se algum louvor entendes
nessa forma alguém render:
dize, que eu prometo ser
pronto em tudo o que pretendes.
E se para o teu intento
minha musa tem lugar,
Apolo sou, podes dar,
que fazer ao pensamento

Música — Triunfando se hão de ver
Repete, e glosa

Apolo — Em as batalhas de amor,
onde faz guerra Cupido,
o mesmo que sai vencido
se intitula vencedor.
Guerras são, onde o que for
mais constante há de vencer,
e se pode acontecer
que outro vá correspondendo,
já vencidos, já vencendo
triunfando se hão de ver.

Música — Dois amantes Soberanos.

Apolo — Não temer a adversa sorte,
estimar qualquer perigo
são ações que traz consigo
um amor perfeito, e forte.
Não temer a mesma morte,
nem da Parca os grandes danos,
ser constantes, sem que os anos
sua fé, seu peito movam,
são sinais com que se aprovam
dois amantes Soberanos.

Música — Vencer traições com enganos

Apolo — Enganos no amor? não creio,
nem posso crer que suceda
haver amante, que ceda
aos temores, ao receio.
Mas pode ser que este meio
tomem para desenganos
de alguns traidores tiranos,
autores de todo o mal;
pois é justo em caso tal
vencer traições com enganos.

Música — E disfarçar no querer.

Apolo — Disfarçar bem uns amores
é coisa que poucos sabem,
pois poucos disfarces cabem
no peito que sente ardores.
Disfarces trazem rigores,
e por isso custa haver
quem saiba sem ofender,
nem as Leis de amor faltar
seus afetos simular,
e disfarçar no querer
Canta outra vez a música
o Quarteto que Apolo glosou,
e sai Orfeu, e diz

Orfeu — Doce Apolo, ofereceste
à Música novo alento
pois conforme o nosso intento
em teu verso discorrestes:
Razão porque desse Coro
rendido venho aos teus pés,

Apolo — Primeiro, dize, quem és,
e depois o mais, que ignoro?

Orfeu — Sou Orfeu, o mais, atende:
Sabe, pois, que de Santa Ana
uma Imagem Soberana
Louvar-se agora pretende:
em nós o fervor se acende
e Sua Excelência tanto
se empenha no culto Santo,
que lhe fez tão grande Festa:
isto posto, a causa é esta
deste alegre doce canto.

Apolo — É, Orfeu, a causa urgente,
o motivo é mui forçoso,
por isso tão primoroso
cantastes perfeitamente.
Mas dize, que intentas mais
em louvor da Santa obrar?

Orfeu — Se nos queres ajudar
para fim de aplausos tais,
u'a Comédia apeteço
fazer hoje em seu louvor.

Apolo — Ser mui grande o teu fervor
claramente, Orfeu, conheço:
pronto estou para mostrar
neste aplauso o meu excesso.

Orfeu — Pois então nobre congresso,
nós já imos começar
esperai se quereis ver
dois amantes soberanos.

Ambos — Vencer traições com enganos,
e disfarçar no querer.

A Academia que se fez na Igreja do Colégio desta cidade em o sábado 25 de agosto, que foi o penúltimo dia destas festas, é a seguinte

Oração do presidente da Academia, que foi o doutor Juiz de Fora da Vila de Santos José Gomes Pinto de Moraes.

Não, tremo, Excelentíssimo Senhor, Nobilíssimo Congresso, no repentino empenho de orar, tremam os Cíceros (1) em ação tão arriscada por mais que antevissem, que eles conhecem os perigos; oram entre AA. Romanos. Diversa é a minha fortuna. A minha ignorância dos perigos tem a peculiar felicidade de não temê-los: oro enfim na vossa presença, que tem por caráter a benignidade. Respeito sim o vosso sublime critério, o vosso delicado gosto, mas confessada a minha inércia, a minha ignorância, como deixarão vossos preclaros juízos, vossos sentimentos generosos de indultá-la? Em vossos benévolos rostos, vejo resplandecer já os nobres afetos da compaixão. Vós encheis o meu peito de confiança, a meu coração de alentos. Já, já a vossa inata nobreza, a vossa ilustre Sabedoria vos inspirará motivos fortes para o perdão. O fazer-se esta Academia quase tão repentina, como a instantânea da Corte, em que se propunham no Século passado as matérias, sem estudo antecedente; o improviso, e irresistível preceito, com que fui chamado a este elevado, e desmerecido lugar, e o merecimento da minha cega obediência, são suficientes apologias dos meus erros: porém eu mais me confio nos inseparáveis indultos da vossa benevolência; ela me promete ventura, e o assunto, e letra da nossa Academia (2) me segura felicidade, e a vós todos.

Quietos os espíritos animais do nosso grande General, debilitadas, e embaraçadas as sensações de seus sentidos externos impedidos os movimentos no Cérebro, ou nos mesmos experimentos animais (3) dormindo, digo, na memorável madrugada de 18 de outubro sonhou que distintamente se lhe dizia, levantasse altar, e

(1) In principiis dicendi tota mente, atque omnibus artubus contremisco.

(2) Letra da Academia: Felicidade: é o assunto da Oração.

(3). Causas do sono, conforme os Modernos. Pat. Theodor. de Almit. Recr. Phibos. tom. 4.º, tard. 19, § 6.

colocasse a Santa Ana para felicidade naquela feliz Capela. Este o sonho: feliz sonho! Postos imediatamente em movimento os abundantes espíritos animais, ou não contido nos vasos o sangue espi-rituoso de Sua Excelência, (4) acordado, quero dizer, levantou-se mais alegre naquela hora ditosa do que tinha saído a Aurora, nascido o Sol: e achou acaso neste faustoso dia no Palácio de sua honrosa habitação a Imagem da Heróica Santa. Reparais, bem Senhores, nestas prodigiosas circunstâncias? Refletis, concorrerem todas em dia de um Evangelista, que significa o que dá boas novas? (5) Parece-vos, que Morfeu, Julon, e Fanto, fabulosos Ministros do sono fabricaram o sonho de Sua Excelência? Eu não pretendo persuadir-vos com a força destas perguntas, que o Sonho de Sua Excelência foi sobrenatural; mas se os sonhos naturais são um movimento desordenado dos Espíritos animais pela memória material, vagantes pelos espíritos impressos no Cérebro, que de uns passam a outros, sem guardarem ordem, de que procedem as súbitas transformações, porque se repente sem determinação da alma soltaram os espíritos em vestígio diverso, (6) não tinha eu fundamento para dizer-vos que tão ordenado sonho de Sua Excelência era sobrenatural? Vós com superior critério o decidi, vós o julgai, que eu Senhores me satisfaço com afirmar-vos com o grande Agostinho (7) que o sonho do nosso Excelentíssimo General dormindo é tão feliz como a sua conduta acordado; pois como disse Aristóteles (8) regularmente sonhamos o que fazemos, havemos de fazer, ou queremos.

Que argumento mais convincente do feliz governo de Sua Excelência que o seu sonho feliz? Farão, como provido o Príncipe, sonhava com a fome, e fartura do Povo; o Copeiro-Mor, e outro Ministro da Mesa Real sonhavam com a Taça, e com as iguarias; Nabuco-donosor sonhava com Monarquias e Impérios: cada um sonhava de noite o que pensava de dia.

Já cantou Davi (9) com seu Estro Divino em um verso do Salmo 75, que os sonhos eram relíquias dos cuidados, e faziam ao nosso bom Deus um festivo dia. Penso, Senhores, que falaria Davi do sonho de qualquer homem, e não do sonho de um só dia, muitos dias sim

(4) Causas da vigília: *dict. Pat. loco sup.*

(5) Foi em 18 de outubro dia de São Lucas Evangelista.

(6) As referidas são as causas dos sonhos naturais. *Ve Recr. Philos., p. 195, do tom. 4.*

(7) *Iam fellicia erant somnia dormientium, quam uita uigilantium. Relatus per Vieir., pe. 8, p. 7.*

(8) *Relatus per Vieir. octauo loco ibi: Ex maxime somniamus, quae agimus aut acturi, aut uolumus.*

(9) *Psalm. 75. ibi Reliquiae cogitationis diem festum agent tibi.* Esta é a frase que se descrevem nas Santas Escrituras os sonhos; pois assim se explicou o de Nabuco etc. *Tu Rex cogitare caepisti.*

de Solenes, e Pomposas Festas a Santa Ana; as correspondentes noites êmulas dos seus dias, ilustradas com tantos festejos, e iluminadas com tantas alegrias (10) multiplicam os excessivos efeitos de sonho tão feliz.

Os elementos em festivo tropel concorrem todos a aplaudir os excessos: a Terra ser o teatro venturoso de tantas Festas: o Fogo iluminando Tronos, altares, ruas, e aclamando em **bélicos instrumentos, e em divertimentos vistosos** (11) o quanto vai de sonhos a sonhos: o Ar comprimido na ardente pólvora, dilatando-se com plausível exigência, formando estrondos festivos; e a Água com respeito a tantos espetáculos: pois parece que no domingo, dia primeiro destas Festas, ocorreu somente para mostrar que não faltavam aos aplausos, e contente de mostrar-se neles presente, suspendeu as suas cristalinas correntes para não impedi-los; se é que não ocorreu para abater o pó, e dispor as ruas para a Triunfal Procissão. (12) Que plausível diferença de sonhos! O certo é, senhores, que a diferença que vai de homens a homens, a de sonhos, a sonhos. Se de causas diversas haveriam tão diversos efeitos.

E que felicidades correspondentes não derramará em Sua Excelência aquela portentosa Heroína, mais que Sumnamites retribuidora, ditosa Ave do melhor Neto, Feliz Mãe da melhor Filho, Santa Ana, digo, Poderosa Protetora de seus devotos? Eu as conjecturo; e se sonhos há, que verdades são, constantemente as espero: pois vejo, e todos vedes levantado o Altar, e colocada a Santa, Bases gloriosas, das sonhadas, e prometidas felicidades.

Não sei, Senhores, não sei que Superior influxo têm as felicidades dos grandes Generais, e de seus Povos, que já é circunstância antiga precederem-na sonhos? Lembrai-vos dos sonhos de Gedeão, e do grande José do Egito, e sentireis logo a força da minha admiração. Feliz Época a nossa cujos fastos se distinguirão pela felicidade do Governo de Sua Excelência? E como houvera desesperar-se a felicidade da sua Heróica Fortaleza, e ilustre benevolência? De Otaviano Augusto conta Bucieres que tivera a fortaleza de Cipião, a benevolência de Pompeu, e a fortuna de César, (13) e não admiramos em o nosso amável General unidas estas preclaras prendas? Deixai-me separá-las nas provas, que todas juntas não cabem em uma simultânea ou confusa expressão minha, nem ainda no imenso, e espaçoso clarim da Fama.

(10) Houveram Luminárias, fogos, brincos etc.

(11) Houveram salvas e fogos artificiais etc.

(12) Ao acabar-se o sermão da manhã, choveu muito, porém a chuva cessou a chuva, e fêz-se com melhor comodidade a Procissão na sua tarde.

(13) Bussieris. *Series Imperatorum*, p. 32.

Que provas Senhores, que concludentes provas da fortaleza de Sua Excelência nos não oferece a próxima guerra de quatro beligerantes Monarquias? (14) Surpreendida a sua, e minha Província Transmontana com três arrogantes Exércitos de Espanha, assoladas as Praças de Miranda, Bragança e Chaves fugitivos os Povos, desamparados os Pátrios Domicílios, apertados com medo, e susto os amados filhinhos nos tenros peitos das Mães, entrada a Vila Real pelo Coronel Alexandre Orelle com mil e novecentos Miqueletes, e trezentos de cavalo, sobressaltada já a Província do Minho com a vizinha marcha das inimigas Tropas, sai o nosso forte General, então Mestre de Campo, e defesa, junta velozmente mil e seiscentos Auxiliares, e da Ordenança, e com número tão desigual intrépido parte a opor-se aos progressos inimigos. (15) Vistes já, Senhores, ao incauto Passageiro encher-se de medo, e fugir à fúria repentina de alguma caudalosa enchente? Pois assim, Senhores, se assustaram as Tropas inimigas, e aceleradamente retrocederam as Soberbas marchas, à vista da arrebataada corrente do Heróico valor de Sua Excelência. Autorizados monumentos são as recíprocas cartas dos Generais Castelhanos, que Sua Excelência com vigilância ativa fez tomar nas Estradas aos seus Correios, e os aumentos sucessivos que principiou a gozar Orelle logo que acabou de fugir a Sua Excelência. Foi promovido Orelle de Coronel a Brigadeiro, e posteriormente, a Governador de Habana, onde ainda existe.

Não me posso persuadir, Senhores, que Alexandre Orelle fosse aumentado, por surpreender Vila Real, Terra sem muros, e sem guarnição; pois com aceleração igual a facilidade, com que entrou, saiu: Seria, seria o seu merecimento fugir ao valor de Sua Excelência, que as retiradas acreditam, quando são infalíveis os perigos. Mas deixemos provas de conjecturas, que independentes delas as temos notórias nas surpreendidas cartas dos Generais inimigos. O General Marquês de Sebalhos, aquartelado com o seu Exército na nossa tomada Praça de Chaves, donde tinha destacado o Coronel Orelle, e o General Marquês de Tramanes, acampado com um florente Exército de oito mil soldados em Torre de Moncorvo, minha notável Pátria, se tinham proposto a idéia de se juntarem em Vila Real, e prosseguirem aos dois exércitos juntos a sua inopinada conquista até a Cidade do Porto, onde resolveriam os seus triunfantes progressos. Escrevia, e avisava já Tramanes a Sebalhos, que o terceiro dia depois da data de sua carta fosse o inalterável termo, o fixo ponto de se ajuntarem com Orelle; porém Sebalhos, que acabava de recolher em Chaves a sua Fugitiva Tropa, lhe escrevia na mesma conjuntura

(14) Portug. Espanh. Franç. e Inglat.

(15) **Simile.**

a vitoriosa oposição de Sua Excelência, e a dificuldade de seus antecedentes projetos.

As Gazetas de Holanda aclamaram pelo mundo a oposição intrépida do valor de Sua Excelência, e as cartas dos Generais inimigos, por importantes segredos, que continham, se remeteram para o nosso distante Exército: penso, foram parar na Secretaria de Estado; porém eu vos encho de gosto, eu vos repito uma passagem das mesmas cartas, que achei constante em Moncorvo no fim da Guerra.

Estas cosas estan varadas, y nuestra idea perdida. Nuestros Miquelletes abandonaram Vila Real: porque con Tropas, cujo numero no se averiguo, fue visto el Comandante (era Sua Excelência) con las espuelas puestas pronto a dar el assalto...

Refleti, Senhores, refleti quanto Sua Excelência avultava, e se adiantava às Tropas, que pode ser visto com tão particular miudeza pelas espias inimigas, sem poder se averiguar o número de seus soldados. E pode haver argumento mais convincente mais demonstrativo da Heróica fortaleza de Sua Excelência? Cale a fama a singularidade, que pelas suas cem bocas cantava, que César, (16) César feliz depois de chegar, ver, vencia.

Veni, uidi, uici.

Porque Sua Excelência assim que foi visto, e antes de chegar, venceu. Não publique também já por singular a portentosa Fortaleza de Lisímaco, vencer a um Leão, e arrancar-lhe a língua (17) pois também o nosso fortíssimo General destroçou ao bravo Leão de Espanha, e pudera dizer-vos, que se lhe deixou língua, fora para com seus rugidos, e com as suas cartas publicar a sua sempre Heróica Fortaleza.

A ingenuidade de tais cartas, e as qualificadas notícias de tais gazetas de que se compõem as histórias, apesar das Soberbas Estátuas, que aos seus Césares, e Triunfadores levantaram os Romanos, não conservaram mais felizmente a excelsa memória do valor, e fortaleza de Sua Excelência? Não constrangeram o tempo, a que esteja, como suspendido, conservando contra o seu ímpio costume tantos exemplos, e troféus de valor, e fortaleza a Posteridade.

Ainda continuou Sua Excelência eternos exemplos vindouros, indelévels assuntos a sua fama. Seguiu ao Exército inimigo, não temeu a Superioridade do número, nem arriscar a preciosa vida: sem dúvida pensava Sua Excelência, como o Imperador Gordiano segundo, que o morrer pela Pátria é esforço, valentia e gentileza. (18)

Pro Patria mori pulchrum

(16) César etc.

(17) *Officina Textor.* Verb. — *Fortissimi*, p. 2, 67.

(18) *Hoscul. Estoriar.*, in ser. *Imperat.*, p. 37.

Conteve-se Sua Excelência na Vila de Murça, que só ele pode conter os valorosos impulsos de sua fortaleza: dali salvou, e fez recolher aos nossos Armazéns muitas peças de Artilharia, quarenta Morteiros de bronze, dois petardos, trezentos barris de pólvora, e muitas munições que os nossos condutores deixavam por aqueles lugares, e Estradas, quando apressadamente fugiam das nossas Praças. Não se limitou a Fortaleza sempre valorosa de Sua Excelência nestes reparos das nossas improvisas perdas; causou-as também dali aos inimigos.

Abriu franco passo a trezentos Desertores seus, que depois se alistaram nas nossas Tropas. Cortou-lhes as correspondências, tirou-lhes as esperanças da sua traidora Conquista. Tomou-lhes bagagens, e guarneceu tão provida, e prontamente as Pontes do Rio Tua, que uma Patrulha de Ordenança municida por Sua Excelência, e posta no Superior Sítio, que lhe destinou, impediu a passagem do estreito, e íngreme passo da Ponte de Abreiro ao mais florente Regimento do Exército do Marquês de Tramanis, que com a morte do seu Coronel, e de quantos tocaram a Ponte, retrocedeu para a Torre de Moncorvo. As Luzidas armas do Morto Coronel, para memória da ação, foram dos despojos inimigos, o que unicamente aceitou Sua Excelência. Todas as mais presas deixou aos seus soldados.

O certo é, Senhores, que de fortes nascem fortes, e que as Águias não costumam gerar pombas, como cantou Horácio (19) Hércules, senhores foi julgado por filho de Júpiter, e Isicles, por filho de Anfitrião; porque ambos assaltados inesperadamente de uma Serpente, fugiu Isicles, e Hércules a despedaçou. (20) Sua Excelência tinha em seus gloriosos Ascendentes multiplicados exemplos de valor, e fortaleza contra o orgulho Castelhana: diga-o toda a Espanha onde na conquista de Carlos 3.^o militaram juntamente com valor Heróico seus Ilustríssimos, e Excelêntíssimos Pai, Avô, e Bisavô o Senhor Marquês das Minas, que sentado no Real Trono daquela monarquia tomou homenagem aos grandes da sua Corte.

Cessem já os argumentos da sua Fortaleza de Cipião, que já me transporta a sua benevolência de Pompeu. Qual de nós ignora a suma benevolência de Sua Excelência? Não a experimentamos todos? Eu penso, Senhores, que Sua Excelência tem por máximo o símbolo de Tito Vespasiano. (21)

**Non oportet quemque aconspectu
Principis tristem discedere.**

(19) Horat., lib. 4.^o, carm., Od. 4.

(20) Senator Guerr. nalic. 1.^a da virt. da Fort., col. 1.^a, p. 335.

(21) Buss., Series Imperat., p. 34.

Todos saímos alegres da benévola Presença de Sua Excelência. Todos saímos satisfeitos da benevolência do seu agrado. Parece-me, que se não fora a diferença que vai do merecimento à culpa, tanto importaria servi-lo, como desagradá-lo.

Distribui com todos com suma igualdade a excessiva honra da sua benevolência, prevenindo a inveja dos menos obrigados, e acautelando a arrogância dos mais favorecidos. Não (crede-me este momento) não se viu ainda em lugar tão grande benevolência. Supérfluas são outras provas destas verdades; pois na gentil Presença de Sua Excelência temos as mais convincentes.

Platão no Livro 7 da sua República encomendava, que para os Governos se elessem os mais formosos.

Ariobarcanas por gentil foi escolhido para Rei de Armênia (22). Os Jurisconsultos Paulo, e Papiniano removem dos gregos os defeituosos; (23) a razão é manifesta pois é a boa presença argumento de uma alma boa, como disse Santo Antonino de Florença (24) donde cantou com felicidade um poeta (25)

**Lucet in aspectu pietas, intrinseca uirtus
scribitur in uultu, probitas in imagine fulget,
forma animi dotes, gestaque fama dabit.**

Ah Senhores, e como das prendas da Fortaleza Cipiana, e Pompeana benevolência que em Otaviano foram premissas da sua fortuna de César, posso deixar de inferir no nosso perfeito General tão benemérita consequência? Ó felicidade, felicidade imensa que a todos nos fazes felizes! Felizes nós outra vez digo, que temos a ventura de sermos governados por Sua Excelência todo o seu cuidado, toda a sua ambição, toda a sua felicidade, digo a nossa felicidade já nos descobriu os suspirados Tesouros do Tibaji até agora inacessível: (26) já os franqueou por princípio de felicidades do seu feliz, e festejado sonho: (27) já não invejaremos aos antepassados habitantes desta Capitania a felicidade de serem governados pelo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor D. Francisco de Sousa Governador Geral de todo o Brasil, quinto avô de Sua Excelência invejar-nos-ão os vindouros governar-nos Sua Excelência seu quinto Neto. Ambos procederam do Real Tronco dos nossos Augustos Monarcas, por descendentes do Senhor Martim Afonso Chichorro, Filho do Nosso Rei D. Afonso

(22) Guerr., na Esc. mor., p. 257

(23) In leg. cum Praetor., 17: et inleg. cum furiosos, 39, ff. de iudic., 22

(24) Prima p., lib. 2, cap. 2.

(25) Referido por Guerr., dicit. Escol. mor., p. 256.

(26) O descobrimento de Tibaji foi até agora vedado, e só agora permitido a Sua Excelência.

(27) No primeiro dia das festas os franqueou por bando.

terceiro; (28) porém o talento que admiramos nas resoluções de Sua Excelência, a Sabedoria que observamos nos seus discursos; a sublimidade que conhecemos nas suas idéias; a vigilância, e providência, que gozamos nos seus acertos; a justiça que tememos na sua retidão; a misericórdia que confessamos nos seus castigos; a magnificência que sabemos das suas obras, da magnífica, e elevada Capela falo, que junto o seu grande Palácio de Mateus levantou à Senhora dos Prazeres sua adorável Madrinha. Eu pudera com bem verdade afirmar-vos, que pela sua maravilhosa grandeza, e pela elevação da sua Torre, com excesso mais alta, que quantas tenho visto na América, podia servir de Basílica a um Florente Bispado: porém bastará dizer-vos, que a suntuosidade regularíssima deste grande Tempo, a sua Torre, e a magnificência do seu Pórtico, pode acreditar ao seu sábio arquiteto, (29) como o Delfico Templo a Spintaro, e o de Diana Efisina e Ctesifon; e que enfim é em tudo obra correspondente ao Soberbo Palácio de Sua Excelência. Não vos posso dar idéia mais significante; pois bem notório vos será, que não há em todo o Reino de Portugal Palácio mais suntuoso. Em uma palavra: o segredo, prudência docilidade, beneficência, instrução, e ciência de governar do nosso consumado General faz que vença a todos, supere a seus maiores, e que dele possamos cantar com mais verdade que Ovídio

**O tu, qui nominibus cum sis generosos auitis
Exuperas morum nobilitate genus.**

Não especializei, Senhores, a sólida devoção de Sua Excelência ou porque não o sofreria a sua modéstia, ou, porque não vos é constante. Bastara para ornato desta oração dizer-vos, que é legítimo sucessor da grande casa de Mateus, casa onde mais que os opulentíssimos Morgados, e grossas rendas se estima deixar a herança da virtude. A ânsia devota, com que Sua Excelência tanto que chegou a esta Capitania, procurou se renovassem os Sacrários dos Colégios, em que por ordem Régia havia de residir; a profunda humildade, com que antes de sair do seu Palácio vem pedir daquele Coro a bênção ao adorável Sacramento do Altar; a exemplar devoção de acompanhá-lo, quando não se dedigna de ir pôr Viático aos enfermos, é continuação das devotas diligências, com que seus Excelentíssimos Pais conseguiram a inefável, e gloriosa regalia de ter em Sacrário, e Sacramento na Capela do seu grande Palácio de Mateus, e da incessante adoração que lhe tributa lá toda a sua Excelentíssima Família. O mesmo vos digo da inefável, e indefectível devoção de

(28) Brandão, *Monarq. Lusit.*, lib. 15, cap. 29; *Empres. melit.* p. 13; *Malt. Portug.*, tomo 1.º, lib. 2.º, cap. 6; *Map. de Portug.*, cap. n.º 9. *Nobiliarq. Portug.*, p. 333.

(29) Arquitetos dos referidos dois Templos.

ouvir Missa todos os dias, e de rezar com toda a sua família o Rosário Santíssimo.

Não se contenta a excelsa casa de Mateus com adorar somente a Deus na observância da sua Lei Santa, sem adorá-lo juntamente no Religioso culto das suas Imagens e de seus Santos. A Excelentíssima Senhora D. Maria Coelho, antes de ir desposar-se com Cristo no Convento de JESUS de Aveiro onde terminou seus dias com grande crédito de Santidade, ia em Mateus acender a lâmpada da Senhora dos Prazeres, levando as brasas em suas mãos, sem queimá-las.

Quem visse na neve de suas mãos acender-se o fogo, não podia dizer, que já não era argumento de impossível, como pensava Ovídio dar à água chamas. (30) O Senhor Mateus Álvares Mourão, indelével honra dos maiores Tribunais da Corte, e da Chancelaria Mor do Reino, fundou a Capela, e Altar da Senhora da Conceição na Universidade de Coimbra, e não satisfeito com jurar-se a Pureza original da Senhora estabeleceu das rendas da sua grande Casa Côngrua para Capelães, e perpétuo culto. O Reverendíssimo Senhor Diogo Álvares Mourão, Arcediago de Labruge na Sé de Braga, tendo de renda mais de Sete mil cruzados todos gastava com as Imagens vivas de Cristo, com os pobres digo, e no culto de seus Santos.

Trouxe de Roma em uma liteira com quatro velas acesas por tão distante caminho ao Corpo Glorioso de São Marcos, e preciosísimas Relíquias, que se veneram na Capela de Sua Excelência. Na sua ditosa morte somente se achou rico de virtudes, que ainda conservam na Capela Mor da Matriz de Sabrosa incorrupto, e fragante o seu Corpo, passando já de cinco lustros de vinte e cinco anos digo, para que todos me entendam, que dormiu em o Senhor. Igual prodígio se admira no Religiosíssimo Senhor Frei Tomé de Vila Real, (31) que muitos anos depois de sepultado se achou seu corpo inteiro, e frescas as rosas, com que o cobriam.

Porém que pretendo? Referir-vos a virtude hereditária de Sua Excelência, e a sua devoção? E como evitaria então os pleonasmos proibidos na Arte de Orar? Evito-os com só dizer-vos, que os desvelos da Excelsa Casa de Mateus todos são devotos, e de Sua Excelência até os sonhos. As felicidades, que nos sonha, com os cultos da Heróica Santa as segura.

Feliz Capitania, que diversa te vês agora, se te comparas com o que fostes em outros Governos! Fostes sempre nobre, mas nunca tão culta, sempre valorosa, mas hoje mais disciplinada. Teus Portos

(30) *Unda dabit flammæ.* Ouid.

(31) No Convento dos Capuchos de Penafiel em cuja sepultura, se lê: Frei Tomé de Vila Real.

hoje se respeitam com novas Fortalezas; os teus Sertões se enobrecem com Vilas Novas; o teu feliz aumento nos poderes de Santa Ana se afiança. Onde estão os horrores dos teus dois Séculos e meio de ferro? Tudo hoje em ti é paz, tudo tranqüilidade, tudo segurança. O bom gosto dos Estilos, e belas Letras hoje em ti reina; em ti hoje se admira. Ó que gloriosa Antítesis! Estas Metamorfoses frutos são felizes do feliz Governo de Sua Excelência.

De Catão disse a Antigüidade, que fora a maior Dádiva, que o Céu concedera aos homens: e com quanta maior razão posso eu dizer-vos, Nobilísimos Paulistas, que Sua Excelência é o maior General que se vos deu. Não faço paralelo: deixo-o à Posteridade e a vós Acadêmicos Egrégios, que melhor que eu, sabereis cantar com vossa discreta Musa, que o nosso grande, e devoto General, para monumento de felicidade, levanta Altar a Santa Ana, a sua fama Templo.

Disse.

Problema em que se disputou de donde resultava a maior glória a Sua Excelência se de ser Morgado de Mateus, se de ser General desta Capitania de São Paulo

Mostra-se que a Sua maior Glória lhe provém de ser General de São Paulo

Sapientíssimo, e Nobilíssimo congresso, não supponho tanto de meus poucos estudos que possa prometer mostrar-vos com evidência o predomínio daquela parte do Problema, que me coube; sim estou certo, que o mesmo sair a Campo é abrir melhor Caminho à informação do esforço do Contendor concorrem muito para luzir a espada de quem triunfa o mesmo arrojo de quem desafia: entro na disputa, desenganado de perder a vitória, mas não deixo de amar o meu risco próprio só em alvíscaras de ver bem logrado o golpe do meu Sapientíssimo Antagonista; este no Gordiano há de desatar-se, pouco importa que me corte a espada do meu Alexandre. Não deixa de levar-me as atenções, a glória, que resulta ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General desta Capitania da colocação para o Perene culto da prodigiosa Heroína a Senhora Santa Ana; contudo me resolvo a declarar parcial da incomparável glória que goza de ter em Sua Casa por Patrona a Rainha dos Anjos com o título dos Prazeres: não deixo de lembrar-me, que o Ilustríssimo General nesta ação unindo seu Espírito ao de um João Abade pugna com braço forte contra a Heresia, que no ano de 150 quis espalhar o ímpio Leão Exáurico Imperador do Oriente, que se faz parcial em defesa das Imagens do Monje Teófilo, opondo-se com braço forte a perversa seita dos Iconomacos, sim conheço que sua piedade devota talvez lembrando-se do Decreto de Teófilo Imperador, que mandava com graves penas, que nenhum Pintor, ou Escultor esculpisse, ou pintasse alguma Imagem para continuar a oposição desta maldade, coloca a Ana Santa para adorar-se de novo neste Templo. Enfim creio do Seu zelo, e piedade, que se vivera este Herói nos anos de Constantino Copronimo teria o grande Mártir André quem com esse valoroso se opusesse a este ímpio Imperador, que com implacável cólera impedia se adorassem a Imagens Santas. Sim Nobilíssimo congresso, eu já batera as palmas, já levantara a erva em sinal de já vencido: porém se esta fé, este zelo, esta piedade, são virtudes nascidas de um princípio feliz, todas trazem sua origem do Patrocínio Soberano da

Senhora dos Prazeres que preside em sua Nobilíssima Casa; toda a honra, todas as Suas ações perfeitamente executadas se devem ao influxo daquele Luminoso astro predominante: por isso eu julgo, que aquele princípio, de onde procede todas, e cada uma das Suas Heróicas virtudes o enchem da maior glória, que as mesmas virtudes Santas que pratica. Pelo patrocínio da Virgem Santa foram felizes os Romanos contra os Perces, Becílio contra os Maniqueus, João Zeliscas destruindo trezentos e trinta mil dos Russos, Búlgaros, e outros bárbaros se laureou triunfante: estes, e outros muitos intrépidos caminhavam para a peleja, porque já levavam no Patrocínio da Virgem certa a glória do vencimento. Sim resulta a glória ao Ilustríssimo General da Colocação de Suas Imagens, porém esta é incomparável com que atualmente goza em já nascer protegido de Maria; ela é a Causa de tão nobres, e virtuosos efeitos; ela a origem dos triunfos de Seu espírito, e de Seu braço. Sim Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, grande glória adquiris na Religiosa ação de colocar Imagens, não o nego, eu o confesso; porém Senhor estas, e outras que merecis, todas provêm da incomparável, que gozais de seres Regenerado filho de tal Mãe; e ainda me parece, que vossos ilustres progenitores na escolha do título da Mãe, a quem vos entregaram, vos fizeram certo do Patrocínio do Filho. Consistem os Prazeres de Maria em ver-se compenetrada com Iesu seu Filho Ressuscitado, e glorioso, ficando dos dois Corpos, um só corpo luminoso a eficácias de uma união gostosa. Bem sabeis, que é Cristo por antonomásia Sol, Maria por excelência a Virgem; o Filho compenetrado com a Mãe é o Sol no signo de Virgo, e se o Sol neste Signo influi bonanças e felicidades, não me admiro, Senhor, que presidindo este signo Divino em vossa Casa, tragais do berço as bonanças, e dele vos provenha a maior glória. Eu também a tenho, Senhor, em ter sido destinado para primeiro pregoeiro de vossas grandezas, e muito maior de me teres escolhido para defensor de vossa incomparável glória.

**Do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Joaquim
de Santa Ana Silva Religioso de São Francisco.**

Mostra-se pela parte contrária do Problema que a maior glória provém a Sua Excelência de ser Morgado de Mateus.

Confesso, Nobilíssima Assembléia, que antes que a minha decisão escolhera deixar pendente nesta Ilustríssima Academia a minha ignorância em tributo de tão honrosa, e arriscada incumbência: menos errara emudecendo, que falando; no silêncio poupava ao menos um desgosto; queixar-se-ia o assunto, mas não o congresso: falando, congresso, e assunto todos ficarão queixosos; um no pouco que diga, outro no muito que erre. Não desconheço que o mesmo alto preceito,

que me destinou a empresa, antecipou-me juntamente uma esperança, porque dando-me a sua providência um sábio, um erudito contender, quando desmaiarem na fadiga minhas débeis forças, supriram sem dúvida as de meu discreto Antagonista: esta esperança me alenta, e já entro a expor-vos, Sapientíssimos Acadêmicos, a parte do problema, que me foi incumbida; ela consiste em significar-vos a glória inexplicável, que resulta ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Príncipe que nos assiste de ser Hereditário do Morgado denominado Mateus. É certo, Senhores, que um General se enobrece pelo Governo que ocupa; sim lhe resultam honras da dignidade que goza; finaliza-se o emprego, logo a honra se diminui e se fica em seu antigo auge, aquele que o fez digno da Ocupação que antes exercia: o Soldado, que na Campanha se distingue pelas valorosas ações, mais se honra pela animosidade, e esforço de seu braço, que pelo prêmio resultante das suas proezas: estas ficam muitas vezes desatendidas, nem por isso perde a honra de seu esforço, e destreza, mais glorifica o merecimento, com que se goza a dignidade, que a mesma dignidade que se dá em prêmio ao bemérito. Parece que estou agora no pensamento do nosso Fidelíssimo Monarca que Deus guarde quando quis escolher General para esta Capitania: Eu (diria consigo) necessito de um General, que dilate o meu domínio na Capitania de São Paulo, que aumente o meu Real Erário, e ao mesmo tempo, que seja prudente, e afável em Seu Governo, e se não aparte da Justiça e equidade; D. Luís Antônio o Morgado de Mateus é nobre, é sábio, é valoroso, é circunspecto, nas suas veias pulsa aquele Sangue de D. Francisco de Sousa, descobridor das maiores riquezas naquele Continente, nas suas veias circula o Sangue de tantos Progenitores que fizeram respeitada, temida, e opulenta a Monarquia Portuguesa; dele, como sábio e nobre, espero os acertos políticos de um bom governo; dele como valoroso posso confiar, que infundindo espíritos em seus súditos, se empenhem estes em surcar os vales, desentrenhar os montes, e vadear os Caudalosos Rios para a extração do Ouro, com que aumentem suas faculdades, e façam opulento o meu Real Erário: seja o Morgado de Mateus General da Capitania de São Paulo, que assim seguro os interesses de minha Coroa; assim acudo as necessidades de meus Povos, e principio a premiar seus relevantes merecimentos. Foi perfeita idéia do nosso Fidelíssimo Monarca; perfeitamente conheceu, que o grêmio dos Cavalheiros é o Seminário dos melhores Governadores: Na nobreza dos Heróis fundaram sempre as mais famigeradas Repúblicas do mundo a esperança dos melhores acertos nos Governos. A República Ateniense já no Governo de Solon, já no de Teseu, sempre deu os primeiros postos à Nobreza. Rômulo, primeiro fundador da República Romana só queria nobres para Comandantes de seu Povo, costume, que adulterado por Eliogabalo, o restituiu ao seu primeiro vigor Alexandre Severo. A república de

Veneza, tão acertada em seu Governo, como célebre por sua duração, sempre conservou nos Nobres o Governo Civil, político, e militar de todos os seus Domínios. O mesmo Deus na República Hebréia elegeu sábios, e nobres para Príncipes e Generais do seu Povo. É certo, que muitos humildes se fizeram grandes pelos lugares que ocupavam; mas que importa, se a lembrança de seus princípios lhes diminuia toda honra. Sérvio Túlio da humildade de Escravo passou a Rei de Roma; mas que importa, se a viva lembrança, que tinham os Romanos de que era filho de uma escrava lhe denegria a Púrpura? Exaltados se viram Lamércio sendo Rei dos Lombardos, Peliamão Rei de Boêmia, Tamorlão Imperador de toda a Pérsia, Máximo Papiano Imperador de Roma, se toda a elevação se tornava em Abatimento, porque não era o culto aos Vassalos, que Leméscio era Filho de uma Dama pública, Pelimão de um Lavrador, Tamorlão de um Pastor, Máximo Papiano de um ferreiro. Que importa, que Uvamba nosso Lusitano deixasse o arado para trajar a púrpura; que Júlio Licídio trocasse a Lavoura pelo Cetro Imperial de Roma; que Tarquínio Prisco se desembaraçasse da mercância para empunhar o Cetro. Que importa, torno a dizer-vos, que Sidôneo se chama da Eira para o Palácio que os Partos tributem vênereações a Arsaces, se é desconhecida a sua ascendência? Que o Egito se deixe dominar de um Agatocles, se o mesmo barro, em que trabalham seus progenitores escurece a glória da dignidade? Que a mesma Roma discreta em escolher Monarcas, chame ao Império a um Deocleciano, que assim como o Pai mancha com a tinta a candura do pergaminho, assim ele desfigura as Praças de Roma com o sangue humano derramado a ímpetos de Sua fereza? Não calarei agora a Veriato, não a Certório, bem costumados a calcar as Águias Romanas; eles, ainda que por uma parte ostentavam glória incomparável, por outra lá apareciam, a este a barca, em que adquiria seu Pai os víveres necessários, àquele o Cajado, com que muitas vezes caminhava seu progenitor atrás do rebanho para o conduzir aos Currais.

Não assim aqueles Monarcas, aqueles Heróis, cujo sangue já vem enobrecido de seus Progenitores: os Povos não se admiram suas ações muito estimáveis, e próprias de sua qualidade, mas também respeitam aquela honra, com que do berço já se levantam ilustres. Deste Caráter é o Excelentíssimo General desta Capitania, a quem o Nobiliário de Sua antiga ascendência, e as ações hereditárias o fazem mais respeitável, e mais digno das nossas estimações. Antes de ser General se lhe devia todo o respeito, e estimação pela fortuna com que nasceu; logo Senhores, maior glória lhe resulta de ser Morgado de Mateus, que General de Capitania.

Gozai vós, Excelentíssimo Senhor, de tanta honra, que herdastes da Ilustre Casa, de onde sois Hereditário, esta possuis sem mancha,

esta gozais sem defeito, e por isso a maior honra: Enfim, Senhor, se dos Nobres é próprio perdoar defeitos, seguro tenho o perdão na Nobreza de Seu peito. Digne-se Vossa Excelência de admitir com sua costumada benignidade este diminuto obséquio de minha veneration, de meu rendimento, imitando ao grande Oceano, que, abundante de águas recebe em seu seio ao que lhe oferece a humildade de um pequeno regato; não porque acrescentem sua grandeza sim porque lhe vão levar o tributo que lhe devem. Disse.

**Do Muito Reverendo Padre Mestre Reginaldo Otaviano
da Encarnação Ribeiro, Religioso de Nossa Senhora
do Monte do Carmo.**

Em Louvor da Gloriosa Santa Ana

SONETO

Gloriosa Matrona, cujo emprego
por dom de Deus Eterno Onipotente
é socorrer o mísero inocente,
que deste Mundo surca o Largo pego
Neste Mar proceloso, em que navego,
conduzindo o destino a tanta gente,
os Votos vos consagro humildemente,
quando a vós o Governo todo entrego
Vós sois do Mar da graça norte, e guia
que ao humano baixel desamparado
o Socorro prestais de mais valia:
Fazei que desses Céus nos seja dado
o Ouro, que encha os Povos de alegria
a graça, que nos Livre do pecado.

**Do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General.
[Dom Luís Antônio de Sousa]**

**Illustrissimo ac Excellentissimo Domino Aloisio Antonio
de Sousa Botelho Mourão, Preclarissimo huius
ciuitates Generali Duci Integerrimo Beatissimam
Matris Dei Matrem eximiis Laudibus, ac Sumpti-
bus offerenti.**

EPIGRAMMA

Quis sat olimpiaca ueniet Tibi plausus ab arce
Quae uel ab Aonidum Lingua diserta choro?
Nam tu cum Princeps dicaris maximus orbe
Te satis in toto plaudere nemo potest.

[S.I.A.]

Dominae Annae nocte templum ingredienti

EPIGRAMMA

Omnia mirantur plausu mirantur ad unum
Anna Splendentem condecorantē domum

Astrorum Princeps nigro uelatur amictu
Et sibi rapta dolens nomina solis ait:

Sol quia solus eram merui toto orbe uocari
Nunc tamen in terris clarior ista micat.

**Ex Reverendo Patre Fratre Gaspare da Soledade Matos
Monacho Beneditino Secretario Academico**

Louva-se o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor pelo
Altar, que erigiu à Gloriosa Senhora Santa Ana,
pelos cultos, pela pompa suntuosa, com que colocou
a Imagem da mesma Santa, nas Seguintes obras.

SONETO

A vossos timbres sempre esclarecidos,
A vossas prendas nunca exageradas,
Deve Santa Ana glórias sublimadas
Nos Louvores, que dais bem conhecidos.

A todos nos deixais bem instruídos
Na fé, e mais virtudes ajustadas,
Na esperança e ações bem reguladas
De Ana, que a todos deixam suspendidos.

Dormindo gozastes um tal portento
Que o Céu no Sonho fez patenteado,
Que pasma a vista dele o entendimento.

E como do que foi representado
Fidelíssimo foi o cumprimento
Por fim sereis no Empíreo Sublimado.

**Do acadêmico o Muito Reverendo Padre
Frei Fernando da Madre de Deus,
Monje Beneditino.**

SONETO

Salomão admirável na riqueza,
Salomão portentoso na prudência,
Aquele Templo fez, cuja excelência
De penas doudas foi mui alta empresa

Dom Luís Grande exemplo da nobreza,
Dom Luís sem gozar tanta ciência
Um altar levantou com tal decência,
Que nos parece excede a natureza

Aquele de Ouro foi edificado,
Este só por uma Luz foi erigido,
E a Santa Ana Sublime consagrado:

E posto que ficasse enriquecido
O que foi de riquezas ex-ornado,
Ficou este mais nobre, e mais Luzido.

Do mesmo.

[Frei Fernando da Madre de Deus]

SONETO

Costume foi antigo, e uso honroso
Levantar-se um padrão assinalado,
Onde se visse o nome decantado
Do que mais se mostrasse valoroso.

De Dom Luís é zelo fervoroso
A Santa Ana em Altar bem adornado
Coloca com Louvor bem Celebrado,
Com culto reverente, e obsequioso

Com devoção obrou, e com prudência,
Com destino, com graça portentosa;
Pois na obra se vê nova Excelência:

Porque em tudo sendo mui primorosa
A Capela que fez com tal decência,
Se transforma em Coroa preciosa.

Do mesmo.

[Frei Fernando da Madre de Deus]

Beatissimae Annae, nouo in Altari collocatae et templum
ingredienti.

EPIGRAMMA

Ergo ades, atque tuos intras, Sacra Diua, Penates?
Ergo ades atque tuo iam datur ore frui!

Prospera fata canis; pertendunt aether, et orbis
Laudibus, Anna Parens, prospera signa tuis.

Ecce nitet pure diffusum lumine caelum,
Te spectans ueniet nez radiante face.
Do mesmo.

[Frei Fernando da Madre de Deus]

As partes com que se faz mais Ilustre o Ilustríssimo, e
Excelentíssimo Senhor General Dom Luís Antônio
de Sousa.

SONETO

A grande mão do todo poderoso
Nobre Luís convosco tem mostrado
Amante, Liberal o seu cuidado,
Fazendo-vos em tudo portentoso.

Nas Letras, e nas Armas mui ditoso,
No sangue, nas riquezas invejado,
Sempre nos Postos bem condecorado
Vosso nome na terra mui famoso.

Inda não Satisfeita a mão Divina
Os Tesouros do Céu vos põem patente
Na aparição de Ana Peregrina;

Mas se escolhido sois do Onipotente,
Gozai feliz na terra tão benigna
Frutos, que aos seus prepara o Céu fulgente.

**Do Acadêmico Muito Reverendo Padre
Frei Felisberto Antônio da Conceição
Belém, Monje Beneditino.**

Ao Doutíssimo Presidente desta tão nobre Academia

SONETO

Tão doutamente, nobre Presidente,
As grandezas de Ana nos mostraste,
Que de pasmos absortos nos deixaste
No vosso estilo Sábio, no prudente.

Do Excelso General, Luís fulgente,
As famosas ações patenteaste;
E por isso de todos alcançaste
Uma fama imortal de ser ciente

Vosso nome hoje fica Eternizado
No padrão indelével da memória
Por prêmio, que bem tendes alcançado;

Pois se de Ana mostrais a Eterna Glória,
E de Luís o ser tão sublimado
Perpétuo vos fazeis em toda a história.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Foi o assunto sonhar o Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor General, que distintamente se lhe dizia
Levantasse Altar, e colocasse a Santa Ana para
felicidade na Capela vaga da Igreja deste Colégio.

SONETO

Para nossa maior felicidade,
E aumento de todo o Paulistano
Em um Sonho Santa Ana sem engano
Mais graças nos promete na verdade.

Por Decreto Divino a dignidade
De Ave alcançou de Deus humano;
Junto ao Neto por isso Soberano
Intenta ter lugar com brevidade.

Quem junto ao Sólido fica Majestoso,
Alçaça por valido mais favores,
Sem temer um despacho rigoroso:

Bem mercês nos promete os seus amores;
 Que a tendo junto ao Trono Suntuoso
 Desempenho há de ser de Pecadores.
 Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Ao mesmo assunto com circunstância de se achar no
 seguinte dia em um Caixão a Imagem de Santa
 Ana.

SONETO

O Sonho de José misterioso
 De todo Egito foi feliz aumento,
 E ele também deu mais Luzimento,
 Entre os Seus lhe fazendo mais ditoso.

O Sonho de Luís Herói famoso
 Todo mistério foi, todo portento,
 E quimera julgando o entendimento
 O caso mostrou Ser maravilhoso.

Clara se ostenta Ana, que encerrada
 Um Caixão se de Cofre lhe servia
 Quando o mundo não era bem morada;

Porém se aberto temos neste dia
 O Erário do Céu, já declarada
 Da felicidade está a primazia.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Foi assunto as famosas ações, partes, e virtudes do
 Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor.

SONETO

No moral, no político admirado,
 Na virtude, no esforço esclarecido,
 Das partes naturais enriquecido
 Sois, Senhor, mais que todos sublimado.

Na justiça, inteireza decantado,
 Na prudência, e amor engrandecido,
 Pelas Conquistas sois bem conhecido,
 De todos pelas Tropas respeitado.

Fama imortal vos dão as Fortalezas;
Pois são dos inimigos respeitadas,
Como de vossa mão fatais empresas:

Mas se vossas ações famigeradas
Por vossas bem merecem ser ilesas
Eternamente fiquem decantadas.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, merecendo descobrir a Santa Ana em um Caixão há tantos anos, sendo sumamente amante da Senhora dos Prazeres.

SONETO

Tantos anos oculto se ostentava
O mais rico Tesouro, a Jóia bela,
Sem que ninguém pudesse merecê-la,
Que para vós, Senhor, só se guardava:

Mistério bem parece, que encerrava,
Quando em ocultar-se Ana se desvela;
Mas hoje põem patente e que anela,
Pois a vós por direito vos tocava.

Um novo simulacro é seu intento
Lhe faça o vosso afeto neste Templo
Para aumento do próprio Luzimento:

Que se da Filha amante vos contemplo
Devia vosso nobre entendimento
Nos obséquios da Mãe dar-nos exemplo.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, sendo o seu merecimento maior que o louvor.

SONETO

As cem bocas se calem já da Fama,
A plebe não entoe mais Louvores,
Sonora a melodia dos Cantores
Se suspenda, que agora não inflama.

Do Excelso General, a quem se aclama
Inlouváveis se fazem seus fulgores,
Pois méritos, que são de tais primores
Mais se exalta, quando não se afama.

Vós mesmo vos fazeis famigerado
Pelos dons, com que sois enobrecido,
Pelas partes, de que sois adornado.

Pois, Senhor, se assim sois enriquecido,
Calando se sereis então Louvado,
Co Silêncio sois mais engrandecido.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor mostrando
pela sua fama felicidades, e favores.

SONETO

F. Letra da fama iniciativa
Deve significar felicidade
Que por vossas virtudes luzir há de
Neste Povo ditoso sempre viva

Também favores diz, com que se aviva
No nosso amor fiel vossa bondade
Para ser respeitada em toda a idade
Com injúria da inveja mais ativa

Esse Sólio, Senhor, gozais seguro,
Que se sois de Mateus inclita Rama
Haveis de florescer sempre mais puro;

Ficando por Lisonja a quem vos ama
Vosso nome estampado em bronze duro,
Nas estrelas gravada a vossa fama.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Refere um Pastor a outro o misterioso Sonho, e execução dele nas pomposas festas, com que o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor colocou a a Senhora Santa Ana, convidando-o também para o festejo.

ÉGLOGA

1.^a

De Júpiter o filho já se via
Das águas emergir mui Luminoso,
E o dia mais que nunca parecia
Aplausível, alegre, e bem formoso;
Quando Felício da Cabana
Procurar o rebanho mais mimoso,
Que antes no Curral tinha encerrado
Por receio do Lobo arrenegado.

2.^a

Abre a Cancela, e quando vai entrando
O passo lhe detém Frondoso amigo;
Que cansado de longe vem gritando,
Deixa, Felício o gado, vem comigo;
Não te demores mais, já vem andando,
A frauta, mais a funda traz contigo,
Nem o Cajado fique na Cabana,
Que a função é gostosa, e Soberana.

3.^a

Isto tudo Felício escuta atento:
Mas depois lhe pergunta se sorrindo,
Que Loucura tens tu no pensamento,
Que de cansado vens a boca abrindo?
A função faz o teu entendimento?
Deixa pois de brincar, vem cá subindo
Ambos no aprisco tiraremos Leite
Antes, que ao pasto o manso gado deite.

4.^a

Segunda vez replica-lhe Frondoso,
Ele intima com veras a verdade;
Que lhe acompanhe pede mui teimoso
Ameaçando com perda de amizade:

Mas Felício que o julga fabuloso
Conhecendo que tal festividade
Era fora de tempo, pede conte
Para ele então sair fora do monte.

5.^a

Deixa-me sentar, que estou cansado:
Na relva, que é mais branda, toma assento,
E já de parte pondo o seu cajado
Do ombro tira o surrão com muito tento:
Em se vendo algum tanto descansado
Ao próprio amigo increpa de avaro,
Que temendo perder um só Carneiro
No festejo quer ser o derradeiro.

6.^a

Da Aldeia venho eu, Felício amado,
Assim lhe diz alegre então Frondoso,
Que vender fui o fruto do meu gado,
E o pomo do Campo mais mimoso:
Inda a Aldeia não tinha bem chegado,
Quando vi-me suspenso co alvoroço
De Pastores, Pastoras que corriam
Sem saberem de gosto o que faziam.

7.^a

Confuso perguntei por que motivo
O sério já perdiam, e o sossego?
Mas me dão por resposta, que altivo
Eu também me mostrasse neste emprego;
Esta resposta foi o incentivo
De ser maior o meu desassossego;
Outra vez perguntar, eu já querendo,
Albano para mim já vem correndo.

8.^a

Se tardas mais, Frondoso, um bocadinho
Um solene festejo tu perdias,
Não caminhaes assim devagarinho,
Apressa o passo para as alegrias:
O Maioral alegre com carinho,
Liberal desperdiça as bizarrias,
Pois felizes fazer-nos só querendo
Mais aumentos está nos prometendo.

9.^a

Uma noite das que já são passadas
Com Santa Ana sonhou, Santinha aquela,
Que de nossas mulheres muito amadas
Em louvá-la cada uma se desvela:
Querendo que nas aras fabricadas
Uma vaga que está sem Santo nela,
Na Igreja, de JESUS se collocasse,
E mais felicidade se gozasse.

10.^a

Não fez caso ser sonho reparando;
Porém quando acordou, a mesma Santa
Que era mistério foi patenteando
No que lhe succedeu, que nos encanta;
Pois um Caixão antigo despregando
A Santa Ana encontrou com graça tanta,
Que o Altar manda logo se prepare,
E no gasto já mais se não repare.

11.^a

Festas mui grandes tem determinado
De dia, e de noite juntamente,
De mais distante terra tem chegado
Os Pastores de fama mais fulgente:
Em um bando se tem já publicado
Que o festejo há de ser o mais decente,
Oito dias de festa prometendo,
Para os quais irão todos concorrendo.

12.^a

Ontem princípio deu-se a tanta festa
Por véspera de tal festividade;
Bonina não ficou nesta floresta,
Que não fosse ao altar dessa deidade:
Um fogo, sim, cantar-vos só me resta
Feito, Pastor, com tal atividade,
Que a Aldeia parecia se abrasava,
E todo o Templo em chama se acabava.

13.^a

Na Aldeia estamos já, este é o Templo
Onde a Santa se louva neste dia;
Entra a tomar lugar e meu exemplo
Te sirva na função hoje de guia;
Eu me vou a cuidar no que contemplo,
Na palhoça te espero co alegria,
E se vens Lá do monte preparado
Entrarás cá no jogo do Cajado.

14.^a

Pasmo fiquei de ver tanta grandeza,
Um campo matizado de mil flores
Mas ornado não fica de beleza,
Nem vence o natural da arte os primores:
Todo o templo se via com destreza
Bem forrado com sedas de mil cores:
O de Vênus no Chipre Celebrado
Hoje deve ser menos decantado.

15.^a

Instrumentos lá vi tão afinados
Pelos nossos Pastores bem tangidos,
Que suspensos deixavam sem cuidados
Aos que viviam deles oprimidos:
Alberto, mais Silvano muito amados
Com flores na cabeça os vi cingidos
Suas Liras tangendo com tal arte,
Que de Orfeu e filhos são por esta parte.

16.^a

Enfim, Felício amigo, o tempo é breve
Para tudo contar com miudeza;
Houve Missa e Sermão, e o mais que deve
Ter uma festa feita com grandeza:
Na Procissão não falo, porque teve
Empenhos a arte, e a mesma natureza:
As Pastoras lá viam seus amores.

17.^a

Três dias de argolinha se correram
Nas Canas, Laranjinhas bem mostraram
Que os Pastores de gosto se fizeram
Eminentes nas sortes que intentaram:

No jogo do Cajado desfizeram,
O da Luta, e da Funda desprezaram,
Que por usuais serem cá do monte
Não querem que entre os mais destes se conte.

18.^a

Também duas Comédias se fizeram,
Uma Ópera também representadas,
Que de todos o viva mereceram,
Do Maioral sendo bem gostadas:
Um banquete ele deu, no qual comeram
Da Aldeia as pessoas afamadas,
Com abundância tal, e tal grandeza
Que do Campo, e do Monte foi Limpeza.

19.^a

Diz que agora só falta a Academia,
Para o qual os Pastores empenhados
De Apolo procuravam cada dia
Serem filhos, amigos se chamados.
Apolo, aquele que com melodia
Entre os nossos Pastores já passados
De Admeto REI o gado bem guardava,
E aos nossos os versos ensinava.

20.^a

E sendo tu, Frondoso, celebrado
Poeta entre os mais no nosso Monte,
Fazer-te vem feliz, famigerado
Para que tua fama se remonte;
O maioral merece Ser Louvado;
Ele é com nós todos, como a fonte,
Que correndo abundante vai regando
Qualquer flor, a nenhuma desprezando.

21.^a

Felício, que suspenso tem estado,
Lhe responde, Frondoso tão querido,
Me admira o que tens-me relatado,
Por ser Caso pouco sucedido:
Um Pastor houve já mui celebrado
Que Sonhou um altar fosse erigido,
Que abundante seu gado se veria,
E bendito de Deus também seria.

22.^a

O nosso Maioral pode julgar-se
Feliz, também mil ditas prometer-se
Bem merecedor faz acreditar-se
Pois no peito de todos quer meter-se:
Feliz qualquer de nós pode chamar-se,
E de fortunas mil Senhor fazer-se,
Que o Altar nobremente Levantado,
E de relíquias mil fica adornado.

23.^a

Felício, basta já vamo-nos indo
Se queres concorrer para o festejo:
Frandoso, Pastor, não estás ouvindo
A cabrinha berrar, saltar sem pejo?
A manada não vês, o Boi tão lindo,
Que de entrar no Curral já tem desejo,
O Rebanho do Lobo já correndo,
E o dia da noite se escondendo?

24.^a

Pega no Surrão, pega no Cajado,
E por mim esperai Lá na Cabana;
Que Eu recolho meu gado com cuidado,
E depois Louvaremos a Santa Ana:
Falta não faço eu no povoado,
Louvaremos a Santa Soberana
Na noite convidando aos mais Pastores,
Que tragam suas Frautas, e Tambores.

25.^a

Do nosso Maioral lá cantaremos
A justiça prudência, e inteireza,
Seu esforço e amor lá louvaremos
Seu gênio mui afável, e beleza:
Também festa no monte nós faremos
Convidai aos Pastores de destreza,
Que com voz todos juntos muito altiva
Ao nosso Maioral lhe dêem o viva.

Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor descrevendo-
-se as suas grandes partes, virtudes, e sangue.

CARMEN HERÓICO.

1.

Do Excelso General Luís brilhante
Suas prendas louvar tocou-me agora,
Porém mérito que é tão relevante
Acho, que calar eu melhor me fora;
Mas se nada disser não sou amante,
De suas virtudes quero nesta hora
Publicar o portento agigantado,
Com que faz-Se entre todos decantado.

2.

Com agrado Luís, com madureza
Sem ninguém penetrar o seu intento,
Todo bem quer fazer-nos com presteza,
Dar-nos do mal total apartamento;
É para decantar sua agudeza,
Eu vivo de Seu entendimento,
Que por ser no Governo tão fecundo
Mil lições pode dar a todo mundo.

3.

Com tal honra doutrina seus Soldados,
E as partes com tanto amor atende,
Que àqueles bem ensina c'os agrados,
E a estas despacha como entende;
A ambos sempre os deixa consolados,
Que a nenhum ofender somente emprende,
Dando-nos a entender que quem tem honra,
Deve agradar, e não causar desonra.

4.

Também Luís sublime em todo o mundo
Pelas armas se faz apotentado,
Sendo por seu valor forte e fecundo
Em o âmbito terráqueo decantado:
Que Alexandre é, ele o segundo
Bem nos mostra o esforço experimentado
Cipião, Aníbal perdendo a glória,
Pois Luís deve ter toda a vitória.

5.

O maior valor, que a fama canta
Mereceu vendo o sangue derramado;
Luís, que no valor o mundo encanta,
Não é, não dessa forma decantado;
Porque goza no esforço glória tanta,
Que prá ser o inimigo afugentado,
E meter-se na mais Remota parte,
Basta só vir Luís, preclaro Marte.

6.

A quarenta, e cinco anos valerosos,
Que a Aula gostoso de Deus Marte,
Em meio desse tempo por famoso
De Palas aprendeu a nobre arte;
Ele em ambos saiu tão portentoso,
Que sua fama chega em toda a parte,
Marte dele o esforço recebendo,
E lições também Palas aprendendo.

7.

Tal graça, discrição tem na oratória,
Que leva a palma entre os oradores,
De Cícero, e Catão leva a vitória,
Mais que eles recebendo mil louvores;
Mas não admirem, não ser ele a glória
De todos os demais declamadores;
Por Antônio devia ser fecundo
Na Graça, e por Luís Luz do mundo.

8.

Em três Academias tem orado
Com tanta discrição e tão fecundo
Que ao Auditório deixando admirado
O aclamou na Oratória sem segundo:
Em outras orações mais tem mostrado
A ciência não só, mais ser jocundo,
Pelo que diz o Povo muito ufano,
É glória Luís do Lusitano.

9.

No seu alto, e sublime nascimento
Não fala antes cala minha pena,
Que seria só dar abatimento

Ao que todo o Povo me condena:
Dos Botelhos, e Sousa o Luzimento,
E também dos Mourões a fama acena,
E Mateus o Seu Sangue nos publica,
Também Marquês das Minas testefica,

10.

Na virtude se faz mais celebrado
Luís, dia nenhum jamais faltando
Ao Santo Sacrifício, e desvelado
Neste Santo exercício se mostrando;
Na Oração se mostra com cuidado,
A Caridade Sumamente amando,
Por isso vindo a Ser dela portento
Com que aumenta mais seu nascimento.

11.

Eterno nome já tem adquirido
Nesse famoso Reino Lusitano;
Pelas novas Conquistas merecido
Grande Louvor do nosso Soberano:
As fortalezas, que tem erigido
Aos contrários prometem tanto dano,
Que intrépido nenhum se atreveria,
Investir a famosa artilharia.

12.

As Tropas, que criou tão instruídas
Na milícia, se vêem tão doutrinadas,
Que de ânimo mavorte revestidas
De todos já se fazem respeitadas:
Os Soldados têm armas tão Luzidas,
Que às de Marte Se fazem comparadas,
Fazendo-se Luís portanto efeito
Maior na admiração e no Respeito.

13.

Mil vezes este Povo Paulistano
Feliz chamar se pode com bem glória,
Que tendo um General tão Soberano
Dos adversos terá sempre a vitória:
Já mais não tema ele aquele engano,
Em que nos põem do mundo toda a história
Que Luís para dele ir-nos livrando
Vai Santa Ana de novo colocando.

14.

Em nossa ajuda temos o portento
 Da graça por um Sonho merecido,
 Fazendo-nos por seu merecimento
 De mil felicidades possuído:
 Este favor de tanto Luzimento,
 Este bem jamais nunca adquirido
 De Luís as virtudes nos tem dado,
 Pelo qual se faz hoje mais louvado.

15.

De tanto amor, de Ser tão desvelado
 Todos juntos as graças lhe rendemos;
 Em nossos Corações fique estampado
 Tantos bens, que felizes nos gozamos;
 Em Coluna imortal eternizado
 Pela fama gostosos lhe façamos,
 Que se Hércules a erigiu prá memória
 Mais merece Luís ter esta glória.
 Do mesmo.

[Frei Felisberto Antônio da Conceição]

Em louvor da Senhora Santa Ana.

ROMANCE

Ó estrela incompreensível
 O Divino Simulacro
 Luz excelsa, pois Luziam
 Em vós da virtude os Raios.
 Assombro da Santidade,
 Mas que imagino, eu que falo!
 Se para vossos Louvores
 São curtos meus predicados.

Comparar-vos não pretende
 Às Deidades, nem aos Astros,
 Porque sei que vos ofende
 Quando convosco os igualo.

Pois esse raro portento,
 Esse belíssimo encanto,
 Servindo ao mundo de assombro,
 Também serve ao Céu de pasmos.

Assim publica o discurso
Confuso, e admirado,
Pois que brilhavas no mundo,
Também no Empíreo sois Astro.

E por mais, que a devoção
Muito se empenhe em Louvar-vos,
Vossos méritos não pode
Deixar também declarados.

Inclita Santa, eu julgo,
Que sois do Céu o traslado,
Que para Lugar de Estrela
Só o Céu era adequado.

Perdoai-me, se é delito
Atrever-me eu a Louvar-vos,
Pois também aos olhos Cegos
Penetram do Sol os Raios.

Vós sois o Sol, Eu o Cego
Mas quando intentei Louvar-vos
Ficou meu entendimento
Com vossa Luz ilustrado.

Bem sei, que sou diminuto
Em descrever vosso aplauso;
Porque para compreender-vos
Mas o que ele não pode

Mas o que ele não pode
Por errante, e limitado,
Supra a vontade, pois esta
Sempre desculpa aos errados.

E para que algum acerto
Se conheça entre erros tantos,
Quando o preferir é erro,
Seja o silêncio acertado.

E assim, deposta a pena,
Suspensa a voz, mudo o canto,
Sirva o assombro de língua,
E a suspensão de aplauso.

Do acadêmico

**Muito Reverendo Padre Mestre Frei Joaquim
de São José Silva, Religioso Franciscano.**

Em confirmação dos problemas.

SONETO

Nenhuma ação produzida é mais perfeita,
Que o impulso primário producente,
Pois maior nunca foi, que o seu agente
O efeito, que a forma dele aceita.

Assim, Senhor, a causa se respeita;
E neste exemplo mostro claramente,
Que do meu discurso certamente
Deve estar a vontade satisfeita.

Porque se colocar aqui Santa Ana,
E se o ser General coisa é notória
Ser influxo da Virgem Soberana,

E da vossa Alta Casa uma memória,
Digo sim, que a idéia não me engana,
Que está nisso, e não nisto a vossa glória.

Do mesmo.

[Frei Joaquim de São José Silva]

SONETO

Cesse de Fábio a fama, com que o mundo
O celebra famoso, e a gravidade
De Catão se suspenda nesta idade,
E o Engenho de Túlio tão fecundo.

Sepultada em silêncio mui profundo
Fica de Régulo já a lealdade,
Nem de Numa mais lembre a piedade,
Pois já outro aqui vemos sem segundo.

De Cipião o esforço já deixemos,
De Severo Torquato, nem memória
No mundo se conserve, pois sabemos

Leva Luís a todos a Vitória,
E se outro semelhante já não temos
A ele seja dada tanta glória.

[Frei Joaquim de São José Silva]

In confirmationem Problematum.

EPIGRAMMA

Radice exurgunt plantae, palmaeque uirentes:
Ergo radici palmae tropheae dabit.

Do mesmo.

[Frei Joaquim de São José Silva]

In Laudem Beatissimae Annae, ab Illustrissimo et
Excelentissimo Domino Cordieitus Venerabili-
terque celebrate.

Vatum praecordia
Laete Canentium
Soluantur hodie
Eius in carmina,
Cuius imaginem
Princeps eximius
Venerans caelitus
Nobis praesidium,
Quassato puluere,
Sacris Locatam
Seu Arcam faederis
Leuitis celebrat.
Maxima gloria:
Undique, et undique
Concurrunt populi
Mirare insolitum;
Ergo Vir nobilis,
Dux memorabelis
Una cum populo
Tam pio ducto
Parentis praemium
Eximium Specta:

Videbis aurea
Saecla per aeuum
Se debis de Super
Aeternum sidera
Amem.

Do Acadêmico

Muito Reverendo Padre Mestre Frei Bernardino
de Sena, Religioso Franciscano

Secundum nomen Illustrissimi et Excelentissimi Domini
 Luduici Antonii de Sousa Botelho Mourão Laus
 eius qua canitur pacis honor martisque uicus fortis.

EPIGRAMMA

1.º

Quot quot certarunt Tecum Ludouice fatemur
 Pellere mauortem non ualuisse tuum.
 Sic post certamen, patratque praelia, Victor
 Nostrae pacis honor, Dux Ludouicus abis.
 Facta tuum Princeps portendit talia nomen,
 Ludus amans pacis, uicus ad arma potens.

Do mesmo.

[Frei Bernardino de Sena]

Versão do Epigrama antecedente em

SONETO

Quantos vemos, Senhor, que horrível guerra
 Vos fizeram talvez por conhecer-vos,
 Não poderão senão Reconhecer-vos
 Por Soldado maior, que pisa a terra.

Que pacífico sois também não erra
 Quem o diz, porque assim bem chega a ver-vos
 Quando, sem que o procure encarecer-vos,
 Vosso nome preclaro tudo encerra.

E porque inda usando do respeito,
 De favores mostrais não ser escasso,
 Porque em tudo mostrais que sois perfeito;

Veja sempre do mundo o grande espaço,
 Que na paz há brandura em vosso peito,
 E na guerra valor em vosso braço.

Do mesmo.

[Frei Bernardino de Sena]

In Laudem eiusdem Excelentissimi Domini nimis pro
prudentia pietate quae ad gubernandum dispositi.

ALIUD EPIGRAMMA

Quae Te iam dudum, uirtus unita, decorat,
Vel maiora quidem pondera ferre potest:
Est Tibi nec fallor, prudentia Principe digna,
Te capit assidus Religionis amor.
Haec uirtus unita dabit, Dux optime, uires,
Namque agere, ut nocti, fortius illa solet.

Do mesmo.

[Frei Bernardino de Sena]

Versão do Epigrama antecedente em

SONETO

Essas duas virtudes, que esta idade
Singulares admira em vosso peito,
Constituem-vos hoje tão perfeito,
Quanto em vós cada uma o persuade.
Não, Lisonja não é, com que a vontade
De louvar-vos as finge em seu conceito,
Quando todos conhecem pelo efeito,
Que em vós vive a prudência, a piedade.
E se ainda as virtudes nobremente
Fortalecem ao homem divididas,
Porque ao mundo o valor mais alto ostente;
Claro está que farão em vós, unidas,
Quando o peito vos tornem mais valente,
Vossas forças no mundo conhecidas.

[Frei Bernardino de Sena]

In Laudem Santissimae et Gloriosissimae Annae.

EPIGRAMMA

Cedite Niliacos claudentia busta tiranos
Ista tegit uitae ara sacra Deae.

Do mesmo.

[Frei Bernardino de Sena]

Oh cultus, palususque Imagini Santissimae Annae honorificentissime consocrates, ab aliasque uirtutis palam perpetratas, sumis Laudibus extollitur.

Illustrissimus et Excelentissimus Dominus Ludouicus Antonius de Sousa Botelho Mourão.

EPIGRAMMA

Festa dies agitur niueis signanda Lapillis,
Quam sacrat Effigies condecorata Tibi.

Inde mihi non parua subit fiducia, Princeps,
Quod Tibi tam faustum sors per amica dedit:

Aeneam effigies quamuis et eburna fefellit,
Haec tam prudentem ducet Imago Ducem.

**Ex Academico Reverendo Patre Mestre
Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça,
Religioso Franciscano.**

ALIUD

Iuno non querebat Heram gentilicus error
Semper ut acciderent prospera fata uiris

Virginis at Matri dum plaudis, Maximo Princeps,
Tanquam Patronae, fabula nulla datur.

Laetentur populi; nobis fortuna beatis
Incipit esse simul spes, et amica Salus.

Quid mage sit felix? ueniet sors fausta per eum:
Restabunt populoque magis alta? Polus.

[Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]

ALIUD

Me duce nunc Laetos, populi, nunc sumite uultus,
Laeta canant Iuuenes carmina, Laeta senes.

Hic datus est nobis caelesti munere Princeps,
Qui felix equidem nomen, et omen habet.

Dum Loduix praeclara tenet moderamina; uotis
Nil poterit uestris, nil super esse meis.
Haec nos iure manent felicia fata; quod illum
Florentem florem florida uirga fouet.

Do mesmo.

[Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]

ALIUD

Paulopolis quot quot uigilem meditantur in Orbe
Ductorem, similem se Reperire negant.

Sunt Tibi uirtutes, simul et sapientia prudens,
Corque rapit feruens relligionis amor.

E terris praestas praestat quod in aethere Titan;
Tu tenebras animis discutis, Ille Polo.

Felices Popoli, felix Respublica; Iure;
Quod tam felicem possidet Illa Ducem.

[Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]

ALIUD

Virtutes Latuere tuae, clarissime Princeps,
Nunc inotescet nomen in orbe tuum.

En iam fama tui plenum circumuolat Orbem,
Quae ceu mel tote tempore dulcis erit;

Dulcis in era etiam scelerata uolabit; Hostes
Nomen adorabunt, dum tua facta uident.

Do mesmo.

[Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]

SONETO

Tanto zelo, Senhor, tendes mostrado
No culto de Santa Ana, que o conceito,
Que da vossa virtude havemos feito,
Totalmente se vê desempenhado.

Mas aquele fervor, em que abrasado,
Chamas de amor respira o vosso peito,
Por que causa não fica satisfeito,
Quando tantas grandezas tem obrado?

Que mais falta, Senhor, e que vos resta?
 Ou em que se não fez vossa vontade?
 Mas que digo? Já sei; a causa é esta:

Venerais a Santa Ana de verdade,
 E não contente só com uma festa
 Eternizar quereis nesta cidade.

Do mesmo.

[Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]

Illustrissimo, ac Excelentissimo Domino Ludouico Antonio a Sousa Botelho Mourão arces extruenti, Raedificantique, et exinde hostes, uicenti, Lauro coronate triumphum cantanti, cuius signum nobis totem proponit, scilicet — Dominus Aloisius Antonius a Sousa Botelho Mourão.

EPIGRAMMA

Qualis Amazonidum prope Thermo de onta cohortes.
 Penthesilea furena sub sua signa rapit;

Talis in aduersos operaris fortiter hostes,
 Arces extollis cum, Ludouice, mari.

Macte animi, Dux illustris, macte inclyte: Laurus
 Sub cuius tote nomine Sacra uiuet

Pone metum: dabimus signa indubitata triumphi
 Impar tot certe millibus unus eris.

**Ex Academico Reverendo Patre Fratre
 Iosepho Mariano ab Amore Diuino,
 Religioso Franciscano.**

Circa ipsius maiorem Laudem, quae eritur ex devotione erga Genitricis Dei Protoparentes Annam relatam illi, quam consecrat Virgini Maria a Guadiis, cuius est Filius.

ALIUD

Eximius inter Magnus, Ludouice, uocaris,
 Quando magna Deae, das quoque magna Deo.

Hoc patet in tantis, Dux Maxime, Laudibus Annae,
Hoc canit in tantis Ara Sacrata fecis.

Omnipotentis habes, Princeps, Genetricis amorem,
Sed nunc Matris amor Laus tibi maior erit.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

Ipsius adhuc dormientis superiora arcana penetrantis
in Laudem:

ALIUD

Sint mentes sanae, manet hic, qui laulibus Annae
Non uigilande Sapit, iam uigilando capit.

Do mesmo.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

In Laudem ipsius, cuius somnia uera sunt.

ALIUD

Vera suo, Princeps, sub eunt pia somnia uati,
Nec de caelesti cardine falsa cadunt:

Omne tulit punctum, nom iam contraria pugnant,
Quae cecidere manent, quae subiere cadunt.

Ipsi, cui nunquam de futuras opes, cum Annam
Beatissimam inuenit ditaturam sequenti portenditur.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

EPIGRAMATE

No timeas sortem, bona quae tua perdat, iniquam,
Caelitus est etenim, que tibi uicta cadat.

Destruat illa licet, seruat quas dextera, gasas
Innumeras Rapiens plura Relinquet opes.

Diuitias etenim dabit Anna, ut ditier adsis
Quam diues quondam Craessus in orbe fuit.

Do mesmo.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

Versão do epigrama antecedente em o seguinte:

SONETO

Não temais a fortuna desumana,
Que do mundo as riquezas arruína,
Pois por inspiração quase Divina,
Hoje achaste com que a vençais tirana

Inda, que ela a pretenda como insana
Dar ao que possuís grave ruína,
Essa que descobris tão rica mina
Não fará que dos bens vos prive ufana.

Antes sei nas razões em que me fundo,
Que atendendo de amor ao vosso excesso,
Vos fará de riquezas tão fecundo,

Que chegando a ver delas o progresso,
Possuís D. Luís em todo o mundo
Opulências maiores, que as de Cresso.
Do mesmo.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

Em Louvor do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor
Dom Luís de Sousa, por que o vemos pacífico, pelas
suas prendas singular no Governo, para este con-
duzido por Deus, que no fundo do seu Coração está
vendo não só sua justiça, se não também com pru-
dência, e sua Sabedoria.

SONETO

Nenhum outro de prendas mais dotado
Achar-se em nosso Reino poderia (1). . .
Pois mais nenhum por certo aqui veria,
Que tivesse como este governado.

Ele atende ao Rico, e desprezado,
A todos descobrindo uma alegria,
E por isso com grande economia
Tem em paz todo o povo conservado.

(1) Non est, inuentus similis illi. Ecc., c. 44.

Bem parece, que veio prevenido
Desde o berço pelas mãos do Onipotente,
Para o Cargo, que ocupa merecido;

Pois é tão justo, sábio, e tão prudente,
Que se o nosso clamor fosse atendido
Havia governar Eternamente.
Do mesmo.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

Na Colocação de Santa Ana se vê em o mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor unida a Devoção, com a grandeza; por isso fica Santa Ana obrigada a protegê-lo, segurar-lhe a paz, e felicidades, permanecendo pela pia, e devota Colocação eterna a sua Lembrança. Isto mais nos persuadem as seguintes

OITAVAS

Príncipe excelso, tendes conseguido
Quanto já, Senhor, tinheis aspirado;
Porque tudo que havieis pretendido
Em Louvor de Santa Ana fica obrado.
O aplauso foi em tudo tão subido,
Em os cultos que tendes dedicado,
Que neles se tem visto com clareza
Unir-se a devoção com a grandeza.

Nesta festa consiste a vossa glória,
Que Santa Ana desde hoje vos segura;
Porque quando fazeis dela memória,
Em socorrer-vos mais ela se apura;
E sendo a vossa fé, como é notória,
Vossa devoção grande, ardente e pura,
Já se vê que também ela obrigada
Em vossa proteção será empenhada.

Vivereis em total tranquillidade
Sem temor de qualquer perigo humano,
E sempre gozareis felicidade
Por meio deste amparo Soberano.
Sempre em paz estará vossa Cidade,
Sem que em nada perceba perda, ou dano,
Pois esta tutelar tão poderosa
Dos males a defende piedosa.

Seja enfim esta ação o complemento
 Das grandezas, que tendes aqui feito;
 Porque nisto se vê, que o vosso intento
 É somente buscar nosso proveito:
 Pelo que com notável rendimento,
 Venerando, Senhor, vosso respeito
 Vos fazemos no mundo eternizado
 Por teres a Santa Ana Colocado.

Do mesmo.

[Iosepho Mariano ab Amore Diuino]

Santissima, Gloriosissima Anna Laudibus celebratur
 Iuxta metrum et Ecclesiastica Verba.

HYMNUS

Matrem Parentis Virginis
 Laudemos emnos faeminam,
 Quae laudis excelsa gloria.
 Ara refulget inclita:
 Haec mundi amorem noxium
 Caelesti amore saucia
 Hortatur omnes spernere,
 Inuitat ad caelestia:
 Haec supplicantes subleuat,
 Arae locata in culmine
 Terrae putitur gloria,
 Caeli putitur gaudiis;
 O Anna, quae mortalibus
 Clemens fauores efficis,
 Tuo precatu, quae sumus,
 Nos ire caeli in praemium.

**Ex Academico Reverendo Patre Fratre
 Antonio a Santa Anna, Religioso Franciscano.**

HYMNUS

Iuxta metrum, et Ecclesiastica uerba.

ODE

Ista, quae mater Domine, colentes
 Quam pie Laudant populi per urbem,
 Duce supremus meruit Locata
 Laudis honores.

Castaque prudens, Humilis pudica
Peperit natam sine Labe puram,
Cuius humanos animauit ardens

Spiritus artus.

Annae ob excelsum meritum, frequenter
Subleuat caelum Lacerata membra
Et notis culpe miseris saluti

Restituuntur

Hinc pius noster canit obsequentes
Populus laudes, celebratque festa,
Nos ut in caelum feret Anna clemens

Omne per Aeum

Do mesmo.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Ad eiusdam encomiun.

RHYTMUS

Ductor Musarum
Praeste in Choreas
Inuitet socias
Eburne pectine:
In plectrum graue
Unda Aganipedis
Ad plausus Principis
Fluat pereniter.
Roret acumina
Quae pulchritudinem
Contendunt Annae
Libenter plaudere:
Haec est Caelicole
De matris Parens,
Quam lauiant Angeli
Cultu ineffabili:
Huius encomia
Curant extollere
Docturum caetus
Tuba mirabili:
Tuba mirabili
Non satis laudant,
In corde petius
Laudate populi.

Do mesmo.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Beatissima Anna ara in noua collocata celebratur.

EPIGRAMMA

Virginis alma Parens populo clamatur, amator,
 Huius sacra domus limina uadit, adit.
 His tecum Laribus felix uolo uiuere uere,
 Nunquam noster amor corde recedet, edet.
 Est Tibi nunc plausus presentis temporis horis,
 Virgiis Anna Parens, qui modo clamat, amat.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Dicitur esse Parens Dium Turrita Cybelles,
 Hoc que ex meniatio gloria falsa uenit.
 Gloria uera Tibi, Matrem quod eburnea Turris
 Te celit, Anna parens, Filia magna Parens

[Fratre Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Alta coruscanti apeculantur sydera caelo,
 Quando micans urbem circuis, Anna, tuam.
 Hinc Te mirantur populi, Lunam tue uocantur,
 Namque manent stellae Te ueniente, Polo.

Do mesmo.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Beatissima Anna Illustrissimo Excellentissimo Domine
 Spes firma.

EPIGRAMMA

Soas erat in cella, cuius de puluere bella
 Tradita forma pelo nunc pate facta solo.
 Sic inuenta Anna thezauro, (somnia sana)
 Aurea Ductor ibi cuncta reperta Tibi.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Etiam populo Spes firma.

EPIGRAMMA

In cantu populi Laudant, in sydere (caelum,
Anna sacratas ingrediente lares:
Sors promissa uenit, signis felicibus, intrat
Anna bonis auibus sydere siue bene.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Conspiciunt bellae Te caeli ex cardine stellae,
Mirantes plenas Luce micante genas:
Gens Tibi clamores offert, et praestat amores
Nostraque formosas dant Tibi prata rosas:
Florida deuenient Anna, fugientque profana,
Ver manet urbe mea germinis alma Dea.

Do mesmo.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Anna Gloriosissima Illustrissimo Excelentissimo Domi-
ne Spes firma.

EPIGRAMMA

Inuenit Anna Ducem, meritos qui curet honores,
Perditus in nullo tempore, Ductor, eris.

[Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Ut Lewis Empyreum subeas, dignissime Princeps,
Das numes Annae nunc pietate graves.

[Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Nempe tuas, Princeps, uirtutes horrifer hortis
Odit peruersus bella cruenta gerens.
Exilit ille putans te uictum spernere, uerum
Adiuuat in pugnas Haec Tibi firma salus:
Ambitiones erat, qui damna patrauerat, ignis:
Splendes Tu raddis, uritur Ille foco.
O Felix Princeps, nullo discrimine uictus,
Anna potens quando dicitur Anna parens.

[Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Tartareae exurgant in praelia dira phalanges
 In nostrum que ruat inimica Ducem:
 Semper uictor erit, semper uictoria semper:
 sufficit una potens, sufficit una salus

[Antonio a Santa Anna]

Laus Beatissimae Annae consecrata.

EPIGRAMMA

Aurora in tenebris, et tetro in puluere sydus,
 Sol obscuratus, uisitur atra dies!
 Temperet a Lachrimis, Princeps, quis talia fando!
 Temperet a gemitu talia quisque uidens!
 At modo siste, precor, per Te Lux, inclita surgit
 Pulchrrior Aurora Sydere, sole, die.

[Antonio a Santa Anna]

ALIUD

Salve, Santa Parens, Genitricis digna Tonatis,
 Huius Regificae gloria magna domus.

Slaue multoties, et centum millia salve,
 Terra, polus quando millia mille canit.

Do mesmo.

[Antonio a Santa Anna]

Illustrisimi, Excelentissimi Domini Militares uirtutes
 celebrantur.

ODE

Tumultuantes horrida fulminant
 Gentes per orbem prealia, concitat
 Et fama Rectores plagarum.
 Terrificat simul astra clamor.
 Mox praeliatur prouidus agmina
 Exercet, omnes ut uiolentior
 Deturbet exurgens in hostes
 Dux Loduix, Pater ipse pacis

Docet phalanges militiam rudes
 Discriminat as quadrupedantium
 Parat que turmas in plateis
 Atque Duces celebrare pugnam.
 Adire gentes per Loca subdita
 Curat scientes, ut Domini colant
 Inculta, qui tendant per arcta,
 Et superent tribules uiarum.
 Scrutantur omnes hi peentralia.
 Telluris, et mira inueniunt noua;
 Trahunt que felices metalla
 Flaua tua ueneranda in urbe.
 Parantur arces rite potentibus
 Armis in hostes, in noua praelia
 Fortasse nobis pro futura,
 Ne subito ueneant in urbem.
 Augere curans imperium sui
 Regis corone, cuius amabilis
 Petit labores in sudere
 Et gemit, gemit atque praesens
 O nostra felix pro Duce Princeps
 Urbe imperant! Nunc generosior
 Impelle clangores tubarum
 Ad meritos Loduix honores.

Do mesmo.

[Antonio a Santa Anna]

Illustrissimus, Excelentissimus Dominus Aluisius
 Antonius de Sousa Botelho Mourão preasentibus
 carminibus laudibus cumulatur. Fé em Santa
 Anna para conseguir felicidades.

EPIGRAMMA

Aduersus, Princeps, acies uirtute Parentis
 Annae Victor eris, territus Orcus adest:
 In Domina confide, Potens, namque omne per aeuum
 Hercule maior eris, Matre fauente tuis.

[Fratre Antonio a Santa Anna]

Todo o seu empenho é louvar a Santa Ana.

EPIGRAMMA

Frondose Aligeræ ueniant de uertice Pindi,
Tangentes gracili dulsia metra sono:
Et quæ bacantes perlustrant flumina Nymphae
Errantes habitant nobile quæque nemus.
Adsint: caelicolæ dantes pia sarta Parenti,
Sternantes croceis lilia mista rosis.
Adsint, Ductorem tam Sancta in uota sequentes,
Praebentes Annae numera Sacra Deae:
Felices populi tanto ductore, parenti
Cuius tam dignae plaudere solus amor.

**Ex Academico Reverendo Patre Fratre Joachino
a Sancta Anna Silva, Religoso Franciscano.**

Festeja a Santa Ana em dia de São Joaquim.

EPIGRAMMA

Colligis in laudem sponsam cum coniuge, princeps:
Quos male disiungit mors, bene iungit amor
Hinc tua, Ductor adest uirtus, et magna potestas;
Nam laqueos uincis fortis, et arma necis.

[Frei Joachino a Sancta Anna Silva]

Castigar, e ser piedoso.

EPIGRAMMA

Diceris esse pius, dum parcis, maxime Princeps,
Dum que malos punis, diceris esse bonus:
Sic nimium felix! non parcere namque Beatum
Te facit esse uirum, parcere te que bonum.

Do mesmo.

[Frei Joachino a Sancta Anna Silva]

De maximis politicis et militaribus instructionibus.

CARMEN

Auxilium in tantis aspiret rebus Apollo
Delius, atque mihi, doctissima turba, sorores
Praestent, et faueant praesentia Numina Vatum.
Armipotens Pallas blandae modulamina Linguae
Haud renuat, citheram coniunctim pulset eburno
Pectine, frondosasque trahat citharedus Arion
Silvas, quae simul, et uales, montesque supini
Adiiciant Lodoix aures mihi gesta canenti
Principis inuicti, qui quondam Martius horror
Praeualidae hisperiae, et nusquam formidine pressus,
Qualis Dardanides, rigidi discrimina belli
Effugit at terras audax petit, aequora sulcat:
Ardiua nom formidans, impavidusque cohortes
Euertens, rediit destructo uictor ab hoste.
Inde suis, Patria, notis, charisque relictis
Brasilicas constanti animo transmigrat ad oras,
Paulopolimque raegat Ductor, gentemque gubernet;
Robore qualis ubi furibundos Scipio uertit
Hostes, celantes sedes ne flaua methala
Accipiant, capiantque suis adamantina rura:
O facies inimica tuos iam dirige gressus
Ad patrios fines; Lodoix nam defficit unquam
Praelia tentandi calor, Herculeosque furores
Spiritus in gladio uastandi, atque impetus ardens:
Pelle procul curas; Princeps nam gloria gentes
Paulopolis, terrae tibi uiscera flaua recondit
Lysiadae et gentis tantum permissa trophis.
Pace numae similis non deturbare suorum
Pauperiem cupit, at patrios ditare penates
Lysiadum Regni; id circo nemus omne Locorum
Gratuito pandit, nullo impediante Labore:
Terrorum nom incutiunt ipsa horrida monstra,
Territa sed subito fugientia Lustra relinquunt.
Onimium felix pro tanto Principe tellus!
Cui pietate Regens prudenti lege Lucurgus
Cedit, et in patrio Princeps Trojanus amore;
Sic generosa tuos cantabit buccina mores,
Nomen in astra tuum uolitet, sic fama per auras.

Do mesmo.

[Frei Joachino a Sancta Anna Silva]

Laudes a me huc usque propalatas iure, meritoque
 Illustrissimo, e Excellentissimo Domino esse debi-
 tas concludit sequens.

EPIGRAMMA

Falsa canunt omnes, qui non sunt uera, Poetae:
 Non ego sum: sequitur me tibi uera Loqui
 Si mihi maiorem tu concedendo, minorem
 Forte neges; facio carmina namque: probo.
 Est qui componit solus bona carmina uates:
 Atqui ego compono, non uocor ergo, mala.
 Si, Lodouice, neges maiorem; carmina namque
 Vel mala qui, uates dicitur esse, facit:
 Cedo Tibi palmas: me iam dic esse poetam,
 Sed, quia nom ueros in sequor ipse; malum:
 Nam si falsa boni cecinerunt usque poetae;
 Ergo ego sum dicens uera poeta malus.

Do mesmo.

[Frei Joachino a Sancta Anna Silva]

Distinto herói, não posso decantar-vos
 Com o metro, que o casto coro tem,
 Ou na esfera de grande colocar-vos
 Como a Deusa faz das bocas cem:
 Contudo em plectro rude elogiar-vos
 Minha Musa em seis línguas hoje vem:
 Latina, Portuguesa, Italiana,
 De Caboclo, Francesa, e Castelhana.

[S.I.A.]

Felicitatis in somnio habito per caeli signa confir-
 mantur.

EPIGRAMMA

Ips e gomet uidi radiantia sydera Caelo,
 Dum peteret templum uespere Diua suum.
 Currite, uos populi, nudentur floribus agri;
 Intra sydereo nam pede nostra salus.
 Viua Parentis adest Annae sublimis Imago;
 Vita datur populis, mortis imago fugit.

**Ex Academico Reuerendo Patre Fratre
 Francisco a Sancta Anna Mourato,
 Religioso Franciscano.**

Promete Santa Ana ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo
Capitão General felicitar esta cidade de São Paulo.

NA LÍNGUA ITALIANA

A vostri piedi io vedo umilmente
De tan lucenti raggi enamorado,
Anchora ripensando in L'alta mente
Questo populo tutto spaventato:
Ma daro La ragione fedelmente
Per che tutto si ha maravigliato:
Sapiate: Santa Anna a La citta
Ha promesso une gran felicità.
Do mesmo.

[Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]

Aplauda-se a grande fé, com que o Ilustríssimo, Senhor
Capitão General colocou Santa Ana nesta Igreja
do Colégio.

EM IDIOMA DE CABOCLO.

Anhe hen xe corindeuo,
Opacatû peyôri,
Santa Anna ara cori,
Xe anga opiracey xêuo.
Acô Venus cunhã ahiguera
ndê saysupyra ruan:
S.Ana, mêmê Tupan
Xe pyape arêcô cêra
Apyauetâ, cunhã auê
culumi, cunhã bucu
Penhe hen cori catu
Pahi Generar cupê
Nde anhô carahi veraus
Maria cy rausupâra:
Jesu Christo iandê iâra
Tô mboêtê catu cô apyaua.
S.Joaquim, mêmê S.Anna,
Tupan, Cy Pahi S.José,
Jesu Christo ndê possê
Tô moingô pucú nde ymana.
Tâ ndê rerassô oltama

Carahiuêuê rouaque
 Tereim Pahi nde hauê
 Ndê yecôsû aguama.
 Nde mianssû mirin.
 Do mesmo.

[Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]

Discours, qui donne a connaitre L'haute action du très
 Excelent seigneur Capitaine General D. Louis
 Antoine de Sousa Botelho Mourão en faisant placer
 dans L'Eglise du College de Saint Paul L'Image
 de Saint Anne.

Nobles Academiciens
 pour parler avec vous ici je viens.
 Je viens vous demontrer dedans ce temple,
 de David imite un Saint exemple
 par le Heros Excellens,
 de qui vous celebres fête a present
 Je puis emprunter de L'Ecriture
 une propre figure.
 Celui-la de zelle magnifique
 Prophete, le Roi plus heroique
 David, le grand Roi, que sa pieté,
 audessus des heros avoit elevé:
 plein de benedictions,
 comme lû nous avons:
 Du Royaume d'Israel le grand seigneur,
 Comme aussi de Juda le possesseur:
 depuis le Jourdain jusqu'a l'Egpyte:
 vainquer des Amonites:
 redouté des Philistins,
 Et respecte de tous les plus voisins:
 aimé, et presque adoré
 des amis, ennemis, de ses sujets:
 sans soin des conquetes
 nouvelles, la couronne dans sa tête
 il assure: de doux fruits jouissant:
 très riche, très puissant:
 avec repos, et paix dans l'abondance,
 sur l'Arche d'Alliance
 ses premières pensées déjà portant
 se demande a soi-même en dissant:
 et! Cette Arche negligée

depuis si long-temps dans l'obscurité!
celli-la si particulière maison,
ou demeure obededon!
Tranquille sur mon thorne
jamais je serait? Il parle, il prone:
Et je me reposerai
dans une superbe, grand fastueux palais,
tandis, que du seigneur
La sainte Arche cache sera avec horreur?
ce cage precieux, saint instrument!
si venerable a nos pères, ce monument!
comme aussi a les vrais Israelites,
Pretres, peuple, et Levites!
Pourrai-je le souffrir ici, plus temps
couverte de poussière honteusement;
que elle soit ensevelie?
J'irai a transporter avec joie:
Oui, sur cela mon couer s'enflame,
Mon zèle, mon esprit, aussi mon âme
Les Pretres, les levites des a present,
je, le peuple egalement
pour porter cette Arche mysterieuse,
avec pompe la plus religieuse
ensemble nous allons
pour venir arranger sur la sion,
cette Arche de miracle,
La ou milieu du Saint Tabernacle.
Qu'en ditis vous ici,
ne voyens tout de même aujourd'hui?
Oui, il colloque le Prince a present
Saint Anne, qu'en songeant,
on parle, a lui on dit:
Reveillez vous, sortez du votre lit:
Placez dans L'autel, qui n'a rien dedans
La Grande Mère de Dieu, Le jour suivant
il trouve par hazard, dans une chambre etoit
L'Image de Saint Anne encaichetê.
Plein de jouissance,
(quel David avec L'Arche d'Aliance;)
se demande a soi-même: il est vrai
avec plaisir je serai dans mon palais,
tandis dans cette maison
Anne, L'Arche mieux, (très bien savons)
Que Marie Saint tresor, elle a gardé,
sera plus temps, sans culte ici en chante?

non; mon esprit s'enflame,
 mon zele (quel Davi), aussi mon âme.
 Qu'en ditis vous ici?
 Anne dans L'Autel voyons aujourd'hui
 arrange avec pompe, et dignement
 avec gout de la cit intierement.
 Qu'en pouvons nous augurer
 d'un avis, que a promis feliciter
 La grande Capitanie
 de Saint Paul, ayant Le grande proie
 des celui la gentils, grande ennemis
 des lages, d'yvay de Tibaji
 bourgs qu'il a edifié,
 et bien fortifié
 avec soin, suer, vigilance, effort
 pour rendre franc, et libre mines d'or?
 C'est pourquoi, dis-je il est,
 (que Davi de plaisir si environne,
 sans avoir soin de plus conquête,
 sans peril toujours, et plein de fête;)
 plus digne de louage,
 quand L'Arcle de Marie il arrange.
 C'est pourquoi nous prions devant d'auter:
 transporté vous soyez de même au ciel.

Do mesmo.

[Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]

Versão no seguinte

SONETO

Hoje vejo, Senhor, fica vencido
 Davi naquela ação famigerada
 De trazer a Santa Arca, que ocultada
 Tinham os muitos anos esquecido.

Porque vós entre Sonhos instruído,
 Vendo no Cubículo Ana deixada,
 (Do tesouro melhor Arca Sagrada)
 Tendes nesta Sião hoje erigido.

Excedeis, e Davi não desabono,
 Pois se acaso merecem Croas mistas,
 Sempre quero dizer em vosso abono,

Que além das vantagens já previstas,
Ele estava tranqüilo no seu Trono,
Vós aqui fatigado nas Conquistas.

Do mesmo.

[Frate Francisco a Sancta Anna Mourato]

Ao nome, e primeiro sobrenome de Ilustríssimo, e
Excelentíssimo Senhor Capitão General.

DÉCIMA

O vosso nome, Luís,
a dois reparos me induz;
se tiro o-i fica Luz,
se tiro o-u fica Lis.
Essa **Luz** mui bem me diz,
que o País iluminais;
e no **Lis** se duvidais
seres flor muito pomposa,
seres açucena, ou rosa
no sobrenome o mostrais-Antonius-id est flos.

Do mesmo.

[Frate Francisco a Sancta Anna Mourato]

Aquela generosa ação que Sua Excelência obrou na
baixa, que a um Soldado deu, pedindo-lha na
ópera, em traje extravagante.

SONETO

A tus aras, Luis, bien satisfecho.
lhego, e mi fe con grato sacrificio,
mas con temor, que el grande beneficio
corto el afecto de mi voto a hecho.

No sangriento animal con laço estrecho
cumpla mi devocion por su suplicio:
vivas memorias en tu altar propicio
ardan, y sirva de su llama el pecho.

Eterna como el alma tien a gloria
de sacar-me la farda: los anales,
cuentem ya tu piedade, ya me lamento:

Confia el desempeño a la memoria,
 porque elle sola puede hacer iguales
 mi obligacion, y mi agradecimiento

Do mesmo.

[Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]

Não pode faltar Deus aos rogos de Santa Ana.

SONETO

Desde la margen del confuso olvido
 a Santa Ana con culto bien suave,
 (Alta reliquia de la Sacra nave)
 tienes piamente conduzido.

Osa del tiempo, ou embidia perseguido,
 por mas, que brame el viento, o el mar desbrave:
 pues apesar de su tormenta grave
 tu seras redentor, y redemido.

Que importa, que los pielagos inotos
 de la posteridade imensos sean?
 tus tablas van seguras en tus votos.

Que ondas te han de ofender despues, que vean
 Que Ana, y Luis, Maria, e otros
 en tu dicha, y favor todos se emplean.

Do mesmo.

[Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]

Recolhe-se o Pastor Alcino da Cidade para a sua Caba-
 na, e dá notícias a Gil seu companheiro das Festas
 celebradas nestes dias no seguinte

DIALOGO

Alcino — Ora graças a Deus que sou chegado:

É muito triste coisa andar por fora:

não passei um só dia sossegado.

Mas ainda assim eu não me vinha embora,

se os folguedos não ficam acabados:

quase oito dias tive de demora?

Mas quantos me cercam mil cuidados!

Tudo desconheço, tudo estranho,
até os Campos parece estão trocados?
Que novas acharei do meu rebanho?
Eu suponho que tudo está perdido;
já sei, que as perdas são todo o meu ganho.
Quem me mandou do Campo ter saído?
E gastar tanto tempo? ah pobre gado!
Que talvez nunca fosse recolhido?
Sem dúvida andara todo espalhado,
e quem sabe se o Lobo carniceiro
a minha Ovelha preta tem tragado.
Aqui estão umas Cabras no terreiro!
Ali vejo deitada uma ovelhinha!
E lá berra no Campo inda um Carneiro.
Ora grande desgraça foi a minha
em ficar na Cidade divertindo
sem vir ver o que tanto me convinha.

Gil — Alcino, agora vens? Sejas bem vindo,
muito tarde saíste da Cidade,
pois eu estava já quase dormindo.
Também me serviu de novidade
ver tão grande demora, que tiveste;
julguei, que fosse alguma enfermidade.

Alcino — Não foi, amigo Gil; porém fizeste
êste Juízo assim discretamente,
pois da causa, que tive, não soubeste.
Nem te posso dizer, pois não consente,
que nisso fale agora o meu cuidado;
é triste coisa estar do campo ausente!
Deixo-te, Gil, entregue do meu gado,
e só por eu não vir quando te disse
já o deixas andar todo espalhado!

Gil — Isso, Alcino, parece que é louquice:
teu gado todo está já recolhido,
pois como queres mais que eu te servisse?

Alcino — Como tal pode ser, se dividido
eu vejo no terreiro, e lá por fora
balados de um carneiro tenho ouvido?

Gil — Esse gado não é teu! Há uma hora,
que todo recolhi, e sem perigo
tem estado o rebanho até agora

Alcino — Já conheço, que, Gil, és meu amigo:
Pois então essas Cabras são de Armindo,
que na Cidade andou junto comigo.
Estava o desgraçado divertindo,
deixando o gado todo a revelia,
e me parece que ainda não tem vindo.
Tanto aos pobres custa uma alegria;
e muitas vezes pagam bem dobrado
o gosto, que tiveram por um dia.
Mas eu, que agora estou já sossegado
com as boas notícias, que me deste,
contar-te quero tudo que há passado.
Que eu fui para a Cidade, tu soubeste,
prover o meu Surrão, pois se acabava
o provimento, que tu aqui trouxeste.
Fui, cheguei, e voltar determinava
no outro dia; mas como então ouvisse,
que em Festas de Santa Ana se falava,
pareceu-me ser justo, que assistisse
vendo também, que nisso gastaria
um dia mais, ou dois, como eu te disse.
Mas como foram mais do que eu queria;
para que me desculpes, ouve atento,
o que lá na Cidade se fazia,
Sua Excelência teve um pensamento,
que segundo disseram foi sonhando,
e mais que sonho foi, pois foi portentoso.
Nele a Santa Ihe esteve declarando,
que num Altar da Igreja a collocasse,
e sua proteção fosse esperando.
E depois para que se confirmasse
este sonho, permite a mesma Santa,
que ele mesmo uma Imagem, sua achasse.
Adverte nisto tudo, e com fé tanta
se empenha no seu culto, e seus louvores,
que de ver seu empenho o Céu se espanta.
Sábado à noite, aqueles resplendores
que, como estrelas, no ar tanto luziam
deram claro sinal dos seus fervores;
Porque tão alto, amigo Gil, subiam,
que força natural os não levava,
sim chamas de amor, que os impeliam.
Domingo amanheceu, que se esperava,
como dia de todos desejado;
em o qual nem de ti eu me lembrava.

O tempo de ir à Igreja foi chegado:
eu fui também, e digo claramente,
que só de a ver fiquei todo admirado.
Cantou-se a Missa, em que patente
esteve nosso Deus, cuja assistência
todo o culto fazia mais decente.
Houve sermão, e nele tal ciência
mostrou o Pregador, que parecia
ser total desempenho da Eloquência.
A música, Gil, (eu não sei, se ouvia
cantar homens, ou Anjos) eu confesso,
que da terra para o ar me suspendia.
Tudo neste ato foi de amor excesso,
que movendo a cada um no que obrava
em tudo, o que se fez, ficou expresso.
De Santa Ana o Andor no Templo estava
para que mais contente o povo veja
a quem tão grande culto dedicava.
A missa se acabou, porém na Igreja
se deixou o Senhor, no Trono exposto
com o culto, que ali é justo esteja.
Para fora saí; mas com tal gosto
tornei, assim que os Sinos repicaram,
que estive uma hora a espera posto,
Todos segunda vez se congregaram
Cônegos, muitos Frades, Seculares,
dos quais muitos mil ali se acharam,
finalmente vieram militares,
e mais outros, que são também soldados,
a que chamam por lá de Auxiliares.
E todos, como, digo congregados;
Sua Excelência já presente estava,
que estes atos fazia autorizados.
Outro Sermão ouvi, que não pensava,
que pudessem ser dois num mesmo dia,
porque totalmente isto ignorava.

Gil — Pois eu também de tanto não sabia,
até isto ignora quem anda com gado;
e tu sabes por que isso assim seria ?

Alcino — Também não sei, porém muito elevado
foi por certo o Sermão: eu não entendo,
mas confesso, que foi muito bem pregado.
O Padre, que pregou, vinha descendo,
quando todos se foram levantando,

e mais eu, que o que fazem, vou fazendo.
Vi que muitos a porta iam buscando,
atraz deles fui eu também saindo,
que nada mais havia imaginando.
Mas foi engano meu, porque seguindo
aos que saíam, vi que os que ficavam
muitas velas andavam repartindo.
Quis tornar para ver se uma me davam,
e não pude, porque era tanta gente,
que a tombos para fora me levavam.
Safei-me como pude finalmente,
e logo procurei quem me contasse
se alguma coisa havia novamente.
Disse-me então um homem, que esperasse
a grande Procissão, que se fazia,
e bem era também a acompanhar-se.
Esta nova me deu grande alegria,
e foi certa, porque sem mais demora
o primeiro guião aparecia.
De joelhos me pus logo cá fora,
e tudo com cuidado estive vendo
de sorte, que contar pretendo agora.
As Irmandades todas precedendo,
os três andores logo se seguiam
que estavam, como Sol, resplandecendo.
Os Santos, que nos tais andores iam,
eram Joaquim, José, e mais Santa Ana,
a quem todos os cultos pertenciam.
Mais sempre idéia foi mui Soberana,
que juntamente os três fossem Louvados,
como unidos os fez a sorte humana.
Vi muitos Anjos, todos bem ornados,
que aos andores vão acompanhando,
como se lá dos Céus fossem mandados.
Todas Religiões foram passando,
e no fim delas passou Sua Excelência,
que de ver isto tudo vai gostando.
Vinha atrás o Sacramento com decência
em os braços do nosso bom Prelado
que o trazia com toda a reverência.
Vinha logo depois todo o Senado,
a quem seguia a gente enfileirada
levando atrás o Povo amontoado.
Já reparaste, Gil, quando a manada,
do Curral para fora vai saindo?

Pois ia a gente assim desordenada.
Com ela me fui eu introduzindo,
e fui correndo as ruas da Cidade,
por onde a Procissão ia seguindo.
Cento, e dez anos tenho já de idade;
mas Procissão que fosse tão bem feita
inda não vi, confesso na verdade
o mesmo Céu parece, que a respeita,
porque estando já chove, não chove,
a trovoada toda foi desfeita.
Deus de ver estes cultos se comove:
pois nem do Sol os raios abrasavam,
nem vento algum com força os ares move.
Lembra-te, Gil, a tarde, em que balavam
as ovelhas ali no bosque presas?
Assim também os Ares nesta estavam
Tochas, velas, todas vão acesas,
e desta forma as ruas vão correndo,
admirando-me o ver tantas grandezas.
A noite o negro véu vinha estendendo,
com ela a Procissão de volta vinha
para o Templo outra vez se recolhendo.
Quis entrar, porém foi desgraça minha
não poder, e ficando assim de fora,
consolei-me com o que já visto tinha.
Intentei no outro dia vir-me embora,
mas ouvindo falar em Cavalhadas,
resolvi-mê outra vez a ter demora.
Foram, Amigo Gil, horas minguadas;
pois como é coisa que eu não tinha visto,
quis ver estas que foram admiradas.
Gostei tanto, que logo depois disto
sabendo, que as festas prosseguiam
de as ver até o fim já não desisto.
No outro dia um Banquete prometiam
eu fui ver: então vi o que é grandeza:
alegres olhos meus quando isto viam.
E como contarei o que na mesa
se punha, pois saber eu nunca pude
tantos guisados, tanta miudeza.
Não os hei de contar por mais que estude,
porque sendo por mim desconhecidos,
vieram muitos, e eu sou muito rude.
Foram, Gil, os Licores tão subidos
que segundo ouvi dizer eram de França

Eu, ah, bem punha neles os sentidos.
Finalmente enchida bem a pança
de todos, os que ali comendo estavam,
retirando-se foram sem tardança.
Eu fiquei com os mais, que ali ficavam,
não só para provar de algum guisado,
mas também das bebidas que sobravam.
E por certo fiz bem, porque acabado
tinha o meu sortimento, e desta feita
o meu ventre ficou bem regalado.
Ficou minha vontade satisfeita,
não de tudo, porque de tais comidas
meu estômago todas não aceita.
A doçura provei das tais bebidas,
e tanto gostei delas na verdade,
que fiquei coas pestanas bem erguidas.
Agradei por fim a caridade:
e do manjar que achei ser mais gostoso,
no meu Surrão tens uma parvidade.
Neste dia, que foi delicioso,
uma Comédia foi representada
com aparato em tudo majestoso.
No outro dia fizeram cavallhada:
outros comédias mais foram fazendo,
com que a Festa ficou tão prolongada.
Eu que tudo, Gil, andava vendo
por lograr destes gostos nos meus anos
tudo queria ver, nada perdendo.
Outra Cavallhada os Parnaibanos
oferecem também no sexto dia
em que Lustres houveram Soberanos.
Finalmente, Gil, dizem que havia,
eu já não pude ver por vir-me embora,
uma elegante, e douda Academia.
Tendes ouvido tudo: dize agora
se andasses na Cidade quererias
por um instante só dela estar fora?
Acho que não: pois tantas alegrias
não se podem perder. Ah festa, festa,
que com grilhões tão duros me prendias!
Eis aqui, Gil, amigo, a causa é esta:
não foi por certo não enfermidade:
nada mais nesta vida ver me resta:
Ah lembranças, que tenho da Cidade!

ó que gostosa foi minha tardança!
Já cuido que vim com brevidade.

Gil — Com efeito foi grande essa folgança:
com muita causa, Alcino, tens tardado:
ora pois sossega, ceia, e descansa.

Alcino — Fome não tenho, amigo, estou cansado:
vou-me deitar, que a noite é já chegada;
acorda-me porém de madrugada,
pois estou com saudades do meu gado.

Do acadêmico o Muito Reverendo Padre
Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho,
Religioso Franciscano.

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís
Antônio de Sousa Botelho Mourão.

CANÇÃO

Tanta grandeza em vós se considera,
que se a mesma eloquência vos louvara,
só do silêncio aplauso vos formara,
só dos pasmos poemas vos fizeram.

Mudamente deveis ser aplaudido,
e engrandecido:
porém, Senhor,
o meu amor
tão reverente
não me consente,
que deixe de falar, e engrandecer
as virtudes que em vós se deixam ver.

Ao vosso peito ilustre, e esclarecido
alenta a fortaleza em termos tais,
que a Nação mais potente horrorizais,
à vista do inimigo sois temido.

Nesta guerra passada que tivemos,
todos soubemos,
que a cada passo
do vosso braço
o valor forte
era de Sorte,
que nós todos ficamos admirados
os inimigos todos retirados,

Quando, Senhor, me lembro da prudência,
com que estais governando esta Cidade
quando trago à lembrança, a equidade,
a justiça, atenção, benevolência,
aos Paulistas seguro firmemente,
que eternamente
nunca hão de ter,
nem merecer
um General
a vós igual;
porque noutro qualquer são repartidas
as virtudes, que em vós estão unidas.

Nunca jamais terão os Paulistas
um General, que como vós soubesse
cuidar tanto no público interesse
em novos descobertos, e Conquistas:
digam as novas Vilas levantadas,
e fabricadas;
as Fortalezas
para as defesas
já construídas,
já guarnecidas,
para que se conheça em qualquer parte,
que sois Numa na Paz, na Guerra Marte.

De Justiça pois deve a Majestade
conferir-vos os prêmios merecidos:
os mais avantajados são devidos
para nossa maior felicidade;
se bem, Senhor, que aos vossos atributos
são diminutos
não só Condados,
mas os Ducados:
enfim sabeis,
que mereceis,
ou vos pode fazer proporção boa
uma Púrpura, um Cetro, uma Coroa.

[Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho]

In Laudem Praesidis.

Me fecit, Praeses, oratio docta silere,
At centum famae detegit ora, tua.

**Do acadêmico o Muito Reverendo Padre Mestre
Frei Joaquim Antônio Taques Religioso Carmelitano.**

Illustrissimo, ac Excellentissimo Domino Aloisio Antonio de Sousa Botelho Mourão, Praestantissimo huius ciuitatis ac Generali Duci Integerrimo, nec non utriusque Pallados actium Peritissimo Beatissiman Matris Dei Matrem eximiis Laudibus, ac sumptibus efferenti.

EPIGRAMMA

Mistica magnanimis aliquando somnia cedunt
 Quilibet ut cunctis comemoranda gerat.
 Haec te, dum reputas, Aloisi, maxima quaerunt,
 Nan genere, et genio celsa patrare soles.
 Anna iacens sublimis erat praeclusa sub arca,
 Atamen ad cultum Te mouet illa Polo.
 Cur non illa die curam nisi nocte dedisset?
 Ut foret ista tibi pectore sola tuo.
 Semper ut existas felicior, Inclite, uota
 Nocte capis, comples ipsaque uota die.

**Do acadêmico o Muito Reverendo
 Padre João Tibúrcio Domingues.**

ALIUD

Lisia Te genuit, genitum Te Pallas in ortu
 Cepit, et in cunis Mars tibi tela dedit.
 Lisia te laudat, totus miratur et Orbis,
 Comparat ac meritis fama tropheae tuis.
 Lisia tota uiget uotis quoque, Solis ad instar
 Aurum dum radiis detegis ipse tuis.
 Lisia Te nobis thesaurum misit apertum,
 Ut referes nobis charus utrunque Parens.

[Padre João Tibúrcio Domingues]

ALIUD

Gaudia sunt terris Phaebo dum plauditur Anna,
 Hacce die nitidus Sol Ludouicus adest.
 Huic cedunt plausus progressu tempore gesti,
 Huic nam, nec maior, par neque plausus erat.
 Sol miratur, aquas uoluit, maestusque recedit;
 Hic ne potest Lacrimas non retinere suas?

[Padre João Tibúrcio Domingues]

ALIUD

Effigiem ueneranda Loces iubet Anna facello
En tibi pro somnis, o Ludouice, suam.

Te legit Empireo cultorem gratia gratum.
Anna quod est summo gratia grata Deo.

O facis o quantum meriti, subscripseris Annae
Si modo, si Domine panderis ipse sonos!

Plebs festiua die miratur plauditur Anna,
Nomen et aplaudit, Maxime fama tuum.

Do mesmo.

[Padre João Tibúrcio Domingues]

Ao Assunto Acadêmico do Sonho que teve o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Governador, e Capitão General desta Capitania de São Paulo o Senhor Dom Luís Antônio de Sousa, Morgado da Excelsa Casa de Mateus, em que se lhe representou ouvir uma clara voz, que lhe dizia collocasse a Senhora Santa Ana no Altar vago da Igreja de JESUS desta Cidade; achando no dia seguinte uma Imagem da mesma Santa em um cubículo. Residência do mesmo Senhor, fechada em um Caixão, que o encontrou por acaso; logo a fez colocar no dito Altar vago com pomposa demonstração de festivo júbilo por espaço de oito dias: E esta amante Cidade dedicou ao mesmo Senhor uma Academia com o Título de Felizes em alusão às felicidades, que a Sua Excelência foram prometidas em o dito Sonho.

SONETO 1.º

Conhecendo D. Luís ser sonho a vida,
Em que jaz o racional vivente,
Acordado, e sonhando, obediente
Mostra ser a Santa Ana esclarecida.

Ela lhe patenteia aparecida
Mistério haver no Sonho, e claramente
Se vê, procederia erradamente,
Se não obedecesse a voz ouvida.

Ó das virtudes Centro, Herói Cristão!
Ao sonho obedecer sabedoria
Mostrais ter, mais que humana criatura:
Pois conheceis com douda elevação,
Ser o digno, e indigno de memória,
Só mera providência de Deus pura.

**Do acadêmico o Doutor Antônio Fortes
de Bustamante, e Sá Leme.**

Ao mesmo Assunto.

SONETO 2.º

De Lotaríngia, ó ramo florescente,
E de Mateus Morgado esclarecido,
Em vós vemos a Afonso o escolhido,
Para fundar o Império a Lusa gente.
Obedece ele ao Sonho, e prontamente
Vence, como lhe tinham prometido;
Vós tendes pronto ao sonho obedecido,
Tereis felicidade permanente.
Colocada está a Santa no Altar vago
Com festivos aplausos, sem segundos,
No Templo de Jesus desta Cidade;
Do Neto alcançará com doce afago,
Seres Tronco de Reis, muito fecundos,
Como ao Tronco fez o mesmo em outra idade.
Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao mesmo Assunto.

SONETO 3.º

Indo o guerreiro D. Nuno a assaltar
A soberba feroz do Castelhana,
A Deus ora, e torna, e mostra ufano,
Poder mais até, que a força militar.
Assim vemos, que faz para acertar
De São Paulo este Marte Lusitano
General, que obra, e manda Soberano,
Só depois de com Deus se aconselhar.

Medianeiros mete na Oração
Para dar-lhe o Senhor Supremo, acerto,
Sendo sempre Santa Ana o principal:

E se até sonhando mostra ser Cristão,
Obedecendo a Deus, Soldado esperto,
As fortunas terá de General.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao mesmo Assunto.

SONETO 4.º

O Altar em que a Santa Ana colocada
Tendes, movido do Sagrado Auspício,
Da vossa piedade é sacrifício,
E dela será Estampa venerada.

Nunca a glória tereis mais elevada
Inda sendo-vos Marte mui propício,
Pois mostrais da Religião indício,
Que aos Heróis nobilita, mais que a espada.

Neste obséquio da vossa piedade
Ao vosso nome dais eterna Glória,
Que a balisa encherá da Eternidade:

Que uma obra tão pia, e meritória,
Por todo o mundo, e em toda a idade,
Se escreverá nos fastos da memória.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao mesmo Assunto.

SONETO 5.º

La fama vocinglera agote el brado,
Pues a Don Luis mira, que vencido
Tiene, a quantos Héroes ha conocido
La misma que los tiene decantado.

Ya Curcio, por tropheo de avergonsado,
Como Capitan dellos, mas temido,
A sus plantas arroja submetido
Las vanderas, y fama, que ha ganado.

Mas que mucho, si tiene a su favor
La Trinidad, a quien supo adquerir
Por la Madre de JESUS, y su Abuela.

Que le han dado prudencia, y gran valor
Sciencia con acierto em el regir,
Y en sus emprezas alas, con que buela.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao mesmo Assunto.

OITAVAS

Ser D. Luís Antônio, bem parece,
Do Bravo Afonso estirpe nobre, e digna,
Com que a fama de Alcides se escurece,
E da Augusta grandeza Constantina:
Com ele a Capitania já floresce
Qual Dinis, consciência perigrina
Vai de novo nobres Vilas erigindo,
E Soberbas Fortalezas construindo.

Por caminhos nunca de antes conhecidos,
A seu REI novas terras descobrindo,
Não reparando aos Guayanaas temidos,
Tesouros, a Tesouros vai adindo:
Os de Tibaji tanto apetecidos,
Já manda com grandeza ir repartindo;
Só guarda para si de Herói a Sorte
Em que poder não tem a mesma morte.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

As Luzes com que resplandece o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor.

DÉCIMA

Si allo el Icaro atrevido,
Por querer llegar al Cielo,
Mucho mar, y poco suelo,
Com que se queda abatido;
Como el Astro mas Lucido.
De Luis he de llegar,
Cierto tengo de cegar,
Que ni la Aguila Real
Podrá registrar cabal
Un su radio singular.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

AO PROBLEMA

Qual é mais glorioso ao Ilustríssimo e Excelentíssimo
Senhor ser Morgado de Mateus, ou General da
Capitania de São Paulo.

SONETO

Dom Luís, esses Timbres, que alcançais,
Em de Mateus Morgado ter nascido,
Foi por vossos passados merecido,
E por seu descendente é que gozais.

Em vós se acham valor, virtudes tais,
Que ao mais famoso Herói deixais vencido,
E aquilo, que a cada um foi concedido,
Tudo junto em vós vemos que lograis.

Pois esta glória deles não se tome,
General de São Paulo gozareis
Maior lugar da fama ter no Templo:

Já de pio, e prudente tendes nome,
E por devoto aos Santos Lograreis
Ser modelo aos Generais, ao Orbe exemplo.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao mesmo problema.

DÉCIMA

Governais obedecendo
Aos preceitos do Monarca,
Glória que apesar da Parca,
A sorte vos vai tecendo;
E se a estes Povos regendo
Conseguis ventura tal,
Seja a opinião geral,
que o Morgado de Mateus
Aumenta aos quilates seus
De São Paulo em General.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao Régio Sangue de Sua Excelência.

SONETO

É Dom Luís de prendas tão dotado,
De Sangue tão ilustre, e esclarecido,
Que ainda com o canto mais erguido,
Ficará o seu louvor mal decantado.
Fazem-no as cinco Quinas respeitado,
E o Leão Castelhana mui temido,
De França o belo Lírio, apeteçido,
E as Imperiais Águias remontado.
Pois se de todos logra o Sangue ilustre,
Com hu' compêndio de feitos gloriosos,
Eu me calo com pasmo, e com respeito:
Nem Homero cantaria o Sangue, o Lustre
Deste Herói com seus méritos famosos,
Que a tal não chegaria o seu conceito.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Ao acertado Governo de Sua Excelência no levantamento das Tropas, e construção das Fortalezas.

SONETO

No Reino que por Cristo foi criado
Para um Império seu muito mimoso,
Da Lísia Corte D. Luís Famoso
A São Paulo General foi enviado.

Mal teve o seu Governo esquadrinhado,
Acudindo ao que vê ser mais forçoso,
De novo Luzimento o faz lustroso,
Das Tropas, com que o tem fortificado.

Em Guatemi, e mais Praças construídas,
As Quinas, e Castelos Lusitanos,
Já se vêem tremular com grande espanto.

As minas de Tibaji apетecidas
Ao mundo as manifesta nos seus anos:
Sem dúvida Minerva o guia a tanto.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Em louvor da gentileza, prudência, cristandade, valor,
e liberalidade de Sua Excelência, recitado em o
esplêndido banquete que o dito Senhor deu aos anos
do Príncipe da Beira o Senhor Dom José Nosso
Senhor, dentro do Oitavário da Colocação da
Senhora Santa Ana.

SONETO

Sobre os homens o Céu seus dons derrama,
U' merece ao Senhor ser virtuoso,
Outro ter de prudente o nome honroso,
E alguns alcançam de Hércules a fama.

A outros Liberais o mundo aclama,
De gentileza alguns pelo formoso,
E nunca com mistério portentoso,
Para tudo a nenhum dos mortais chama.

Mas os Celestes Santos, que conhecem
De Mateus ramo ilustre há de sair,
Que a cada um dará culto especial:

A Deus humildes rogam, e merecem,
A Dom Luís valoroso conseguir
Justo, gentil, prudente, e Liberal.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Aos anos do Príncipe Nosso Senhor.

DÉCIMA

Os anos que festejais
Com magnífica despesa,
De amor nos mostra a certeza,
Que ao Príncipe consagrais:
E se ao Pimpoio mostrais
Estimar seu florescer,
O tronco há de conhecer,
Que sabeis, a bolsa abrindo,
E seus preceitos cumprindo,
Seu grande Vassalo ser.

Do mesmo.

[Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]

Em louvor da Gloriosa, e Portentosa Santa Ana, Mãe da Mãe de Deus, Esposa do Glorioso, e Potentíssimo São Joaquim, colocada no seu novo Altar, por seu devotíssimo o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Capitão General desta Capitania de São Paulo Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Comendador, Morgado de Mateus, e Governador Perpétuo do Castelo da notável Vila de Viana. Oração escrita por um devoto da Santa, indigno, e súdito obediente do mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General.

Por Carta, que este indigno servo da Senhora Santa Ana recebeu pela Secretaria da Nobilíssima Assembléia Literária para um dos Acadêmicos da mesma; além de ser sujeito sem ciência, e sem teórica; e já com as potências perturbadas pela senilidade, e insciência da poesia; por não faltar de todo, e satisfazer em parte ao preceito, disse o que puder em louvor de tão portentosa Santa, e de sua colocação no seu novo Altar; e nada direi por ser esta Gloriosa Santa Matrona de tão elevados merecimentos, por ser obra de Deus Especialíssima; e só mesmo Deus é que sabe compreender os seus merecimentos. Por ser sem dúvida certo, que assim com Deus é incompreensível, um ente perfeitíssimo, Lei Eterna, donde provêm todas as leis natural, Divina, e humana; também suas obras todas boas, como o Senhor publicava, são incompreensíveis, por serem feitas, e executadas por Sua Altíssima, e infinita Sabedoria.

Criou Deus o Céu, e a terra, todas as criaturas, os Anjos; destes logo parte foram ingratos, soberbos, e rebeldes, e pela sua Soberba, e sugestão própria caíram nas tenebras infernais; porque delito tão horrível só merece este lugar. Criou Deus a nosso primeiro Pai Adão no Campo Damasceno, Região da Síria, formando-o de um pouco de Limo, barro, e pó, obra perfeitíssima, como obra de Deus com muita especialidade, e a sua Imagem, e semelhança, inspirando-lhe a alma, dando-lhe vida, e graça, enchendo-o de benefícios, fê-lo senhor de todo o mundo, deu-lhe ciência infusa, deu-lhe o Paraíso com todos os mimos, regalos, e delícias; constituiu no estado da inocência, e

por não estar só deu-lhe companhia, que foi Eva; pôs-lhe o preceito, e induzido de sua Esposa pelos seus carinhos, e afagos, logo quebrantou o preceito Divino, sendo ingrato a seu Criador, que logo a ruína do mundo teve princípio em a primeira mulher, que Deus criou, enganada por um monstro infernal, causando dano irreparável a toda a sua posteridade; com cuja culpa ficou a natureza humana contaminada, privados os homens de entrarem na Bem-aventurança por estar a Majestade Divina sumamente ofendida.

Ficando desta forma a natureza humana, foram multiplicando-se os homens, e muito mais os delitos, ingratidões, e idolatrias, té que reservando Deus algumas pessoas da família de Seu servo Noé, tudo o mais pereceu com as águas do Dilúvio: cessando este se multiplicaram os homens, mais dados aos vícios, que a Louvores ao seu, e nosso criador, que totalmente viviam esquecidos do verdadeiro Deus, davam cultos a falsos Deuses: entrou o Senhor a manifestar-se por seus Profetas, querendo que conhecessem por verdadeiro Deus, revelando a Encarnação do Verbo Divino, em o que se passaram muitos séculos té virem, ao mundo o Glorioso São Joaquim, e sua Esposa a Esclarecida, e gloriosa Santa Ana, à qual o Excelentíssimo Senhor General levantou o Altar, em o qual a colocou com tantos louvores, e sacrifícios, de que todos somos testemunhas, e tudo obras especialíssimas de Deus.

Estes Gloriosos Santos enche-os Deus de muitos privilégios, virtudes, e prerrogativas, tais, que só o mesmo Deus é que sabe compreender: é tão grande Santo Joaquim, Esposo de Santa Ana, que a mesma Igreja Santa recomenda que o louvemos, dando-lhe o nome de Varão Glorioso em sua geração, porque alcançou a bênção de todas as gentes, e que nele, como em cabeça, confirmou sua promessa sem dúvida porque por ele se principiaram a reparar os danos, que causou a culpa dos nossos primeiros Pais.

Deste felicíssimo matrimônio, destes ditosos Esposos Joaquim, e Ana, depois de muitas fervorosas Orações, que foram ouvidas no Tribunal Divino, procedeu o remédio dos homens, isto é, aquela preciosíssima Pérola Maria Santíssima, e desta IESU Christo Senhor nosso, que desceu do Céu a redimir-nos daquela transgressão, ingratidão, e desobediência, com a qual ficaram as portas do Céu fechadas, até a Ascensão do Senhor ao Céu para onde subiu, e levou consigo toda a inumerável congregação de Santos Justos té que aquele tempo reclusos pela dita culpa no seio de Abraão: tudo isto em suma são obras do Altíssimo, que só ele a sabe compreender.

Esta gloriosa Santa, e seu Santo Esposo Joaquim foram os que causaram tanta dita ao mundo todo, gozando a felicidade de terem uma Filha Mãe de Deus, remédio dos Pecadores; e um Neto que era, é, e há de ser sempre Deus, e homem; e por Genro ao Patriarca

São José, Esposo da mesma Mãe de Deus: e que pode haver, que possa compreender estas obras do Altíssimo; só o mesmo Deus, e não o entendimento Humano.

Destas prerrogativas, e Excelências, que gozou Santa Ana, e seu Esposo Joaquim, e do fruto preciosíssimo, que produziram, se pode vir no conhecimento da grandeza, e santidade, com que muito os engrandeceu, que a explicá-lo não pode chegar o entendimento humano.

É pois São Joaquim Especiosíssimo Esposo de Ana Santa, Monte pingue de Deus, como diz Moral. **Sanctissimus Joachimus, Mons Dei, Mons Sanctitate e Pinguis**, donde procedeu, e da Gloriosa Matrona sua Esposa, o cândido lírio dos vales, sua filha puríssima Maria Mãe de Deus, seu Santíssimo Neto IESU Christo, como diz Dionis. Riquel: **Ipsa suauiissima, et incomparabilis Virgo Dei pare, est Lilium conualium idest, proles floridissima suorum parentu.**

E se a boa árvore costuma dar bom fruto, e pelos frutos se conhece a árvore que os produz: **Bona arbor bonos fructos facit; est fructibus eorum cognoscetis eos**; pelos frutos, que produziram São Joaquim, e sua Esposa Santa Ana, que foram Maria Santíssima, e IESU Christo, se pode vir no conhecimento da grandeza de São Joaquim, e de sua esposa Santa Ana, suas virtudes, e Excelências; que só a sabedoria Divina é que a sabe ponderar, e mais ninguém; nem as mais doutas penas as podem escrever, por serem estes Santos obras de Deus especialíssimas para tantos bens, quantos se tem seguido ao mundo, e té o fim dele por intercessão dos mesmos Santos.

Bem conhece este humilde servo da Santa, que poderá ser notado, de que sendo os festivos cultos a Gloriosa Santa Ana, sendo esta objeto dos mesmos, fazendo menção das portentosas Excelências do Portentoso São Joaquim; mas como a colocação desta Gloriosa Santa foi em dia que a Igreja Santa determina se louve a seu Santíssimo Esposo, é justo, que se declarasse esta circunstância, ainda que com pena tosca, e os louvores que se oferecem a esta Santa participa ao Santo seu esposo, e na mesma forma os que se fazem a Maria Santíssima sua Filha, e a IESU Christo seu Santíssimo Neto, dizem respeito a seus felicíssimos Pais Joaquim, e Ana, por serem correlativos, como dizem os Juristas, **sic: correlatiuorum idem est iudicium et de uno dispositum ad aliud trahitur.**

Procede tanto o referido, que Maria Santíssima faz mais apreço dos cultos, e louvores, que se fazem a seus felicíssimos Pais Joaquim, e Ana, do que aqueles, que se oferecem a ela própria: o que se confirma, e prova com vários exemplos, e prodígios que assim o confirmam, que pela brevidade do tempo se não referem, e só se declara o que refere Frei Tomás a Santo Cirilo, sendo Panegirista desta portentosa Santa, **sic: Fieri neguit ut qui amicam habet Annam, auersam,**

et infensam habeat Mariam, et qui Matri unice sit deuotus, filiae cum primis nom sit charus, et dilectus.

Ainda mais os cultos, e louvores, que se dedicam a gloriosa Santa Ana, duplicadamente os gratifica sua filha Maria Santíssima, como diz o panegirista Tritênio **sic: si diligis me, honora Matrem meam, et quid illi, mihi dupliciter gratum erit;** de cujos méritos da nossa gloriosa Santa se vem no conhecimento de suas máximas virtudes, as quais só Deus sabe compreender, por ser obra sua especialíssima, e ninguém mais o pode explicar condignamente.

Do que tenho escrito nada é a respeito do que se podia escrever de tão gloriosa Santa e só digo, que devemos ser devotos seus, e louvá-la, porque é tão grande Matrona, e tão grande Santa, que no Céu que está gozando, e goza eternamente, é louvada, e amada de todos os Anjos, e Santos; e no mesmo Céu sua Santíssima Filha, São Joaquim Seu Esposo, e São José, lhe tem singular amor, e estimam os obséquios, que a esta Gloriosa Santa fazemos, como refere o mesmo Panegirista, **sic: Angeli Dei, et omnes Sancti Annam, et ut Matrem uenerantur, diligunt; et sic Dei Filium minus amare conuicitur, qui Sanctam Annam non ueneratur. Stulta, et perdita praesumptio ut de Filiae patrocinio sumat fidutiam, qui honorare contemnit eius uenerabilem Genetricem.**

Agradece tanto a Vigem Mãe de Deus, que se louve, e venere a sua Mãe Santa Ana que aparecendo a um seu devoto, que lhe rezava o Rosário, com semblante formoso, e alegre lhe disse: muito agradável obséquio me fazes nesse Rosário, que me rezas; mas ainda me seria de maior agrado, se no fim acrescentares um Padre Nosso, e uma Ave Maria em louvor, e honra de minha Dulcíssima Mãe Santa Ana; e sabe, que todos os que em vida a honrarem, experimentarão seu Patrocínio na hora da morte, sendo nas suas angústias confortado.

Observou este devoto da Senhora tão bom conselho, e chegando a hora da Morte, viu entrar pelo aposento a Santa Ana com sua Soberana Filha, e Seu Divino Neto, e a Senhora lhe disse, que vinha buscá-lo como Irmão, e que com ela fosse, que por ela no Céu havia de ser coroado.

À vista de tão singular exemplo, e prodígio, o mesmo há de obrar Maria Santíssima pelo seu devotíssimo o Ilustríssimo e Excentíssimo Senhor General desta Capitania, que com tanto fervor, amor, e grandeza, levantou altar para colocar a Mãe de Maria Santíssima a Gloriosa Santa Ana em dia, que a Igreja Santa tributava louvores a seu Esposo São Joaquim; sendo a Igreja, em que se tributaram estes obsequiosos cultos um Céu na Terra, aonde se louvou a Deus no Santo Sacrifício, onde foi louvado o Senhor dos Exércitos, aonde assistiram os Ministros de Cristo, o reverendíssimo cabido, e todos os cidadãos desta cidade, louvando, e obsequiando todos a

gloriosa Santa Ana, seguindo todos o exemplo do devoto da Santa o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General desta Capitania.

Sem dúvida, que foi misteriosa esta solenidade por suas circunstâncias; e não podia deixar de ser disposição Divina incompreensível ao entendimento humano, e revelada pela Gloriosa Santa, de que tratamos ao Excelentíssimo Senhor General desta Capitania, ou por intercessão da mesma Santa em o sonho, que teve respectivo a colocação da mesma Santa.

Nas Sagradas Letras, e História Sagrada há vários exemplos: ao Glorioso São José foi revelado o mistério da encarnação, quando confuso pelo que via, julgando sempre bem das grandes virtudes de sua Esposa, Maria Santíssima o Anjo lhe revelou, que não temesse receber a Maria Santíssima sua dulcíssima Esposa; **sic Joseph Fili David timere accipere Mariam coniugem tuam, quod ex ea natum est de Spiritu Sancto, est:** o mesmo succedeu depois da Apresentação do Neto de Santa Ana Santíssima IESU Christo, quando o Anjo lhe revelou, que convinha logo retirar-se com sua esposa Maria Santíssima, fugindo da tirania do infeliz, e estulto Herodes, que pretendia perder a IESU Christo, tudo obras de Deus incompreensíveis, a Salomão apareceu Deus Nosso Senhor em sonho, e ao mesmo Senhor pediu, que lhe desse Juízo para saber governar os seus vassallos, estando já sublimado no Trono de seu pai Davi, de cuja súplica se agradou Deus tanto, que não só o encheu de Sabedoria, mas o enriqueceu de forma, que foi o Príncipe, e Monarca mais rico, além de outros exemplos que se deixam de escrever por evitar maior extensão.

Razão por que não pode deixar de ser misterioso este sonho do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General desta Capitania o que se conhece pelos efeitos, que precederam a colocação da Gloriosa Santa no seu altar, que o mesmo Excelentíssimo seu devoto levantou, e consagrou à mesma Santa, com tanta grandeza, como a todos é patente: e não menos foi misteriosa aquela circunstância do cuidado, que tinha o mesmo Excelentíssimo devoto de achar aquela preciosa Jóia, a qual queria colocar no seu altar, descobri-la em um caixão, o que tudo é misterioso, e não pode deixar de ser obra de Deus por intercessão da gloriosa Santa, a qual foram oferecidos os obsequiosos cultos.

Tem conduzido muito para estas obras de Deus a intercessão da gloriosa Santa, as virtudes morais, e Cardeais, com que se orna o devotíssimo, e Excelentíssimo Senhor General, o bom exemplo que a todos dá no serviço de Deus, sendo mais poderoso em quem governa o exemplo, que o preceito, como escreveu Oven, **sic: Exemplo uirtutis benedicatur atque doceatur. Qui dare mihi suadet, pauperibus suadet.**

Aquelas quatro Virtudes Cardeais, com que se vê ornado, prudência, justiça, fortaleza, e temperança, necessárias aos que governam, e administram justiça; pois é bem notória sua prudência, e afabilidade, com que nos trata a todos; a justiça que todos experimentam nas suas súplicas; a fortaleza, e ânimo varonil, com que se porta no serviço de Deus, e no serviço Régio, tanto no estabelecimento das novas Vilas, como das Tropas militares de Auxiliares para as ocasiões oportunas do serviço Régio, e defesa dos mesmos Povos; a temperança que é a que dirige o apetite, e regra de razão, que consta da cortesia, benignidade facilidade, humanidade tranquilidade, e liberalidade, das quais se vê ornado o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General, devotíssimo da Gloriosa Santa, a qual dedicou os obsequiosos cultos; e tudo são efeitos de seu Ilustríssimo sangue hereditário, e sobreditas virtudes.

Porque é certo que a nobreza se define lustre dos antepassados; os seus princípios são, armas, letras, e riquezas; cujos seus princípios se reduzem a um só, que é virtude sendo esta a que dá regra ao nobre exercício das outras; e esta é a verdadeira nobreza do sangue, levantando a um sujeito a sua esfera. Todos estes três princípios da nobreza se vêem no Excelentíssimo Senhor General, que o constituem Nobilíssimo por Armas, Letras, e Riquezas, por isso com tão grande devoção altar a Gloriosa Santa Ana, colocando-a nele com tanta devoção e grandeza como todos viram.

E se Maria Santíssima filha da Gloriosa Santa, estima em mais os louvores, cultos, e obséquios, que se fazem a sua dulcíssima Mãe, e se como já se disse gratificou tanto aquele seu devoto, que depois de rezar o Rosário recitava um Padre Nosso, e uma Ave Maria a Gloriosa Santa Ana, por cujo motivo teve a dita de ser coroada no Céu por Maria Santíssima, é sem dúvida, que o Excelentíssimo Senhor General terá a esta, e maior dita pelos seus reverentes cultos, com que reverenciou a Gloriosa Santa Ana: e não só este prêmio, mas nesta vida será ajudado, protegido em todos os seus desígnios, tanto no serviço de Deus, como no serviço Régio com todas as felicidades, e acertos: assim o permita Deus, e a gloriosa Santa Ana, e seu Esposo São Joaquim, e sua filha Maria Santíssima, perdoando a mesma Santa ao seu servo indigno, que escreveu sobre os louvores ser tão curto, e incapaz, porém por humildade, e obediente fez o que pôde.

Do Acadêmico Doutor Luís de Campos.

Cum de Laudibus Illustrissimo ac Excelentissimo Domino collatis gloria, felicitasque sapientibus exeat Academicis, non inmerito Felices hodie nuncupantur.

ODE

Qui nunc adestis, uos Academici,
Audite quantum gratulor omnibus,
Quos ardor ingens hic liquores
Castalios petuisse mouit.
Si uos canendi Laus Aloisii
Adire sacrum cogit Apollinem,
Sors fausta nimirum uocauit
Ad titulum decus omne dantem
Gaudete uobis nomine praestito,
Quod Iorsan esset caelitus inditum;
Feliciores nam uocari,
Qui superos adiere, debent
Videtis omnes ut Iouis Armiger
Sublimis ales, cum uolat altius,
Dicenda felix, namque solis
Splendidius bibit ore Lumen?
Res, ipsa uobis euenit, ardui
Cum suma Pindi culmina cernitis,
Laudem canentes, quam diebus
Promeruit Ludouicus istis.
Sol iste dici debet ab omnibus,
Qui solus inter, quae regit, inclitus
Est astra Princeps, nam minores
Imperio tenet ille Lucas.
Parate plumas, et sua Lumina
Circumuolantes uos modo reddite
Feliciores, ebibentes
Ore suum proprius nitorem.
Timenda uobis nulla pericula
Extant ruinis per uaga nubila,
Qualem uidemus descendentem
Precipiti Phaetonta casu.
Non caeca tanto lumine Lumina
Fient; uidentes cominus euocant:

Lustrare diffuse patentes
 Quos radios aperit bibendos.
 Mores honesti, queis fiti amabilis
 Mens docta paruis rebus, et arduis
 Preclara uirtus, in gerendis
 Pedulitas, pietasque dandis;
 Altare, templo quod pius erigit
 Annae, daturam quam sibi praemium
 Elegit in caelo, micantes
 Sunt radii quibus ille fulget.
 Ex his coronam texite Lucidam,
 Nam Phaebus Orbi Lumine prestito
 Vultum perornat, dum refulgens
 Nobilitat diadema frontem.
 Et qui uocati se piis alites,
 Pindo canentes dulcia carmina,
 Quas musa praestat iam canoras
 Dulciloqui recitate laudes.
 Feliciores dicite Principe
 Vos esse tanto, nam sua Lumina
 Nunc haurientes luce clara
 Ingenium satiatis ipsum.
 Et si uoluntas appetit indies,
 Quod semper adisint prospera mentibus,
 Cessat numquam, sed solutis
 Laus resonet diuturna linguis.
 Quidquid in his igitur uitii rude carmen habebit, (1)
 Emendaturus, si licuisset eram.

Do Acadêmico Francisco Xavier de Passos,
Mestre Régio de Gramática.

In laudem Illustrissimi Excelentissimique Domini
 Aloisii Antonii de Sousa Botelho Mourão magnifi-
 cam Anne Beataram offerentis cum in somnis
 antea eandem met sibi altare construi exposcentem
 uideret.

EPIGRAMMA

Quae tibi per somnum fuit inclite praetor, imago,
 Non fuit umbra, minus quetibi uera foret.
 Non ita credatur quae lumina clara tegebat,

(1) Ovid., Lib. 1, El. 6.

Gloria namque Deo fulta nitore uenit.
 Omnia si patitur caelo, et que tanta uidemus
 Nunc aliquid falsi non habuisse monet;
 Ergo fuisse patet nullum sub imagine fictum
 Lumine qua tanto nec leuis umbra fuit.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Essa Imagem, que a vós representada
 Falsa idéia no sonho parecia,
 Não, quimera não foi, que fantasia
 Parecesse, ou só coisa imaginada.

Como sombra não seja acreditada
 Essa idéia, que Luzes encobria,
 Pois se a glória de Deus se dirigia,
 Não pudera nas sombras ser fundada.

Se o Céu tudo permite, e o luzimento,
 Com que vemos o altar nos persuade
 Verdadeiro da idéia o fundamento;

Dizer posso, que foi realidade,
 Porque sombras não há de fingimento
 Onde as Luzes só brilham da verdade.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Illustrissimus, ac Excelentissimus Dominus simula-
 crum reperit Annae Beatissimaeque *Thesaurus ab*
conditus non immerito esset nuncupanda . . .

EPIGRAMMA

Non opus est opibus, non amplius, Inclite, siste;
 Nam tibi **Thesaurus**, qui bona condit, adest,
 Quid? quid in Orbe petis? Caelestia rura quiesce;
 Anna est, qua superus nunc tibi ematur ager.
 Si que putat pretiosa, uelut felicia, mundus;
 Prouenit ex illis nan decus omne uiris:
 Nan dabit et quantas fert Paradisus opes.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Não mais, Senhor, não mais soliciteis
A riqueza imortal, que procurais,
Porque achaste em Santa Ana a quem louvais,
O Tesouro melhor, que achar podeis.

Se no mundo mais nada pretendeis
Do que os bens, com que eterno vos façais,
Nele as jóias mais ricas alcançais,
Com que o Campo imortal do Céu compreis.

E se o mundo avalia por ventura
Quanta sabe estimar preciosidade
Como fim para glórias tão preciso;

No Tesouro, que achais tendes segura
Para eterna lograr felicidade
A riqueza imortal do Paraíso.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Obstantes conatus, quos, ut gloriam Deo adhibendam
auertat, foesan ei Demon opponeret, fortiter
abrumpit, constructe que Are nomen praefigit
memorabile.

EPIGRAMMA

Impius aduersum te bella cruenta moueret.
Hostis, honorarent ne tua facta Deum.
Sed quia magnificam Templo nunc construis Aram,
Dum tua stat uictrix Laurea, uictus abit.
Si que tuum est meritum, ne tam cito transeat illa,
Quae tibi pre tantis sors modo fausta uenit,
Nomen honorificis memorabile uiuat in aris,
Ut tibi perpetuum sit quoque in orbe decus.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Que uma guerra movesse formidável
 Contra vós o inimigo, não duvido,
 Pois quisera cruel ver impedido
 O que a Deus desse glória interminável;

Porém vendo a grandeza inimitável,
 Com que o templo lhe haveis enriquecido,
 Já lamenta infeliz vendo sentido,
 Que um Triunfo alcançais tão memorável.

E se vós apesar do adverso fado
 Mereceis se não faça transitória
 A ventura, que tendes alcançado;

Para que consigais perpétua glória,
 Vosso nome feliz eternizado,
 Viva sempre nas aras da memória.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Tam literis, quam uirtutibus praestantissimus ostenditur.

EPIGRAMMA

Cum, Ludouice, nouam Templo pius erigis aram,
 Cum populos docta tam bene mente regis:
 Fit tua tam uirtus, quam fit sapientia nota,
 Queis fama, et caelum gaudia suma ferunt.
 Hoc ideo dare, et illa tibi conantur honores,
 Qui te multiplices orbe in utroque beent.
 Solus enim caelum pre tot uirtutibus auges,
 Et pennas fame mens tua docta nouat.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Pelo altar, que hoje tendes levantado,
 Se em virtudes fazei-vos conhecido,
 Pelo acerto, com que tendes regido,
 De ciências mostrai-vos adornado.

Hoje o Céu se vê mais glorificado,
 Porque glórias lhe tendes, despendido,
 Hoje a fama mais alto tem subido,
 Porque as penas lhe tendes duplicado.

Tendo assim, um, e outro vos ordena
 Dar na vida imortal, e transitória
 Excelência nas honras não pequena;

Pois só vós com grandeza tão notória
 Dais com Letras a fama imortal pena,
 Com virtudes ao Céu eterna glória.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Diuae Annae nobilius obtulit sacrificium amor eximius.

EPIGRAMMA

Quod Ludouice Iovi populus celebrauerat olim
 Dignus ut tanto numine, in orbe sacrum;
 Quando tuo maius iactat, minus extat habendum,
 Ditius hoc etenim plus grauitatis habet.

Umbra fuit quod caeca Ioue gens obtulit almo,
 Est Lux clara sacrum, quod tenet Anna, tuum
 Ergo tuum uincit, Lodoix, et uincitur illud;
 Illa etenim Luci subiacet umbra tuae.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Aquele sacrifício celebrado,
 Que entre as cegas nações da antiguidade
 Foi de Júpiter Sacro a Divindade,
 Como grave tributo dedicado;

Quando a vista do vosso, que aclamado
 Tem da fama a trombeta nesta idade,
 Quer na pompa exceder, na gravidade,
 Com vossos lustres fica deslustrado.

E se aquele tributo escurecida
 Sombra foi dos gentílicos primores,
 Quando o vosso foi luz esclarecida;

Fique a vista de tantos resplendores
Essa sombra sem lustres convencida,
Estes lustres sem nota vencedores.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Dum Annae Beatissimae Aram construit, eadem sibi
decus assequitur imortale.

EPIGRAMMA

Si quid in hoc mundo facit Heros nobile quid quam,
Orbe fit aeternus, quo sua fama uolat,
Tu quod, Aloisi, peragis memorabile factum,
Hac facis aeternum nomen in orbe tuum.
Nec uereor, ne tempus edax hoc destruat ipsum,
In te quod populus laudat, et orbis amat.
Hoc eternim in Templo, quo famae construis aram,
Nomini et aeternum construet ara thronum.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Se no mundo o Herói famigerado
Vive, quando executa alguma empresa,
Com que faz-se na mesma redondeza
Pela fama, que alcança, eternizado.

Vós, Senhor, que hoje haveis executado
Uma ação memorável na grandeza
Para eterno fazer vossa nobreza,
Vosso nome vereis perpetuado.

Nem receio, que o tempo consumido
Deixe o mesmo, que o mundo em vós aclama,
Porque a todo o mortal voraz consome;

Quando vejo, que tendes erigido
Neste Templo um altar a vossa fama,
Nesse altar um Padrão ao vosso nome.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Se nimia animi fortitudine in regendis. Oppidis sibi a
Rege Fidelissimo non imerito comendatis, prote-
gente, quam laudat, Anna Beatissima ualidissimum
ostendit.

EPIGRAMMA

Cum tua tot populus uis sustinet alta, potentem
Se hatis Herculeo robore musa uidet.
Cum tamen inuictum te magna potentia reddit
Annae, plus ualido corde ualoris erit.
Ut que alius tibi non similis uideatur adesse,
Qua tua Laus calamo, robur et ore sonet,
Ceus superi montis famae tuba cantat Atlantem,
Te carnat, hic sumus namque uideris Atlas.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Quando, excelso Luís, tem fundamento
Esta Capitania em vós distinto
Contemplamos em vós por alto instinto
Um hercúleo valor, nobre talento.

Porém quando por vós seu valimento
Hoje empenha Santa Ana, como sinto,
Bem vos posso afirmar, porque não minto,
Que no esforço tereis dobrado aumento.

E por que outro igual se não aponte
Onde o vosso louvor maior se cante,
Onde o vosso valor fatal se conte;

Diga a fama na tuba altissonante,
Que vós sois, qual o Alcides de outro monte,
Desta Capitania Excelso Atlante.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Pre inumeris, que exhibet praedicanda, non facile
Musae fuit laudes illi componere meretissimas.

EPIGRAMMA

Cum quod habes laudare licet laudabile, sensus
Pectore deficiunt deficiente mei.
Quilibet ex illis si laudes comparo, dotes
Plures, quam radios Phaebus inaurat, habes.
Ergo quia in tantis, uel mens doctissima, sistit,
Hic ubi pro meritis te tua dona probant;
Os populi semper decoret ressonabile: laudis
Plus tua fama tibi, quam mea penna dabit.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Versão em

SONETO

Quando contemplo os vossos predcados,
Que deverão por mim ser aplaudidos,
Vos confesso que ficam meus sentidos
Entre os muitos, que vejo, perturbados.

Se os procuro por vê-los empenhados
Dirigir a louvá-los divididos,
Desmaiam só de ver, que mais unidos
Dotes tendes, que o Sol raios dourados.

E porque foi não menos impossível
Inda aos mais dar-vos glórias não pequenas,
Porque a vossa grandeza em si se aclama;

Sempre o mundo vos louve mais plausível
Quando mais, do que pode a minha pena
Voa para louvar-vos vossa fama.

Do mesmo.

[Francisco Xavier de Passos]

Em aplauso do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa, Governador, e Capitão General desta Capitania na colocação, que mandou fazer da Imagem da Senhora Santa Ana na Igreja do Colégio desta Cidade.

ODE

Que nobre glória o coração me inflama
Ao ver com tão distinto luzimento
Aquele grande Herói, que o mundo aclama
Por singular portento;
O grande D. Luís, em cujo peito,
Resplandece a virtude sem defeito

Canta comigo Euterpe os seus Louvores,
Dando em favor da cândida verdade
A minha rouca voz, esses furores
Com que na antiga idade
Tanto apesar da inveja se ilustraram
Os que Aquiles, e Enéias decantaram

A que mais nobre objeto poderia
Dirigir-se a harmonia do meu canto?
Se não àquele que de dia em dia
O orbe enche de espanto,
Ouvindo-se o seu nome sem desvio
Desde o Amazônio té o argento Rio.

Qualquer desses Varões que o mundo aclama
Por singulares nos Mavórcios perigos,
E que só por ganhar eterna fama,
Vencendo os inimigos,
Desprezarão da Morte o horror, e espanto,
Não é mais digno de sublime canto.

Aonde levarei, ó Sousa invicto,
De minha voz o eco reverente,
Que em qualquer ação não veja escrito
Vosso nome excelente;
Qualquer virtude desse nobre peito
Basta para fazer um Herói perfeito.

Cantarei o esplendor agigantado
Da nobreza dos vossos ascendentes?

As armas, e o brasão qualificado
De mil troféus pendentes?
Cuja grandeza em vós se patenteia
De predicados, e virtudes cheia?

Cantarei o cuidado vigilante,
Com que enfreado o povo dissoluto,
O rude povo sempre vacilante,
Que nunca o doce fruto
Da justiça gozou na pátria terra,
Hoje de todo o vício se desterra?

Cantarei o valor esclarecido,
Com que nestas fronteiras dilatadas
Tendes com gente, e armas guarnecido
As terras demarcadas,
Fazendo que as Esquadras Castelhanas
Tremam das sacras quinas lusitanas?

Cantarei os efeitos da prudência,
Com que os Povos Regeis? as singulares
Máximas, com que o temor, e a reverência
Lhe inspirais nos Altares,
Onde abatida a Hidra da Cobiça
Se adoram as Leis Santas da Justiça?

Cantarei a virtude, e a Santidade
Do vosso Coração Cándido, e puro?
Cujas entranhas cheias de piedade
Fazem que seguro
Vosso nome se escute, e bem mereça,
Que o mundo já por justo o reconheça?

Sim, este feliz assunto hoje proposto,
Seja em altivos versos decantado,
Convosco, amados sócios, o meu gosto
O fará celebrado
Pelas vastas Campanhas do Universo,
Se tão sublime assunto cabe em verso.

Das corporais fadigas descansava
Este famoso Herói, e o pensamento,
Que em contemplação Divina estava,
Por um breve momento
Sentiu suavemente ir-se entregando
A um repouso delicioso, e brando.

Eis que distintamente lhe dizia
Uma Angélica voz, que collocasse
De Ana a Imagem portentosa, e pia,
E que se venerasse
Numa Capela vaga do Colégio
Que mereceu tão grande privilégio.

Com um interno júbilo recebe
Este aviso feliz do Céu mandado,
E para executar quanto a si deve
Já corre apressado,
Já se não vê naquele pensamento
Outro objeto, que o seu devoto intento.

Neste zelo Católico influída
Toda atenção da sua providência,
Descobre a bela imagem que escondida,
Sem culto e reverência
Longos tempos esteve recatada
Para por este Herói ser colocada.

Com que dom mais precioso o Céu benigno
Vos podia coroar de imortal glória,
Grave-se o vosso nome sempre digno
No templo da memória,
Onde leia a feliz posteridade
Deste aplauso a distinta heroicidade.

Ó Ana gloriosa, que exaltada,
Nesse sólio brilhante ser quiseistes
Por tão heróico braço colocada,
Lá desses Céus Celestes
Com um raio de Luz minha alma acende,
Pois de louvar os o projeto empreende

Mas há? que humana musa se atrevera
Louvar a portentosa Majestade,
Com que no sacro Empírio se venera
A vossa Santidade!
Todo o Angélico Coro obediente
Vos entoa Louvores reverente.

Nessa Célebre Corte em diamantino
Assento, junto estais daquela Filha,
Que sendo Mãe, e Esposa de Deus trino
Resplandecente brilha,
Assim como entre os Astros mais famosos
Destingue o Sol seus Raios Luminosos.

Os Patriarcas, os Profetas Santos,
Respeitam vosso nome soberano,
E ouvindo o som de seus alegres cantos
Treme o Dragão tirano,
Que no profundo caos do escuro averno
Sente a desgraça de um tormento eterno.

Heroína sagrada, a mão piedosa,
Lá desses áureos Pólos estrelados,
Estendei sobre o Herói, cuja zelosa
Fadiga em altos brados,
Tanto em seu coração hoje se acende,
Que o vosso culto eternizar pretende.

Dilatai, dilatai a Ilustre vida
De tão grande Varão, Céus Soberanos,
Da Onipotente Destra protegida
Seja por largos anos
Para que nos efeitos da piedade
Tenha segundo Tito a nossa idade

Desterre-se o temor, vá longe o susto,
Desça sobre nós outros a alegria,
Que na delícia de um Governo justo
Crescerão cada dia
Da paz os doces bens multiplicados,
Sem ter inveja aos Séculos dourados.

Cantem outros talentos Superiores
Dos Antigos Heróis a generosa
História, e lhe dediquem mil louvores,
Que a virtude famosa
Que nesse grande espírito respira
Só cantarei ao som da minha Lira.

**Do acadêmico Lourenço José
Botelho de Mesquita.**

Canta o pastor Fileno as glórias de Sua Excelência desde o berço, aumentadas pelo amparo da Soberana Virgem dos Prazeres, Tutelar de Seu Morgado, e Ilustre Casa de Mateus, e agora pela devoção da Senhora Santa Ana, inteiramente completas na fruição das presentes, e futuras felicidades, resultadas do alto Governo de sua Capitania.

OITAVAS

Agora que do Sol o raio ardente
As forças tem quebrado, e sobre o monte
O meu rebanho está, porque contente
Aquele pasto busca, e deixa a fonte;
Antes que de todo a Luz se ausente,
E de negro se cubra o Horizonte,
Quero cantar um pouco, e sossegado:
Recolherei depois o manso gado.

Doce Lira, a cantar me ajuda agora,
Cantemos, doce Lira, é meu empenho:
Entoa já comigo a voz sonora,
Da qual pendente está meu desempenho:
E tu formosa Ninfa habitadora
Destes Campos, nos quais meu gado tenho,
Ouve meu Canto desse bosque fresco,
Em cuja fonte tens o teu refresco.

Ouve-me atenta, sim, pois eu espero,
Que relates isto aos mais pastores,
Entre os quais eu não canto, pois sincero
Grandezas cantar venho, e não amores:
Que me ouçais, ó penhascos, rogo, e quero,
E vós, que o campo ornais, galhardas flores,
Eterna fique em vós esta memória,
Sem que o tempo consuma tanta glória

Como o Sol, que do berço levantado
Desde o princípio traz luzido o rosto,
Nasceu da natureza um novo agrado,
Em que toda a esperança se tem posto:
O casa de Mateus, com que cuidado
Te debes entregar a um novo gosto!
Rende as graças a Deus, que te consente
Entre as glórias antigas a presente.

Ó como afortunada a selva fora,
Como campo também afortunado,
Se ditosa pudesse uma Pastora
Um Infante, como este, haver gerado!
Que mimos lhe faria a Deusa Flora,
Que as portas abre do risonho prado?
Mas não, ó campo, ó Selva, essa ventura
Conceder-vos não pode a Sorte dura.

E tu Vila Real, goza esta glória,
Já que o nome de Pátria te enobrece:
Feliz seja, feliz tua memória,
Que já por isso eterna permanece:
E se só com ouvir tua vitória
A relva alegre, a silva reverdece,
Atende tu também, ouve o meu canto,
Que será do teu gosto o novo encanto.

Esse Herói, pois, a quem com Sorte rara
A natureza fez magnificado,
A Virgem dos Prazeres foi na clara
Sacra Fonte da Igreja dedicado.
Mostra o mundo agora, ó Mãe preclara,
Que este é filho teu, teu afilhado:
Mas ó como já, Mãe, te acreditas,
Pois em tudo, e em tudo o felicitas.

Passando os anos vai da tenra infância
Este mimo do Céu, e a Virgem pura
Sobre ele já dilata a vigilância,
Com que dos males todos os segura.
Mas ele, que conhece, com tal ânsia
Se lhe entrega outra vez com tal ternura,
Que a força dos seus próprios clamores,
Conciliando vai novos favores.

Já de cima se atendem os seus anos,
Que ociosos não passam cá na terra,
E debaixo de amparos Soberanos
Maior nome vai ter na dura guerra:
Defende a Pátria, honra aos Lusitanos,
E vai seguindo a Luz, que lhe desterra.
Entre tantos perigos, por que passa
As densas sombras da fatal desgraça.

Adianta feliz os seus progressos,
Até que paz alcança a gente armada,

Deixando com terror sinais expressos
De seu braço valente a forte espada:
Mas devia assim ser porque os excessos
De tão perfeito amor da Mãe Sagrada
Estendiam sobre ele aquele escudo,
Que protege, defende, e vence tudo.

Cuidadosa outra vez do seu aumento
Com nova proteção seu manto estende,
Aquele manto, que do Firmamento
Cá na terra a quem quer cobre, e defende;
E para conseguir seu pio intento,
A fim de dar-lhe a glória que pretende,
O Governo lhe deu da nossa gente.
Ó como agora canto mais contente!

Lira, alegre-te, e mais um pouco afina,
Apura mais comigo o canto, apura;
Deixa o rebanho estar lá na campina,
E vê, que a minha voz ficou mais pura:
Infunde, Orfeu, a tua, que é Divina
Com que em prados tornavas a espessura;
E tu velho, Pastor, me ensina agora
A tanger minha avena mais sonora.

Já de seu Governo a economia
Sobre todos os povos resplandece,
E de única logrando a primazia
Pelas vozes da fama se engrandece:
Mas como o Céu acertos negaria
A quem tantos incensos oferece
Para alcançar de Deus o melhor modo
De governar em paz o povo todo!

Ao Céu recorre sempre antes que mova
Qualquer coisa de novo, e não se atreve
Sem saber, se primeiro Deus aprova
Seu intento, quer seja grave ou leve:
A mávima de Henrique se renova
(Ó como o bom costume não prescreve)
Que por isso feliz no seu Império,
Como este Herói será neste Hemisfério.

A Mãe lhe acorde em tudo quanto aspira,
Que a súplica está do Altar ouvindo,
Já por ele ao povo os olhos vira,
E novo amparo vai-lhe descobrindo,

Um sonho lhe permite, e nele inspira,
(Ó como bem lhe adverte inda dormindo!)
Que a Santa Ana Mãe sua venerasse,
E que novos favores esperasse.

Não foi este daqueles mentirosos,
Com que a tantos mortais Morfeu engana;
Sim verdadeiro foi, pois venturosos
Sinais trouxe, com que nos desengana.
Foram correndo os dias, que ditosos
Aqueles os terminou, em que Santa Ana,
Para que mais verdade o sonho cobre,
Oculta Imagem sua lhe descobre.

Lembra-se então que já fora inspirado,
E movido de impulso fervoroso
Sobre um altar de novo preparado
Coloca o Sacro vulto milagroso.
Alegra-te já, ó povo afortunado,
Abre as portas ao tempo venturoso,
Aproveita-te dessas alegrias,
Como as quais não tiveste inda em teus dias.

Celebram-se os aplausos, em que tanto
Descobre a devoção o seu efeito,
Que desempenha o Zelo, e fervor Santo,
Que aceso estava no abrasado peito.
A Virgem dos Prazeres, vendo o quanto
Em obséquio da Mãe por seu respeito
Faz este filho amante, determina
Mais afável mostrar-se, mais benigna.

Do Altar se levanta, deixa a Igreja,
Com toda a pressa os Ares penetrando,
Chega ao Céu, o Sacro Trono beija,
Desta forma ao Padre vai falando:
Eterno Padre, cujo amor deseja
Meus clamores ouvir propício, e brando,
Por esse mesmo amor rogar-te venho
Por um filho que lá no mundo tenho.

Este, Senhor, que desde a tenra idade
Ao meu amparo foi oferecido,
Em todo o tempo fez minha vontade,
E como filho bom me tem servido;
Nunca pisou as trilhas da maldade,

Pois eu também o tenho protegido,
Em meu serviço foi sempre ocupado,
Mais, e mais merecendo o meu agrado.

Tem sido o seu amor tão excessivo,
Seu afeto tão firme, a fé tão pura,
Que por obséquio meu com zelo ativo
Em louvar minha Mãe também se apura.
Este enfim, e não outro, é o motivo,
Que me conduziu, Senhor, a esta altura:
Repara que isto tem correspondência,
Eu a cometo a vossa Onipotência.

Responde então o Padre, e desejando
Da Virgem sossegar o peito amante,
Assim lhe diz: Amada Filha, quando
Em ouvir-te tardei um só instante?
Sobre este seu filho, por quem rogando
Com tanto excesso estás, de hoje em diante
Meus olhos lançarei, e venturoso
Por si terá meu braço poderoso.

Eu farei seus intentos conseguidos,
Suas empresas todas alcançadas,
Seus desejos serão bem dirigidos,
Suas esperanças confirmadas:
Serão por ele os povos bem regidos,
Suas Armas, e gentes amparadas,
Seus Decretos, e Leis obedecidas,
Suas vozes com gosto, e medo ouvidas.

Cortará dos Sertões as asperezas,
Novas terras achando, novos ares,
Possuídas fará suas riquezas,
Com proveito e prazer dos militares:
Levantará de novo Fortalezas,
Grandes Tropas fará de Auxiliares,
E tão feliz em tudo, que no mundo
O primeiro há de ser, e sem segundo;

E tu, Amada Filha, a quem entrego
Os meus grandes tesouros, vai; reparte
Conforme o teu desejo, pois não nego,
Que nada em tempo algum devo negar-te.
Isto ouve a Virgem Mãe, e com sossego,
Rendendo as graças, antes que se aparte
Ali se prostra, e vem com mais largueza
Repartir com Seu Filho esta grandeza.

Ó que grandes fortunas! a esperança
De novo lhe promete, e lhe assegura;
E sem que possa o tempo, a vã mudança
O progresso atalhar desta ventura;
Repartindo-as irá sem mais tardança
Com Seu Filho devoto a Virgem pura;
Que por isso será feliz mil vezes,
Feliz será, feliz, feliz mil vezes.

E tu, Gente Paulista, agora observa
Quanto a esta Senhora estás devedo,
Porque para teu bem em ti conserva
Tão Santo General, como estás vendo:
Já por ele dos males te preserva,
Tuas terras em tudo socorrendo,
Pois quanto em teu favor o Filho pede,
Ela tudo lhe dá, tudo concede.

Mas há pouco que o tempo é pouco, e lá no monte
Errante andará todo o meu gado,
E nem sei se desceria algum à fonte,
Ou estara no Campo já deitado;
Mas antes que o vá ver, ali defronte
Em honra deste Herói famigerado
Plantar quero de novo uma Oliveira,
Por ser da paz imagem verdadeira.

Do Acadêmico Luís Antônio.

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General ao
assunto da sua ilustre festividade.

SONETO ACRÓSTICO

Do letargo, Senhor, o mais profundo
Os maiores acertos grangeaste,
Mistério foi por certo o que sonhaste,
Laurel vos prognostica o mais fecundo:

Universal será por todo o mundo
Invenção a que só, e só vós chegaste,
Será o Sacro Tesouro, que aí achaste
À luz deste Governo assaz jocundo:

Não temais que o adverso da fortuna
Tape as bocas à fama deste dia;
Outra pois mais feliz já por vós pugna:

Nova, Senhor, é a Estrela, que vos guia,
Insistindo feliz em que se una
O vosso nome ao Sol da Monarquia.

**Do Muito Reverendo Padre Manuel da Silva
Vigário da Vara da Vila, e Praça de Santos.**

Descreve-se o assunto da festividade, e Academia, que
a Gloriosa Senhora Santa Ana dedica Sua Excelência
nesta inculta.

CANÇÃO

Rendido Sua Excelência (mal profiro;
Porque quem é invencível não se rende)
Mas que muito erre a musa, se pretende
Decrever este assunto que hoje admiro!
Direi que Sua Excelência (é juízo meu)
De Morfeu
Convidado,
O cuidado
De um tal dia
Divertia
No Letargo do sono mais profundo,
Que, não sendo o primeiro, é sem segundo.

Trégoas então se vê que concedia
Sua Excelência ao discurso assaz girante;
Mas como nos acertos é incessante
Lograva sempre alerta a fantasia:
Posto pois nesta regularidade,
Na verdade
A memória
Nova glória
Lhe propunha;
E interpunha
A clara percepção de Sua Excelência
O sono, um sentimento, sem violência.

Aqui foi quando viu (prodígio raro?)
A que da incomparável na pureza,
É por Mãe na ortodoxa redondeza
Louvada, com aspecto alegre, e claro:
Santa Ana foi a que acordava
E indicava
Com som terno

Que o governo,
Que hoje rege,
Se protege
Entre todos da terra Americana,
Feliz por patrocínio de Santa Ana,

Disperto ficou logo Sua Excelência,
Com a quase visão prodigiosa,
E logo em consistência vigorosa
Esta consigo forma conferência:
Santa Ana digna Mãe da Virgem Pura
Por ventura
(Ana é graça)
Esta Praça
Patrocina?
Pois me ensina,
Que todo o meu Governo na verdade
Uma sempre será felicidade.

Nisto logo por tão alto respeito
Se sente Sua Excelência enternecido,
E demonstrar-se então agradecido
Um flamante desejo arde em seu peito:
Quase porém no modo vacilante
Nesse instante,
Um incidente
De repente
(Raro afeto!)
Este objeto
Lhe descobre o prazer de Sua Excelência,
Sendo até então incógnita avedincia.

Eu não digo, que a alma em Sua Excelência
No referido invento se renova;
Mas se então não criou uma alma nova,
Sobe a nobre que tem a quinta essência:
Porque grato a tanta urbanidade
Na piedade
Mais ativo,
E excessivo
Se conhece;
E parece,
Que para moderar do peito a chama,
Preciso foi expor-se a voz da fama

Fidalgo enfim, com pródigo dispêndio
Um altar a Santa Ana logo erige,
A quem oculto em forma se dirige,
Que dele venho dar breve compêndio:
Mas porque, na grandeza, a minha musa
Jaz confusa,
E delirante,
Do Gigante
A grandeza
Nesta empresa
O dedo apenas vos darei pintado,
Pois dele o mais se infere agigantado.

Nele pôs com develo Sua Excelência
O resto do seu gosto, e desempenho;
Pois na idéia da fábrica o desenho
As linhas lhe lançava a sua assistência:
Ali se vê em grau mais sublimado
Acabado
Com destreza
Na lindeza
O holocausto,
Que com fausto
Daí derramará por toda parte
Quando nele se admira exemplo d'arte.

E porque sendo em príncipes costume
Concluir as empresas com festejo,
Sua Excelência empreendendo este desejo
Do Parnaso investiga o alto cume:
Dele soube extrair nove Donzelas,
Que assaz belas
Na Talia
Da poesia
Na eminência,
Competência
Certamente farão, segundo espero,
A Orfeu na lira, na facúndia a Homero.

Se a falta porém do Deus Apolo
Irregular deixava a Presidência,
E o achá-lo obrigou a Sua Excelência
Circular do Governo um, e outro Pólo:
Mas como na deidade é tão distinto,
Inda em Pinto

Transformado,
Foi achado
De repente;
E altamente
O nobre ilustrará da Academia
A Cícero vencendo na energia.

Retunda pois do plectro a melodia
Nos sonoros concertos do seu canto,
Já que em tal luzimento, ilustre tanto
Cantar a minha musa não devia:
E assim, de o ter feito arrependido
Submetido
Perdão peço;
Pois confesso,
Que o motivo
Do excessivo
Amor devido a este General
Me obriga a cantar, rouco, tarde e mal.

Cecini sicut, inter ciconos, anser

Do mesmo.

[Padre Manuel da Silva]

Louva-se a Senhora Santa Ana com o título de poderosa.

SONETO

Gloriosa Santa Ana, aquele amparo,
Que sempre achou em vós um desvalido
Aquela proteção, que tem valido
A tantos mil nas mãos do desamparo.

Aquele afeto, aquele amor tão raro,
Com que sempre nos tendes socorrido,
São do vosso poder, eu não duvido,
Uma prova evidente, um sinal claro.

Conhece o mundo a vossa piedade,
Ninguém nega que sois prodigiosa,
Todos respeitam vossa Santidade:

Ó que tudo é certo: sois piedosa:
Mas tão clara não fora esta verdade,
Se igualmente não fosses poderosa.

De um Anônimo.

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor.

SONETO

Não louvo agora aquela vigilância,
Com que tens este povo governado,
Nem aquele fervor que tens mostrado
Em lhe abrir os tesouros da abundância.

Não o zelo, Senhor, não a constância,
Com que tem seus aumentos procurado;
Outra coisa se deve ao teu cuidado,
Em que está do louvor toda a importância.

Porque quando, Senhor, se me oferece
Daquela devoção fazer lembrança,
Com que tanto Santa Ana se engrandece:

Vejo os bens que de novo o povo alcança,
Vejo a ação, que em ti mais resplandece,
Vejo enfim mais feliz vossa esperança.

Do mesmo.

[Anônimo]

SONETO

Toda la Ciudad ja se reviste
De aquel gusto, Señor, que le has causado,
En elle tu poder queda admirado
Por la gloria, que en ella conseguiste;

El Pueblo su prazer, como tu viste,
Que deve a tu persona ha confessado,
Pues no niega dever a tu cuidado
El Socorro del Cielo, que le assiste

Por que no satisfecho aquel gran zello,
Con que tienes sus dichas pretendido,
Su provecho buscando y su consuelo,

Ahora enfim se ve mas socorrido;
Pues le hace propicio el mismo celo
El altar, que a Santa Ana has erigido.

Do mesmo.

[Anônimo]

SONETO

No es del Cisne, no, la melodia,
Que su muerte celebra em vos suave,
Ni tanbiem es del otra qualquier ave
La voz, que escuchas oy con alegria.

Son alabaças si, que al cielo embia
Mi pecho amante de tu nombre grave;
Y ja dechando su presion sin clave
Su vos desata, suelta el armonia.

Ja tus hasanãs esto me han pedido,
Y no deve negar-se, que no es bueno,
El premio no las dar, que han merecido:

Queda ya de tu fama el mundo lleno,
E se asi no estás correspondido;
A tus meritos den mas alto trueno.

Do mesmo.

[Anônimo]

SONETO

Totalmente, Senhor, se dificulta
Entre sinais de Guerra declarada
A paz conhecer, que afugentada
Entre as armas parece estar oculta.

Eu faço do que vejo uma consulta,
Vejo as armas, Fortaleza, e gente armada:
Que hei de julgar, Senhor? Ou todo é nada,
Ou desprezada a paz a guerra insulta.

Mas oh que engano meu! Porque se é justo
Para sossego, e bem da vossa gente
Ao estranho, e Vassalo causar susto:

Já nos tendes mostrado claramente,
Que a paz que buscais a todo o custo,
Nessa imagem da Guerra está patente.

Do mesmo.

[Anônimo]

SONETO

Desse Isáurico tirano insolente,
Que terror, e flagelo foi da Igreja,
Cesse a ira, com que roubar deseja
Das Imagens o culto reverente.
Prostre ao seu furor o zelo ardente,
Com que por vós Santa Ana se festeja;
Prostre já, Senhor, para que ele veja
Triunfar nossa fé constantemente.
E seja por se opor a esta maldade
O braço a Damasceno foi cortado
Por impulso da sua atrocidade:
Igual castigo dais ao seu pecado;
Pois não só defendeis esta verdade,
Mas também mostrais o braço armado.

Do mesmo.

[Anônimo]

Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão Governador, e Capitão General desta Capitania de São Paulo sobre o sonho que teve para erigir Altar à gloriosa Santa Ana, há muitos tempos guardada em um Caixão no Colégio desta Cidade.

SONETO

Esse sonho, que o vosso pensamento
ocupou com tão grande suavidade,
não foi ilusão, foi sim verdade,
foi Divino Decreto, e mandamento:

A ele obedeceis pronto, e atento,
conhecendo de Deus esta vontade,
por isso com ardente caridade
esse altar levantai, novo portento.

Feliz vos considero neste mundo,
escolhido de Deus já vos contemplo,
do terreno apartado e da vã glória;

Porque quem com o sono mais profundo
sonha em Deus, em altar, e no seu Templo,
traz o Céu, não o mundo, na memória.

Do Sargento Francisco Pereira Cardoso.

O mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor achando a Imagem da Gloriosa Santa Ana depois do Sonho, se considera ter adquirido o melhor Tesouro.

SONETO

A Santa Ana, Tesouro que escondido
estava para nós tão encerrado,
mereceste, depois de ter sonhado,
logo achar, o Dinasta esclarecido:

Nela tendes revera adquirido
do Pactolo as riquezas afamado,
ou dizendo melhor, tendes achado
os Tesouros do Céu apatecido.

Ela mesma assim quer, e não repugna,
que obreis vós esta ação tão meritória,
que com vossas virtudes se coaduna.

Eterno ficareis na larga História;
porque só guardava esta fortuna
para vós mereceres tanta glória.

Do mesmo.

[Francisco Pereira Cardoso]

Ao mesmo Excelentíssimo Senhor General aplaudindo com grande devoção a Gloriosa Santa Ana no seu novo altar, se dão muitos louvores em o dia de São Luís Rei de França, Santo do seu Nome, de que se tomou, *nom immerito*, assunto para este

SONETO

Foi discreto o acordo na verdade
Neste dia louvar-vos, quando a Igreja
pelo Orbe também hoje festeja
de Luís Rei de França a Santidade:

Dele tendes o nome, por vontade
do Supremo, e dos homens para inveja;
pois Deus manda que um, e outro reja
na Terra com feliz tranqüilidade.

Em tudo sois a ele assemelhado
por ações de uma vida muito boa
com virtudes também condecorado:

Com ele gozareis da eterna Croa
e se França tem Rei canonizado,
um santo General terá Lisboa.

Do mesmo.

[Francisco Pereira Cardoso]

O mesmo Excelentíssimo Senhor é dotado das virtudes
que o constituem General perfeito no seu Governo
e por isso se faz amado por todos os súditos desta
sua Capitania de São Paulo.

SONETO

Ilustre General nesta Cidade
governais, como herói, em tudo inteiro,
sendo afável, prudente, e justiceiro
com amor, com brandura, e piedade.

Em vós jamais se viu severidade,
ou no tempo da paz, ou já guerreiro,
por isso vos decanta por primeiro
a fama sem segundo na equidade.

Vivei pois governando desta sorte
os Povos, que em vos ter estão ufanos,
confiados no vosso peito forte.

Porque aplausos tereis por largos anos,
aclamado por Numa, e por Mavorte
destes súditos vossos Paulistanos.

Do mesmo.

[Francisco Pereira Cardoso]

Oração panegírica em Louvor da Esclarecida, e sempre Gloriosa Santa Ana na colocação de seu altar na Igreja do Colégio desta Cidade de São Paulo, e do misterioso Sonho que teve o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão; em que estava oculta em um Caixão, sem no decurso de dez anos se topar com sua bendita Imagem, nem dela haver notícia nos inventários do dito Colégio; e no mesmo tempo se publicar franquezas de se poder tirar ouro, e vésperas do Jubileu pelo nosso Santíssimo Papa Clemente 14, que Deus guarde: e é todo o assunto da oração.

Bem sei, que procurei atrevido, e ousado em me meter donde me não chamam; porque a iniquidade do meu rústico talento privou da lembrança de quem convidou os Doutos Oradores de tão Nobilíssima Assembléia para não misturar uma tosca pena com as das Águias as mais bem aparadas; porém a força dos afetos, e as gostosas inclinações; estes a aquele assombro de Santidade a gloriosa Santa Ana, e aquelas ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, a quem me chego, e por meio de tão insignes proteções, e debaixo de suas sombras se refugia um servo dos debates da crítica, e confio que tendo estes Mecenas a meu lado, me ajudarão a entoar seus louvores. Principiemos: Foi misterioso o Sonho, que Faraó teve daquelas Vacas gordas e magras, e das espigas de trigo bem granadas, e falhadas; e José que na prisão que se achava foi o que declarou o Mistério do Sonho, e disse, que as vacas gordas, e espigas granadas, simbolizavam que haveriam sete anos de muita fartura; e as Vacas magras, e espigas falhadas outros sete anos de fome: da mesma sorte, o Mistério do Sonho do nosso Herói Ilustre, não foi sonho para carestias, mas sim para haver sempre abundâncias, pois sonhando descobriu o Preciosíssimo Tesouro escondido, a deliciosa fartura, a suma alegria, um **non plus ultra** de todas as felicidades, a Senhora Santa Ana.

É a Potente, e Bem-aventurada Santa Ana aquele mar Oceano de graças, em que navegou aquela Nau Maria Santíssima, que trouxe o Pão da vida, que fartou o Mundo todo; é aquele Céu Dourado, em

que brilhava a luzida estrela Maria Santíssima para guia dos errantes deste miserável mundo: é aquela Cristalina fonte, donde manava Maria Santíssima, torrentes de graças: é a Gloriosa Santa Ana aquela árvore ou raiz, que brotou a vara Maria Santíssima, e desta saiu a flor JESUS Cristo para remédio dos homens; é aquela Concha preciosa, que criou em si a mais brilhante pérola para ornato da Igreja Santa: é o Campo florido, que entre suas cândidas flores, brotou a melhor Açucena e a fragrante Rosa: é Santa Ana Preciosíssima Custódia, donde a Trindade Santíssima depositou os Seus Segredos altíssimos, donde tivemos nossa dita, e todas as prosperidades; e quando a Igreja Santa aclama sua Bendita Filha Maria Santíssima Senhora nossa, tudo se cifra nesta Santa Gloriosa pois de Seu Sacratíssimo ventre saiu esta Preciosa Relíquia.

E com razão a Santa Igreja vos chama alívio dos cansados, Campo Florido, Casa ditosa, Tesouro escondido, Consoladora dos aflitos, Refúgio dos Pecadores, Concha preciosa, Arca do Testamento, Oliveira Santa, Nau Veloz, Suspirada dos Profetas, Abundante esterilidade, Espelho de Virtudes, Guia dos errados, Amparo das Viúvas, Honra das Casadas, Remédio das Donzelas, Celeste orvalho, Fartura da Glória, Jardim Cheiroso, Céu dourado, Taça de Ouro, Fonte suave, Cipreste do Monte, Cedro do Líbano, Luzida Nuvem, e Mar de graças. E muito mais vosso Santíssimo Neto vos dotou, pois só ele compreende nas nossas perfeições, pois sois obra da sua onipotência, e pois a mesma Igreja diz, e mostra pela beneficência de vossos influxos com propriedade de Céu. **Simile est regnum caelorum thesauro abscondito in agro.**

E por não suster a voz deste rústico Orador ao som de tantas esclarecidas aclamações prerrogativas, e graças da Gloriosa Santa Ana; **Anna gratia interpretato** descrevi este elogio.

De graça Gloriosa Santa
Ana sois a mesma graça,
Pois vos gerastes da graça
Aquela das Santas, Santa
E como sois fonte Santa
Que corre Rios de graça,
Sois logo vós mar de graça,
Pois da vossa Concha Santa
Saiu a pérola Santa
Maria cheia de Graça.

Pois quem encheu de graça a esta prodigiosa Heroína, esta matrona excelsa, esta toda cheia de graça, senão o Autor da graça, seu Neto Santíssimo, donde a fez seu Templo, sua Custódia, em quem depositou todos os Divinos mistérios de nossa redenção. Louvemos

pois ao Autor de toda a graça, como diz Davi que o Céu, Sol, Lua, e Estrelas continuamente estão entoando glórias a Deus: **laudate cum sol et luna, laudate cum omnes stellae et lumen. Laudate cum caeli caelorum et aque omnes, que super caelus sunt, laudent nomen Domini.**

Sonhou Jacó, que vira uma alta escada, que chegava da terra ao Céu, e que vira subir e descer Anjos, e com este Sonho que tanto o consolava, e antes que não tornasse mais a ver Anjos, e escada lutou com um Anjo toda uma noite só a fim de se não apartar dele; vendo-se o Anjo importunado de Jacó lhe pediu que o largasse, ao que respondeu Jacó botando-lhe a bênção. Semelhante caso nos sonhos do nosso Ilustríssimo Herói; lá Jacó sonhou com o Anjo, e o nosso Herói com a Dulcíssima Mãe da Rainha dos Anjos, a qual com a sua Real Presença abençoou não só ao nosso Herói Ilustre, e a toda a sua Progenie, como também a toda esta Capitania no dia em que saiu a manifestar-se pelas ruas da Cidade, pois como Cabeça da Capitania toda ficou abençoada; e para eterno padrão deste ditoso, e mais que feliz sonho, a colocou em um altar com toda a magnificência, donde pronta acharam quem a ela recorrer.

Alvíssaras, pois Cidade de São Paulo, que chegaste a ver, e ouvir o que nunca vistes, nem ouvistes; ditosa terra, por se ter nela celebrado um Sonho, que foi tanto ao vivo, pois bem se viu o portento. Alvíssaras peço, pois tiveste a ventura de possuíres um Herói ilustre, um famoso General que só tem todo o seu cuidado em te aumentar, e por isso quis Deus que tivesse aquele ditoso Sonho com a Mãe das Riquezas: (presságio feliz, alegre anúncio) pois se Jacó pediu ao Anjo, e desapareceu, a Gloriosa Santa, aparecida por sonho nos está patente em seu Altar para nos socorrer pronta em nossas necessidades: veio, ou apareceu neste ano de 1770, e neste mesmo tempo Licença Régia para todos os mineiros tirarem os preciosos metais, donde os acharem, para mais ficar dourado o ano por ser ano deste Sonho misterioso do feliz aparecimento, ou de um Tesouro escondido, influências do Céu dourado de Santa Ana: **simile est regnum caelorum thesaurus abscondito in agro.**

Louvmos este Varão ilustre, este Herói excelso, este General famoso. Este emblema de assuntos dirigidos à Mãe da menor filha, móvel de todos estes aplausos, pois com tanta pompa, e magnificência ofereceu liberal altar lustroso a esta Matrona Santa; patenteando-a com uma bem concertada Procissão de todas as Religiões e confrarias, onde assistiu a festa toda o Ilustríssimo Cabido e a melhor nobreza, aos festivos aplausos, e reverentes cultos no dia que a Igreja Santa tributava louvores ao Esposo desta esclarecida Santa o Senhor São Joaquim; e continuando-se um oitavário de festividades de diferentes invenções, o que tudo são anúncios felizes das

nossas felicidades, por se esperar também o pleníssimo Jubileu Santo do nosso Santíssimo Papa Clemente 14 que Deus guarde: o que tudo com a graça do Senhor, e intercessão da gloriosa Santa Ana se espera que este ilustre General alcance todo o bom fim de seu desengano com muitas felicidades em seu rectíssimo governo em serviço de Deus, e de El-Rei Nosso Senhor, e que lhe prospere os anos de vida de sua satisfação. Assim seja.

De Manuel Pereira Crispim.

Em louvor do Egrégio Presidente faz Sua Excelência
este

SONETO

Tão doutamente, o Sábio Presidente,
De Santa Ana as Virtudes nos mostrastes,
Que a Cícero, e a Demóstenes igualaste,
E no assunto os excedeste certamente.

Cingi de verde louro a doura frente,
E sede já feliz; pois alcançaste
Nos Louvores, que bem desempenhaste
Propícia ter a Avó do Onipotente.

Seja hoje vossa fama eternizada
Felizmente no Templo da memória,
E cale Grécia, e Roma decantada,

Pois daqueles a vida transitória
É no mundo visível já passada,
A vossa durará na eterna glória.

[Luís Antônio Botelho de Sousa Mourão]

Preclarissimo huius Academiae Praesidi ad omnia nato
luculenter oranti.

EPIGRAMMA

Dicere pro rostris dum te iuuat, inclite Praesens,
Diuiosque sonos dum sapienter agis:
Tanta tuo resonat Diuina sciencia ab ore,
Quanta nec Phaebus praeditus orbe fuit.
Laudibus extollis Lodouicum, quam bene dicis,
Inter Doctores qui bene doctus ades.

[Fratre Gaspare da Soledade Matos]

ALIUD

Rostra subis diuina tuo facundia, Praesens,
Ore stat arretis auribus orbis adest.
Te Socratem credunt, aliique Platona fatentur
Te multi Liuium, plurimi Aristotelem,
Hi Cesserona putant te tam bene sede tonantem
Contendit firmus re bene quisque sua.
Quisquis sis, fateor, uenerarier orbe mereris
Dignus Apollineis, et celebrere liris.

**Ex Reverendo Patre Frei Gaspare da Soledade
Matos, Secretarius Academicus.**

Ao Senhor Doutor José Gomes Pinto de Moraes, Presidente da Academia dos Felizes desta Cidade de São Paulo, e Juiz de Fora da Vila de Santos, Exímio Jurisconsulto, perfeito Orador, e Singular favorecido das musas.

SONETO

Bem mostrais ó meu douto Presidente,
Nesta Oração que tendes recitado,
Teres a palma do Orador ganhado
Com as mais que adquiris tão sabiamente.

Muito bem desempenhais o eminente
Do assunto Acadêmico, decantado
Por mim com verso tosco, e mal limado
Inda que pelos mais sócios doutamente

Exaurida deixais com toda a arte
Os modos da Oração mais elegante,
Fugindo da lisonja em toda a parte:

E os Cíceros, e Túlios mais distantes,
Com quem Minerva as dádivas reparte,
As palmas vos darão mais relevantes.

**Do Acadêmico Doutor Antônio Fortes
de Bustamante, e Sá Leme.**

Em louvor do Sapiientíssimo Presidente da Academia dos Felizes o Doutor José Gomes Pinto de Moraes, mostrando a sua admirável eloquência na doura Oração que recitou, canta a minha insipiente musa o seguinte

SONETO

Se com tal descrição, tal energia
Hoje a vossa Oração, José, formaste
Que com ela elegante acreditasse
Esta doura feliz Academia.

Quem não há de afirmar, que pasmaria
Vendo Túlio, que a pena sublimaste,
E que sendo vós Pinto vos mostraste
Mais que a Águia veloz se mostraria.

Mas que muito que o vosso entendimento
Nos soubesse mostrar que a redondeza
Não tem outro, que logre igual talento;

Quando é tão singular vossa agudeza,
Que aonde alcança o vosso pensamento
Dos mais doutos não chega a sutileza.

**Do acadêmico Francisco Xavier de Passos.
Mestre Régio de Gramática.**

Ao Senhor Doutor Juiz de Fora da Vila, e Praça de Santos José Gomes Pinto de Moraes, sendo eleito pelo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General da Capitania de São Paulo para Presidente da Academia, cuja doutíssima Oração delineou, compôs, escreveu, e consumou no mesmo dia em que teve o aviso, com não pequena admiração dos Republicanos Literários.

SONETO ACRÓSTICO

Indelével será na humana história
O vosso nome sempre esclarecido;
Será no impreterível esculpido
Esta sábia eleição de tanta glória:

Gravada ficará em toda a memória
O motivo porque foste escolhido;
Memorável será teres vós sido
Entre a luz do Parnaso a mais notória;
Sois de todos a inveja neste dia;
Pois o nobre indivíduo d'alto a baixo
Inculca emulações sem ousadia;
Notando-se em tudo o que eu aí acho,
Tomares para orar na Academia
O mesmo tempo que para um despacho.

**Do Muito Reverendo Padre Manuel Alz' da Silva,
Vigário da Vara da Vila, e Praça de Santos.**

Em Louvor do Preclaríssimo Doutor Presidente orando
doutamente.

DÉCIMAS

Orais douto Presidente
Pois da Hipocrene bebeis,
Hoje aqui nos mostrareis
Claro estilo excelente:
O vosso canto eloqüente
Lhe assiste Jove em louro,
E as Ninfas lá do Douro,
Junto com as do Mòndego,
Vos dão tal graça e sossego,
Que falais com língua d'ouro.

Bem podeis na Academia
Dizer muito, e lustrar muito,
Pois vos ajuda o assunto,
Que vos assiste Talia.
Vossa doce melodia
É alta, e seu efeito,
Digo com todo o respeito
Se subisse ao Parnaso
Achara lá neste caso
Mui levado conceito.

Um sonho tão bem fundado
De um Herói esclarecido,
Pode ser sempre aplaudido,
Pode ser sempre louvado;
Sonhou estando deitado

Santa Ana lhe aparecia,
Viu não era fantasia,
Pôs-se a pé cedo e inteiro,
Viu que era verdadeiro
Por feliz teve este dia.

Partiu logo sem demora
Essa Senhora a buscar,
E depressa foi achar
Dentro de um quarto d'hora;
Vejamos, sábios, agora
Este mistério excelente
Como é de graças potente
Que de conceitos avulta;
Aos mais esteve oculta,
Para ele está presente.

De um Anônimo.

18. **EXPOSIÇÃO FÚNEBRE, E SIMBÓ-
LICA DAS EXÉQUIAS [...] DA SE-
RENÍSSIMA SENHORA DONA MA-
RIA FRANCISCA DOROTÉIA [...] NO
AARAIAL DE PARACATU [...]**
Por João de Sousa Tavares. [1771].
(Ed. 1771).

EXPOSIÇÃO FÚNEBRE, E SIMBÓLICA

das Exéquias que a
Memorável Morte da
Sereníssima Senhora

DONA MARIA FRANCISCA DOROTÉIA,

Infanta de Portugal,
Fez officiar no Arraial do Paracatu
o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor

CONDE DE VALADARES

Governador, e Capitão General da Capitania
de Minas Gerais etc. etc. etc.

Dedicada ao mesmo Senhor.

Por Manuel Lopes Saraiva, Furriel de Dragões,
e Comandante dos mesmos no dito
Arraial.

SEU AUTOR

O Reverendo João de Sousa Tavares
Graduado em Leis pela Universidade
de Coimbra etc.

AO ILUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO SENHOR

Dom José Luís de Meneses, Abranches, Castelo Branco, e Noronha Conde de Valadares, do Conselho de Sua Majestade F. comendador das Comendas de São Julião de Monte negro, São Gião da Castanheira, Santa Maria de Viade, Santa Maria de Casais, São Sebastião de Alpriase, da Ordem de Cristo, Governador, e Capitão General da Capitania de Minais Gerais, Presidente do Tribunal da Mesa da Junta da Real Fazenda da mesma Capitania etc.

Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor.

Se muitas vezes pelas circunstâncias, que ocorrem, há covardias tão infelizes, que por pussilânimes ofendem, assim como há temeridades tão ditosas, que por arrojadas não agravam, a que hoje me anima a oferecer humildemente aos ilustríssimos pés de Vossa Excelência este limitado volume, se faz para o perdão tão atendível pela circunstância, que quando se me censure a demasia, sempre me ficarão desculpados os motivos do arrojo, para que se me imponha a pena proporcionada a culpa.

Ordenou-me Vossa Excelência como um dos Heróis mais penalizados da morte da Augustíssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, mandasse officiar Exéquias às saudosas cinzas daquela Sereníssima Princesa; pois se faziam as suas louváveis virtudes acreedoras dos mais enternecidos obséquios.

Sendo aquela Superior Ordem de tanta veneração para a minha fé, como um autorizado Mandamento na lei da minha obediência, envolvia tão admirável docilidade para o inviolável da execução, que com império constrangia, aquilo mesmo que com brandura ordenava. Para cabal desempenho, e última satisfação dos verdadeiros votos, que a Pessoa de Vossa Excelência soube sempre consagrar sem violência a minha rendida vontade, nunca mais do que então ambicioso apetecei as riquezas de Cresso, e as abundâncias de Midas, para

ver se melhor podia vencer as dificuldades, que pugnavam contra o estímulo, com que sem perda de tempo desejava concluir o executivo de tão superior mandato; já que os impulsos com que me estimulava o ardor do mais vivo afeto, pouco ou nada concluia a satisfação do meu desejo.

Porém como o acerto da execução dependia de tempo para a manufatura da obra, e a indigência da terra me dificultava o necessário para o suntuoso da celebridade, o tempo invernoso como mês de novembro, o clero disperso em ocupações Eclesiásticas, o Militar distante em todo o contorno deste dilatado continente, me foi preciso alguma demora na execução do empenho, sem que para aplicar a brevidade adormecesse nunca o cuidado, receando com razão, que na celeridade intempestiva da execução se malograsse o desejado acerto.

Finalmente passado o Purgatório daquela precisa dilatação em que a esperança servia de maior verdugo para o martírio, chegou o ditoso dia, se triste, e penalizado pelo objeto, glorioso na verdade para satisfação do gosto, e desempenho da vontade, em o qual exaurido o meu bem rendido culto agigantadas forças das mais exauridas fraquezas, obrei o que pude, como nesta Exposição simbólica fielmente a Vossa Excelência exponho, que quando se julgue pouco pelo dispêndio, ficará suprimindo o que falta no que me sobeja de vontade.

Sendo pois tudo o que obrei o mesmo que Vossa Excelência me ordenou, de razão pede a Justiça dedicasse a Vossa Excelência esta Exposição Simbólica do que se fez, para cabal conhecimento do acerto com que o fiz. Se permitir a Fortuna, que as direções com que talhou o meu desvelo a magnificência tão pia, e Católica celebridade, correspondam ao agrado de Vossa Excelência, ficarei desvanecido com essa glória; e quando tenham delinquido por erradas as medidas que tomei, grandeza de ânimo tem Vossa Excelência, para que perdoe os desacertos da eleição: e assim com esta certeza, e sem receio da pena, porque a piedade de Vossa Excelência conhecendo, que a obediência foi o incentivo da culpa, saberá dar-me o castigo à proporção do delito, outra vez humildemente a seus ilustres pés lhe torno a oferecer este pequeno volume, como memorial para a posteridade do tempo não sepultar no esquecimento a memória daquela Sereníssima Princesa, já que a Morte lhe tem escondido as cinzas na sepultura.

Aceite, pois Vossa Excelência por tributo da minha mais cândida obediência este limitado volume, que se Pigmeu no corpo, tão Gigante no espírito, como se mostra no seu contexto, porque inda que não fechado com sete selos, como aquele do Apocalipse; mas sim aberto para o emprego de muitos olhos, para cujo fim com incansável

trabalho, quis a todos manifestar o seu douto Expositor as ações fúnebres daquele piedoso sufrágio, nos Emblemas com que simbolizou a natural Morte, e espiritual vida, por isso mesmo carece da mais ilustre proteção, como a de Vossa Excelência, para que como divinizado escudo rebata os odiosos golpes da detração maligna.

Porque se para Mecenas de qualquer livro procurava Heródoto um Príncipe tão ilustre, que com o respeito da Nobreza o defendesse, tão Sábio, que com a sua Ciência o aplaudisse, e tão amado de todos, que com o Séquito dos seus mais afetuosos com piedade o protegesse; sabendo com comiserção desculpar as suas faltas: para singular Protetor do presente livro, quem mais ilustre, quem mais sábio, quem mais querido, e quem mais piedoso que Vossa Excelência?

Do tronco dos Excelentíssimos Duques de Caminha, e Marquêsado de Vila Real é Vossa Excelência esclarecido ramo, a quem a Majestade do Nosso Fidelíssimo Rei, e Senhor Dom Pedro II ao Excelentíssimo Senhor Dom Miguel Luís de Meneses Avô de Vossa Excelência esmaltou mais o diadema com o título do Condado de Valadares, cujo esplendor heroicamente transcendeu no ilustre, e nobre espírito, que anima o heróico coração de Vossa Excelência.

No ditoso, e feliz governo desta dilatada Capitania, de que Vossa Excelência empunha o bastão de Capitão General, e seu condigno Governador, tem Vossa Excelência com inveja de muitos, e admiração de todos acreditado de científica a grandeza do seu Nome, já na administração da Justiça, como no acerto de repetidos despachos, como irrevogáveis sentenças entoa a Fama: já no regulamento da Milícia, fazendo inconquistável a Coroa com a multiplicidade de soldadesca, sem deixar sertão por mais recôndito, em que se não venere o clangor de Marte: já dirigindo com acordo vigilante os interesses da Monarquia, para que se aproveitem, e não desencaminhem os tributos devidos à soberania da Majestade: já esperando para sossego, e tranqüilidade dos Povos o sem número de Malfeitores, que infestavam toda esta Capitania, fazendo prender a uns, justicando a outros, e horrorizando a todos, para que nem delinquam os bons, por não inflamarem a Virtude, nem insultem os maus com o receio, e temor do castigo.

Repartindo para as execuções de tão diversificados empregos o incompreensível das suas altíssimas, e perspicazes idéias em tantas partes, que como reproduzindo em todas a sua vigilante, e incansável Pessoa, ao mesmo tempo, que na Capital de Vila Rica não falta ao sem número de requerimentos com o despacho, dá as providências necessárias a todo o Continente desta alongada Capitania, sem ter hora de noite, em que o perturbe o Sono, nem instante de dia, em que se convide ao sossego, fazendo-se pelo seu científico zelo, e integridade tão amado, e universalmente querido do Povo, que não

cessa em repetidos aplausos de publicar louvores a tão supremo, e Magnânimo Príncipe.

E se Vossa Excelência nesta forma sabe desempenhar as prerrogativas de um tão desejado Protetor como solitava Heródoto para Mecenas do seu livro, acreditando a proteção dele no ilustre do respeito, o crédito da obra na aprovação da sua admirável Sabedoria, a repulsa dos críticos no séquito dos seus afetuosos, e a desculpa dos erros no inato da sua conhecida piedade; sendo pois este livro todo de Vossa Excelência, só a sua Ilustríssima Pessoa de justiça, e de propriedade deve ser o seu legítimo Protetor, a cujos ilustres pés, emudeceu rendida a minha humildade nos seus bem aplaudidos louvores, e heróicas ações, porque como estas só se podem regular pela grandeza do esclarecido nome de Vossa Excelência, mal podem caber na curta esfera dos meus elogios, inda que para o menor de tão excelentes aplausos, se me multiplicassem as línguas para os clamores.

O seu mais rendido Súdito
Manuel Lopes Saraiva

Em louvor do Reverendo Doutor João de Sousa Tavares, Autor desta Exposição Fúnebre etc.

SONETO

Hoje que no simbólico desenho
Da tua erudição deste a certeza,
Ninguém pode negar, que a Natureza
Co'a arte unida te fertiliza o engenho.

Da ação, que relataste, onde despenho
Teria o que aceitasse tal empresa,
Só a milagres, tu, da subtileza
Poderias lograr o desempenho.

Teu nome isento das pensões atrozes,
Com que o tempo no Mundo tudo abala,
Eterno aplauso é lícito que gozes:

Pois recontando a ação que o afeto exala,
Polindo o choro com discretas vozes
Deste alma ao pranto, quando ao luto gala?

De José Pereira de Barros.

Ao mesmo Autor da Exposição.

SONETO

Quem desempenha assim tão árdua empresa
Não tem mais que emprender com seu desenho;
Pois bem mostrou na ação do desempenho
A eloquência que tem por Natureza.

Era justo encontrasse a Régia Alteza
Para os encômios seus um tal engenho,
Que logrou elevar-se sem despenho
A louvar as Virtudes da Princesa.

Na Relação, que fez (se bem aludo)
Se excedeu a si próprio; pois afoito
Quase deixou ao mesmo Apolo mudo:

E continuando a ação facundo, e douto,
Logrando felizmente o acerto em tudo,
Tem no Templo da Fama imortal Couto.

De Manuel da Silva Pereira.

EXPOSIÇÃO FÚNEBRE E SIMBÓLICA

Tinha já Deus (com o trabalho de que descansou o sétimo dia (1) povoado de Criaturas as quatro partes do Mundo. Já do abismo das águas, (2) em que estivera a terra sepultada, a tinha levantado em altos Montes, estendida em dilatados, e vistosos campos; fundida em abatidos, e engraçados vales; vestida de odoríferas, e excelentes flores (3); enriquecida de preciosas, e importantes minas; regida de cristalinas, e dulcificadas fontes (4); fertilizada de saborosos, e sazoados frutos; habitadas de voláteis, e canoros pássaros; matizada de robustos, e agigantados troncos, e coberta de animais, (5) e diversificados brutos; como melhor decantou Ovídio I. Metham. (6)

**Tum freta diffudit, rapidisque tumescere uentis
Iussit; et ambitae circumdare Littora terrae.
Addidit et fontes, et stagna immensa, Lacusque,
Fluminaque obliquis cinxit decliuia ripis:
Quae diuersa locis parlim sorbentur ab ipsa,
Inmmare perueniunt partim campoque recepta
Liberiores aquae, pro ripis littera pulsant.
Iussit et extendi Campos, sub sidere valles,
Fronde tegi silvas, lapidosos surgere Montes. . .
Cesserunt nitidis habitandae piscibus undae,
Terra feris coepit, uolueres agitabilis aer.**

Tinha já dilatado o mar no imenso, e profundo Oceano da sua colérica veracidade, se inda não trilhado de nadantes lenhos, e

-
- (1) Et requieuit die Septimo ab universo opere, quod patrarat. Genes., Cap. 2, v. 2.
(2) Congregentur aquae, quae sub Caelo sunt in locum unum, et appareat arida. Genes., Cap. 1, v. 9.
(3) Germinat terra herbam uiuentem, et lignum pomiserum faciens fructum. v. 11.
(4) Producant aquae reptile animae uiuentis, et uolatile super terram. v. 20.
(5) Creauitque Deus cete grandia, et omnia animam uiuentem, atque mutabilem. v. 21.
(6) Et fecit Deus bestias terrae iuxta species suas, et iumenta, et omne reptile terrae ingenere suo. v. 25.

pesadas quilhas, bastantemente fendido o seu nitroso cristal de escamosos cardumes de inumeráveis peixes.

Tinha fixado no Firmamento o Sol, coroado de raios, resplandecente em fulgores, para presidente do dia; e acendido no intenso das suas luzes a claridade, da Lua, e das Estrelas para substitutas da noite: (7)

Achava-se já repartido o Horizonte no círculo máximo, que divide a Esfera nos dois hemisférios, dentro dos quais se move o primeiro móvel, em que descansam os dois Pólos do Mundo, em ordem a calculação dos eclipses, e aspectos dos luminares. Distintos os imensos, e côncavos espaços das outras celestiais linhas, em assinalados signos, e copioso número de exuberantes Astros, para o desigual movimento das suas influências, na oposta conjunção dos seus Planetas segundo o aspecto do Sol no circular giro da sua violenta carreira, e cotidiano influxo do seu diário movimento: Claud. in *Spher-Archim*.

**Per currit proprium mentitus signifer annum,
Et simulata novo Cinthia mense redit.**

Ou com mais brevidade Vergílio. Lb. I Georg.

Per duodena regit Mundi Sol aureus astra.

E com mais extenso, porém maior elegância, e individuação dos tempos, e suas estações Ovid. 2 Meth.

.....**Purpurea uelatus ueste sedebat
In Solio Phoebus. Claris lucente smaragdis
A dextra, laeuaque dies, et mensis, et annus,
Seculaque, et positae spatiis oequalibus horae,
Verque nouum stabat cinctum florente corona,
Stabat nuda Aestas, et sexta gerebat:
Stabat et Autumnus calcatis uuis,
Et Glacialis Hiems canos hirsuta capillos.**

Quando para Príncipe absoluto de todo o universo, ao barro de que formou o homem, (8) com a alma que lhe comunicou, lhe infundiu a vida porém porque nas delícias do Paraíso se não desvanecesse de

(7) **Fecitque Deus quo luminaria magna: Luminare maius ut praeeset dies: et luminare minus ut praeeset nocti, e stellae, et possuit eas in Firmamento Coeli, ut lucerent super terram.**

(8) **Formauit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae, et inapirauit in faciem eius spiraculum vitae, et factus est homo in animam uiuentem.**

imortal, (9) com a sugestão do Demônio, segurando-lhe a Divindade, na transgressão da imposta Lei sobre a árvore da ciência, lhe promulgou a sentença de morte na fragilidade da vida. (10)

Rebelde Adão na observância do divino Decreto, por acreditar mais a prometida, e falsa imortalidade, que astuciosamente lhe segurara a Serpente, do que a realidade de pena, com que Deus antecipadamente o advertira, com as doçuras do vedado pomo, que comeu, tragou as acerbos amarguras das mortais misérias, e o veneno contagioso da Morte em pena da culpa. (11)

Limitado castigo na verdade, para tão execrando insulto, se só fora Adão o justicado, como delinqüente: porém como a gravidade da culpa, clamava em satisfação da sua malícia, outra mais rigorosa pena proporcionada ao delito, transcedeu o rigoroso da Sentença a todo o gênero humano, como filhos, e descendentes de Adão, frutos contaminados de uma raiz, e tronco infecto: **Quia primitiva infecta, infecta censentur etiam derivativa: Et infecta radice inficiuntur, et palmires.** Ou como cantou o Poeta: (12)

Qui viget in folius, venit a radicibus humor. (13)

Pecou Adão como Pai Universal dos homens, e porque com ele pecaram todos, (14) nenhum se eximiu do jugo das misérias da humana fragilidade, que por Deus cominadas lhe foram até o último instante da vida, as quais só há de por termo o golpe rigoroso da Morte, reduzindo à cinza o que foi formado de pó.

Chegou a Universalidade daquela Divina Lei a verificar-se na nossa Sereníssima Infanta de Portugal, (a quem inda a saudade respeiando-lhe a Soberania, lhe repete o nome entre palavras mal articuladas com o embaraço dos soluços) a Excelentíssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, sem que a desigualdade do seu Régio nascimento a distinguisse para a Morte do comum (15) da humana

(9) *Nequaquam morte moriemini: eritis sicut Dii scientes bonum, et malum.*

(10) *Praecipit que ei dicens: Ex omni Ligno Paradisi comedere, de ligno autem scientiae boni, et mali ne comedas; in quocumque enim die comederis ex es morte morieris. Gen., Cap. 2.*

(11) *Quia comedisti ligno ex quo praeceperam tibi, maledicta terra in opere tuo, et coetera. In sudore uultus tui uesceris pane, donec reuerteris in terram, de qua sumptus es, quia pulvis es, et in puluerem reuerteris. Genes., Cap. 3.*

(12) *Mantuan. ex Franc. quaest. iucund. q. 31.*

(13) *Ex. Cap. Cum quid prohibetur de reg. jur.*

(14) *Omnes in Adam peccauerunt.*

(15) *Nemo enim aliud habuit nauitatis initium: unus ergo introitus est omnibus ad uitam, et similis exitus. Ex Sapient., cap. 7, n.º 5 et 4.*

natureza, a quem sem diferença de pessoas sabe igualmente ferir o universal impulso do seu braço, como poetisou Horácio (16)

**Palida mors aequo pulsat pedes pauperum tabernas
Regumque tures.....**

É bem verdade, parece se não animou a Morte a cometer a peito descoberto àquele coração invicto; ou porque lhe respeitava a Majestade, ou porque a fortalecia o sem número de virtudes, de que se adornava com as quais se fazia intrépida aos horrores do seu golpe, como cantou o estrangeiro Cisne a sombra dos imarcessíveis loureiros do Parnaso.

**Qui bene praeteritos sine labe peregerit annos
Non horret mortis uulnera dura pati.**

Invadiu sim aquela divinizada Soberania pela fragilidade da Natureza, descompondo-lhe os humores daquela natural economia, de que carece o indivíduo humano para conservação do vital espírito, precipitando-a com este artificioso estratagem a uma aguda, e crônica enfermidade, para com a hostilidade das dores, que cada dia em aumento se multiplicavam, cortada das vigílias, e depauperada de forças, cantasse a vitória a diligências da fraqueza.

Não conseguiu, porém, a morte com tanta felicidade o triunfo, como lhe tinha na presunção debuxado o desejo; porque revestindo-se aquele coração Heróico igualmente do Régio Sangue, de que se animava, com a Virtude da Paciência, com que tolerava os contínuos assaltos, com que a Morte em acidentes letais a invadia, como rocha firme inda combatida dos ventos, mais constante se lhe mostrava: (17)

**Ut Pelagi rupes magno ueniente furore,
Quae se se multis circumlatrantibus undis
Mole tenet scopuli.....**

Durou aquele rigoroso assédio alguns anos, sem que a Morte conseguisse daquela Soberana Princesa a menor vantagem, pelejando contra a sua imitável constância com tão avantajado partido, como escoltada da putrefação (18) da carne, e depravação dos humores, em cuja econômica constância se verifica a felicidade da saúde (19)

Porém como a todo o racional vivente lhe é predefinido certo termo aos dias de vida, e por força cada um como mortal há de pagar

(16) Ode 4.

(17) Verg., Aeneid.

(18) Putridini dixi: Pastor meus es, et Mater mea uermibus. Iob, ca. 17.

(19) Constituisti terminos eius, qui praeteriri non poterunt. Ibidem., cap. 14.

o tributo à morte: (20) verdade esta que nem aos Gentios se ocultou como o testemunham Vergílio **Aeneidos** Lb. 10 (21)

**Stat sua cuique dies breue, et irreparabile tempus
Omnibus est uitae.**.....

E não menos Ovídio **15 Metham.**

Paulatim lenta consumitis omnia Morte.

Sem que as humanas forças possam resistir àquela devida satisfação, chegada a hora do predefinido termo, como o disse Sêneca, aprovou o Doutíssimo Raimundo, (22) e o cantou Homero: (23)

Nec ui Herculea factum uitabis acerbum.

Mais de cansada, que de vencida obedecendo a voz de Deus, que a chamava como Esposa para a coroas de glória no Empírio, (24) cedeu o triunfo a morte, exalando a alma, e acabando a vida, podendo todos em tal caso feridos da mágoa dizer com Virg. (25)

Membra quatit, gelidusque coit formidine sanguis.

Ou como em outra semelhante ocasião de pena cantou chorando Ovídio: (26)

**Occupat obsessos sudor mihi frigidus artus,
Caeruleae que cadunt toto de corpore guttae.**

Assim se eclipsou aquele humano Sol do Império Lusitano, assim se desfolhou aquela peregrina Rosa do Jardim da Castidade, assim se escureceu aquele racional Céu inimitável de virtudes, e desta sorte se cortou aquele florescente ramo do Régio tronco de Bragança; destinado por Deus para nele se verificar o quinto Império do Mundo:

Volo in te, in semine tuo Stabillire Regnum meum.

Ao primeiro suspiro que a impulsos do sentimento arrancou a mágoa do íntimo do coração do nosso Invictíssimo Rei, e Soberano Senhor, como Pai amorosíssimo daquela morta Divindade, se cobriu

(20) *Statutum est hominibus semel mori.* S. Paul., caput 82.

(21) *Senec. apud Lucil., Ep. 102. Stat quidem terminus nobis, ubi illum inexorabilis fatorum necessitas fexit.*

(22) *Raymund. Lullius, lib. de Secret. naturalib. Unicuique uitae terminus est statutum, quem nullo ingenio transgredi possumus, sed intra terminum mortem accelerare in promptu est omnibus.*

(23) *Iiad. 6.*

(24) *Veni sponsa mea, ueni coronaberis.* Ex Cant.

(25) *Georg., lib. 4.*

(26) *Metamorph., 6.*

a Corte de pena, e os corações de luto: sendo só a sucessiva corrente de lágrimas panegiristas mudos; porém verdadeiramente eloquentes de tão amargo desgosto.

Nem menos se deve acreditar da fidelidade lusitana, nem do verdadeiro amor, que jura aos seus Soberanos Príncipes nas aras da mais fina, e acreditada obediência. E se os antigos Bárbaros, e Gentilíssimo inconfidente sabiam acreditar a sua mágoa, não só com a corrente dos olhos; mas também com o desalinho dos cabelos, como praticou Aquiles na Morte de Patroclo, (27) Priamo na Morte de seu filho Heitor, El-rei Latino na sua tristeza, como cantou Vergílio: (28)

**Demittunt mentes: it scissa ueste latinus
Coniugis attonitus fatis, urbs que ruina,
Canitiem immundo perfusam puluere portans.**

E o confirma o único Panegirista das penalidades: (29)

**.....Lugent Iuuenesque, senesque,
Planguntur matres Calydonides, Eueninae.
Puluere canitiem genitor, uultusque seniles
Foedat humi fusus**

Certificando que com o mesmo desalinho choraram as Ninfas a Morte de Narciso: (30)

**.....Planxere sorores
Naiades, e sectos fratri impossuere capillos.**

Claro fica, que havia chegar a dor daquele sentimento a todos;

Disparou a Morte o tiro com tanta felicidade, que de um golpe tirou a vida àquela Sereníssima Princesa, e feriu mortalmente o coração do nosso Invictíssimo Monarca. Era amoroso Pai daquela adorada Filha, a quem com o Régio esplendor do sangue, com que a animou, o magnífico ser de Majestade lhe conferiu; por esta razão sobravam motivos para o extremoso amor, com que da sua morte se ressentia:

Urget amor patris: ratione ualentior omni.

São os filhos a respeito dos Pais, imagens verdadeiras, e legítimas cópias suas a furtos da Natureza, tanto no sangue, e semelhança, como nas virtudes, e costumes, cantou Vergílio.

Et patris in natos abeunt cum semine mores.

(27) Homer., *Iliad.* 22.

(28) Verg., *Aeneid.* 10.

(29) Ovid., *Metam.* 8.

(30) *Ibid.*, Lib. 3.

E não menos Ovídio *Trist.*, III 4, *Eleg.* 3:

**Oh qui numinibus cum sis generosus aurorum,
Exsuperas morum nobilitate genus.**

A carne, e sangue, que os nutre são desperdícios de Vênus, com que em doce tálamo entre firmes amores perfeitos, e perpétuas carícias o gerara com unímoda união de carne, e sangue, substância, e natureza cantou um elegante Poeta:

**Sum tua caro, pater, tua caro mater in una;
Caro mea duo, uos estis, et una caro.**

Sendo pois a refletidas circunstâncias o natural incentivo do Paternal amor para o justo sentimento do nosso penalizadíssimo Monarca, claro fica, que se a morte tirou a vida a Filha por Natureza, para os motivos da Mágoa, feriu também mortalmente por amor o Coração do Pai, para o sentimento, porque sempre foi mortal a ferida, que por penetrante chegou a ofender o coração: disse o Aristóteles *Lib.* 12 (31).

De dois Pais enternecidamente queixosos, e magoados na morte de seus filhos faz especial menção a Sagrada História. Davi pela morte de Absalão, e Jacó pela morte de José: talvez tão especializados no sentimento, por serem tão singulares no amor. Soube Davi, que de três cruéis lançadas por mão de Joab morrera Absalão, e depois de acordar do letargo, em que o sepultou a veemência do desgosto, lamentando com sufocados soluços a morte daquele filho, protestou que a troca da sua morte lhe quisera restaurar a vida: *Constritatus itaque Rex ascendit coenaculum portae, et flexit, et sic loquebatur: Fili mi Absalón, Absalón fili mi, quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te, Absalón fili mi.* (32)

Enternecido Pai, e na verdade justamente queixoso: parece que na repetição do doce nome do filho, ou lhe queria comunicar nova alma para o ressucitar da morte, ou pintá-lo vivo a sua vista para desafogo da mágoa, e lenitivo da sua saudade.

Não sei se mais extremoso no amor, ou mais estimulado da pena, se portou Jacó na morte de José? Só sei, que coberto de cilício foram contínuas as suas lágrimas, porque foi desmedida a sua dor: *Iscissisque uestibus, indutus est cilício, lugens filium suum multo tempore.*

Tomou as medidas a perda do filho pelos extremos, com que o amava, e não menos o pulso a obrigação, que concorria para chorar

(31) *Arist.*, de *anim.* *Laeso corda animal moritur.*

(32) *Reg.*, 2, cap. 18.

como Pai a infelicidade da sua morte, e feito o cálculo na repartição da conta, de tal sorte se lhe multiplicavam os motivos para a pena, que só no inferno do seu pesar achou desafogo em contínuo pranto o seu sentir: **Congregatis autem cunctis liberis eius, ut linirent dolorem patris, noluit consolationem accipere, sed ait: Descendam ad filium meum lugens in infernum et ;illo persequerant in flectu.** (33)

Notável sentimento o daquele Rei Profeta, não menos daquele Patriarca Santo: tenham embora a glória pela primazia do tempo, que o do nosso Monarca invicto foi a todos singular pela exceção de único. É verdade que a pena de Davi chegou até as portas da morte, e a de Jacó transcendeu da morte aos tormentos, e horrores do inferno, porém se as expressou o desejo só se terminaram com as palavras: a língua sim estimulada da pena as exprimiu com vozes; porém a execução da mágoa caducou no desmaio, e desalentou no efeito, porque nem morreu Davi, como prometia, nem desceu Jacó ao inferno, como protestava.

Não assim o sentimento do nosso Católico, e Fidelíssimo Rei, e Senhor; porque embargando-lhe a veemência da mágoa as lágrimas nos olhos, e os suspiros no peito, para que nem nas vozes tivesse a pena lenitivo, nem no pranto refrigério; pois a gravidade da dor no mesmo tempo, que esteriliza de lágrimas o coração, rouba a liberdade as potências da alma, como se comprova do seguinte dístico

**Vix animae possunt uires perferre dolorem,
Flumina si cordis comprimunt ille dolor.**

Rebentou aquele firme, e constante coração como mina violenta, e reconcentrada, no mais íntimo da sua Régia, e Soberana profundidade, nas obras mais pias, e católicas, que acreditassem em todo o Mundo o excesso de seu desgosto, e as finezas do seu amor, talvez porque muito bem conhecia, que

Ex operum species clarescunt intima cordis. (34)

Pois não satisfeito de abrir com especial liberalidade os importantes tesouros da sua magnífica, e Imperial coroa para a pomposa despesa do Régio Funeral da sua Sereníssima Filha, e Infanta nossa, repartindo por todos os Bispados, e Freguesias do Reino grandes, e consideráveis somas para repetidos sufrágios, mandou praticar o mesmo por todas as Igrejas das suas dilatadas conquistas, para que nem nos sertões mais incultos do Brasil, imagens própria do desertos da Arábia, e areias da Líbia, deixasse de chegar com a notícia a pena, e com a liberalidade os sufrágios da alma.

(33) Genes., Cap. 37.

(34) Ex Properc.

Assim se executou em todo a capital de Vila Rica, e suas anexas por Pastoral expedido do Reverendo Cabido do Bispado de Mariana, como melhor o expressam as relações daqueles suntuosos objetos, que deram assunto aos seus elegantes Escritores, porque mais do que agravo ofensa fora querer ser eu o cronista de tanta grandeza, estando já esta desempenhada nas suas narrativas por mais relevantes vãos, e mais bem apartadas penas.

Sendo porém entre os mais sentidos com as notícias daquela inopinada Morte, o Ilustríssimo Senhor Conde de Valadares Governador, e Capitão General destas minas, em cujos ombros tem descansado com tanto acerto, e felicidade o dilatado, e laborioso governo da sua inimitável Regência, em a qual tem erigido ao seu nome tantas estátuas para eternos padrões aos Anais da Fama, quantas têm sido as providências da sua Econômica, e Política direção, podendo-se-lhe com mais verdade cantar para glória sua, do que do Fabuloso Atlante poetizou Virgílio:

Ubi caelifer Atlas

Axem humeris torquet stellis ardentibus aptum.

Sabendo muito bem pela sua altíssima compreensão, que as paixões internas da alma mal se explicam pelas vozes, por ser limitada a esfera da Retórica para a exposição dos votos internecidos, que a impulsos do desgosto debuxa a tristeza no quadro do sentimento, onde o matiz mais fino de pintura nunca passa de uma Morte cor pela opacassidade das sombras.

E que só as operações externas, como fatos públicos, e objetos visíveis, que a ninguém se ocultam, porque a todos se manifestam acreditam como testemunhas de abono, o que se reencontra no íntimo do coração: como proclamou uma elevada pena:

Claret amor factis, dulcia uerba uolant.

Como para acreditar Anquises em certa ocasião de tristeza o profundo da sua mágoa, levantava as mãos ao Céu com clamores, e desfeito em lágrimas não apartava os olhos das Estrelas: (35)

At Pater Anchises oculos ad sidera laetus

Extulit, et caelo palmas cum uoce tetendit.

Ou como praticavam outros magoados, atando os vestidos, descalçando os pés, despindo os cabelos: (36)

Egreditur tectis, vestes induta revinctas,

Nuda pedem, nudos humeris, infusa capillos.

(35) Virg., *Aeneid.*, Lib. 2.

(36) Ovid., *Meth.*, Lib. 7.

Querendo-se entre todos especializar no sentimento com ações, e testemunhos autênticos, que acreditassem sem lisonja a verdade da sua pena, por carta firmada de seu punho, ordenou ao comandante do Destacamento deste Arraial de São Luís, e Santa Ana, Minas de Paracatu, o Furriel de Dragões Manuel Lopes Saraiva, como único, e zeloso executor das suas mais importantes, e particulares ordens, mandasse a desempenhos do maior custo da sua magnífica liberalidade, sufragar a alma da Serenissima Infanta com um officio, executado com aquela funeral pompa, qual pedia o lastimoso objeto de uma Majestade defunta, e oblação que a memória das suas saudosas cinzas lhe consagrava um coração enternecido.

Para cumprir sem perda de tempo aquella egrégia, e piedosa ação, que por tão católica, e pia clamava pela brevidade do mais acelerado efeito, procurou logo o executor dela ao Reverendíssimo Doutor Governador Vigário Geral, e Paroquiano desta Freguesia Antônio Mendes de Santiago, com quem comunicando o empenho da sua delegação, o achou tão propício para aquella celebridade, como igualmente sentido daquela participada Morte.

Porém lançando ambos prudencialmente as linhas ao tempo de que se necessitava para a construção do Mausoléu, paramentos preciosos para a sua compostura na indigência de galões, e ricas telas, sem o que tudo se não podia verificar com as magnificência recomendada, função tão pública, e Majestosa: se determinou se aprontasse todo o preciso, e necessário para no dia 22 de novembro de 1771 de tarde se celebrarem vésperas, e no dia 23 se concluir o Officio.

Com esta impreterível resolução entrou logo o Furriel Comandante a pôr por obra sem sossego, e com a mais eficaz diligência o que desejava ver concluído em menos de duas horas, porque na officina de um peito ardente, os instantes de demora se regulam por séculos de eternidade.

Sendo logo o primeiro móvel do seu desvelo a convocação, que fez dos mais engenhosos, e sutis Arquitetos, para o desenho da mais acertada idéia da estrutura do Mausoléu, sendo entre os muitos, que por Arte, e Curiosidade se debuxaram, escolhido por votos, e por mais superior a todos, o de que se mostra fielmente a figura 63.

Logo para a manufatura dele se escolheram os officiais mais destros da terra, para que no desembaraço, e agilidade do trabalho se suprisse a brevidade do tempo, que a porta batia por instantes, clamando a concludência da obra, para que na falta dela, se não transferisse a celebridade das Exéquias: em cuja soberba fábrica, até a sua ultimada perfeição, se gastaram 30 dias, trabalhando-se nela muitas horas da noite, por não caber a grandeza da sua estrutura nas breves horas de trabalho, que em trinta dias se numeraram.

Enquanto crescia o trabalho daquele empenho, e se abreviavam os dias de prazo para o Funeral, se expediam a recomendações do nosso Comandante ordens circulares por toda a Milícia de um, e outro Regimento, para que no dia predefinido se achassem formados no terreiro da Capela de Santa Ana, municidados de pólvora para o obséquo militar das cargas, que se haviam por vezes repetir. Não cessando o dito Comandante ao mesmo tempo, de aprontar com fadiga os materiais para a fábrica do Túmulo, e adornos para o asseio da Igreja, sem faltar com a sua cotidiana assistência, e aplicação contínua na advertência do Artífice, a cujo cargo tinha recomendado as pinturas, que haviam de animar o Mausoléu.

A seu zeloso rogo oito dias antes do dia destinado para as Exéquias mandou o Capitão Juiz Ordinário Antônio Manuel Granja na alternativa do seu mês, e a sua imitação o Doutor Juiz Órfãos Luís Lopes de Carvalho Frasão, publicar férias fechadas nos seus auditórios, e cessar todo o estrépido forense, para que desafogados os moradores da aflição judicial, com tranqüilo, e sossegado ânimo, mais gostosos, e com maior vontade preparassem as suas fardas, e militares arneses, para que no trágico, e funesto ato em que haviam de assistir os alunos de Belona, fosse igual o Luzimento à penalidade do sacrifício.

Chegou finalmente o dia 22 de novembro, véspera do determinado dia daquela tão triste, e magoada celebridade, e logo depois que o Sol declinou a primeira linha do seu meridiano, principiando a fazer sombra a terra, com acelerada carreira, com que parece que de compassivo se ia escondendo para o Ocaso, ao triste som de surdos clarins, e poucos parches expedidos pelos Coronéis dos Regimentos da Infantaria, e Cavalaria Auxiliar, cobertos de lutos os seus excelentes, se fez sinal por todas as veias públicas com enternecidas consonâncias as Companhias Marciais, para que no dia seguinte, se achassem regularmente formadas, segundo as ordens, que lhe forem conferidas.

Acompanhavam este horroroso aspecto os dobres tristes, com que sucessivamente os Templos deste Arraial enterneciam os ânimos mais endurecidos, convocando o Clero, para a piedosa ação dos primeiros sufrágios na celebração das vésperas, persuadindo ao mesmo tempo a todos os Mortais as ternuras do coração; pois sinos de bronze por natureza, nos ectros dos seus tristes gemids ensinavam como em desafogo da mágoa se articulavam os soluços.

Aos enternecidos clamores, com que aqueles magoados bronzes brandavam pelo concurso, e apressavam a Clerezia para princípio dos sufrágios concorreu todo o Povo a Capela de Santa Ana onde se officiavam as vésperas, e se havia de concluir no dia seguinte o Offício,

por ser o seu terreno mais acomodado por espaçoso para melhor expedição, e movimento dos Terços.

Franqueadas as portas da dita Igreja para o ingresso do concurso, se viu com pasmo, e admiração de todos coberto o arco Cruzeiro da Capela Mor de negro luto; sujo aspecto faziam mais trista quatro Esqueletos, dois que descansavam sobre os capitéis de cima, e outros tantos nos pedestais de baixo, rematando o dito arco no meio com um tarjão iluminado de prata, e ouro, com que se esculpiam as honrosas; e memoráveis Armas de Portugal, a quem animava a seguinte Letra:

Sub hoc signo uinces.

Todos aqueles quatro Esqueletos se coroavam com vários troféus da Morte, pisando Diademas, arrastrando Púrpuras, e despeçando Cetros, tendo cada um deles em bem delineado escudo Memoráveis Letras, com que se faziam mais atendíveis a curiosidade, inda que mais horrorosos a consideração.

Tinha o primeiro Esqueleto do primeiro pedestal do arco, sublinado o seu escudo em idioma vulgar com a seguinte copla:

Se pintada te horrorizo,
Que fará quando for certa?
Olha, que te aviso: alerta,
E que hás de morrer te aviso.

Em correspondência do primeiro, se lia no segundo outra igual letra, com não poucos sobressaltos do coração, e latidos da consciência na perda da vida, e incerteza da hora, como mudamente lhe predizia a Morte na seguinte Redondilha:

Que és vivo, e que hás de morrer
É certo, e ninguém o ignora;
Mas quando há de ser a hora,
Não o podes tu saber.

Outra carta de recomendação, e despertador do mortal descuido dava liberalmente a ler o primeiro Esqueleto do Capitel de cima no seguinte Lema:

Memorare nouíssima tua.

A quem parece respondia o segundo com a sentença proferida contra Adão, extraída do processo, que contra ele se agitou no Tribunal do Paraíso:

Quia pulvis es, et in puluerem reuerteris.

Apareceu o Mausoléu erigido dentro da Capela Mor daquela Igreja para cujo ministério foi o seu grande âmbito forrado de luto com dois grandiosos tarjões no fundo, que se descobriam à vista de todos, pelos lados do mesmo Mausoléu.

Formava-se este do pavimento da dita Capela Mor com três degraus na base, que o faziam mais excelso na figura, e mais admirável no artifício, e igualmente vistoso, e respeitado com um altar à Romana colocado na sua frente com frontal de brocado roxo, coberto de uma finíssima toalha, e sobre a banquetta uma rica cruz de prata, e seis Castiçais da mesma, em que ardiam outros tantos círios de desmedida corpulência.

Formavam o todo daquele Briareio funesto três quartelas, ou bases, em cima das quais se divizava uma Pirâmide, em que descansava um cofre embastido de terciopelo, todo guarnecido de galão de ouro, coberto de uma tapeçaria de igual preciosidade, e riqueza; no meio da qual se inserira de bordadura de ouro uma Cruz, guarnecida a roda de riquíssimos galões, e franjas, rematando-se tudo com quatro borlas entersachadas (sic) de prata, e ouro, servindo de forro aquela riquíssima coberta com uma branca tela matizada de embastidas flores, com que se fazia mais preciosa.

Sobre o referido cofre se via colocada uma riquíssima salva de brunida prata, e engenhoso artifício, dentro da qual admiravam os olhos uma formosa capela tecida de rubicundos cravos, nevados jasmíns, e encarnadas rosas, colhidas pelas mãos das Graças nos Jardins da Primavera, e um verde palma emula dos Loureiros do Parnaso, ou dos incorruptos cedros do Líbano, com a seguinte letra: (37)

In perpetuum coronata triumphat.

Cobria aquele cofre uma bem proporcionada, e artificiosa cúpula de negro terciopelo, circulada de uma canefa de brocado roxo franjado de prata, debaixo da qual nascia um riquíssimo pavilhão, que guarnecia todas as quatro faces de seda branca passada de ouro, por cima da qual guarnecia segundo pavilhão de terciopelo agaloado, e franjado de ouro com oito maçanetas do mesmo, que lhe servia de prisão.

Na última banquetta, ou quartela se collocaram quatro Esqueletos, figurando Cavaleiros da Ordem de Cristo, pelas insignias dos hábitos, com que ornavam os peitos, e mantos da Ordem com que se revestiam, ocupando cada um deles uma mão no regaço das cortinas do Pavilhão, para melhor se mostrar aos olhos do concurso aquele cofre, e féretro triste, onde a consideração mais pia, e católica representava na idéia as mortas cinzas da nossa Serenís-

sima Infanta, e na outra sustentando o peso de um tarja esmaltada com diferentes epígrafes, com que avivavam as mortais sombras da sua figurada representação.

Lia-se na tarja do primeiro Esqueleto a certeza da morte daquela Augustíssima Princesa; pois a individuava a todos nominatim pelo seu esclarecido, e soberano nome de Maria, com a seguinte inscrição: (38)

Mortuaque est ibi Maria, et sepulta.

A quem da outra parte parece respondia em voz muda o segundo Esqueleto, aprovando-lhe a verdade com a Lei Universal da Morte, que a todos compreende sem exceção de nenhum, com a seguinte sentença escrita na sua tarja: (39)

Omnes morimur, et quasi aqua dilabimur.

Logo o terceiro ameaçava a todos os circunstantes que de mais perto lhe examinavam o silêncio sepulcral do Lema por boca de quem falava, retirando-se confusos, e arrependidos da sua diligência; pois lhe profetizava na seguinte forma a certeza da não imaginada Morte: (40)

Morieris etiam tu, et non uiues.

Porém inda o quarto, ou como mais enfurecido do descuido universal da Morte, ou para melhor desengano da humana vida, estreitando a infalibilidade da sentença a um breve prazo, a todos horrorizava com a letra seguinte: (41)

Hodie est, et cras morietur.

Tinha aquele agigantado Mausoléu pela sua bem regulada simetria cinquenta, e dois palmos de altura dividido em três peças, ou corpos de que se compunha o seu todo, e proporcionalmente se repartia em banquetes, que se elevavam segundo a perspectiva do seu desenho em forma octogena com vinte, e cinco palmos de comprimento, e dezesseis de face, rematando-se nos cantos com folhagem de ouro, e prata, e as banquetas guarnecidas de galões com que se lhe formavam as soberbas cimalthas.

Nos lados do dito Mausoléu ardiam em oito ciriais outros tantos brandões de cera branca, além das mais luzes com que em seus competentes lugares se iluminava todo aquele fúnebre artefato, que pelo luzido, e custoso da sua magnificência, parecia não túmulo, e

(38) Num., cap. 20, n.º 1.

(39) Reg. 2, cap. 14.

(40) Reg. 4, cap. 20.

(41) Eccles., cap. 19, n.º 12.

cadafalso da Morte, mas sim resplandecente Palácio, e nítida habitação do Sol, ainda mais precioso, e fulgurante do que aquele pintado que por ficção de Ovídio poetizou a sua Musa: (42)

**Regia Solis erat sublimibus alta columnis,
Clara micante auro, flammisque imitante pyropo:
Cuius ebur nitidum fastigia summa tegebat:
Argentí bifores radiabant Limina ualvae:
Materiam superabat opus:**

Em guarda daquela Régia, (inda que triste, e melancólica manufatura) se viam quatro Soldados Dragões com as armas em funeral, mostrando na tristeza do aspecto, e desalento de Vulcano, que não desacreditam as lágrimas o clangor de Marte, quando de magoado o coração desmaiam as forças, por ser mais poderosa a valentia da mágoa, que os arrojos de Belona.

Circulavam as três faces daquele magnífico Mausoléu repetidas obras, com que quiseram os mais polidos alunos da Castália em metro triste cantar as mágoas de tão enternecido objeto; pois dilatado assunto tinham na tristeza para voarem os discursos nas asas das suas penas, como felizmente desempenharam nos diversos Epigramas, que a folhas 33-usque f. 52 se manifestam.

Não menos engenhosos se admiravam pendentes em onze grandes tarjões outros tantos Emblemas Morais, e Alegóricos nos seus sentidos, e figuras, com as letras acomodadas as suas genuínas aplicações, como se verifica das suas Estampas, que principiam à f. 64, e finalizam à folha 74.

Ocupava o primeiro lugar, como uma das Sete Maravilhas do Mundo o Magnífico Templo de Diana em Efebo, de quem disse um engenhoso Poeta Vulgar:

De mil colunas máquina pomposa,
De alto artífice idéia portentosa,
Para o qual concorrera com grandeza
A competência da Arte, a Natureza.

Abrasado, e consumido em fogo pela presunção louca de Heróstrato, com a seguinte Letra:

Virtus etiam morte peremptis lucet.

E com razão, porque se a virtude: **Extollit hominem, et supra aras mortales collocat, quia est gradus ad gloriam, et facit hominem,**

gloriosam. (43) como bem aparada pena o comprova Valasco, de nenhuma maneira pode ter jurisdição a Morte no esplendor da virtude, para que com a vida, que rouba, lhe ofusque a claridade com que resplandece.

Que importa reduzisse o fogo o grandioso Templo de Diana a cinzas, se a virtude da sua magnificência inda hoje por uma das Maravilhas do Mundo a sabe aplaudir com lástima nos Anais da Fama, com assombros da Memória? Que importa, que a densa nuvem se atreva a escurecer os raios ao Sol, se sempre ostenta de Majestade de Príncipes dos Planetas, no esclarecido trono dos seus resplendores?

É a virtude uma segura ponte por onde passa uma ditosa alma, sem o receio das tempestades do século, para o Porto apetecido da Bem-aventurança: (44)

**Virtus autem firmum quid, et immutabile que sola fretus
Ondas audacter transeas huius uitae.**

Escudo impenetrável (lhe chamou uma douda pena) contra as hostilidades da Morte: (45)

Scutum maximum est uirtus mortalibus.

E que levava a palma a todas as preciosidades do mundo, contra a qual nem tem jurisdição a Morte, nem impérios a fortuna, sendo todos os seus louvores curtos aplausos para tanto merecimento, como facundamente cantou Claudiano: (46)

**Ipsa quidem uirtus; pretium, sibi solaque late
Fortuna secura nitet, nec fascibus ullis
Erigitur plausu petit clarescere uulgi:
Nil opis externae cupiens, nil indiga laudis,
Diuitiis animosa suis, immotaque cunctis
Casibus, exalta mortalia despicit Arce.**

Tão independente é a virtude de tudo para a glória do seu merecimento, que nem carece das lisonjas do mundo, nem receia os olvidos da Morte, porque das mesmas cinzas do seu estrago, sabe erigir eternos padrões no Templo da Memória para os seus aplausos:

Virtus etiam etc.

(43) Val. de iud. perfect., rubr. I, annot. 4 et rubr. II annot. unic. 7.

(44) Sen., in Med.

(45) Sofocl., in Aeriph.

(46) Claud., in Panegy. ad Mal. Theod.

Sendo pois a nossa Augustíssima Infanta Templo espiritual pela graça do batismo: (47) **Vos estis Templum Dei. Templum Dei Sanctum est, quod estis uos.** Tão cheia, e adornada de virtudes, como para consolação da nossa saudade entoa a Fama, pouco importa que lhe roubasse a Morte a vida, se lhe não poderá em nenhum tempo das suas esclarecidas virtudes diminuir a glória?

Figurava-se o Emblema Segundo no Pastor Argos, monstro de cem olhos, a cujo cargo transformada em vaca entregou Juno a Jó picada do ciúme com que pela sua grande formosura Júpiter a desprezava: (48)

**Donec Aristoridæ seruandam tradit Argo
Centum luminibus cinctum caput Argos habebat.**

A quem parece que a Morte por irrisão da grande vigilância de que se jactava, apontando para o relógio por onde conta a todos as horas da vida, lhe recomendava o desvelo na incerteza da sua hora, pela Letra seguinte:

Nescis qua hora ueniam, semper uigila.

Alta foi a Divina Providência com que contra a infabilidade da Morte nos ocultou a certeza do dia; por nenhuma outra razão, se não porque todos as horas estivéssemos aparelhados para a Morte: (49) **Latet ultimus dies, ut obseruentur omnes dies:** porque não havendo coisa mais infalível, que a Morte, nem mais incerta, e duvidosa, que o dia da sua chegada: (50) **Quid in rebus humanis certius est morte, quid incertius hora mortis uenitur?**

Sendo por sem dúvida, que esta ou por Lei da natureza, ou por castigo da culpa, principia desde as misérias do útero, até a Majestade do trono, como do silêncio dos epitáfios testemunham os olhos nas frias, e funestas campas de tantas sepulturas, inda que se multipliquem os olhos nos mortais para a vigilância da hora da Morte, nunca jamais tem havido um Argos, que lhe soubesse do dia.

Tem sim havido no Mundo à imitação de Midas muitos homens ambiciosos: (51)

**Effice quid quid
Corpore configero. fuluum uertatur in aurum.**

Muitos Pântalos avarentos:

Heu miser in mediis sitiens stat Pantalus undis!

(47) Div. Paul. 2. Corinth. 6 et I Corinth. I et 6.º; Div. Greg. in V.º Reg., Cap. 2. Divus Amb., Lib. 3 de Sp. S.C., 18.

(48) Ovid., Meth., Lib. I.º.

(49) Div. Aug. Lib. de Doct. Christ.

(50) Div. Bernard.

(51) Ovid., Meth., 11.

Muitos Eolos inchados, e ventosos:

Hic uasto Rex Eolus antro
Luctantes uentos, tempestatesque sonoros
Imperio premit, ac uinclis, et carcere froenat.

Infinitos Proteus em variedades: (52)

Sunt quibus in plures ius est transire figuras
Nam modo te Iuuenem, modo te uidere Leonem.

Outros tantos semelhantes a Júpiter obsceno, e licenciado: (53)

Cum steterit Iouis aede; Iouis succurret in adde
Quam multas matres fecerit ille Deus.

Tantos Polifemos de um olho: (54)

Terribilem Poliphemon adit: Lumenque, quod unum
Fronte geris media, rapiet tibi, dixit Ubisses.

Tantos Cacos em latrocínios, e roubos: (55)

Quam ferus ipse suo periit maetatus in antro
Proditus inclusae Cacus ab ore boues.

Tanto Plutão em diabruras: (56)

Dii, quibus imperium est animarum, umbrae que si-
lentes,
Ferreique humenidum thalami, et discordia demens.

Tanto Narciso demente, e desvanecido: (57)

Irrita falaci quoties dedit oscula fonti.

Tantos Busiris traidores, e cruéis: (58)

Lacuior es tristi Busiride, saeuior illo.

Tanto senão simulado: (59)

.Nec si miserum Fortuna sinonem
Finxit, vanum etiam mendacemque improba finget.

(52) Ovid., *Meth.*, 8.

(53) Ovid., *Trist.*, v. 290.

(54) *Ib.*, *Meth.*, 13.

(55) Ovid., *Ibis*, v. 490.

(56) Virg., *Aeneid.*, 6.

(57) Ovid., *Lib.* 3, v. 427.

(58) Ovid.

(59) Virg., *Aen.* 2.

Finalmente tantos homens com mãos de Urso, encobertas com pele de ovelha, se conhecidos pela voz, abençoados pelo disfarce: (60) **vox quidem, vox Jacob est; sed manus, manus sunt Esau.**

Porém que a imitação de Argos haja quem na vigilância da Morte multiplique olhos ao desvelo; para que com a sua chegada ache a alma prevenida, como achou o Esposo as cinco Virgens prudentes, inda não tem havido no século entre os pecadores.

Mas de que serviu a Argos tantos olhos, se adormecidos a doce consonância da avena de Mercúrio, e ferido com a vara supersticiosa, com que costuma ferir o engano, também aos viventes descuidados com o engenho das vãs, e transitórias delícias do mundo: (61)

**Talia dicturus, uidit Cillenius omnes
Succubuisse oculos, ad opertaque Lumina Somno
Supprimit, es templo vocem, formatque soporem,
Languida per mulcens medicata Lumina virga.**

Sobejando-lhe dois olhos para a vigilância de um fabuloso bruto, todos os cem que tinha limitados foram para ver a chegada da Morte, pois dormindo perdeu a vida as mãos do mesmo Mercúrio. (62)

**Nec mera [falcito] nutantem ulnerat ense,
Qua collo est infine caput, saxoque cruentum
Dejicit, et maculat praesumptam sanguine rupem.
Arge jaces? Quidque in tot lumina Lumen habebas,
Extinctum est, centumque oculos nox occupat una.**

E porque a Morte inopinada, que a Argos aconteceu dormindo, sem lhe valer a providência de tantos olhos com que vigiava, comumente se verifica em quem cego entre os deleites profanos, nem se lembra que em todos os instantes lhe pode bater as portas da vida, a todos avisava a Morte no desengano dos horrores daquele sepulcro: **Nescis qua hora veniam etc.**

Ocupava o tarjão do terceiro Emblema aquele prodígio da Arábia, milagre tão decantado da admiração, posto que nunca visto para crédito da realidade: a celebrada Fênix, ressuscitando das cinzas da Morte, para ser eterna na vida, com a seguinte Letra:

Ut vivam in aeternum.

(60) Genes., Cap. 21, n.º 22.

(61) Ovid., *Metham. Lib. I.*

(62) Ovid., *ibid. sup.*

Dizem, que aquela Ave soberana, só se sustenta (como ambrosia celestial) do doce rocío da Aurora, que sobre a madrugada destila: (63)

**Ambrosias libat coelesti nectare rores
Stelliferae teneri, qui cecidere polo.**

Outros que só das lágrimas do Incenso, e suco do cheiroso Amomo:

**.....Nec fruge, nec herbis
Sed thuris lachrimis, et succo vivit Amomi.**

E que formando o ninho, que lhe serve de túmulo dos mais odoríferos, e cheirosos arbustos da Pancaia, batendo as asas nos mais intensos ardores do Sol, Salamandra se queima, para que para uma eterna vida Fênix renasça:

Construit sibi, seunnidum sive sepulchrum.

Clara está a alegoria do conceito na moralidade da pintura: porque sendo a nossa Sereníssima Infanta a verdadeira Fênix de Portugal, e única nas virtudes, não se pode duvidar que primeiro lhe era preciso morrer por Natureza, para que das cinzas da Morte, renascesse por graça para viver por eternidades no Céu, sabendo do fogo da Caridade, em que seu puro coração ardia, atear o incêndio nos armas da sua virtude, onde a troco da Morte, piamente se crê, estar a sua feliz alma logrando na Glória eternidades de vida: **Ut vivam in aeternum.**

No Emblema quarto se decifrava com notável valentia da Arte, e sutilezas do pincel uma encarnada Rosa, beijando humildemente o pé a um triste, e melancólico cipreste, com a seguinte Letra

Ex pulchritudine mors.

Notável jurisdição, a que a infelicidade da culpa conferiu a Morte! E quem dissera que a tanto se estendeu a liberdade do seu império, que nem a formosura respeita, nem a Púrpura a entibia? É a Rosa pela sua beleza hieroglífico da vida na sua mais florida idade:

**Est similis flori vitae mortalis imago, (64)
Mane decora viret, vespera sicca cadit.**

É o cipreste pelo fúnebre, imagem da Morte; pois com ele se costumam cobrir as antigas, e mais nobres sepulturas, para crédito da tristeza:

Et non plebeios Luctus testata cupressus.

(63) Lact. Firm.

(64) Ex Anonim.

E o certifica Ovídio:

Funeris ara mihi ferali cincta Cupressu.

O Sol, que namorado da sua formosura abrasado em resplendores a coroa Imperatriz entre as boninas, e por rendimento do seu sacrifício lhe comunica as fragrâncias por incenso, é o verdugo mais inexorável da sua Morte, porque Etna abrasado na contemplação de tanta beleza, de tal sorte se desvanece do fogo em que se abrasa, que Faetonte precipitado, louco, e sem governo na temperança de seus ardores, permite que borboleta em seus próprios raios se abraze, sendo o melindre da formosura, com que blazona, o acidente mortal com que expira; como bem ponderou um engenhoso Anônimo:

***Vita Rosae fulget, dum Sol Oriente renidet
Sole novo floret, Luce calente perit.***

Parece que a formosura traz sempre por infelicidade a morte de companhia, não sei se por inveja da beleza, ou se por nascer como formosa desgraçada: sei que assim como a Rosa na República das flores arrebatada por singular as atenções a quem entre as mais bonitas admira superior:

Quale Rosae fulgent inter sua Lilia moestae.

Assim a Morte como êmula das mais formosas criaturas, parece que nunca perde de vista a que entre todas as Beldades individua por mais bela.

Será talvez porque nasceu a formosura pensionada a ser o primeiro tiro, e alvo da Morte, porque esta não teria ainda hoje tão desembaraçado o braço para tirar tantas vidas, se a formosura do pomo no Paraíso não enamorasse tanto a Eva, que o comesse para seu regalo: (65) ***Videtque Mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, et pulchrum oculis, et aspectu delectabile, et tulit de fructu illius, et comedit.***

Era a nossa Augustíssima Infanta Rosa Lusa, tão bela pela pureza, e Castidade, como formosa a Rosa Pérsica pela estimação singular, e como Rosa não podia ter mais vida, que a duração breve de uma flor, a quem a gala que veste é a mortalha em que se sepulta: ***Qui quasi flos egreditur, et conteritur,*** ensinando com a sua morte as Rosas viventes, que a Morte não perdoa as formosuras: ***Ex pulchritudine mors.***

Ocupava em quinto lugar o Sol desmaiado em resplendores, e com mortais delíquios procurando o seu Ocaso, servindo-lhe nas

(65) Genes., Cap. 3, n.º 6.

últimas agonias de túmulo o mesmo cristal de Tétis, que para os resplendores da infância lhe tinha servido de berço, com a seguinte Letra:

Quotidie morimur, et cum crescimos, vita decrescit.

Lamentável infelicidade da frágil Natureza a que a reduziu a miséria do pecado! Era o homem no estado da inocência mortal simples pela lei da Natureza; porém nunca chegaria a morrer se não pecasse; como na exposição do texto: (66) **Morte morieris**, explica Menóquio: **ibi Homo in statu innocentiae, naturae legis mortalis erat: nunquam tamen moriturus fuisset, si non peccasset.**

Apenas nasce, logo com o peso do pecado parece que mais que com ligeiros passos, com acelerados vãos como empenhado na morte, caminha para a sepultura: (67) **De utero translatus ad tumulum**, sem advertir, que quanto mais desvelado corre para a vida, menos duração consegue na sua perpetuidade, porque os anos que de vida logra, são os mesmos que para a vida lhe faltam, porque os dias que tem tido de vida, são os que adiantam a Morte para que mais depressa se chegue.

Por isso cada dia se morre, porque cada instante a morte se apressa, assim como quanto mais o Rio se precipita, mais acelerado no túmulo do Oceano se sepulta, quanto mais da fonte se aparta, mais depressa para o seu ultimado fim se avizinha.

O Sol quanto mais se aumenta nos graus da sua carreira, tanto tem de diminuição a persistência das suas luzes: nasce a Aurora no berço da madrugada, aparece claridade ao romper do dia, blazona de resplendores iluminando os montes, ostenta de raios, chegando ao seu Zênite abrasado em incêndio, e quando cuida este Monarca da quarta Esfera, que no trono de rubis se acha constituído Fênix na adoração; pois se coroa com tantas luzes; no declínio dos seus ardores vai sentindo os desmaios de que adocece, achando o desengano nas sombras, em que se sepulta, sendo causa da aceleração da sua morte, o mesmo ardor com que apressou a vida: o que em poucas palavras ponderou um discreto Anônimo:

**Sol sub ortum ardet, ad umbelicum radiat, ad occasum
[palescit.**

Sendo pois os anos, que se vivem os menos que da vida se contam, como cantou certo Poeta:

**Saepe rogas quot habes annos? Respondeo multos:
Quo modo? Quod habeo, Pontifice, non habeo.**

(66) Gen., Cap. 2.

(67) Job., Cap. 10.

Claro fica, que quanto mais se vive, mais depressa se morre, e que quanto mais a vida cresce, mais para a Morte se diminui, porque o que hoje se viveu, já passou, e o que amanhã em dúvida se há de viver, inda se não logra: metrificou outro aluno de Apolo:

Haec, quae adest hodie, quod nomen habebat heri?

Cras.

Cras hodie quod nam nomen habebat? Heri.

Cras lentum quod adest nunquam non abest procul?

Unquam.

Quonam appellatur nomine cras? Hodie.

Assim se vive morrendo, porque cada dia mais a morte se apressura; o que foi não é, o que há de ser inda está por vir, a seta que com valentia do arco se dispõe, quanto mais ligeira voa, mais veloz o tiro emprega, diminuindo para chegar ao alvo, todo aquele espaço, que atrasado lhe fica, e por isso a vida à imitação do Sol, quanto mais se aumenta em dias, tanto mais se atenua para a duração: **Quotidie morimur, et cum crescimus, vita decrescit.**

Uma Nau periclitante, porque com batida de uma rigorosa, e desfeita tempestade, mais violenta e tenebrosa do que aquela, que a rogativas de Juno em ódio a Enéias levantou contra a armada dos Troianos o inítrado, e ventoso Eolo, como venerado assombro do ar, e árbitro dos ventos: (68)

Ad quem tum Juno supplex his vocibus usa est.

**A Eole (namque tibi Divum pater, atque hominum Rex,
Et muliere dedit fluctus, et tollere ventos)**

Gens inimica mitri Tirrenum navigat aequor,

Ilium in Italiam portans, victos que Penates.

Incute vim ventis, submersas que ob rue puppes:

Aut age diversas, et disjice corpora Ponto.

Exornava o sexto Emblema com a letra seguinte:

Tempestas demersit me.

É o Mar inconstante por natureza, e perigoso por propriedade; no seu salso cristal, com que a todos provoca, pela transparente galantaria com que astuciosamente lisonjeia, acha enganado quem temerariamente o castigo do seu arrojo, como Narciso no cristal da fonte. Tão detestáveis são os seus perigos, que já não faltou quem

escandalizado deles, praguejasse ao primeiro que se fiou das suas Ondas: (69)

**Ah pereat qui cumque rates, et vela paravit
Primus, et invitogurgile fecit iter.**

Outros se admiraram da louca temeridade com que muitos se engolfaram nas suas águas, sem recear os rigores das tempestades, e fúria dos ventos nas respectivas influências das Estrelas, e predomi-
nação do Astros nos seus alternados movimentos: (70)

**Primus nec timuit praecipitem Africum
Decertantem Aquilonibus,
Nec tristes Hiadas, nec rabiem Noti.**

E com mais elegância, quem como mais experimentado dos seus perigos, se soube queixar com mais apaixonado afeto:

**Ó utinam nequis remo freta longa moveret,
Argo funestas pressa bibisset aquas!
Quid tibi, me miserum, Zephiros, Eurosque timebo?
Et gelidum Boream, praecipitem que Notum?**

Bem o experimentaram os Apóstolos na tormenta desfeita, com que a força de remos, toda uma noite trabalharam para livrarem a vida: (71) **Laborantes in remigando erat enim ventus contrarius eis:** e nem com todo o trabalho venceriam a tormenta, nem escapariam do perigo, se lhes não valesse Cristo, fazendo com a sua chegada sossegar o vento, e parar a tempestade: **Et dixit eis confidite; Ego sum nolite timere, et ascendit ad illos, et in Navim, et cessavit ventus.**

É o Mundo um profundo Mar de tempestades, onde são inevitáveis os perigos, por serem maiores as suas procelas, do que as inflações desordenadas do Eolo, se levantam no Reino de Netuno, como em poucas palavras pintou Ovídio (72)

**Aspera crescit Hiems, omnique a parte feroces
Bella gerunt venti, freta que indignatia miscent.**

Baixel racional de tão profundo pélagos, corre toda a criatura tormenta enquanto vive, como sobre as palavras de Job: **Per transierunt quasi naves:** metricou certo Poeta Anônimo no seguinte Epigrama: (73)

(69) Prop., Lib. I, Eleg. 16.

(70) Hor., Lib. I., Od. 3.

(71) Marc., Cap. 6.

(72) Ovid., Lib. 3, Met.

(73) Attende Seculum quaesimare. Div. Aug. Nautis est ipse homo, cuius nautae sunt cogitationes gubernantes: Lauret. Verb. Navis.

**Navigat omnis homo, vivens super aequora Mundi;
Nam Patribus Mundus dicitar esse mare.**

Se no pélago de Anfitrite se acham rochedos; para os naufrágios, Promontórios para os perigos, baixos para a perdição, Sereias para os descuidos, ventos para as tempestades, e inconstâncias para os destroços: (74)

**Et vobis alii ventorum praelia narrent:
Quas Scilla inflectit, quas ve chribdis aquas:
Et quibus emineant violenta Ceraunia saxis:
Quo lateant sirtes magna, minor que, sinu.
Haec alii referant: at vos, quod quisque loquetur
Credile, credenti nulla procella nocet.**

Também no mar do século há sereias, que adormecem, ventos que alteram, tempestades em que se naufraga, Promontórios em que se periga, e inconstâncias em que tudo se destroça.

Se naquele mar se afogou Leandro por Hero: (75)

**Quod cupis, hoc Nautae metuunt, Leandre, natare
Exitus hic fractis puppibus esse solet.**

**Quem, post quam bibulis illisit fluctus arenis
Onda simul miserum, vitaeque deseruit.**

Alciona, e seu marido Ceis, que depois por compaixão de Juno foram convertidos em aves do seu mesmo nome, a que vulgarmente se chama Massarico; (76)

**Nominat Alcionem: ipsis que immurmurat undis;
Ecce! Super medies fluctus niger arcus aquarum
Frangitur, et rapta mersum caput obruit unda.**

Esaco filho de Príamo pela Ninfa Eperie mordida de uma serpente: (77)

**Perdimus misera nos te duo: vulnus ab angue,
Dixit: et scopulo, quem rauca subederat unda,
Decidit in pontum.**

O Palinuro de Enéias, confiado na tranqüilidade do vento: (78)

**O! nimium coelo, et pelago confise sereno
Nudus, in ignota, Palinure jacebis arena!**

(74) Ovid., Lib. 2. Amor., Eleg. 11.

(75) Ovid., Heroid.

(76) Ovid., Meth., xiv., 568.

(77) Ovid., Meth, vi.

(78) Virg., Aeneid. V., in fin.

E finalmente Faraó, e todo o seu exército; quando desobediente a tantos avisos de Deus, intimados pelos prodígios da vara de Aarão intentou seguir aos Israelitas, quando a pé enxuto passaram o mar para a terra da Promissão: (79) **Reveriae que sunt aquae, et operuerunt currus, et equites cunctis exercitus Faraonis, qui sequentes ingressi fuerant mare: nec unus quidem superfuit ex eis.**

Também o Mundo ainda mais que o mar é um imenso, e profundo pélago, em que sopram mais rijos os ventos das humanas culpas: (80) **Iniquitates nostrae, quasi ventus;** e levantando na perversidade do coração humano uma desfeita tormenta: (81) **Cor impii quasi mare fervens:** submerge o racional baixel no profundo de uma perpétua eternidade: **ubi nullus ordo, sed sempiternus horror in habitat.**

Diga-o Davi, quando no mar de um amor lascivo naufragou à vista daquela Sereia, cujo veneno entrando-lhe pelos olhos, lhe infeccionou todo o coração: (82) **Vidique mulierem se lavantem, erat autem mulier pulchra valde.** E de todo se submergia aquela grandiosa, Régia Nau, se o arrependimento da sua culpa, não sere-nasse tão iminente, e furiosa tempestade: (83) **Peccavi, Domino: Dominus quoque transtulit peccatum tuum.**

Diga a Madalena o naufrágio que teve no oceano das suas venéreas leviandades: **Mulier quae trat in Civitate peccatrix,** se com outro mar de lágrimas não rebatera as empoladas ondas do mar de tantas culpas: (84) **Remittuntur tibi peccata: fides tua te salvam fecit.**

Confesse-o o meu Padre São Pedro quando por negativo se viu a pique: **Tunc coepit detestari, et jurare; quia non novisset hominem:** o que de sustos, e sobressaltos do coração sofreu no mar do Século, sobre a tempestade, que levantou a inconfidência, com o medo da Morte, se não transformasse dos olhos perenes fontes, com que restaurou a vida: **Et egressus foras, flevit amare.**

Confirme-o Judas, que no mar da sua avareza: **Ut que perditis haec; potuit istud venundari multo:** naufragou, e se perdeu de todo no baixo da sua ambição: (85) **Quid vultis mihi dare, et ego vobis cum tradam? etc. Et abiens laqueo se suspendit.**

Finalmente digam-no outras muitas Naus racionais, que têm surcado o incompreensível Mar do Mundo, o que de tempestades, e

(79) **Exod.,** Cap. 84.

(80) **Isai.,** Cap. 64.

(81) **Isai.,** Cap. 57.

(82) **Reg. 2.,** Cap. 11.

(83) **Reg. 2,** cap. 13.

(84) **Luc.,** Cap. 7.

(85) **Mat.,** Cap. 26.

perigos experimentaram até o último instante da vida: **Qui navigant mare, enarrent pericula ejus.**

Sendo a mais certa, e a mais horrível de todas, a que por decreto impreterível há de experimentar o baixel no cruel Promontório, e tempestuoso Cabo da Morte, onde perturbada a agulha da razão, apagado o farol dos olhos, perdidas as esperanças na debilitação das forças, sem governo o leme do juízo, crescendo as ondas dos mortais acidentes, se vai submergindo a vida no horroroso de tão terrível tempestade: (86) **Quia omnium terribilium, terribilissimum mors:** até que desarvorados o racional baixel de toda a natural providência, com que podia resistir a tão violento naufrágio: (87) **Statutum est hominibus semel mori:** naufraga de todo na tempestade da Morte, com perda da vida: **Tempestas demersit me.**

Atropos cruel, Deusa Tartária, infernal Ministra do Cocito, filha de Júpiter, e Têmis

Que entre horrores do negro Reino ímpio
Só governa da vida o tênue fio.

Com uma tesoura cegamente cortando a este, era assunto do sétimo Emblema, com a seguinte letra:

Nec ultra.

Não se dá maior profusão em palavras tão concisas: tão breve é na sentença, que promulga, como acelerada no golpe, com que mata: fia tão delgado a vida, que tanto pesa, que como por desprezo a cada instante a corta. Tantos inimigos tem contra si a vida, quantos ao que parece são as inclinações naturais com que nasce.

É opinião comum entre os Filósofos: **dari in homine appetitum rationis:** da qual procedem as operações do entendimento, da vontade, e da fantasia: (88) **In qua insunt potentiae imaginativae, ac tandem appetitum sensitivum:** o qual se divide em partes: **Nempe concupiscibile, et irascibilem:** nascendo do primeiro o desejo insaciável da deleitação, e ações gloriosas, bens temporais, e honrosos aumentos, e do segundo a vã inclinação, a cegueira da ira, e o desejo de vinganças: **Nunc ad explicationem illius allegoriae.**

É o desejo uma atropelada respiração da natureza, um suspiro mudo, e inquieto da alma, uma ânsia desatada do peito, um desassossego imprudente do coração, um impulso furioso da vontade, um precursor acelerado do gosto, um alento abrasado na esperança, e uma frágua incontida da inclinação, alenta-se na lisonja que pinta

(86) Aristot., *Eth.* 4.

(87) D. Paul., *ad Corinth.*, Cap. 15.

a glória do bem que se deseja, ou seja verdadeiro, ou fingido, e isto pelo excesso com tal desordem, que se a prudência o não cultiva, e a razão o não modera, cresce em um instante de chama a incêndio, e de um pequeno ardor a um abrasado Etna, onde malogrado o empenho do bem, que se pretende, só fica para memória a lástima das cinzas, em que o excesso desordenado soube abrir sepulturas ao desejo.

Desejoso Faetonte fosse do Mundo venerado por filho do Sol, se atreveu a pedir a Febo o título de tão glorioso brasão: (89)

**Phoebe pater, si das usum mihi nominis hujus,
Pignora da, Genitor, per quae tua vera propago
Credar.**

Não se desagradou Febo daquele pueril arrojo, e lhe franqueou a vontade, para que pedisse sem susto: (90)

**.....At Genitor circnm caput omne micantes
Deposuit radios: propiusque accedere jussit:
Amplexuque dato, nec tu meus esse negari
Dignus est; et Climene veros, ait, edidit ortus.
Quoque minus dubites, quod vis pete munus, . . .**

Com esta certeza, que o elevou ao mais superior desvanecimento, e arrebatado desejo se arrojou Faetonte a pedir-lhe, não menos que o governo do Carro do Sol, para que subcaldando o vanglorioso a lusida esfera, o respeitasse o Mundo por Astro luminoso: (91)

**Vix bene disierat: currus rogat ille paternos
Hinc que diem alipedum jus, et moderamen equorum:**

Suspenso, e arrependido ficou aquela apócrifa e fingida Divindade de ter sido tão liberal na promessa como quem conhecia no desalento das forças o improfício do empenho; e querendo remediar o desatino, empenhou toda a sua Divindade em despersuadi-lo da empresa, com a temeridade do arrojo: (92)

**.....Temeraria dixit:
Vox mea facta tua est: utnam promissa liceret
Non dare! confiteor, solum hoc tibi, nate, negarem.
Dissuadere lucet: non est tua tuta voluntas,**

(88) **Mastr. Theol. Mor.**, Disp. 11, n.º 185.

(89) **Ovid.**, Lib. 2, **Meth.**

(90) **Ibidem.**

(91) **Ibidem.**

(92) **Ibid.**, **Ovid.**, ex **Loc. cit.**

**Magna petis, Faeton, et quae non viribus istis
Munera conveniunt, nec tam puerilibus annis
Sors tua mortalis: nom est mortale quod optas.**

Porém como um desejo inconsiderado no violento da sua execussão é corisco, que se precipita; e raio que se desata, contra a qual violência não há bronze, que se lhe resista, nem mármore, que o retroceda; assim Faetonte, que inexorável ao rogo, ensurdecido ao conselho, arrebatado, e cego do apetite da sua glória, sem medir o elevado da empresa com as forças da sua pueril capacidade, e só compelido do imprudente impulso do seu temerário desvanecimento, entrando no governo do dia pela posse do carro do Sol, cego entre tanta luz, espavorido com os resplendores de tantos raios, temeroso da cólera dos quatro brutos, sem acordo para o governo, perturbado o discurso para o destino, confundida a razão para o conselho, errado o caminho para o despenho: (93)

**Ipsae pavet; nec qua commissas flectat habenas,
Nec scit, qua sit iter; nec, si sciat, inperat illis:
Palluit, et subiti genua intremuere timore;
Sunt que oculis tenebrae per tantum lumen abortae.**

Deixando correr à rédea solta os fogosos quadrúpedes daquele luminoso carro, consumindo o mar, abrasando a terra, e devastando o Mundo, deu ocasião com a sua precipitada Morte, que as Naiades suas Irmãs fossem convertidas em álamos, pelo sentimento; depois de lhe sepultarem o corpo, gravando-lhe no túmulo o seguinte Epitáfio: (94)

**Hic silus est Phaeton, currus auriga paterni;
Quam si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.**

O que por fábula se descreve, por verdade pura em Lusbel se verifica; porque foi criada a sua infeliz beleza: (95) **Cum suae perfectionis in ordinate amans, et in suae pulchretudinis speculo se conspiciens:** entrou desvanecido no desejo de ser semelhante a Deus: (96) **Qui dicebas in corde tuo, similis ero Altíssimo.**

Porém quando protestava estabelecer o seu trono sobre os astros, e ter o seu assente sobre o monte do testamento: **In coelum consendam, super astra Dei, exaltabo Solium meum, sedebo in Monte testamenti:** caiu precipitado, abrasado carvão nos abismos do Inferno: **Venum tamen ad Infernum detraheris in profundum lacus.**

(93) *Ibid. infra.*

(94) Ovid., *Meth., Lib. 2; Fab. 2; v. 327.*

(95) Castill., *de orn. et uest; Aaron*, vers. 19, fol. mihi 304; n.º 78.

(96) Isai., *Cap. 14; n.º 13, et 14.*

Não sei que sainete acham os mortais no engodo da Divindade, que todos por diferentes modos apeteçam as adorações: Suponho, que é mal contagioso que do Paraíso se transfundiu aos filhos de Adão, para com mais escândalo da culpa acharem o desengano na cinza. (97)

Bem se podiam desenganar os hidrôpicos da Divindade, que por Nabuco querer ser o único Deus na terra, despojado por castigo do Império (98), e de toda a pompa Régia, atado como bruto a uma dura corrente por muitos anos se sustentou da hora que relvava como animal montês. (99)

Não me admiro tanto dos homens, como dos brutos, que também têm flaculência de Divinos. De certo poetiza Alciato, que indo carregado com a Estátua da Deusa Ísis, vendo as genuflexões, que lhe faziam os circunstantes, muito inchado, e soberbo, se persuadia, que a ele adoravam, e inda mal que há brutos humanos tão ignorantes, e desvanecidos, que querem ser Deuses na estimação, sendo animais por natureza, sem advertirem como brutos, que se usurpam no Mundo adorações, é mais por respeito das Estátuas que sofrem do que para obséquios que merecem; de cuja demência só os curaria o castigo: (100)

**Donec cum flagris compescens, dixit agaso,
Non es tuiste Deus, sed Deum aselle uehis.**

Não ocupou nunca o coração da nossa Augustíssima Princesa o menor incentivo de desejos temporais, antes sendo tão soberana por natureza, se constitua mais que humilde por virtude: sabia muito bem o fim para que Deus a criara, e não apetecia senão unir-se com ele pelo vínculo espiritual da graça. A presença de Deus era o centro, em que paravam todos os seus desejos para conseguir este desejado fim desafogava todo o ardor da caridade em que ardia, nos multiplicados suspiros que em amorosas súplicas exalava.

Quis Deus mostrar que a amava como Esposa escolhida, e deu liberdade a Morte, para que deste mundo a despenasse: (101) o golpe, que na consideração dos enternecidos se julgasse crueldade da lástima, não foi senão fineza com que o Amor de Deus a quis premiar primeiro na vida, do que coroar com resplendores na glória,

(97) **Eritis sicut Dii.**

Et quia pulvis est et in puluerem reuerteris. Genes.

(98) **Praeceperat enim ille Nabuchodonosor Rex, ut omnes Deos terrae exterminaret, videlicet ut ipse solus Deus diheretur etc, Judith, Cap. 3, n.º 13.**

(99) **Nabuchodonosor ex hominibus abiectus est et faenum ut bos comedit etc. Ex loc. sup.**

(100) **Alciat., Emblem, 85.**

(101) **Quia dilectus Deo in iuuentute moritur. Menand., ap. Stob., Serm. 61.**

e como a sua ditosa morte se concluíram todos os seus espirituais desejos; pois nada fora da Glória, que possuía tinha mais que apeter, assim o quis no alegorizado Emblema exprimir por boca da Parca nas breves palavras: **Nec utera.**

Duas rosas, uma toda florente, ostentando Majestade de Rainha, pelo fino do carmim, que por púrpura da beleza lhe vestira a Aurora pelas mãos da Madrugada, e outra com mortais acidentes despida de toda a gala, correndo para o sepulcro amortalhada nas folhas de que a tinha despojado as ardências do Sol nas angústias da tarde, formavam a pintura do oitavo Emblema com a seguinte letra:

Sic modo qui fivimus, cras te uis umbra sumus.

Nasce aquela soberana Flor coroada Rainha no mimoso regaço da Manhã, que lhe fabrica vistoso trono de esmeraldas para descanso do cetro, quando do mesmo melindre da sua beleza, lhe corta o dia sobre a tarde a mortalha em que se sepulta:

Ut Rosa mane uiget, tamen, et mox uespere languet.

A mesma formosura, que na Majestade lhe conciliava idolatrias, é o verdugo, que oposto a sua duração lhe estraga a magnificência, ficando por desmaiada sem alento uma desfolhada flor, quem há pouco tinha sido no Céu da Primavera vegetável planta de finíssimo rubi. (102)

**Quam brevis una dies, aetas tam longa rosarum
Una dies aperit, conficit una dies.**

Desenganam-se as formosuras do Mundo simbolizadas na Rosa, que não podem ter mais de vida, do que tem uma flor de duração, que apenas nasce quando morre. (103) Na fragilidade da flor, se conhece a fragilidade da vida, e na pouca duração da sua beleza a certeza indubitável da sua morte.

Assim como a Rosa, que o mesmo Sol a anima, e o seu ardor a desfolhada, assim a vida, que o mesmo ar, que a viventa, este mesmo é o que a derruba: (104) olha no Emblema uma Rosa para outra Rosa, e vendo a florida o retrato da sua morte no espelho daquela desfolhada, e murcha que às poucas horas também como ela flagrante arrebatava atenções aos que lhe tributavam idolatrias, e conhecendo o desengano na sua semelhança, logo se constituiu sômbra, que havia ser assim como a desfolhada tinha já logrado o privilégio de ter sido flor:

Sic modo que fuimus, cras levis umbra sumus.

(102) Ovid.

(103) Qui quasi flos egreditur, et conleritur. Job., Cap. 14.

(104) Ventus uita mea. Job.

Que importa ser a Rosa Imperatriz das flores, nem o roxo lírio desprezada flor do Campo, se por razão da natureza tudo é flor, e por flor ambas são hieroglíficos da fragilidade: (105) não nasce a Rosa para florescer flor, porque no catálogo da Morte tanto para os dias de vida é flor o lírio, como é a Rosa flor.

De coroas de rosas costuma formar a morte um dos seus mais gloriosos troféus, como poetizou um bem discursivo Anônimo:

**Falce metit flores mundi Libithina recurva,
Floribus ornatus morti diadema triumphii.**

Escolhendo sempre no jardim das belezas do Mundo as mais soberanas Rosas, com o Princesas na Majestade, e por isso sendo a nossa Inclita Princesa, mais que flor de Lis, Rosa Européia de quem parece disse certo Poeta:

Idália flor a Vênus consagrada,
Das flores odoríferas Princesa.
Empenho da engenhosa Natureza,
Da Primavera pompa venerada.

Por força da Natureza pedia a razão, que já que como flor vivera, acabasse como Rosa: **sic modo qui fuimus, cras levis umbra sumus.**

Coroado Príncipe dos montes, venerado árbitro das selvas, bruto horrendo, generoso Leão, quase amortecido porque de uma quarta prostrado, se esculpiu no nono Emblema com a seguinte letra:

Nasci aegrotare est, vivere saepe mori.

É a humana vida tão frágil por natureza, e tão cheia de misérias em pena da culpa, que os mesmos que a logram a detestam, e aborrecem; (106) dizia Job na tormenta de suas angústias, e afeições: Ó quanto melhor fora, que percesse o dia, em que nasci, e faltasse a noite em que por infelicidade concebido fui! (107) Ó quanto melhor seria, que se fechasse a porta por onde a Natureza me expulsou para ver a Luz do dia, (108) e experimentar o tropel de misérias, que agora sem consolação, nem remédio sofro! Para que quero a vida, que tantas mortes me custa, quantas são as dores,

(105) **Quia impares nascimur, et pares morimur.** Senec.

(106) **Taedit animam meam, uitae meae.** Job., cap. 10.

(107) **Pereat dies, in qua natus sum, et nox in qua dictum est conceptus est. homo.** Ibid., cap. 3.

(108) **Quia non conclusit Ostia Ventris, qui portauit me, nec abstulit mala ab oculis meis?** Ex loc. sup.

que me atormentam! Melhor me fora morrer logo no ventre, (109) ou no mesmo instante, que dele saí, para ter semelhante vida!

Assim se queixava aquela constante coluna da Paciência, (110) na tormenta das suas dores, porque parece que falta o sofrimento, onde as misérias da fragilidade atormentam a vida. A morte, que a todos espavorece, é muitas vezes menos sobressaltada do que a vida, que entre tormentos se logra, ou porque o alento entre penalidades desmaia, ou porque o viver afligido de angústias, é inda antes da morte experimentar as penas do Inferno. (111)

Nasce o homem, e mal inda tem aberto os olhos para ver a Luz do dia, e já vem carregado de misérias. (112) É gerado da podridão do barro de que foi feito, e de carne em que foi convertido, em quanto se não reduz ao mesmo pó de que foi formado, por isso logo que nasce, vem enfermo das misérias da vida, e sujeita a uma crônica enfermidade, de dores, e as lições até o último instante da morte. (113) **Nasci aegrotare est.**

Na incerteza da morte, cada respiração é uma vida, porque a vida do homem, não é mais que uma respiração. (114) É sem dúvida que não morre, senão quem vive, e como em qualquer instante da vida, pode ser o mesmo, em que chegue a morte, tantos instantes se vive, quantos se morre por instantes: **Vivere saepe mori.**

É o Leão aquele generoso bruto, como Monarca reconhecido das feras;

Feroz Rei dos desertos Africanos,
Formidável horror das espessuras,
Do belígero Deus mais grata fera,
Que sobre os brutos soberano impera.

A quem por símbolo da vigilância o pôs Alciato em um Emblema a porta de um Templo por guarda, pela virtude de dormir com os olhos abertos: (115)

**Est Leo, sed custos oculis quia dormet apertis
Templorum idcirco ponitur ante fores.**

-
- (109) **Quare non in uulua mortuus sum, egressus ex utero non statim perii?** Iob.
- (110) **Quoniam deficit in dolore uita mea.** Psalm. 30, n.º 4.
- (111) **Quia repleta est malis anima mea, et uita mea in Inferno appropinquauit.** Psalm. 87, n.º 1.
- (112) **Breui uiuens tempore repletur multis miseriis.** Iob., cap. 14.
- (113) **In puluerem reuerteris. Putrecini dixi: Pater meus es, et Mater mea vermibus.** Job., cap. 17.
- (114) **Et imperauit in faciem eius spiraturum uitae, et factus est homo in animam uiuentem.** Genes., cap. 2.
- (115) **Arist., Lib. 3, Histor. animal.**

O que vive atormentado de uma febre quartã, de que nasce até que morre, sem lhe valer o privilégio de Rei, para que deixe de sofrer a miséria daquela enfermidade, que o acompanhou com a vida, e por isso simbolizando-se também nele por alegoria o indivíduo humano a respeito das misérias, e humanas enfermidades, animou o Emblema com a Letra: **Nasci aegrotare est, etc.**

Uma magnífica, e soberba Torre despedaçada de um raio se decifrou no décimo Emblema com a seguinte inscrição:

Venit summa dies, et inevitabile fatum.

Muito valente é a Morte! Nem Hércules coroado de tantos triunfos, de que teceu o glorioso diadema dos seus doze trabalhos, pode resistir ao seu impulso: (116)

**Dextra feram Nemeae petiit mea, perdidit Hidram,
Et taurum malas, inde cecidit apri:
Balthus est caprus, sunt aurea mala relata:
Cerberus eductus: nunc sed Olympus habet.
Aguias non fugit, non fugit cerva volueris:
Cerberus eductus: nunc sed Olympus habet.**

Nem Sansão com todas as suas forças a violência dos seus tiros: antes do seu mesmo arrojado valor se serviu a Morte para lhe tirar a vida. (117)

Até o mesmo filho de Deus (falando sempre com a devida proporção) parece que atestou como homem: **Pater, si possibile est transeat a me calix iste: Spiritus promptus est, caro autem infirmat.** (118)

Nada há no Mundo, que resista a voracidade do tempo; nem vivente, que rebata a valentia da Morte. O Colosso gigante de bronze, de quem disse certo Poeta:

Das Estátuas Gigante desmedido
Ao Luminoso Febo dedicada,
Que as Celestes esferas desafia,
E entre os Sete prodígios foi contada.

Ferido de um raio, como a Estátua de Nabuco da pedra do monte, caiu por terra, e se reduziu a cinzas. Os outros seis edifícios, que por soberbos preenchem o número das mais célebres Maravilhas, e admirações do Mundo, se conservam a lembrança da sua memória,

(116) Philipp. Bicané.

(117) *Moriatur anima mea cum Philistim: concussis que fortiter columnis cecidit domus super omnes Principes. Judic., cap. 16.*

(118) Math., cap. 26.

lastima o caduco da sua persistência, como bem o ponderou Ovídio: (119)

**Tempus edax rerum, tu que invidiosa vetustas
Omnia destruitis, vitiata que dentibus aevi.
Paulatim lenta consumilis omnia Morte.**

Porém como não há de ser assim, se com a vida do homem se principiam a contar os seus dias para a duração. Certo número de dias tem cada um para viver. Cantou o Profeta Rei: **Ecce mensurabiles posuisti dies meos, et substantia mea, tanquam nihilum ante te.** (120) E isto por conta tão certa, que se repartem os anos por meses, os meses por dias, e os dias por horas, até chegar o instante do último termo, do qual se não pode passar, nem exceder. (121)

Nem a empenhos da Medicina, e desvelos da Arte, é possível retroceder-se o violento golpe da Parca, quando o impulso da Seta é dirigido à vida pela fatalidade de predefinido termo da Morte: (122)

Digam embora os incrédulos da Morte, que se perdem tantas vidas, porque falta nos presentes séculos o grande Esculápio, Deus da Medicina, filho de Apolo, o qual a milagres da Arte, e valentia da Ciência, imortalizava os homens, e aos já defuntos ressuscitava da Morte, restaurando-lhe a vida, como praticou com Hipólito filho de Teseu, despedaçado, e morto por sua madrasta Fedra, e o afirmam com muitos Ovídio, Horácio, e Virgílio: (123)

**Namque ferunt fama, Hippolitum, postquam arte novereae.
Occiderit, patrias que explerit sanguine poenas,
Turbatis distractus equis, ad sidera rursus
Heterae, et superas coeli venisse sub auras,
Poeniis revocatum herbis, et amore Dianae.**

E não menos a Androgeu filho de Minos Rei de Creta, e de Pasife, morto às mãos dos Atenienses, como autoriza Propércio; (124)

**Et Deus extinctum Cresis Epidauribus herbis
Restituit Patriis Androgeona focis.**

Até aqui chega a incredulidade dos homens na duração, e perpetuidade da vida, sem se desenganarem como Católicos; que não há Esculápio, que os imortalize, quando até o mesmo Esculápio se não pode preservar das mãos da Morte, porque invejoso, e enfurecido Júpiter, de que este contra a onipotência da sua apócrifa, e fingida Divindade, usurpasse como Deus a regalia dos seus infalíveis decretos,

(119) Ovid., *Meth.* Lib. 15.

(120) *Psalm.*, 38, n.º 6.

(121) *Breues dies hominis sunt, numerus mensium eius apud te est: Constituisti terminos eius, qui praeteriri non poterunt.* Job., cap. 14.

a uns eternizando na vida, e a outros ressuscitando da Morte, despedindo da sua indignada cólera um raio, o reduziu a cinzas, para mostrar, que em chegando o dia, em que a vida completa o termo não há mais remédio, senão o da Morte.

**Tum Pater omnipotens aliquem indignatus ab umbris
Mortalem infernis ad lumina surgere uitae,
Ipse repertorem Medicinae talis, et artis
Fulmine Phebigenam stigas detrusit ad undes.**

E como as humanas torres também têm contra si o raio da Morte, para a sua ruína, chegado o termo destinado para o fim da vida; no alegórico daquela Torre se mostra verificado o divino decreto no dia predefinido, bem moralizado o caduco da sua estabilidade com a hora impreterível da sua Morte: **Venit summa dies, et in ceuibile fatum.**

Finalmente em um elevado, e glorioso trono se venerava por último Emblema, uma coroada Majestade, liberalizando entre humildes, e rendidas adorações, a uns favores, a muitos prêmios, a outros benefícios com o seguinte Epigrama:

**Somnus, bulla, vitrum, glacies, flos, fabula, foenum.
Umbra, cinis, punctum, vox, sonus, aura, nihil.**

É o Mundo um Universal Teatro adornado, e revestido das tapeçarias da lisonja, em que se representam diversificadas tragédias pelos mortais, representando cada um deles o seu papel, enquanto lhes dura a vida, e não chega a morte.

Tudo quanto a farsa representa é sombra, tudo quanto se vê é fumo, e tudo quanto se logra é nada. A imaginação o pinta, a lisonja o figura, o engano o confirma, e a realidade o detesta. É flor, que com a morte se murcha, vidro que de um sopro se quebra, sonho que em acordando se não acha, sombra, que na ausência do Sol desaparece, viração, que apenas se logra, quando se finda, e voz que mal se articula, e logo fenece: (125) finalmente tudo é figura do que podia ser, e uma pintada imagem do que na realidade não é.

Que toda a glória do Mundo seja um quase do que não é, e uma imagem, ou sombra do que parece, se prova com repetidos lugares da Escritura. (126) Job a comparou com uma áerea fantasia,

(122) *Singulis ab aeterno Dei praesentia praefixit dies, nec augeri possunt, nec minui. Dii Gregor. apud Ramir., disp. Apologet., Sect. 1, res. 9.*

(123) *Ovid., Meth., lib. 5; Horat., lib. 4, od. 7; Virg., Aeneid., lib. 7, v. 765.*

(124) *Propert., lib. 2, Elegia.*

(125) *Verum tamen in imagine per transit homo. Psalm, 38, n.º 7.*

(126) *Quasi umbra dies nostri sunt., Reg. 2, cap. 29, n.º 13.*

cu enganoso sonho. (127) Como fumo, que com o vento se desfaz, o Profeta Rei; (128) e que a vida lisonjeada com as caducas glórias da vaidade do Mundo, corra com tanta ligeireza, como o princípio de uma nuvem, que em si mesmo se dissolve, e desaparece, o certifica o **livro da Sapiência**. (129)

É tão eficaz a imaginação das coisas que se apeteçam, e tão vivas as espécies dos objetos, em que acordado se labuta, que adormecidas as potências, atenuadas do cansaço se representam tão eficazes no artefacto da fantasia, que parece se logra na realidade aquilo mesmo, que despertos os sentidos, se conhece que não foi mais, que um verdadeiro fingimento, e manifesto engano, como o confirma Claudiano: (130)

**Omnia quae sensu voluntur vota duirno,
Tempore nocturno, reddit amica quies.**

**Venator defessa thoro cum membra reponit:
Mens tamen ad Silvas, et sua lustra redit.**

**Judiabus lites, aurigae somnia curus
Vanaque nocturnis meta cavetur equis.**

Assim para consolação da sua enternecida saudade pintava o Sono na Fantasia da amorosa Safo o seu ingrato, e ausente Faon: (131)

**Tummihi cura, Phaon, te somnia nostra reducunt
Somnia formoso candidiora die:**

**Illic te invenio, quanquam regionibus absis,
Sed non longa satis gaudia somnus habet.**

**Saepe tuos nostra cervice onerare lacertos,
Saepe tuae videor supposuisse meos.**

**Oscula cognosco, quae tu committere linguae,
Apta que consueras accipere, apta dare.**

É o galgo costumado a perseguir na montaria a lebre, e sonhando entre latidos a corre: (132)

Et canis in somnis leporis vestigia latrat.

(127) *Velut somnium a volans. Iob., cap. 20.*

(128) *Quem admodum fumus deficiant. Psalm., 36, num. 20.*

(129) *Et transibit uita nostra tanquam uestigium nubis. Ex Sap., Cap. 2, n.º 3.*

(130) *Claud., in Praefact., Lib. 6 de Consol. Honorii.*

(131) *Ovid., Ep. ultim.*

(132) *Petron. Arbit.*

Nem só o que dorme sonha, também sonha o que desvelado cuida: (133) **Amans quod suspicatur, vigilans, somniat.** Como a sua imitação em idioma Espanhol com razão não menos agudeza, e graça disse Lope da Vega: (134)

Dispierto sueña quien amando piensa.

O amor desordenado, com que os mortais apeteçam as terrenas glórias, lhes imprime na fantasia uma imagem do que tanto os desvela, para fazerem estimação, do que é tão caduco por natureza. Parece-lhes que entram acordados no logro do que tanto sollicitam, quando o mesmo desejo os adormece, para que só os possuam com sonho. Tão adormecidos vivem no empenho daquela fantástica apreensão, que não advertem, que toda a glória, em que vaidosamente se elevam, é uma mágica em sombras, uma pintura que mente, um ar que se não apalpa, uma luz que logo escurece, uma exalação que foge, um relâmpago que cega, uma fonte que murmura, um rio que se precipita, e uma lisonja que não dura.

Que maior Glória no Mundo, que a de um Monarca, que não conhece superior na terra, escolhido, e conservado por Deus, de quem recebe todo o poder, e jurisdição, para o bom regime, e governo do seu povo. (135) **Audite Reges, quonian data est a Domino potestas vobis, et virtus ab Altissimo.** Que maior glória, que ser o Monarca Vigário de Cristo na terra **in temporalibus**, imagem, e semelhança do mesmo Deus! **Reges, et Principes Dii sunt in terris, et Dei imaginem habent.** (136)

Que maior glória para um Monarca, que ser amado, e obedecido de todos os seus vassallos, acreditando-lhe a Majestade da coroa nos humildes rendimentos das suas súplicas, com que ao mesmo tempo que se consegue a liberalidade dos benefícios, se multiplicam avultados fulgores ao diadema:

**Si quid forte petam, timido, gracillique libello,
Improba non fuerit si mea charta, dato.**

**Et si non dediris, Caeser, permittit rogari,
Offendunt nunquam thura, precesque Jovem.**

**Qui fingit sacros auros, vel marmore vultus
Non facit ille Deos, qui ragat, ille facit.**

Porém, que maior cativoiro, inda que nobre, e gloriosa escravidão, que a de um Monarca! (137) **Est Regnum gloriosa servitus, et**

(133) **Publ. in Mimis.**

(134) **Veg., Lib. 3, del Perigr.**

(135) **Ex Sapient, cap. 6.**

(136) **A Egiat. de Regim. Princip., Lib. I, p. 2.**

(137) **Antig. Maced., Rex refert Aelian. de Var. hist., Lib. 2; Cap. 20.**

Reges potius servire subditis cum honorificentia. E o confirma Santo Agostinho: (138) **Christiani Principes num recte imperant, etiam serviunt eis, quibus imperare videntur, imperant enim, ut consulent saluti, et utilitati eorum, quibus imperant.** De que tudo resulta ser o Monarca no amor Pai, no Zelo Tutor, e Pastor na vigilância: (139)

**Rex bonus est Pastor populi, Tutorque, Paterque
Nec tibi, nec tua te moveant, sed publica vota.**

Da hora em que cinge a coroa, e empunha o cetro deixa de ser Rei, e principia a ser Pai; a Majestade com que entre tantas glórias ocupa o trono, é o maior incentivo do cuidadoso desvelo, com que deve conservar em paz, e justiça aos seus vassallos, sendo a imitação de Deus um para todos, e nada para si, como publica o sabido prólogo: **Unum ad omnes.**

Porém de que serve a elevação de tanta glória, se a sua consistência é de tão pouca duração por caduca, que parece, que ou dormindo se logra, ou sonhando se possui? Banqueteando as suas glórias se achava em uma noite Baltazar, bem descuidado da perda do seu Reino, da privação das suas glórias, e do fim da sua vida; quando uma quase mão em sombras lhe escreveu na parede do seu mesmo Palácio a sentença final da sua ruína nas seguintes palavras: (140) **Mane, Bhecel, Pharez: eadem nocte interfectus est Balthasar Rex Chaldeorum, et Darius Medus successit in Regnum.**

Por sonhos em uma Estátua fundida de diferentes metais viu Nabuco as suas glórias, e as suas penas; porque na cabeça de ouro conheceu o grandioso da sua Majestade, nos outros metais a divisão do seu Reino, e nas cinzas a que tudo se reduziu como despojo caduco do vento, toda a glória do Mundo, e a do seu Império: (141) **Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, aes, argentum, et aurum, et redacta quasi in favillam aestivae areae, quae rapta sunt vento nullus que locus inventus est eis.**

Acordado à vista de Babilônia sonhava o mesmo Nabuco no deleite das suas glórias, o Régio esplendor da sua magnífica Majestade, com a seguinte pergunta: (142) **Non ne haec est Babilon magna, quam ego, aedificavi in domum regni, in robore fortitudinis meae, et in gloriam decoris mei?** E com razão, porque as glórias do Mundo são tão duvidosas por falíveis, que ainda quando se vêem, e se logram,

(138) Div. August., de Civ. Dei, Lib. 9; Cap. 14.

(139) Solorzan., Embl. II, n.º 17.

(140) Dan., cap. 5.

(141) Dan., cap. 2.

(142) Idem, Daniel Caput. 4.

(143) Ibid.

se não acreditam; e para certeza se perguntam, porque parece que se sonham.

E com efeito tão falíveis, e caducas são que inda mal tinha a pergunta concluído, quando já teve por resposta o desengano: (143)

Cum que sermo esset ad huc in ore Regis, vox de Coelo ruit: tibi, dicitur, Nabucodonosor Rex: Regnum tuum transibit a te.

Com esta celeridade se finalizam as pombas do Mundo, e as terrenas glórias, que inda sonhadas se consideram tão mal possuídas; pois no aparente logro da sua posse, se não desfalece a vida nunca passam como caducas de uma aparência tão vã, como enganosa. Assim o definiu certo Poeta:

Teatro de enganosas aparências,
Da vida peste, frenesi vaidoso,
Hidropsia de ânimo ambicioso,
Objeto falso exposto a contingências.

Capacite-se enfim o Mundo, que inda as humildes, e maiores glórias, que as das Majestades, certa sem comisseração a foice da Morte, como cantou Boécio: (144)

**Mors spernit altam gloriam.
Involvit humile pariter, et celsum caput,
Aequat que summis infima.**

E não menos os acasos de inconstante fortuna, que como cega, vária, e fabulosa, ao mesmo que levanta humilha, e ao que segura a persistência abate: (145)

**Si fortuna volet, fies de paupere dives;
Si volet haec eadem, fies de Consule Rethor.**

Bem o experimentou a nossa Sereníssima Infanta na infelicidade de sua queixa, onde as misérias da humana vida sem atenção à Majestade da pessoa, lhe mostrou no desengano da Morte, que as grandezas do Mundo, e Majestades da terra são por momentâneas, e caducas

**Somnus, bulla, vitrum, glacies, flos, fabula, foenum,
Umbra, cinis, punctum, vox, sonus, aura, nihil.**

Enquanto o Povo dividido em partes, uma aumentava a pena pela lástima, que no trágico intimavam os Epigramas, outra desafiava

(144) Boec., Lib. 2, de Consolat. Mero 7.

(145) Juvenal.

a penalidade na inteligência alegórica dos Emblemas, se fez sinal, e tocou a entrada das Vésperas, para que cessando o rumor com que os circunstantes na contemplação daquela morte exprimiam a sua mágoa, se celebrasse aquele piedoso ato com a atenção devida a tão soberano objeto.

Para tão fúnebre, e majestosa celebridade se armou uma platéia alcatifada do pé do Arco Cruzeiro até as grades, que servem de divisão ao corpo da Igreja, e assinalam o lugar até a porta para assento do congresso mulheril. Circulavam aquela espaçosa platéia bastante cadeiras de espaldar, para acomodação das pessoas mais nobres, e distintas, segundo as preferências das suas graduações com outros assentos separados para as Dignidades Eclesiásticas, e mais Clero: (146) **Quia maiore dignitate praeditus, praecedere debet, et inter aequates antiquior in dignitate, et caeteris paribus aetate maior.**

Acomodado todo o povo nos seus respectivos assentos, saiu da Sacristia o Reverendo Pároco o Doutor Antônio Mendes de Santiago; acompanhado de todo o Clero em procissão bem ordenada, tomando cada um por ordem distinta o lugar que por direito lhe competia nas cadeiras, que a roda da platéia se previniram para aquela função.

Oficiava aquele ato o Reverendo Pároco supra dito, servindo-lhe de primeiro Assistente o Reverendo Doutor D. Brás da Cunha Pereira, e de segundo o Reverendo Doutor José Simões da Mota Medeiros, e de Regentes o Reverendo licenciado Vigário da Vara José Severino da Silveira, e o Reverendo Licenciado José Álvares da Costa, e de uma, e outra parte do túmulo com incensários os Reverendos Sacristãos Antônio Machado Guimarães, e Domingos da Cunha Barreiros, e para Psalmistas vinte e oito Clérigos, repartidos igualmente em quatorze por cada banda, os quais com bem ajustadas vezes acompanhadas da Música, que em Corete a parte acompanhava por turno a Cantoria do mesmo Clero se formava uma consonância tão lastimosa, que eterneciam os corações.

Assistiram a esta função das Vésperas todos os oficiais da Milícia dos Regimentos da Infantaria, e Cavalaria deste Arraial, dos Coronéis até os Cabos de Esquadra inclusive, ricamente fardados, todos conforme as suas respectivas graduações, em que muito para tão majestoso ato se esmeram, trazendo todos o distintivo do sentimento em fumo negro.

As horas convenientes, e proporcionadas se repartiu liberalmente cera de libra as Dignidades Eclesiásticas, e Oficiais Maiores da Milícia, e ao mais Clero, e assistentes seculares de meia hora, finalizando-se esta lastimosa função com dobres tristes, e lástimas de todos.

(146) *Hermos., in proem. partit. glos, 2, n.º 2. Larr. alleg, 51, n.º 4, Salg., de Reg. protect, 2 p., cap. 9, n.º 34, cap. Latr., v. 181, n.º 28.*

No dia 23 destinado para o Ofício, ainda muito de madrugada

Quando a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabelos de Ouro delicados,
E as boninas nos campos esmaltados
De cristalino orvalho borrifava,

Sem que ainda de saudosa gemesse a pomba, nem de alegre cantasse o pintassilgo, se ouviram a um mesmo tempo de uma parte os enternecidos ecos do mudo bronze; e da outra o Marcial estrépido dos guerreiros parches: aqueles em dobres tristes, despertando aos moradores para a pena; estes convocando a Soldadesca para o funeral aplauso:

Amanheceu finalmente o dia, e ou porque invernoso, e glacial o mês de novembro, como nono no cômputo dos Romanos, chuvoso, e triste decifrado em folhas, e fruto da oliveira, cercado de instrumentos aratórios, olhando para o Céu, e signo de Sagitário, de quem disse um Poeta vulgar:

O nono mês no cômputo Romano,
Em que visita Febo ao Sagitário,
Mês ao campo infeliz sempre adversário,

Ou por outra qualquer oculta providência, se patenteou aos olhos do Mundo tão fúnebre, e melancólico, que inda que nesse dia não derramasse lágrimas o Céu, claramente conheceram todos, que também para a assistência do Ofício viera de luto.

Enquanto o Povo de um, e outro sexo enchia a Igreja, fez o Comandante Furriel Manuel Lopes Saraiva (a cujo zelo estava encarregada toda a magnífica pompa daquele funeral), que se formassem no adro da dita Igreja os dois Regimentos da Cavalaria, e Infantaria Auxiliar, bem regulados, com a autorizada assistência dos seus correspondentes Oficiais, o que tudo se efetuou com louvável agilidade, e disciplina militar, ficando toda a soldadesca, e oficiais subalternos descansando sobre as armas, enquanto se celebrava o Ofício.

Entrou este às horas competentes, com a mesma gravidade com que se celebraram as Vésperas, sendo o mesmo Reverendo Pároco, o que oficiou com as próprias Dignidades, Assistentes, Regentes, e número da já retardada Clerezia, cantando todas as nove lições por sucessivos turnos os mais destros Músicos, que para aquele ato se convidaram.

Ao Benedictus se distribuiu cera de liba com toda a magnificência pelas Dignidades Eclesiásticas, e Oficiais da Milícia, que assistiram ao dito Ofício, sem discrepância de algum, e cera de meia libra ao mais Clero, e assistentes que se acharam vestidos em corpo, ficando

toda aquela Igreja iluminada de luzes, enquanto alternadamente cantou a Música, e Clerezia o saudável Cântico de Zacarias.

No fim do Ofício recitou o Reverendo Licenciado José Álvares da Costa a erudita oração fúnebre, que se mostra à folha 53- tão abundante de flores, como de discretíssimos conceitos, para mostrar que no dia em que se celebrava o funeral de uma pura, e castíssima Açucena, só a flor dos Pregadores, devia fazer um Sermão de rosas.

Finda a Oração principiou a Missa com toda aquela solenidade, que a Religião Católica, humilde, e reverente tributa a tão alto, e tremendo sacrifício, não faltando a política Mavórcia com as repetidas salvas a solenizar ao Deus dos Exércitos, e sentir por aquele modo a morte da nossa Augustíssima Infanta, para que se visse, que se nos peitos enternecidos são sinais de sentimento rios de cristal, como suores da alma, nos ânímos guerreiros as demonstrações da pena são suspiros de fogo, como ardores do coração.

Desta sorte se finalizou aquele funeral obséquio, e deu novamente princípio a mágoa na lembrança daquelas mortas cinzas, representadas vivas na memória, para despertadora da mais enternecida pena, oito dias ao pasmo de muitos, que de longe, por não poderem assistir ao Ofício, chegaram nela a lamentar a lástima.

E se quando adornada de luzes, representava o nítido Palácio do Sol, agora que sem resplendores ostentava os horrores do Luto, por timbre da sua mortal tristeza entre as sombras da noite, parecia a escura habitação do sono, onde se sepultam as saudosas relíquias da Morte; que são as tristes saudades de quem penalizado vive dos estragos do seu letal impulso, em cuja lóbrega morada, sendo sacrílega a luz, e só venerada a escuridão, como árbitra das trevas, nem o Sol a ilustra, nem as Estrelas a iluminam, nem a Aurora lhe amanece, nem o mortal silêncio se lhe estraga: (147)

Mons canus ignavi domus penetralia Somni:

Que nunquam radiis Oriens, medius ve, cadens ve

Phoebus adire potest, nebulae caligine mixtae

Exhalatus humo, dubiae que crepuscula lucis,

Non vigit ales ibi cristati cantibus oris

Evocat Auroram, nec voce silentia rumpunt.

Disse.

PROTESTAÇÃO DO AUTOR

Tudo quanto escrevi na presente Exposição fúnebre, e simbólica, e mais obras Poéticas, sujeito com Humildade, e reverência Católica de filho obediente à censura, e juízo da Santa Madre Igreja Romana, submetendo-me aos Decretos dos Sumos Pontífices: protestando, que as vãs palavras Deuses, Divindades, Fado, Fortuna, Caos, Libitina, e outras semelhantes ástomo em rigoroso sentido Poético, como vozes permitidas na linguagem, e frases da Poesia profana, e não no sentimento de um espírito cristão.

João de Sousa Tavares.

Nas Exéquias que se celebraram à Augustíssima
Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia.

SONETO

Silêncio sepulcral, sossego horrendo,
Tristonho objeto, lúgubre figura,
Que inda quem te respeita na instrutura,
Sobressaltado está, té está temendo!

Se nesse triste aspecto estás dizendo
Os horrores, que encobre a campadura,
Permite que do peito a fonte pura
Em líquido cristal viva correndo.

Se só cuidas conservar por vanglória
Em ti do Luso tronco a egrégia rama
Para eterno padrão da Lísia história:

Te enganas; porque a nossa ardente chama,
Inda contra os olvidos da Memória
O seu Nome lhe gravará na Fama.

Do Reverendo Doutor João de Sousa Tavares.

Ao mesmo assunto

SONETO

Tirana Cloto, irada, e enfurecida
Do Hircano peito a cólera desata,
E porque logre o tiro da ferida,
Acomete, atropela, fere, e mata.

A seu império desalenta a vida
Em delíquios a rosa desbarata,
Sendo Maria, a que hoje amortecida
Como flor nessa rosa se retrata.

Quem dissera, que a força do destino
Havia dar a Morte liberdade
De objeto contrastar tão peregrino?

Mas como a Morte vive da crueldade,
Quis insultar sacrílega o divino,
Para assim se atrever a Majestade.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto respeitando a Palma, e Coroa com
que se illustrou o remate do Mausoléu.

SONETO

Da mortal vida em hórrida batalha
A Lusa Infanta a Morte se apresenta,
Sustentando na mão sanguinolenta
Por estandarte triste uma mortalha.

E como a força humana não iguala
Ao valente da Morte, por violenta;
Na força da batalha desalenta,
E a ferida mortal, lhe não atalha.

Rendeu a Infanta a vida, e em doce calma,
Do trânsito ditoso a Fama soa,
Que da Morte triunfou a feliz alma:

Assim o julga o Mundo, e crê Lisboa,
Dedicando-lhe por vitória a Palma,
Por sinal do triunfo uma Coroa.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

SONETO

Com valor forte, espírito Heroíno,
Sem que nada dispersuadi-la trate,
Sustenta a Lísia Infanta o atroz combate,
Com que a Morte a provoca por destino.

Convoca para o assalto o mais maligno
Da natureza o frágil por remate;
Mas o assédio por anos lhe rebate
Aquele Régio peito diamantino.

Continua na guerra, insta na empresa
A Morte horrível sem que a tensão mude,
Té que a rendeu a indústrias da fraqueza:

E posto a si a Morte a glória alude,
Contudo se morreu por natureza,
Vive por privilégios da Virtude.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

SONETO

Maria excelsa, Infanta sempre invicta
Universalmente hoje lamentada,
Como nas atenções de tão chorada
A veemência da Mágoa se acredita.

Atendei como a nossa dor incita
Do mesmo Marte a cólera exaltada,
Ouvi como em tristeza a voz mudada
Geme o bronze quando em soluços grita.

Pasma o Mundo; e se acaso não deliro
Seguindo o parecer mais inconcusso,
Do que vejo, Senhora, não me admiro:

Pois de Marte o clangor por triste influxo,
Cada Bomba, que estala é um suspiro
Qualquer toque dos sinos um soluço.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

SONETO

Inaudito espetáculo horroroso,
Atroz verdugo de vital alento,
Que quando mudo calas no violento,
Tanto eloquente exprimes no saudoso.

Já que ao golpe do Fado rigoroso
És a cópia do nosso sentimento,
Permite se regule hoje o tormento,
Ou pela dor, ou pelo lastimoso.

Se mudo tanto ostentas de eloquente,
O silêncio tomando por empresa,
Bem declaras a dor, que o peito sente:

Fatal estratagem da destreza;
Pois sabes no silêncio reverente
Explicar o motivo da tristeza.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

SONETO

Póstuma pompa da vaidade humana
Que eternamente muda a dor exprime,
Querendo na estrutura soberana
A Mágoa desmentir, que a dor reprime.

Deixa a lisonja, que é crueldade insana
Querer entre o luto, que te oprime
Desmentir a violência desumana
Com que por ti a Morte a espada esgrime.

De que serve entre Mágoas tão atrozes
Dessa fúnebre pompa mortal uses,
Se os diques d'água correm mais velozes?

De ser tão lisonjeira não te acuses;
Pois para a nossa Mágoa as tuas vozes
Se articulam nas línguas dessas luzes.

Do mesmo Autor.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

SONETO

Este triste Piramidal sem gala,
Própria imagem da acerba Libitina,
Em profundo silêncio mais te ensina,
Do que a língua eloqüente mais te fala.

Escuta em seu horror a voz que exala
No seu aspecto o que te predestina,
Que é certa a Morte, assim to vaticina:
Mas o quando há de ser não diz, e cala.

Que a hora chega, e a vida se consome
Também te diz no que comigo observa,
Se há quem da vida bem os anos some:

Que o túmulo da Morte só preserva
Das injúrias do tempo, eterno o Nome
Das ilustres relíquias, que conserva.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

**Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas,
Reguumque turres. Hor. Od. 4.º**

SONETO (1)

Com pé ligeiro, passo apressurado,
Aguda a foice, tempo prefinido,
Chega a Morte ao Palácio mais luzido,
Como ao casal humilde, e destroçado.

Forma o golpe; mas tão precipitado
Pelo impulso dos fados dirigido,
Que improvisa a seus pés se vê caído
A Púrpura, a Tiara, e o Cajado.

Nem respeita o Dinasta mais potente,
Nem sabe reservar a tenra idade,
Nem perdoa do Pobre o indigente:

Fere a todos por métrica igualdade,
Que se igual é o nascer, e indiferente;
Igual morre o Pastor, e a Majestade.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

(1) *Nemo enim ex Regibus aliud habuit nautatis initium. Onus ergo introitus est omnibus ad uitam, et similis exitus. Ex Sap. Cap. 7, vs. 4, et 5.*

Ao mesmo assunto

**Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis
miseriis.**

Job. Cap. 14.

SONETO

Depois de uma mui larga enfermidade
Com que foi em seus anos combatida,
Rendeu como mortal a Infanta a vida,
No sepulcro depondo a Majestade.

Assim viveu morrendo em toda a idade, (1)
Em gemidos, e dores submergida;
Que bem morre quem vive combatida
De uma crônica, e acerba atrocidade.

Conheceu que morria, como humana
Sujeita aos desconcertos, e a inclemência
Da frágil natureza mais ufana.

Porém desta emendando a decadência
O timbre sustentou de Soberana
Na louvável virtude da Paciência.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto.

Memor est iudicii mi: sic erit, et tuum mihiherit, tu hodie.

Eccles. Cap. 38. vs. 23.

SONETO

Este cadáver, que hoje te horroriza,
Ontem foi como tu que estás vivendo,
E de que hoje hás de ser o que estou sendo
Pelo horror que em mim vês te profetiza.

Abre os olhos, e adverte que te avisa,
Quem tanto a tua Morte está temendo;
E o juízo que de mim estás fazendo
De ti melhor o faze; e bem ajuíza.

O que de mim julgares de ti julga,
Inda que o Amor próprio bem se enoje
Do que o meu exemplar daqui promulga:

Que como às mãos da Morte ninguém foge,
Tem por certo, que a Morte atroz divulga
Que se eu ontem morri, morrerás hoje.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

(1) **Deficit in dolore uita mea, et anni mei in gemitibus. Psallm., 30, vs. 11.**

Ao mesmo assunto.

**Donec revertaris in terram, de qua sumptus es: quia pulvis es,
et in pulverum reverteris.** Genes, Cap. 3 vs. 19.

SONETO

Fala a Senhora Infanta.

Se a cinza em que hoje aqui me represento
No horror deste sepulcro te suspende;
A vaidade depõe, de mim aprende
O que te ensina a Igreja no Momento.

Uma Infanta ontem fui no tratamento,
Hoje cadáver sou que a vista ofende:
A vassalagem que hoje se me rende
Aparências não só do sentimento.

Porém com da Majestade o engodo
Não me isentou de terra ser formada,
Em terra me tornei do mesmo modo.

Fui enquanto vivi terra animada;
Mas a Morte abatendo a terra em lodo
Sou pó, sou cinza, podridão, e nada.

Do mesmo

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto.

Vanitate seducti sumus.

Esdra 2, Cap. 10, vs. 7.

SONETO

Aparente lisonja, novo Jano
Com dois rostros, em tudo fementido,
Um com que lisonjeias no luzido,
Outro triste, de Morte o desengano.

Se esse replendor é tudo engano,
E o teu fúnebre assombro do sentido;
Ou não te exornes do esplendor fingido,
Ou só te veste do mortal, e humano.

Das luzes abomina o desperdício,
Dessa fúnebre pompa deixa a glória,
Porque a vaidade inclina ao precipício:

Pois só serves a vida transitória,
De lastimosa dor, fúnebre indício,
Último obséquio da mortal vã glória.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

**Quare de vulva eduxisti me? Qui utinam consumptus essem,
ne oculus me videret? Fuissem quasi non essem, de utero
translatus ad tumulum.** Job. Cap.10,vers.18/.

SONETO

Fala a Senhora Infanta.

Se havia de morrer na flor da idade,
Para que tive vida ao nascimento?
Do útero passasse ao Monumento,
Ou no mesmo perdesse a atividade.

Fosse objeto; mas sem formalidade,
Fosse matéria informe sem alento,
O meu ser fosse só por fingimento,
Como ente de razão sem realidade.

De que serviu o Régio se que tive,
Se nesta Urna a cinza estou tornada,
Sem que o Régio de ser mortal me prive:

Porém se a Majestade idolatrada
É só terra exaltada quando vive,
Que muito quando morre, acabe em nada?

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto

**Ne dederis in tristia Cor tuum, sed repelle eam a te, et
memento Novissimorum. Eccles. Cap. 38,vs.21.**

SONETO

Fala a Senhora Infanta.

Se aquelas filhas de Jerusalém
Lhe estranha Cristo a amarga compaixão;
Pois mais para chorarem causas têm
Sobre os filhos, e toda a geração;
Desta Urna onde a Morte em pó me tem,
(Hoje do mesmo Cristo a imitação,)
Não quero as vossas lágrimas também,
Mas sim da vossa Morte a compunção.
Se porque morri vos entristeceis,
Mostrando-o nestes lúgubres sinais
Nas exéquias que tristes me fazeis:
Porque hoje agradecida me vejais,
Essa tristeza quero me mostreis
Da vossa morte, que é o que importa mais.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto.

Et fac luctum secundum meritum ejus uno die. Eccles.38,vs.18.

SONETO

Excelsa Infanta, singular Princesa,
Que nessa Urna em cinzas transformada
As pias atenções de idolatrada,
Devidas são, Senhora, a vossa Alteza.
Destas tristes exéquias a pobreza
Aceitai como oferta limitada;
Pois não pode a oblação ser ajustada
Ao objeto inefável da grandeza.
Se esta saudosa ação é do incentivo
A que nos move o sentimento justo,
Não desprezeis o nosso lenitivo:
Porque da quarta esfera o Sol venusto,
Tanto aceita a oblação do Cedro altivo,
Como a pobreza de rasteiro arbusto.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto.

Qui quasi flos egreditur, et contoritur, ef fugit velut umbra,
et numquam in eodem statu permanet. Job. 14.

SONETO

Fala a Senhora Infanta.

Se qual Infanta como flor nasci,
E viva me estimastes como flor,
Por que causa de mim tens hoje horror,
Se o que fui ontem hoje amanheci?

Se é porque hoje a pó me reduzi,
O mesmo pó foi ontem o esplendor,
Porque se rosa fui, foi só na cor,
E se Sol, foi na sombra em que luzi.

Era sombra do Sol, e flor sem ser,
Do que fui era um quase que passou;
Pois como Sol, e flor fui ao nascer:

Porém como a aparência se acabou,
E fui Sol, e fui flor ao parecer,
Essa mesma flor murcha, e sombra sou.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

Ao mesmo assunto.

ELEGIA

Rouco o Som, triste o Canto, surda a Lira
Perturbado o sentido, a voz confusa,
Chora Apolo, e o Parnaso em ais respira.

Porque quando uma Mágoa a dor acusa
A Castália não corre, o Metro expira,
Todo o Pindo emudecia, e cala a Musa.

Do Mundo a esfera em pasmos submergido,
Não brama o Mar, nem o Mondego corre,
Em dilúvios de aljofar derretido.

Só o degosto em lágrimas discorre,
Saudoso canta o Cisne enternecido,
Porque só canta o Cisne quando morre.

Geme o côncavo bronze em dobre triste,
Por bocas de Vulcano o Sulfur arde,
E de Belona o parche em ais assiste.

Não há já coração que a dor aguarde,
Porque quem a tão grande dor resiste,
Parece que da pena faz alarde.

Mas que há de ser se Cloro enfurecida
Erguendo o braço descarrega a espada,
E rouba a Portugal a melhor vida.

Porque ao impulso do golpe cai prostrada
Quem hoje nesta Urna amortecida
É de todo o universo tão chorada.

Assim morreu: mas quem . . . a pena treme
O seu nome escrever, se a Campa fria
Melhor o especifica quando geme.

Mas como declará-lo pede o dia
Já de obrigada a dor dizer não teme
Que a morte que se chora é de Maria.

Excelsa Infanta, objeto sublimado,
Do Sólido Luso ramo mais condigno,
Humano Sol, porém divinizado.

Nas virtudes mais que o diamante fino,
Mais pura que o cristal imaculado,
Mais intacta que o Lírio matutino.

Esta foi a quem Cloto em mortal guerra
Executa cruel os seus rigores,
Cega, sem advertir que os golpes erra.

Encerrando em seus claros resplendores,
Mais virtudes, que plantas cria a terra,
Mais graças que os jardins abortam flores.

Esta foi quem o golpe enfurecido
Sem piedade cruento, e vigoroso
Prostrou por terra de descomedido.

Deixando pelo impulso indecoroso
Todo o Reino de Portugal sentido,
Toda a extensão deste Brasil queixoso.

Do golpe a execução foi sacrilégio,
Quem cometeu o Fado por destino,
Sem atenção a Divindade, e Régio.

Ostentando que ao seu furor maligno,
Nem tem a Majestade privilégio,
Nem isenções o belo de divino.

Morreu aquela cândida açucena,
Como a mágoa em tristezas o persuade,
A lástima o confirma, e a dor ordena.

Mas que importa ao impulso da Morte a crueldade,
Se para lenitivo a tanta pena
A conservamos viva na saudade?

Que importa ao impulso da mortal ferida
A despoje da vida transitória,
Se qual Fênix a temos renascida?

Cante pois o Amor Luso tanta glória,
Porque se a Morte lhe roubou a vida,
A vê ressucitada na Memória.

Esta eterna será, porque o olvido
Igual o sacrifício ao rendimento
Veja a empenhos do nosso amor unido.

E da Morte conheça o horror violento,
Que o que o Amor estampa no sentido,
Não o pode riscar o esquecimento.

Testemunho abonado na verdade
Este Mausoléu fúnebre o acredita
Como seguro da Credulidade.

Que posto em seu aspecto se repita
Memórias de uma atroz penalidade,
Nele se mostra uma lembrança escrita.

E já que o Amor a tanto nos provoca
E a lembrança mais firme se requinta
Na constância, e na fé que ter nos toca.

Escrever tanto extremo o Amor consinta
Com apenas dos ais da nossa Boca,
Servindo a pena as lágrimas de tineta.

Do mesmo.

[João de Sousa Tavares]

À sentida morte da Sereníssima Infanta de Portugal
a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia.

SONETO

Morta a Infanta, que dor! Quem tal dissera!
Reduzida uma Flor a terra fria!
Não pode ser: sendo Astro que luzia
Ainda mais que o Sol na quarta esfera.

Porém como mortal se considera
Inda quando Princesa, mal podia
Não pagar o tributo, que devia
A Morte desde o instante que nascera.

Perdeu a Luz o Sol mais refulgente,
Finalizou a mais benigna Aurora,
Porque morreu a Infanta certamente:

Porém como inda as cinzas se lhe adora,
Por mostrar atenção a dor que sente,
Da sua vida a perda amarga chora.

Do Sargento Mor Antônio Nunes Álvares

**Sub-Provedor do Juízo dos ausentes
de Paracatu.**

Ao mesmo assunto.

SONETO

Agora, que já tem o enternecido
O peito para a mágoa provocado,
O mesmo coração despedaçado
Saia pelos meus olhos derretido.

Seja tão lacrimoso o meu gemido,
O meu soluço em ais tão sufocado,
Que o bronze se entorneça lastimado,
E o rochedo se quebre de sentido.

Geral a mágoa seja, que é indecente
Quando todo o insensível não desminta
O duro natural na dor presente:

Porque se a mágoa no pesar requinta,
E todo o coração humano sente,
Que muito, que o insensível também sinta?

Do mesmo.

[Antônio Nunes Álvares)]

Ao mesmo assunto.

SONETO

Neste Mausoléu tão elevado
Olha, admira, e respeita Caminhante,
Detém o passo, e por breve instante
Emprega nesta Urna o teu cuidado.
Chora triste, e condena o duro Fado,
Pois a pena se faz tão penetrante,
Que todo o coração não é bastante
Para da mágoa ser, fiel traslado.
Se ignoras inda quem aqui se encerra,
É a Infanta Maria: que desmaio!
Trêmula a mão, a pena cai por terra.
Que tomando do Sol luzido ensaio,
Rende a vida caduca em dura guerra
Por se croar no Céu brilhante raio.

Do mesmo.

[Antônio Nunes Álvares]

Ao Mausoléu da Senhora Infanta Dona Maria Francisca Dorotéia.

SONETO

Que triste objeto, lúgubre figura
A deste Mausoléu, onde a porfia
Da inexorável Morte, Parca impia
A cinzas reduziu a formosura.
Enfim morreu, a Infanta: pena dura!
Em prantos se trocou toda a alegria,
Porque mais do que agravo hoje seria
Não se trocar o gosto em amargura.
Tudo em luto se torna desta sorte,
Porque a mágoa da nossa dor ordena,
Que só com tal tristeza se conforte.
Porque se veja transformada a Cena,
Tristes sinais da mais sentida morte,
Demonstrações da mais amarga pena.

Do mesmo.

[Antônio Nunes Álvares]

Nas Exéquias, que fez officiar à Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Conde de Valadares, Governador e Capitão General das Minas do Paracatu, nesta Freguesia do Paracatu.

SILVA

Quem dissera, Augustíssima Senhora,
Que o lúgubre aparato desta hora,
É impulso do Fado,
Que cruel contra vós conspira irado?

Pérfida mão, que assim cruel conspira
Atrevida chegar ardendo' em ira
A esfera mais sublime da Beleza
De quem toma lições a Natureza!

Pérfida mão, Senhora, outra vez digo,
E outras mais vezes mil; dizer prossigo;
Pois vejo que sem tempo, e sem ensaio
Contra vós despediu o ardente raio.

Anúncio manifesto
É do estrago este túmulo funesto,
Em que tudo sem sombra do que há sido
Em pó se vê desfeito, e consumido.

Só se vê entre horrores sepultado
O resplendor do Cetro, e do Cajado,
Da Púrpura, da Toga, e da Tiara,
Sem que o Fado cruel o respeitara.

Até cabe por superior mistério
Quem do Mundo o hemisfério
Achava para si ser curto Império
Finalmente o que ali sòmente existe
É pó, é terra, é sombra, é cinza triste.

Que o vivente assim pague (não espanta)
A Morte tal tributo; mas a Infanta
Tolerar na comum adversidade
O impulso da mortal calamidade?

A razão parecia
Que da horrífica Parca não devia
A beleza sofrer o golpe amargo,
Nesse tão pouco acabar no seu letargo:

Antes sem a igualdade, com que corta
Reduzir não devia a sombra morta
Aquela formosura
Nascida para mimos da ventura,
Destinada do Céu por mais grandeza,
Para nele coroar-se por Princesa.

Porém como a mortal inteligência
Não tem suficiência
Para indagar juízos remontados
De quem domina a vida, impera os Fados,
Formo já meu discurso de outra sorte,
Ajuizando, Senhora, de que a Morte
Vos roubara cruel (não é delírio)
Para esposa de Cristo no alto Empíreo,
Aonde todo o Mundo certifica
Vossa virtude mais vos magnifica,
Querendo assim de Deus a Majestade,
Coroar vossa pura virgindade,
E pelo Luso Cetro de Lisboa,
Dar-vos no Céu outra melhor coroa.

Assim é Augustíssima Senhora,
E assim devia ser, ninguém o ignora,
Que a vossa feliz Morte assim o ordena
Para ter lenitivo a nossa pena,
Que a faltar este desafogo a mágoa
Nossos olhos seriam um dique de água,
No correr tão intenso
Que formar se pudesse um mar imenso.

Viveis pois nessa altura
Onde a vossa formosura,
Entre o Coro das Virgens mais brilhante
Resplandece qual nítido diamante
Margarita preciosa,
Bela flor, Jarmim puro, intacta Rosa.

E se a nossa tristeza
Merece alguma coisa a vossa Alteza,
Nesse celeste trono donde impera,
Como a intenção mais pia considera,
Não se esqueça de quem
Tanto sentido a sua morte tem,
Que inda quando no Céu vos vê, e admira,
Chora, sente, padece, arde, e suspira.

Do mesmo.

[Antônio Nunes Álvares]

À morte da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora
Dona Maria Francisca Dorotéia.

SONETO

Dize aonde vás, ó triste Caminhante,
Suspende os passos, suspende a tua ida,
Pois já se vê a cinzas reduzida
A que foi flor, e peça mais flamante.

De Bragança a beleza mais constante
Acabou com suspiro a própria vida,
Da Régia estirpe rama esclarecida
Ficou sendo saudade ao Pai amante.

Em pompa funeral se vê eclipsada
De Portugal a Infanta mais querida,
Da nação Portuguesa a mais amada:

E por ser em a Europa a mais luzida,
Nessa Pira se vê hoje sepultada,
E na Glória dos Anjos aplaudida.

Do Padre Manuel André Fontela.

À Sentidíssima Morte da Sereníssima Senhora Dona
Maria Francisca Dorotéia Infanta de Portugal.

SONETO MORAL

Lamento, porém ai! Que em vão lamento,
Nem já posso exprimir a dor que sinto,
Porque é este meu mal um Labirinto,
Onde o pesar confunde o sentimento.

Não pode a pena achar maior tormento
Com que possa fazer seu mal distinto;
Se abrandá-lo procuro mais requinto,
Se o excito então torno-o mais cruento.

Se o meu lamento a causa não se ajusta,
Se por quem eu padeço não me atende, (1)
Cesse já de penar a dor angusta:

Mas agora é que a queixa mais ofende
O peito, porque o Mundo a Infanta Augusta
Só no dia tremendo ver pretende.

De Manuel da Silva Pereira.

Mestre da Gramática Latina em Paracatu.

(1) *Argumentum ab impossibili. Ex Rethoric.*

Ao mesmo assunto.

Ponderando a letra: **Unum commune omnibus mors.** Petrarch.
in **Dial.**

SONETO MORAL

Era a Infanta na Corte respeitada
 Como a quem toda a Corte dava Alteza;
 E que faz logo a frágil natureza
 Dá com ela no Túmulo humilhada.

Que a viu inda a pouco sublimada,
 E agora a vê da Morte humilde empresa,
 Sabe já que do Trono até a baixeza (2)
 Chegar pode da Parca a longa espada.

Mais que importa que a Campa a submergise,
 A Parca carregasse a espada forte,
 E a Natureza frágil demolisse;

Se na imortal lembrança de tal sorte
 Jaz retratada, qual se não sentisse (3)
 A natureza, a Campa, a espada, a Morte.

Do mesmo.

[Manuel da Silva Pereira]

Ao mesmo assunto.

Ponderando a letra do oitavo Emblema: **Sic modo qui fuimus etc.**

SONETO MORAL

A pompa desta Rosa está dizendo, (4)
 Que tudo neste Mundo pouco dura;
 Se na fresca manhã é formosura,
 Desmaiando na tarde está morrendo.

Quem já tão linda a viu, quem já a está vendo
 Despojada da forma, e da figura,
 Conhece ser o Mundo sepultura
 Onde tudo desmaia florescendo.

Na manhã, sim a vemos muito airosa;
 Mas de tarde encontramos desmaiada
 A jóia do Jardim mais preciosa: (5)

(2) **Mors sceptrum ligonibus aequat.**

(3) **Frangitur, ut magis luceat.**

(4) **Et rosa pulchra est, tempus eam contabescit,** Teocrit., in **Idil., XXIII, 28.**

(5) **Forma, bonum fragile est.** Ovid., in **Art. Amand.**

E se a Rosa inda em flor é sepultada,
Que esperar há de o homem na vaidosa
Presunção, se no Mundo tudo é nada? (6)

Do mesmo.

[Manuel da Silva Pereira]

Ao mesmo assunto.

Ponderando a letra: *Nihil sub caelo stabile.*

SONETO

Cobre a nuvem do Sol a formosura,
E o dia alegre torna-se em tristeza,
Crescem ondas no mar, treme a firmeza
Para mostrar do Mundo a vã figura:
Nem os vastos pinheiros na espessura
Fugir podem dos ventos a aspereza,
Muda do Céu a pulcra natureza
Do Inverno o feio horror em noite escura:

Enfim truncando um ramo de Bragança
A cruel Morte, quando a espada esgrime,
Mostra tudo no Mundo ter mudança:

Pois se da nuve'o Sol se não exime,
Do vento a árvore, o Céu do Inverno a usança,
Por força um ramo tenro a Morte oprime. (7)

Do mesmo.

[Manuel da Silva Pereira]

Ao triste som dos sinos pela morte da Sereníssima
Senhora Infanta de Portugal Dona Maria
Francisca Dorotéia.

SONETO

Desse côncavo bronze o som, que alterna
A dor que os Lusos corações magoa,
Que a Infanta os Lísios deixa nos pregoa,
Para ter nos Elísios vida eterna.

(6) *Sic transit gloria mundi.*

(7) *Venit una mors, quis resistet. Nihil est fortus.* S. August., in *Psalm.*, 221.

Publicando ao Universo a dor interna,
Que penaliza a Corte de Lisboa,
Nos avisa que a Morte não perdoa
Humilde condição, nem a superna.

Chora Lisboa; e sem que a dor resista
O Reino a segue na calamidade,
E nós em esta incógnita Conquista:

Onde em obséquo a morta Majestade,
Porque eterna esta mágoa nos assista,
Nos peitos perpetuamos a Saudade.

De José Pereira de Barros.

**Ao Túmulo da Sereníssima Infanta a Senhora Dona
Maria Francisca Dorotéia.**

EPITÁFIO

Jaz, Caminhante, neste monumento
O mais nobre troféu da cruel Morte,
A cujas cinzas, inda dessa sorte
Tributo deve ser o rendimento.

Não importa, que mova a sentimento
Faltar a Augusta Infanta à Lusa Corte,
Pois cremos, porque a pena se reporte,
Que a terra trocou pelo Firmamento.

E assim, ó Caminhante, a dor suspende,
Que te causou da Parca esta vitória,
Se vence quem no estrago se repreende:

E vê com mais assombro, que vã glória,
Quem grandezas no túmulo dispende,
Quantas ostentará dentro na Glória!

Do mesmo.

[José Pereira de Barros]

Nas Exéquias da Sereníssima Infanta a Senhora Dona
Maria Francisca Dorotéia.

ELEGIA

Ite sepulcrales circum mea tempora uittae,
Atraque funereas taenia cinge comas.

I, dolor, i, gemitus nostros de lapsus in artus,
Lurida flagitii prome trophaea tui.

Excute, cor, uultum, suspiria surgite, questu
Plurima nubiliferas sponte replete plagas.

Nec satis est querulos maerenti effundere pectus
Ore sonos, oculis reddere multa iuuat.

Strangulat inclusus dolor, atque exaestuat intus,
Attamen hic pressus, cum data porta, ruit.

Bina fenestra datur, qua sors gemebunda leuatur,
Lumina iudicio bina fenestra meo.

Nec mora: solamen date, lumina, mite dolori,
Esteque nunc in opes officiosa tuas.

Dum queror, exiliant lacrimae mea uerba sequentes,
Guttaque profusas spargat oborta genas.

Seu iuuet exemplis pluuiosi Orionis uti,
Dum quatit immota munera ruris aqua;

More Climeneidum lubeat seu flere sororum,
Dum Phoebea dolent te cecidisse puer.

Prouocat in lacrimas uos regia, lumina, proles,
Heu dolor! e medio quam tulit atra dies.

Musa mihi memora, quatenam haec iniuria mortis,
Omnia cur aequo mors habet icta pede?

An, quia lanificae stabili sua cuique reuoluunt,
Quas prece nullus obit, numine fila Deae?

An, quia sub leges properant uiuentia mortis,
Imminet aut cunctis funeris hora sui?

Ocius, aut sero fateor, mortalibus aequae
Iniicit obscuras mors inopina manus:

Attamen Augusti, uirgo, non atria tecti
Rebar ad exitium posse subire tuum.

Esse uenustati soluendum rebar honorem;
Rebar et illaesum ius habuisse suum:

Nunc tamen exitium fatali numine formam
Quas uideo, inferiae sustinuisse dolent.

Ruris honos ueluti, Boreas cum turbine perflat,
Languet, et extremum sentit adesse diem;

Sic ex sanguine tuum, uisum est languescere corpus,
Urbis Ulyseae gloria gentis, honos;

Urget ut immeritam mortis uis caeca, supremo
Sacra die et solui frigore membra facit.

Quae decus in terris quoniam tibi Principis, annos
Nestoris et longos inuidiosa rapit;

Finge, quod ut te, sic sese deluisit in anis,
Ut reor, in sortem nam malus error abit:

Nempe, quod in caelo aeternum tibi uita per aeuum,
Virginei Princeps diceris atque chori.

Do Padre José Álvares da Costa.

Presbítero Secular.

SERENISSIMAE DOMINAE MARIAE

Franciscae Dorotheae mortem lugent Brasiliae Clientes
sine cineribus.

ELEGIA

Arripe, Musa mihi tristem lacrimosa Cupressum
Qua miseris possim scribere fata modis.

Nulla tabella magis, tristi condigna sepulchro
Frondet in arbustis officiosa neci.

Heu dolor! illa gemit nolens adferre cupressum,
Ora sed e lacrimis signa legenda dabunt.

Ó mea si luctus riui duo lumina fiant,
Acciperet geminas alueus aptus aquas.

Ille meis longus lacrimis non sufficit imber
Assiduo flentis, qui rigat ora senis.

Ut fleuit Progne luco miserabile plorans
Et stetit arbusto flens Philomela nefas:

Aut Orbus uiridis folli gemit arbore turtur
Comparis aeterno murmure fata querens.
Sic urget nostrum gemitu querimonia pectus
Lumina dant fletus, pecola nostra dolent.
Si quis adhuc nescit nostri quae causa doloris,
Vulnera, quae patior Parca cruenta dedit.
Hei mihi, quam timeo tumulum succedere maestum;
Nam uetat aspectus tristis adire pedes.
Cymbala iam resonat altis suspensa columnis
Ille sonus maestus pectora nostra quatit.
Huc gemitus, lacrimasque affer studiosa iuuentus,
Namque sub hoc feretro regia uirgo iacet.
Hic iacet illa, genu pariter cui cuncta, puella,
Flectebant, nostrum Lysiadumque decus.
Florigeros intacta suos dum computat annos, (8)
Computat huic annos Parca repente suos.
Quatenus aut sicus, florens, seu infimus, altus
Sit truncus, gladio mors ferit atra suo.
Tardius aut breuius, qui nascitur, urna recondit, (9)
Nata fuit Mundo cedere morte licet.
Omnia transibunt, nos ibimus, ibitis, ibunt,
Quemlibet urna tegit, nos manet una domus.
Pridie erat uiuens, postridie in aera fumus
Vanus abit: Mundi sic perit omne decus.
Non perit ista decus, quamuis sit in Orbe caducam
Servabunt Nomen nam monumenta suum.
Ergo quid exposeo tristem mea Musa Cupressum
Laurea defunctae sola corona licet.
Nunc adimant nimios lamenta perennia luctus,
Ut cesset, causa deficiente, dolor.
Spiritus alta petit, corpus iam morte quieuit,
Haec, quam lugemus nunc, rediuiua, iacet.

Emanuel da Silva Pereira.

(8) Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis ad uenit.

(9) Stat sua cuique dies.

Augustissimae Dominae Mariae Franciscæ Dorotheæ
in Domino feliciter dormienti.

EPITHAPHIUM

Illa iacet tumulo somno, sed mortua non est,
In Domino dormit uiua puella suo.

Eiusdem.

[Emanuel da Silva Pereira]

Ad Tumulum.

ALIUD

Dum tumulum cernis, cur non uitalia spernis?
Spernere busta uolo, sordida tura colo.

Eiusdem.

[Emanuel da Silva Pereira]

PANEGÍRICO

FÚNEBRE NAS EXÉQUIAS DA SERENÍSSIMA
INFANTA DE PORTUGAL

A SENHORA

DONA MARIA FRANCISCA DOROTÉIA,
QUE FEZ OFICIAR O
ILUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR

**D. José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco,
e Noronha, Conde de Valadares, do Conselho de
S. M. F., Comendador das Comendas de São Julião
de Monte Negro, São Gião da Castanheira, Santa Ma-
ria de Viade, Santa Maria de Casais, São Sebastião
de Alpriate, da Ordem de Cristo, Governador, e Capi-
tão General da Capitania de Minas Gerais, Presidente
do Tribunal da Mesa da Junta da Real Fazenda da
mesma Capitania, etc.**

Pelo Padre

José Álvares da Costa
Presbítero Secular.

**Flores apparuerunt in terra nostra,
tempus putationis aduenit.**

Cant. 2 in Cap.

Com prevenção de lágrimas, e não de vozes era vir na presente ocasião o Orador, havendo de solenizar a Morte de uma Senhora, que a não ser a pensão da natureza, merecia maior duração de vida. Com Vossa Alteza falo, Augustíssima Infanta Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia; pois não parecia justo acabasse com tanta presteza uma vida, que merecia ser tão larga na duração, quanto é, e há de ser na nossa memória: para esse túmulo se dirigem todos os nossos suspiros, para essa Urna correm todas as nossas lágrimas; não sei se para se ajuntarem como rios com amarguras do seu Oceano, ou se para inculcarem a pena dos que vemos aí trocada a galhardia em

sombra, a cor em desmaio, o mimo em desconcerto, o alinho em fealdade, e a vida em morte. Digne-se pois Vossa Alteza de aceitar estes fiéis intérpretes da nossa mágoa, ou como holocaustos, que lhe consagrem os nossos saudosos corações, ou como tributos, que lhe pagam com a sua prata os nossos olhos; pois quando a dor é excessiva, parece descrito da mágoa, fiar a sua significação das vozes, quando para exprimi-la não há línguas mais eloqüentes, que as lágrimas, e só o pranto com que se sente é a melhor Retórica, com que se explica.

Pelo menos Agar na sentida morte de seu filho Ismael, diz o Texto Sagrado, não quis fiar da voz, senão das lágrimas a veemência da sua dor: **Leuauit uocem suam, et fleuit.** (1) Como significando, a meu ver, que as vozes são injúrias de um sentimento entranhável, e as palavras são afrontas de uma dor excessiva, e que quando a dor por grande apenas cabe no coração, melhor se explica chorando, que dizendo: **Leuauit uocem suam, et fleuit.**

Quanto mais que para manifestar a pena com as vozes, é necessário vesti-las com a gala da eloqüência, e já na falta as leis do sensitivo quem acerta com palavras para exprimir razões de magoado: porque nem desempenham as obrigações do sentir, os artifícios do dizer, nem os remotes do ponderar; pois é certo, que quem veste as vozes de gala, não pode ter coberto os afetos de Luto.

De mais que polir os choros com eloqüência, é fazê-los mais nobres para a vista, do que acreditá-los de amantes para o tormento; sendo pois que as lágrimas, e não as vozes são os melhores intérpretes da pena do coração, tomem embora os nossos olhos as lágrimas por galas, e não menos os nossos corações por troféus, e com amorosa competência dêem na morte, que solenizamos, demonstrações vivas do seu sentir. Os olhos com o líquido cristal das suas águas, e os corações com o mais fiel espelho dos seus ardores. Esmaltem os olhos a sua coroa com as relíquias do seu pranto, formem os corações o seu diadema com as insígnias da sua dor. E se quanto maior é o preço dos que morrem, tanto mais deve ser a pena dos que vivem, para se acreditar a nossa de excessiva, na inconsolável perda da Sereníssima Senhora, que choramos, há de durar em nossos corações tanto tempo, por quanto a lamentarmos morta. Não deve ser transitório o nosso sentimento na sua morte; porque as razões, que engrandecem a nossa pena, o fazem tão singular, que para darmos prova do nosso Amor, há de ser com a perenidade do nosso sentimento.

Afirma a Sagrada Escritura, que tão excessiva fora a dor dos que prantearam a Morte de El-Rei Josias, que nem o tempo, que

(1) Gen., 21.

tudo gasta, podia enxugar as lágrimas, nem o esquecimento, que tudo sepulta, extinguir a pena: (2) **Usque in praesentem diem lamentationis super Iosiam replicant.** Homem era Josias, e como tal, sujeito à pensão da natureza; mas a superioridade da pessoa, e a consideração da grandeza, já sem existência pela morte, tão grande eco fizeram na ternura dos seus afetos, que com repetidos dilúvios solicitaram desafogos a sua pena, não repararam nos primeiros, continuaram sim com os segundos, procurando por este modo eternizar a sua dor; para coroar a sua constância: **Usque in praesentem diem lamentationes super Iosiam replicant.**

Este mesmo motivo, que tiveram os moradores de Jerusalém, para se eternizarem no sentimento, igualmente persuade a mesma duração ao nosso; porque a Soberania, e grandeza da Senhora, que lamentamos defunta, engrandece tanto a nossa pena, que só a extensão da nossa vida, deve ser a medida do nosso pranto. Mas quando para dor tão excessiva só esta razão não baste, (por ser pensão da natureza vestir horrores de defunto, inda quem traja glórias de Soberano) sempre na tirania da Morte, tem o seu maior abono a nossa pena.

Foi a Morte tão desumana, que com sacrílega ousadia pisou no Palácio do nosso Augustíssimo Monarca, e na melhor flor dos seus anos fez alvo da sua crueldade, a Sereníssima Infanta Dona Maria Francisca Dorotéia, sua filha. Tirano monstro, que das suas leis não isenta a minoridade, nem da sepultura a maior beleza! Cruel golpe, que uma vez, que as flores estão na melhor ostentação das suas galas, lhe corta logo as esperanças, para que se lhe hajam de cortar os lutos! Eu supunha, que a Morte devia praticar com as criaturas, o que o tempo observa com as flores; pois de tal sorte desune as flores dos frutos, a Primavera do Outono, que na Primavera deixa livre as flores o desembargo das suas galas, e só no Outono permite a colheita dos frutos. Esta verdade, não só a descobre a experiência, se não que Deus a manifesta a um Profeta.

Mostrou Deus ao Profeta Amós um gancho de apanhar frutas, e depois perguntou-lhe o que vira? (3) **Quid tu uides, Amos?** Respondeu-lhe o Profeta: **Uncinum pemorum [ego uideo].** Eu, Senhor, vejo um gancho, com que se apanham as frutas das árvores. Pois adverte, Amós, (tornou Deus ao Profeta) que esse gancho, que vês é a Morte, que no prado do Mundo colhe os frutos de todas as árvores, quantas são as gerações, e diversas famílias, que o ornarn, e o povoam. Notem agora: não disse Deus ao Profeta, que aquele gancho da morte, era para colher as flores, senão para apanhar

(2) Paralip. 15.

(3) Amos, 8.

os frutos: **Uncinum pomorum**; porque só aos frutos, e não às flores devia apanhar aquele gancho. Bem é verdade, que não individuou Deus ao Profeta a qualidade dos frutos, que havia de colher aquele gancho, se verdes, ou se maduros, por lhe parecer escusada essa advertência, pois quem entra a colher em um pomar, já se vê, que passa pelos pomos verdes, e só vai colher os maduros, deixa a uns, e colhe a outros, mas não é isto o que faz a Morte; porque sem fazer diferença de pomos verdes a maduros, tanto colhe a uns como a outros, como se quisesse engolir a todos de um bocadinho. Dificulto agora:

Que chegue a Morte ao seu gancho a todas as árvores do Mundo, bem o entendo, porque no pomar do Mundo, nenhuma árvore por mais alta lhe escapa, nem por mais baixa se lhe esconde, que colha os pomos verdes igualmente com os maduros, permiti-lo-á a condição da sua voracidade; mas que passe da colheita do Outono a quem está no florescer da Primavera, ó que bastante motivo para o nosso sentimento, e que relevante razão para a nossa queixa!

Agora se pode saber o porque entre tantos assuntos, que me oferecia a Escritura, para esta fúnebre oração, tomei estas palavras por tema, que são da Esposa dos Cantares no Capítulo 2.º, com as quais parece vaticinava o nosso caso: **Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit**: apareceram as flores na terra, diz a Esposa de Salomão, e logo chegou o tempo de se cortarem. Eis aqui o que lamentamos na Sereníssima Pessoa da Senhora Infanta, apareceu como flor na terra, e em flor mesmo desapareceu, porque na flor dos anos acabou. Este o assunto da Oração.

Ave Maria.

Pisar a Morte no Paço para fazer estragos na Beleza, se não é desprezo insolente, sempre foi estender a sua jurisdição além das balizas do seu território. A porta do Paraíso colocou Deus a espada, com que ameaçava a Morte a nossos primeiros Pais: (4) **Collocavit ante Paradisum... flammeum gladium**, e é de reparar, que esta espada da Morte não quis Deus entrasse dentro do Paraíso, senão que ficasse cá da banda de fora da porta: **Ante Paradisum**. Sendo talvez a razão, porque logrando aquele sagrado claustro imunidade, não devia a Morte levar dentro dele da sua espada. E com ser este o respeito, que Deus quis tivesse a Morte ao Paraíso, não foi esta a imunidade que guardou a Morte ao Paço do nosso Augustíssimo Monarca, pois dentro daquele sagrado Paraíso levou atrevidamente da espada, para tirar uma vida, que ainda estava isenta dos seus golpes.

(4) Genes., 3.

Chamo Paraíso ao Paço, e se não me engano com fundamento. No Paraíso se via o Cravo com púrpura de Rei, no Paço se vê El-Rei Nosso Senhor com Púrpura de Cravo, que se o cravo pelo abrasado das chamas, em que arde, é o melhor retrato da caridade, quem mais abrasado, e aceso que El-Rei Nosso Senhor nos incêndios desta virtude, com precedência a tantas, que o ornamento? No Paraíso se via a Rosa com preeminências de Rainha, no Paço se vê a Rainha Nossa Senhora com circunstâncias de Rosa, que se a Rosa no dizer de Picinelo é a estampa da vitória: **Rosa adumbrat uictoriam**; na soberania do nome encerra as circunstâncias de Rosa a Rainha Nossa Senhora Dona Mariana Vitória; ou pelos troféus que a si levanta nas virtudes, ou pelos vivos com que se aclama das Nações. No Paraíso servia de adorno a Açucena retrato, e símbolo da pureza, no Paço se vêem as Sereníssimas Infantas, que pela candidez da sua pureza, são as Açucenas, que o enfeitam.

E que sendo o Paço um Paraíso de tão preciosos adornos, em que não podia ter a Morte jurisdição, houvesse contudo a Morte afiar dentro dele a sua espada, outra coisa não sei, que seja mais, que passar as raízes dos seus limites, e estender o seu domínio muito fora da sua jurisdição. Mas, oh, que bem acredita a Morte a sua igualdade, e que bem mostra a inteireza da sua justiça, pisando igualmente os Palácios dos Reis na Corte, com o mesmo pé com que bate as cabanas dos Pastores nas montanhas; não perdoando a estes por humildes, nem respeitando aqueles por soberanos: **Pallida mors aeque pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.**

Porém nesta mesma igualdade, e inteireza da Morte, noto eu uma grande desigualdade, que cometeu no roubo da Senhora Infanta, que nos levou. Primeiramente acreditou-se a Morte de igual, porque sem atender à Soberania da Pessoa, a vestiu de horrores de defunta. Cometeu desigualdade; porque não teve atenção aos poucos anos, de que a levou, que por serem trinta e dois não completos, bem se podem regular por Primavera da idade. Viveu Davi oitenta anos, e contudo se queixava, que Deus lhe medisse tão curtamente a vida: (5) **Ecce mensurabiles possuisti dies meos.** Viveu Jacó cento, e quarenta, e sete anos, e ainda assim achava que eram poucos, e maus os dias da sua vida: (6) **Dies perigrinationis meae... parui et mali.** Viveu o Patriarca Jó duzentos, e setenta anos, e contudo se queixava da brevidade, com que se via caminhar para a sepultura: (7) **Dies mei breuiabuntur, et solum mihi superest sepulcrum.** Pois se a Davi lhe parece os oitenta anos que viveu, mal medidos, se a Jacó lhe parecem poucos, e maus cento, e quarenta, e sete de idade, se a

(5) **Psalm., 38.**

(6) **Gen., 47.**

(7) **Job., 17.**

Jó, com ser o espelho da paciência, lhe parecem breves, duzentos, e setenta, como havemos nós de chamar a trinta, e dois não completos, de que levou a Morte a Senhora Infanta? Quando a respeito de tantos, e tão largos, que mediram outros, bem se podem contar por Primavera da idade, a qual sendo tão curtamente medida, tanto mais em flor foi cortada: e esta é a desigualdade, que eu considerava, e de que me queixo nesta Morte. Porquanto:

Ter a Morte jurisdição sobre todos os viventes, e dela não executar a ninguém, é inteireza da sua justiça; mas anoitecer: para uns tão tarde, e para outros tão cedo, deixar o Outono da velhice, e buscar a Primavera da idade, passar pelos frutos, e ir colher as flores, é a desigualdade maior, que pode cometer a Morte, sendo como é tão justiceira: e se não reparem. No triunfo de Cristo viu o Profeta Habacuo caminhar a Morte de pé: (8) **Ante faciem eius ibit mors**: São João a viu no Apocalipse montada em um cavalo: (9) **Ecce equus pallidus; et qui sebedat super eum nomen illi Mors**: O profeta Zacarias aparecendo-lhe a Morte viu uma foice com asas: (10) **Vidi, et ecce falx uolans**. De maneira, que a Morte umas vezes vai de pé, outras vezes de cavalo, e outras voando: umas vezes é um esqueleto, que anda; outras vezes um Cavaleiro que corre, e outras uma foice, que voa; para uns vem andando, para outros correndo, e para muitos voando. Ou a Morte é igual para todos, ou para todos vá, ou para todos corra, ou para todos voe; porém andar para uns, correr para outros, e para outros voar, andar para os que são embaraço da terra, correr para os que são o ornato do Mundo, e voar para os que são as columnas do Reino, não mostra ser isto igualdade, de que tanto a Morte se preza.

Ora eu bem alcanço, que nesta aparente desordem, dá a perceber a Morte a sua igualdade, e inteireza; porque assim como não faz diferença de Pessoas, também não faz exceção de idades, pois é sem questão, que tanto a umas como a outras avassala ao seu domínio. Explica bem São Mateus este universal rigor da Morte no Capítulo terceiro, com esse dito: (11) **Securis ad radicem arborum posita est**. Que o machado está posto à raiz das árvores. Quem seja este Machado, diz a glossa moral que é a Morte: (12) **Securis, idest mors**. E o mesmo escreve Santo Atanásio: (13) **Securis, est finis hominis, qui non tardat**. Que este machado é o instrumento de que

(8) **Habac.**, 3.

(9) **Apoc.**, 6.

(10) **Zachar.**, 5.

(11) **Mat.**, 3.

(12) **Gloss, in Loco**.

(13) **Athan.**, 44.

usa a Morte, para cortar pelas árvores da geração humana. E por que há de cortar a Morte mais pela raiz que pelo tronco, pelos ramos, ou pelas folhas? A mim me lembra que mandando Deus decepar a grande árvore de Nabuco, ordenara aos Ministros daquela fatal execução, que empregassem só golpes no tronco da árvore, nos ramos, nas folhas, e nos frutos; mas que não chegassem com elas a raiz: (14) **Succidite arborem, et praecidite ramos eius, excutite folia, et dispergite fructus eius; ...ueruntamen germen radicum eius in terra sinite...** Pois há de Deus compadecer-se da árvore de Nabuco, que a deixa ficar com as raízes, para que de todo não morra aquela planta, e tão pouco se compadece a Morte das árvores da geração humana, que as corta logo pela raiz, cortando-lhe de todo as esperanças de novos alentos de vida? Sim, que é a justiça da Morte tão cruel, que dos seus golpes não isenta ao que a misericórdia de Deus perdoa.

O maior brasão da Morte, é não perdoar a vivente algum. **Nemini parcit.** Que isso denota aquela disforme figura, com que a pintam, sem carne, sem ouvidos, e sem olhos. Sem carne, porque não tem parentesco a quem haja de respeitar, nem de quem se haja de doer, sem ouvidos, porque os não dá aos rogos dos que se magoam, nem as queixas dos que se lastimam, sem olhos, porque a nenhum vivente atende; tanto dá às cegas pelos grandes, como pelos pequenos, pelos Reis, como pelos Vassalos: **Nemine parcit.** Se a Morte cortara pelos frutos, pudera-se imaginar, que perdoara as flores, se cortara pelas flores, entender-se-ia, que perdoava as folhas, se pelas folhas, que perdoava aos ramos, se pelos ramos, que perdoava aos troncos, se cortara pelos troncos supor-se-ia que perdoava a raiz; cortando porém pela raiz: **Securis ad radicem,** não há razão para entender, senão que a nenhum vivente atende, ou perdoa, que como da raiz depende a vida dos troncos, dos ramos, das flores, e dos frutos, ninguém pode imaginar que escapará os rigores da sua justiça em qualquer preeminência, ou idade, em que se ache, na grande árvore da geração humana, a cuja raiz faz tiro com os golpes do seu machado: **Securis ad radicem, securis, id est mors. Nemini parcit.**

De maneira, que a Morte para mostrar a inteireza da sua justiça, corta igualmente por todos: corta pela valentia dos ramos, porque não perdoa a idade mais robusta, corta pela verdura das folhas, porque não perdoa a infância mais inocente, corta pela beleza das flores, porque não perdoa a mais florida mocidade, corta pela madureza dos frutos, porque não perdoa aos anos mais decrépitos, corta pelos troncos das arvores, porque não perdoa as nobrezas mais ilustres, nem ainda as mais respeitadas Majestades: **Securis ad radicem. Nemini parcit.**

Cortando porém a Morte por todos os estados, e idades, com tanta igualdade, e justiça, noto eu agora, que apressa mais os seus golpes à idade florida, que à decrépita, mais aos poucos anos, que aos muitos. No soberano objeto destas honras temos os pregões deste desengano. Nasceu a Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia em 21 de setembro de 1739, e a Senhora Dona Maria Vitória, Princesa do Brasil, e Duquesa de Bragança em 11 de dezembro de 1734: ao nascer primeira foi a Senhora Princesa, que a Senhora Infanta, mas ao morrer primeiro foi a Senhora Infanta, que a Senhora Princesa: primeiro lamentamos morta a Senhora Infanta sendo mais moça, que a Senhora Princesa sendo mais velha. E por que razão? Eu a digo: Porque no jogo da Morte, como é de sortes, os primeiros são às vezes os últimos, e os últimos os primeiros: (15) **Erunt nouissimi primi, et primi nouissimi.**

Ao nascer primeiro foi Caim, que Abil, e Lia primeiro que Raquel, e contudo na morte, digo ao morrer de maneira se trocaram as sortes, que Abel foi primeiro que Caim, e Raquel primeiro que Lia. Na formação do corpo humano, primeiro tem vida o coração, que os olhos; e contudo na morte primeiro os olhos desfalecem, que o coração desmaie: mais novos são os olhos, que o coração, e contudo primeiro morrem os olhos sendo mais novos, que o coração sendo mais velho. Mais velho era Pedro, que João, e emparelhando ambos carreira para a sepultura de Cristo: **Currebant duo simul.** Primeiro chegou ao lugar da Morte o mais moço, que o mais velho. **Percucurrit Citius Petro, et uenit primus ad monumentum.**

Mas que muito seja para a sorte da cova a Senhora Infanta a primeira, se teve sempre a Beleza a Sorte de pouca dura. A Esposa de Salomão, que nos deu o tema, nos prova também o conceito. **Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit.** Sairam as flores do cárcere em que prisioneiras viviam, e logo a beleza que cobre a terra, experimenta a crueldade do golpe. Notável dizer! Se a madrugada apenas convida as flores a respirarem alentos de suavidade, como já lhe chega o tempo de chorarem a pouca duração das suas galas? Se há pouco começaram a ser estampa da beleza, como de repente acabam retrato da maior desgraça? Por isso mesmo morrem do achaque de formosas; não convidou a manhã as flores para permanecerem, dispertou-as sim para acabarem, que essa é a verdadeira estabilidade da beleza, achar nas mantilhas do berço mortalias para a sepultura: **Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit.**

Sobe Cristo ao Sabor para desembargar a pompa das suas luzes, e dizem os Evangelistas, que ficara o seu rosto tão resplandecente como o Sol, e os seus vestidos tão brancos como a neve: (16)

Resplenduit facies eius sicut Sol, uestimenta autem eius facta sunt alba sicut nix. Se perguntássemos agora aos venturosos assistentes daquelas glórias, que foram três Discípulos, e dois Profetas, por quanto tempo lograram formosura tão excessiva; responder-nos-iam, que por um só dia; pois uma tão grande formosura, há de ter uma tão breve permanência? O mesmo dia, que lhe corta as galas, lhe há de preparar as mortalhas? Sim, que se encontraram naquela ocasião o Sol, e a Neve, e quando o Sol se encontra com a Neve, não pode durar muitos dias, nem a neve quando se encontra com o Sol, pode contar muitas horas.

Foi a Senhora Infanta um Sol na formosura, e na pureza uma neve; e como fossem estes os dotes com que a prendeu a natureza, não podia ser muita a duração da sua vida. Queixe-se logo a Senhora Infanta da Natureza, e não nos queixemos nós da Morte pela pressa, com que a deu a Sepultura, que se a sua beleza não fizesse tão grande ostentação das suas galas, tão cedo lhe não havia de cortar lutos a Corte; não lamentariam os vassallos sepultar-se o Sol tão depressa em túmulos de neve, nem sentiria El-Rei Nosso Senhor derreter-se tão brevemente a neve a raios de tanto Sol; cuja pena tanto chegou a lastimada esfera do seu peito, que o fez destinar oito dias para o pranto, não se vendo em todo o Paço senão as tristes demonstrações da ruína universal.

Na ruína do último dia, diz São Lucas, que há de escurecer-se o Sol: **Sol obscurabitur.** Que não há de brilhar com as suas claridades a Lua: **Luna non dabit lumen suum:** E que hão de cair as Estrelas do Céu: **Stellae de Caelo cadent.** Estas são as finezas, que hão de obrar os Astros do Céu no último destroço do Mundo, estas foram as que obraram os Astros do Palácio Real no estrago daquela beleza. El-Rei Nosso Senhor vestido de luto, trocadas nas sombras da dor as luzes do seu agrado: **Sol obscurabitur.** A Rainha Nossa Senhora, detidos os resplendores da sua beleza, as embuça no manto da maior mágoa: **Luna non dabit Lumen suum.** As Damas prostradas ao golpe de tão justo sentimento, se mostram Estrelas caídas: **Stellae de Caelo cadent.**

Grande pena sem dúvida, a que supõe sintomas tão sensíveis! E qual seria o motivo de se encerrar El-Rei Nosso Senhor oito dias para o pranto? Se as ternuras do amor paterno o obrigam a pena tão excessiva, um dia parece que basta para demonstração de sentimento. Diz o Eclesiástico, que o pranto do vivo há de regular-se pelo mérito do defunto, e se o mérito for tal, que peça um sentimento excessivo, há de durar o pranto um só dia: **Et fac luctum secundum meritum eius uno die.** (17) Pois se um dia é bastante para chorar a

(16) **Math.**, 17.

(17) **Eccles.**, 38.

Morte de um sujeito bem prendado, como assina El-Rei Nosso Senhor oito dias, para sentir a Morte de uma filha tão benemérita? Direi: Quis El-Rei Nosso Senhor na Morte da Senhora Infanta sua filha, pôr a coroa a sua pena, e chegar com o seu sentimento ao maior auge; e para isso destinou oito dias para o pranto, como entendendo o que diz São Gregório, que o número oitavo é aquele, que em si encerra o auge da maior perfeição: **Octava summa perfectio est.**

Com o pranto de um dia (suponho dissera assim El-Rei Nosso Senhor) se não acredita o excessivo da minha pena, antes dou a entender, que quero seja transitória a minha dor, e que tenha fim com o dia o meu tormento; pois para que se não entenda, que solicito alívios a uma pena, que anelo sentir sem limite, não seja o sentimento de um dia, seja embora de oito, que com este número chega o meu sentimento ao maior auge, e com este prazo se fomenta mais a dor, que apeteço sempre viva na consideração do muito, que perdi. Não importa, que me morra o coração de pena, contanto que me não morra a pena no coração: tenha eu vida para penar, ainda que viva para morrer, prolongue-se-me a vida para que possa perpetuar a pena, perpetue-se a pena, para que se eternize a minha constância. Este exemplo de constância é tão raro, que se o buscarmos fora de Cristo o não achamos.

No Horto teve Cristo tão grande repugnância ao tormento da Cruz, que pediu ao Eterno Pai o aliviasse daquela pena: **Transeat a me calix iste.** No Pretório, porém, nenhuma repugnância teve ao tormento dos açoites, antes afirma pelo Profeta Rei que está pronto para sofrer este gênero de tormento: **Ego autem in flagella paratus sum.** (18) E que razão haveria para Cristo ter uma tão grande repugnância ao tormento da cruz, e abraçar livremente o tormento dos açoites? Dá a razão como sua Santo Agostinho: **Non fugit mortem, sed genus mortis, non fugit Crucem, sed fugit Occidi.**

No Horto, diz Santo Agostinho, não repugnou o Senhor a morrer, senão a morrer de uma Morte, em que havia de acabar a sua pena. Considerava Cristo, que ao tormento da Cruz, se havia de seguir a Morte, que é o alívio de todos os tormentos, e não queria aceitar o Senhor um tormento, que se lhe havia de trocar em alívio. Só ao tormento dos açoites anelou com sagradas impaciências, porque aquele tormento, ainda que rigoroso, lhe não havia de causar a Morte: nos braços da Cruz, morreram as penas de Cristo; mas não morreram as penas de Cristo aos pés da coluna, e por isso se enlevava com estas penas; porque eram penas que deixando o vivo, estavam sempre a sua vista: **Ego autem in flagella paratus sum, et dolor meus in conspectu meo semper.**

Esta foi a constância de Cristo no sofrer, e semelhante a esta foi a constância de El-Rei Nosso Senhor no penar. Não queria Cristo, que houvesse alívio para os seus tormentos, porque desejava sentir as suas dores sem limite, nem queria Sua Majestade remédio algum às suas penas, porque as desejava sofrer sem descanso. Em cada um dia dos oito, que assinou para sentir, arvorava novos troféus a sua constância, porque tomava novas penas, e abraçava novos tormentos. Eram aquelas penas a que voluntariamente se entregava as lanças, que lhe feriam o coração, as quais se bem o deixaram respirar com alentos de vivo, ainda assim o faziam viver com circunstâncias de morto: com vida mortífera, e morte viva alternava El-Rei Nosso Senhor as aflições com os alentos, tomava da Morte o tormento sem o termo, tomava da vida a duração sem o descanso: ao renovar das penas não se abalava a constância, com que sofria; mas desmaiavam os alentos na ponderação do que perdera.

E que perdeu El-Rei Nosso Senhor, para que houvesse de chegar a tal excesso de tormento? Foi a Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, sua filha, e com ela a beleza, que servia de alívio a sua vista, em que se recreava a sua Real presença. De maneira que não atormenta a El-Rei Nosso Senhor a Morte tanto pelo roubo, que lhe faz, quanto pela perda que lhe causa. Não chora Sua Majestade tanto a Morte da Senhora Infanta sua Filha, porque faltar a vida, como é pensão da Natureza: **Statutum est hominibus semel mori**. Não é agravo de que se possa formar queixa, como diz Sêneca: **Nihil grave est, quod semel est**. Chora sim o ver-se privado de uma formosura, que era o agradável encanto dos seus olhos, e desta sorte vem a ser excessiva a sua pena, não pela morte que é pensão vulgar da Natureza, sim pela falta que faz inconsolável a sua perda.

Junto ao Sepulcro de Cristo se achava a Madalena sentidamente chorando, e quanto mais punha os olhos no Sepulcro, tanto mais os desatava em torrentes de pranto: **Maria stabat ad monumentum foris plorans**. (19) Eu não reparo em que chore junto ao Sepulcro a Madalena, que como andara tão cega na vida, só a imagem da Morte era o único remédio da sua cegueira: que apague a veemência dos seus profanos ardores com a inundação das suas lágrimas, bem está, que como a Madalena era um monstro de vaidade: **Mulier in ciuitate peccatrix**, só as lágrimas a houveram de fazer um prodígio de penitência: o meu reparo está, em que perguntando-lhe os Anjos a causa de tanto excesso de pena: **Mulier, quid ploras?** Chegasse a dar esta resposta: **Tulerunt Dominum meum**. Que chorava por não estar no Sepulcro seu Senhor.

(19) Ioan., 20.

Se a Madalena não soubera tanto como soube, nesta resposta se pudera reputar por néscia. A Madalena que ao pé da Cruz de Cristo toda se desfez em lágrimas, que o acompanhou à sepultura toda chorosa, e persistiu junto ao Sepulcro no mesmo pranto, agora que os Anjos lhe perguntam porque chora: **Mulier, quid ploras?** Responde, que por não estar Cristo no Sepulcro: **Tulerunt Dominum meum.** Se a causa daquele pranto foi a Morte de Cristo, que se executou no Calvário, como agora assina outra causa no Sepulcro? Responde Santo Agostinho: (20) **Oculi, qui Dominum quaesierant, et non inuenerabat, lachrimis uacabant, amplius dolentes, quod ablatus de monumento, quam occisus in ligno.** Assinou a Madalena por causa daquele pranto excessivo, o não estar Cristo no Sepulcro, porque mais sentia a sua falta, que a sua Morte. E por que razão? Eu a digo:

Cristo Senhor nosso foi o homem, que excedeu a todos os filhos de Adão em formosura: **Speciosus forma prae filiis hominum.** Porque nele recopilou o Eterno Pai os timbres todos da gentileza, em tal forma, que nele se recreava toda a Corte celestial: **In quem desiderant angeli prospicere.** Com a sua corporal presença se entretinha a Madalena, recreando a sua vista em os agradáveis encantos da sua celeste beleza; e não vendo a Madalena no Sepulcro aquele objeto divino, em que empregava a sua afeição, pois tanto o perdera da vista, que nem com os olhos o achava, tanto engrandecia a sua pena esta perda, que assinou por causa do seu pranto aquela falta: **Tulerunt Dominum meum.**

De sorte que a Madalena, sim chorou a morte de Cristo no Calvário; mas como o morrer é pensão da Natureza, como pensão penaliza; mas não engrandece a pena; porém perder a Madalena a beleza, que adorava, e não poder achá-la mais com os olhos, tanto lhe aumentava o sentimento esta perda, que por isso não sente tanto a sua morte, como chora excessiva a sua falta: **Amplius dolentes, quod ablatus de monumento, quam occisus in ligno.**

Agora ao nosso intento: Foi a Senhora Infanta um mapa de todas as belezas, porque nela retratou a Natureza os timbres todos da formosura: ali se via o Cravo em incêndios de nácar retratado, ali se descobria a rosa em levaredas disfarçada, ali se via o jasmim em lenços de neve manifesto, e perder sua Majestade de vista para nunca achar mais com os seus olhos naquela cifra da gentileza, dos seus sentidos o deleite, de sua vista a lisonja, de todo o Paço a alegria, e da Corte toda ao assombro, tanto lhe aumentava o sentimento esta perda, como a falta de Cristo a Madalena: **Amplius dolentes, quod ablatus de monumento, quam occisus in ligno.**

(20) Div. Augustin. ap. Alap.

Sim chora também Sua Majestade a Morte da Senhora Infanta, não por encontrar com as lágrimas os inalteráveis Decretos da Providência, que quem é por autonomasia o Fidelíssimo, não é para deixar de conformar-se com a disposição de Deus, chora sim por ver, que destruíra a Parca uma vida, que sendo tão curtamente medida, tanto mais a via em flor cortada. Mas eu dissera, que se é pensão nas flores o durar pouco, porque se bem nascem para riso da manhã, também se ensarjam para as mágoas da tarde, sendo as mantilhas de que se vestem, as mortalhas com que se envolvem, que se é pensão da Natureza indispensavelmente o morrer, esta necessidade infalível não só deve diminuir a El-Rei Nosso Senhor a pena, senão extinguir-lhe de todo o sentimento, e enxugar nos vassallos o pranto, dou a razão, e acabo.

Ensinaram os Platônicos, que as almas dos defuntos não chegavam ao Trono de Deus, sem ter passado primeiro pelo centro de cada Planeta, para apurar-se nele de todas as suas imperfeições. Deixavam na Lua as inconstâncias, em Mercúrio os enganos; em Vênus as lascivas, no Sol a ambição, em Marte as inimizades; em Saturno a inveja, e no restante dos Astros todos os mais defeitos. O Planeta, em que se despoja a Alma da Senhora Infanta das qualidades terrenas, para se unir com Deus, é a sua pureza. A sua pureza é a Luz que a apura para subir ao Trono da Divindade. Digo de qualidades terrenas, porque a natureza humana, como é essencialmente diversa da Natureza divina, para se unir com Deus, é necessário desapegar-se de toda a matéria terrestre, que por isso os Apóstolos quando se conheceram desapegados da terra: **Ecce nos reliquimus omnia**, então se chamaram sequazes de Cristo: **Et secuti sumus te**; pois do mesmo modo que Deus para se unir com os homens se fez corpóreo, para os homens se unirem com Deus, se hão de espiritualizar.

O que posto, digamos agora que a pureza da Senhora Infanta, é o centro em que se despoja a sua Alma das qualidades terrenas para subir ao Trono de Deus, não lhe sendo necessário passar pelo centro dos Planetas, para apurar-se neles de imperfeições, (como diziam aqueles Filósofos necessitavam as almas dos defuntos,) porque uma alma, que é o Sacramento de Cristo, como assim apelida as Virgens Santo Inácio Mártir: **Virgines custodi tanquam Christi Sacramenta**, uma alma que é irmã dos Anjos pela pureza, como diz São Cipriano: **Virginitas est Soror Angelorum**; não pode ter imperfeições de que se apure, porque constituída no auge da maior pureza, vivia engastada no corpo como a jóia em um cristal, em que desterradas as sombras da culpa transluziam somente os resplendores da graça, pela qual sobe a unir-se com Deus, e chegar venturosamente ao seu Trono.

Uma Alma pois tão pura, e também perspassada na consciência, que sobe da terra a unir-se com Deus, e a lograr da Companhia

dos Anjos, e dos justos não pede lágrimas na sua partida, nem sentimento algum na sua Morte. Diz Moisés, que morrera Isaac, e que seus filhos Esaú, e Jacó lhe deram sepultura: (21) **Mortuus est, et sepelivit eum Esau et Jacob filii sui**: mas do pranto, ou sentimento dos filhos nenhuma menção faz o Historiador Sagrado. E por que? Chorar a morte de qualquer não só o persuade a razão, mas também o dita a Natureza: (22) **Super mortuum plora** diz o Eclesiástico, que por isso sendo o coração a Mina onde o sentimento se oculta, são os olhos as portas por onde a dor se manifesta.

Pois se as lágrimas são permitidas aos vivos pelo sentimento dos que morrem, como não deram com lágrimas Esaú, e Jacó na morte de seu Pai Isaac demonstrações de sentimento? É a razão que morrendo Isaac tão puro na consciência, que foi a lograr da Companhia dos Anjos, e dos justos, que isto denotam as palavras do texto explicado por Ruperto, e Tostado: **Appositus est populo suo, id est societati iustorum, et angelorum**, não havia razão para que tão ditosa Morte pranteada, ou sentida.

Troque-se logo na morte da Senhora Infanta a pena de El-Rei Nosso Senhor em consolação; e os prantos dos vassallos em aplausos, que se a sua alma (como a piedade o crê, e a sua boa disposição o aconselha) foi a lograr da presença de Deus, da companhia dos anjos, e dos justos, não é para que os homens acharem na sua morte, porque não é essa morte digna de lágrimas, se não, que se faz digna de aplausos: **Exultemus, et laetemur in ea**.

Subi pois ó Alma ditosa, a tomar posse de uma Coroa de Rainha no Céu, já que a sorte vos privou de outra na terra, que se a vossa pureza é uma luz, que vos apura, nesse Reino do Céu é um diadema, que vos coroa Rainha no Empíreo: **Quando Virgo desponsatur Summo Regi Regina efficitur**: diz Durando. Nem vos fique a mágoa de seres cá na terra uma Princesa sem Esposo, que não era para aceitar desposórios terrenos quem nasceu já destinada para os Divinos: e se Maria, como diz Alápide, quer dizer Senhora exaltada: (23- **Maria Domina exaltata**, a Sereníssima Pessoa de Vossa Alteza, nunca mais que agora considero de todo exaltada, quando deixando a breve esfera da terra, se vai desposar com o Rei dos Anjos, na imensidade do Empíreo, aonde como natural, é de razão se não descuide de um Reino, que foi seu, nem como Filha, se esqueça de um Pai, que tanto anela em paz a conservação da Monarquia; não é dificultoso a Vossa Alteza este empenho, porque o pode conseguir daquele mesmo Senhor Seu Esposo, que já deu a Vossa Alteza a verdadeira Paz, e descanso. **Requiescat in pace. Amen.**

F I M .

(21) Gen., 35.

(22) Eccles., 22.

(23) Alap. Laud.

ÍNDICE

Página

14.	Relação das Faustíssimas Festas que celebrou a Câmara da Vila de Nossa Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia pelos [...] Desposórios da [...] Senhora Dona Maria [...] com [...] Dom Pedro, por Francisco Calmon, 1762	7
14.1	[Dedicatória] Ao Senhor Sebastião Borges de Barros	11
14.2	Ao Senhor Francisco Calmon, Soneto, João Borges de Barros	13
14.3	Ao nobilíssimo e eruditíssimo Autor [...], Soneto, Padre Domingos da Silva Teles	14
14.4	Al medesimo assunto, Soneto, Padre Domenico Silva Teles	14
14.5	Al mismo asunto, Soneto, Padre Domingo da Silva Teles	15
14.6	Ao mesmo Autor, Soneto, Manuel Ferreira Neves	15
14.7	Relação, [Francisco Calmon]	17
14.8	Licenças do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	23
15.	Epanáfora Festiva, ou Relação Sumária das Festas, com que na Cidade do Rio de Janeiro, [...] se celebrou o Feliz Nascimento do Sereníssimo Príncipe da Beira Nosso Senhor, [S.I.A.], 1763	25
16.	Catálogo Epipomptético dos Aplausos Soleníssimos, que na Vila [...] de São Francisco de Sergipe do Conde [...] em Obséquio dos [...] Desposórios da Sereníssima Princesa dos Brasis [...] com o Sereníssimo Infante Dom Pedro [...] por Frei Bento da Apresentação, 1760	39
16.1	[Dedicatória] Senhor Juiz Ordinário Bernardo de Si- queira Lima e Meneses, Frei Bento da Apresentação	43
16.2	Prefácio	45
16.3	[Relação] Catálogo, Frei Bento da Apresentação	47
17.	Relação das Festas Públicas, que na Cidade de São Paulo fez [...] Dom Luís Antônio de Sousa em Louvor da Senhora Santa Ana [...], [S.I.A.], 1770	55
17.1	Relação, [S.I.A.]	59
17.2	O cartel, de que se faz menção [...] se compunha da Fábula de Tirésias [...], [S.I.A.]	65
17.3	O sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Frei José Manuel de Sam Paio, na manhã do domingo 19 de agosto [...]	69
17.4	O Sermão, que pregou o Reverendo Padre Mestre Doutor em Teologia Frei Salvador Machado na tarde do Domingo, quarto dia destas Festas, [...]	77
17.5	A Loa que se representou no Teatro das Óperas na Terça-feira 21 de agosto, 6.º dia destas festas [...]	83

	Págs.
17.6 A Introdução, que serviu de Loa para a Comédia, que se representou no Teatro das Óperas na quinta-feira 23 de agosto [...]	92
17.7 A Academia que se fez na Igreja do Colégio desta Cidade em o sábado 25 de agosto [...] Oração do Presidente da Academia [...] José Gomes Pinto de Morais	97
17.8 Problema em que se disputou de donde resultava a maior glória a Sua Excelência se de ser Morgado de Mateus, se de ser General desta Capitania de São Paulo, [...] Frei Joaquim de Santa Ana Silva	107
17.9 Mostra-se pela parte contrária do Problema que a maior glória provém a Sua Excelência de ser Morgado de Mateus, Padre Mestre Reginaldo Otaviano da Encarnação Ribeiro	103
17.10 Em louvor da Gloriosa Santa Ana, Soneto, do Senhor General [Dom Luís Antônio de Sousa]	113
17.11 Ilustríssimo ac Excellentíssimo Domino Aloisio Antonio de Sousa Mourão [...] Epigramma, [S.I.A.]	113
17.12 Dominae nocte templum ingredient, Epigramma, Fratre Gaspare da Soledade Matos	114
17.13 Louva-se o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor [...], Soneto, Frei Fernando da Madre de Deus	114
17.14 Soneto, [Frei Fernando da Madre de Deus]	115
17.15 Soneto, [Frei Fernando da Madre de Deus]	115
17.16 Beatissimae Annae, nouo in Altari collocatae et templum ingredient, Epigramma, [Frei Fernando da Madre de Deus]	116
17.17 As partes com que se faz mais Ilustre o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General Dom Luís Antônio de Sousa, Soneto, Frei Felisberto Antônio da Conceição	116
17.18 Ao Doutíssimo Presidente desta tão nobre Academia, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	117
17.19 Foi o assunto sonhar o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General, [...] Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	117
17.20 Ao mesmo assunto com circunstância de se achar no seguinte dia em um Caixão a Imagem de Santa Ana, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	118
17.21 Foi assunto as famosas ações, partes, e virtudes do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	118
17.22 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, [...], Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	119
17.23 Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, [...] Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	119
17.24 Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor mostrando pela sua fama felicidades, e favores, Soneto, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	120
17.25 Refere um Pastor a outro o misterioso Sonho, e execução dele nas pomposas festas, com que o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor colocou a Senhora Santa Ana, convidando-o também para o festejo, Egloga, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	121

	Págs.
17.26 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor descrevendo-se as suas grandes partes, virtudes, e sangue, Carmen Heróico, [Frei Felisberto Antônio da Conceição]	127
17.27 Em louvor da Senhora Santa Ana, Romance, Frei Joaquim de São José Silva	130
17.28 Em confirmação dos problemas, Soneto, [Frei Joaquim de São José Silva]	132
17.29 Soneto, [Frei Joaquim de São José Silva]	132
17.30 In confirmationem Problematum, Epigrama, [Frei Joaquim de São José Silva]	133
17.31 In Laudem Beatissimae Annae, ab Illustrissimo et Excelentissimo Domino Cordieitus Venerabiliterque celebrate, Frei Bernardino de Senna	133
17.32 Secundum nomen Illustrissimi et Excelentissimi Domini Luduici Antonii de Sousa Botelho Mourão Laus eius quae canitur pacis honor martisque uicus fortis, Epigramma, [Frei Bernardino de Senna]	134
17.33 Versão do Epigrama antecedente, em Soneto, [Frei Bernardino de Senna]	134
17.34 In laudem eiusdem Excelentissimi Domini nimis pro prudentia pietate quae ad gubernandum dispositi. Aliud Epigramma, [Frei Bernardino de Senna]	135
17.35 Versão do Epigrama antecedente em Soneto, [Frei Bernardino de Senna]	135
17.36 In laudem Santissimae et Gloriosissimae Annae, Epigramma, [Frei Bernardino de Senna]	135
17.37 Illustrissimus et Excelentissimus Dominus Ludouicus Antonius de Sousa Botelho Mourão, Epigramma, Fratre Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça	136
17.38 Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]	136
17.39 Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]	136
17.40 Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]	137
17.41 Aliud, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]	137
17.42 Soneto, [Emanuele a Sancta Gertrude Fogaça]	137
17.43 Illustrissimo, ac Excelentissimo Domino Ludouico Antonio a Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, Fratre Iosepho Mariano ab Amore Diuino	138
17.44 Circa ipsius maiorem Laudem, quae eritur ex deotione erga Genitricis Dei Protoparentes Annae relatam illi, quam consecrat Virgini Maria a Guadiis, cuius est Filius, Aliud, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	138
17.45 Ipsius adhuc dormientis superiora arcana penetrantis in laudem, Aliud [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.46 In laudem ipsius, cuius somnia uera sunt Aliud, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.47 Epigramate, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	139
17.48 Versão do epigrama antecedente em o seguinte: Soneto, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	140

	Págs.
17.49 Em Louvor do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís de Sousa, [...], Soneto, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	140
17.50 Na Colocação de Santa Ana [...] Oitavas, [Iosepho Mariano ab Amore Diuino]	141
17.51 Santíssima, Gloriosíssima Anna Laudibus celebratur Iuxta metrum et Ecclesiastica Verba, Hymnus, Fratre Antonio A Santa Anna,	142
17.52 Hymnus Iuxta metrum, et Ecclesiastica uerba, Ode, [Antonio a Sancta Anna]	142
17.53 Ad eiusdam encomium Rhythmus, [Antonio a Sancta Anna]	143
17.54 Beatíssima Anna ara in noua collocata celebratur, Epigramma, [Antonio a Sancta Anna]	144
17.55 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	144
17.56 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	144
17.57 Beatíssima Anna Ilustríssimo Excellentíssimo Domine Spes firma, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	144
17.58 Etiam populo Spes firma, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	145
17.59 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.60 Anna Gloriosíssima Ilustríssimo Excellentíssimo Domine Spes firma, Epigramma [Antonio a Santa Anna]	145
17.61 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.62 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	145
17.63 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	146
17.64 Laus Beatissimae Annae consecrata, Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	146
17.65 Aliud, [Antonio a Santa Anna]	146
17.66 Ilustrissimi, Excellentissimi Domini Militares uirtutes celebrantur, Ode, [Antonio a Santa Anna]	146
17.67 Ilustrissimus, Excellentissimus Dominus Aluisius Antonius de Sousa Botelho Mourão [...] Epigramma, [Antonio a Santa Anna]	147
17.68 Todo o seu empenho é louvar a Santa Ana, Epigramma, Frei Joachino a Sancta Anna Silva,	148
17.69 Festeja a Santa Ana em dia de São Joaquim, Epigramma, [Frei Joachino a Santa Anna Silva]	148
17.70 Castigar, e ser piedoso, Epigramma, [Frei Joachino a Santa Anna Silva]	148
17.71 De maximis politicis et militaribus instructionibus, Carmen, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	149
17.72 Laudes a me huc usque propalatas iure, meritoque Illustríssimo, e Excellentíssimo Domino esse debitas concludit sequens, Epigramma, [Frei Joachino a Sancta Anna Silva]	150
17.73 "Distinto herói, não posso decantar-vos", [S.I.A.]	150
17.74 Felicitatis in somnio habito per caeli signa confirmantur, Epigramma, Francisco a Sancta Anna Mourato	150

	Págs.
17.75 Promete Santa Ana ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Capitão General felicitar esta cidade de São Paulo, [...] [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	151
17.76 Aplauda-se a grande fé, [...], Em Idioma de Caboclo [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	151
17.77 Discours, qui donne a connaitre l'haute action du très Excelent seigneur Capitaine Général D. Louis Antoine de Sousa Botelho Mourão [...], [Frei Francisco a Sancta Anna Mourato]	152
17.78 Versão no seguinte Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	154
17.79 Ao nome, e primeiro sobrenome do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Capitão General, Décima, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	155
17.80 Aquela generosa ação que Sua Excelência obrou na baixa, que a um Soldado deu, pedindo-lha na Ópera, em traje extravagante, Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	155
17.81 Não pode faltar Deus aos rogos de Santa Ana, Soneto, [Fratre Francisco a Sancta Anna Mourato]	156
17.82 Recolhe-se o Pastor Alcino da Cidade para a sua Cabana, e dá notícias a Gil seu companheiro das Festas celebradas nestes dias no seguinte Diálogo, Frei Antônio de Santa Ursula Rodoválho,	156
17.83 Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, Canção, Frei Antônio de Santa Ursula Rodoválho	163
17.84 In laudem Praesidis, Epigramma, Frei Joaquim Antônio Taques	164
17.85 Ilustríssimo, ac Excellentíssimo Domino Aloisio Antonio de Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, Padre João Tibúrcio Domingues	165
17.86 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	165
17.87 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	165
17.88 Aliud, [Padre João Tibúrcio Domingues]	166
17.89 Ao Assunto Acadêmico do Sonho que teve o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Governador, [...] Dom Luís Antônio de Sousa [...], Soneto 1.º, Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme	166
17.90 Ao mesmo Assunto, Soneto 2.º, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	167
17.91 Ao mesmo Assunto, Soneto 3.º, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	167
17.92 Ao mesmo Assunto, Soneto 4.º, [Antonio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	168
17.93 Ao mesmo Assunto, Soneto 5.º, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	168
17.94 Ao mesmo Assunto, Oitavas, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	169

	Págs.
17.95 As Luzes com que resplandece o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor, Décima [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	170
17.96 Ao Problema. Qual é mais glorioso ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor ser Morgado de Mateus, ou General da Capitania de São Paulo, Soneto, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	170
17.97 Ao mesmo problema, Décima, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	171
17.98 Ao Régio Sangue de Sua Excelência, Soneto [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	171
17.99 Ao acertado Governo de Sua Excelência no levantamento das Tropas, e construção das Fortalezas, Soneto, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	172
17.100 Em louvor da gentileza, prudência, cristandade, valor, e liberalidade de Sua Excelência, [...] Soneto, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	172
17.101 Aos anos do Príncipe Nosso Senhor, Décima, [Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme]	173
17.102 Em louvor da Gloriosa, e Portentosa Santa Ana, Mãe da Mãe de Deus, [...] Oração escrita por um devoto da Santa, [...] Luís de Campos	175
17.103 Cum de Laudibus Ilustrissimo ac Excellentissimo Domino collatis gloria, [...], Ode, Francisco Xavier de Passos ...	181
17.104 In laudem Illustrissimi Excellentissimique Domini Aloisii Antonii de Sousa Botelho Mourão [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	182
17.105 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	183
17.106 Ilustrissimus, ac Excellentissimus Dominus simulacrum reperit Annae Beatissimaeque Thesaurus ab conditus non immerito esset nuncupanda..., Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	183
17.107 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	184
17.108 Obstantes conatus, quos ut gloriam Deo [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	184
17.109 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.110 Tam literis, quam uirtutibus praestantissimus ostenditur, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.111 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	185
17.112 Diuae Annae nobilius obtulit sacrificium amor eximius, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	186
17.113 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	186
17.114 Dum Annae Beatissimae Aram construit, eadem sibi decus assequitur imortale, Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	187
17.115 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	187
17.116 Se nimia animi fortitudine in regendis [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	188
17.117 Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	188

Págs.

17.118	Pre inumeris, que exhibet praedicanda, [...], Epigramma, [Francisco Xavier de Passos]	189
17.119	Versão em Soneto, [Francisco Xavier de Passos]	189
17.120	Em aplauso do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa, [...], Ode, Lourenço José Botelho de Mesquita	190
17.121	Canta o Pastor Fileno as glórias de Sua Excelência [...], Oitavas, Luís Antônio	194
17.122	Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor General ao assunto da sua ilustre festividade, Soneto Acróstico, Padre Manuel da Silva	199
17.123	Descreve-se o assunto da festividade, e Academia, que a Gloriosa Senhora Santa Ana dedica a Sua Excelência nesta inculta Canção, [Padre Manuel da Silva]	200
17.124	Louva-se a Senhora Santa Ana com o título de poderosa, Soneto, De um Anônimo	203
17.125	Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, Soneto, [Anônimo]	204
17.126	Soneto, [Anônimo]	204
17.127	Soneto, [Anônimo]	205
17.128	Soneto, [Anônimo]	205
17.129	Soneto, [Anônimo]	206
17.130	Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, [...], Soneto, Francisco Pereira Cardoso	206
17.131	O mesmo Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor achando a Imagem da Gloriosa Santa Ana [...], Soneto, [Francisco Pereira Cardoso]	207
17.132	Ao mesmo Excelentíssimo Senhor General aplaudindo com grande devoção a Gloriosa Santa Ana [...], Soneto, [Francisco Pereira Cardoso]	207
17.133	O mesmo Excelentíssimo Senhor é dotado das virtudes que o constituem General perfeito no seu Governo [...], Soneto, [Francisco Pereira Cardoso]	208
17.134	Oração panegírica em Louvor da Esclarecida, e sempre Gloriosa Santa Ana [...] Manuel Pereira Crispim	209
17.135	Em louvor do Egrégio Presidente faz Sua Excelência este Soneto [Luís Antônio Botelho de Sousa Mourão]	212
17.136	Praeclarissimo huius Academiae Praesidi ad omnia nato luculenter oranti, Epigramma, [Fratre Gaspere da Soledade Matos]	212
17.137	Aliud, Gaspere da Soledade Matos	213
17.138	Ao Senhor Doutor José Gomes Pinto de Moraes, Presidente da Academia dos Felizes desta Cidade de São Paulo, [...], Soneto, Antônio Fortes de Bustamante, e Sá Leme	213
17.139	Em louvor do Sapientíssimo Presidente da Academia dos Felizes [...], Soneto, Francisco Xavier de Passos.....	214

	Págs.
17.140 Ao Senhor Doutor Juiz de Fora da Vila, e Praça de Santos José Gomes Pinto de Moraes [...], Soneto Acróstico, Padre Manuel Alz' da Silva	214
17.141 Em Louvor do Preclaríssimo Doutor Presidente orando doutamente, Décimas, Anônimo	215
18. Exposição Fúnebre, e Simbólica das Exéquias [...] da Sereníssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia [...] no Arraial de Paracatu [...], João de Sousa Tavares, [1771]	217
18.1 [Dedicatória] Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses, Abranches, Castelo Branco, e Noronha, Conde de Valadares [...], Manuel Lopes Saraiva	221
18.2 Em louvor do Reverendo Doutor João de Sousa Tavares, autor desta Exposição Fúnebre etc., Soneto, José Pereira de Barros	224
18.3 Ao mesmo Autor da Exposição, Soneto, Manuel da Silva Pereira	225
18.4 Exposição Fúnebre e Simbólica [Oração], [João de Sousa Tavares]	227
18.5 Protestação do Autor, João de Sousa Tavares	270
18.6 Nas Exéquias que se celebraram à Augustíssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, João de Sousa Tavares	271
18.7 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	271
18.8 Ao mesmo assunto respeitando a Palma, e Coroa com que se ilustrou o remate do Mausoléu, Soneto, [João de Sousa Tavares]	272
18.9 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	272
18.10 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	273
18.11 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	273
18.12 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	274
18.13 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	274
18.14 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	275
18.15 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	276
18.16 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	276
18.17 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	277
18.18 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	277
18.19 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	278
18.20 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.21 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.22 Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Sousa Tavares]	279
18.23 Ao mesmo assunto, Elegia, [João de Sousa Tavares]	279
18.24 A sentida morte da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, Antônio Nunes Alvares	283
18.25 Ao mesmo assunto, Soneto [Antônio Nunes Alvares]	283
18.26 Ao mesmo assunto, Soneto [Antônio Nunes Alvares]	283

	Págs.
18.27 Ao Mausoléu da Senhora Infanta Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, [Antônio Nunes Álvares]	284
18.28 Nas Exéquias, que fez officiar à Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia [...], Silva, [Antônio Nunes Álvares]	285
18.29 A morte da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto [Padre Manuel André Fontela]	287
18.30 A sentidíssima Morte da Sereníssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia Infanta de Portugal, Soneto moral, Manuel da Silva Pereira	287
18.31 Ao mesmo assunto [...], Soneto moral, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.32 Ao mesmo assunto [...], Soneto moral, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.33 Ao mesmo assunto [...], Soneto, [Manuel da Silva Pereira]	288
18.34 Ao triste som dos sinos pela morte da Sereníssima Senhora Infanta de Portugal Dona Maria Francisca Dorotéia, Soneto, José Pereira de Barros	289
18.35 Ao Túmulo da Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Epitáfio, [José Pereira de Barros] ..	290
18.36 Nas Exéquias da Sereníssima Infanta a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, Elegia, Padre José Álvares da Costa	291
18.37 Serenissimae Dominae Mariae Franciscae Dorotheae mortem lugent Brasiliae Clientes sine cineribus, Elegia, Emanuel da Silva Pereira	292
18.38 Augustissimae Dominae Mariae Franciscae Dorotheae in Domino feliciter dormienti, Epitaphium, [Emanuel da Silva Pereira]	294
18.39 Ad Tumulum, Aliud, [Emanuel da Silva Pereira]	294
18.40 Panegírico Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Infanta de Portugal a Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, que fez official o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco [...] Padre José Álvares da Costa	295

28

